

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

BRUNA MATTANA

OS RASTROS EM TRÂNSITO:
Disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação
de discursos do Papa Francisco

São Leopoldo

2020

BRUNA MATTANA

OS RASTROS EM TRÂNSITO:

**Disputas de sentido nos processos de apropriação e reapropriação
de discursos do Papa Francisco**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Comunicação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo

2020

M435r Mattana, Bruna.

Os rastros em trânsito : disputas de sentido nos processos de apropriação e reapropriação de discursos do Papa Francisco / Bruna Mattana. – 2020.

185 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2020.

“Orientador(a): Profa. Dra. Ana Paula da Rosa”.

1. Papa Francisco. 2. Mídia. 3. Circulação. 4. Fala discursiva. 5. Apropriação. I. Título.

CDU 659.3

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao meu esposo, Paulo Cesar Pereira Junior.
Pelo amor e apoio incondicionais.

AGRADECIMENTOS

Muitas mãos constituem essa pesquisa.

As de Deus, que conduziram as minhas ao longo de cada linha.

As dos meus pais João Carlos e Rejane, que me ensinaram a dar os primeiros passos, que me amparam e dão coragem para seguir sempre caminhando, com fé.

As da minha irmã Carla, que tantas vezes rezaram por mim e cujas palavras me inspiram.

As do meu esposo Paulo Cesar que, unidas às minhas em oração, sempre foram meu refúgio e nunca me deixaram desistir.

As dos meus amigos e familiares, que me abraçaram e incansavelmente clamaram a Deus por mim.

As da querida Letícia Rossa, que se preocuparam com essa pesquisa do início ao fim, desde o seu projeto.

As da minha orientadora Ana Paula, que foram primordiais para que eu chegasse até aqui. Ana, tu tens mãos de afago, de força, de afeto. Mãos de mãe, de irmã, de amiga. Mãos que abraçam a todos. Obrigada por segurar as minhas mãos, com as tuas cheias de amor!

A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio. (IGREJA CATÓLICA, 1998, grifo do autor).

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado se inscreve no âmbito dos estudos de midiatização e analisa de que forma se configuram as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação do discurso do Papa Francisco. Nosso interesse partiu da notória visibilidade que os discursos e atitudes do pontífice ganham na mídia, desde quando assumiu a liderança na Igreja Católica, em março de 2013. A fim de compreendermos tal fenômeno, nos apoiamos no conceito de circulação – que entendemos como um lugar de embates – e, a partir dos estudos de Braga (2008) e Guinzburg (1989), iniciamos nosso percurso metodológico na busca de indícios que nos ajudassem a fazer inferências, por meio de um mergulho no objeto empírico. Após esse processo chegamos ao nosso caso de pesquisa, que é formado por três episódios, sendo que cada um deles abrange o discurso religioso proferido pelo papa, a reverberação de sua fala em matérias jornalísticas e a apropriação do discurso por atores sociais. Nosso critério de escolha baseia-se na temática, publicização e afetação desses textos. Na tentativa de desvendar as disputas de sentido no processo de circulação do discurso do Papa Francisco começamos a analisar as marcas e operações presentes em cada um desses discursos – religioso, jornalístico e dos atores sociais. Para isso, nos baseamos nos conceitos de circulação (ROSA, 2016; FERREIRA, 2013; FAUSTO NETO, 2006, 2018; VERÓN, 2013); campos, circuitos e fluxos (BRAGA, 2017); usos, apropriações e fagias (PROULX, 2016; ROSA, 2016, 2019); discurso e suas operações (VERÓN, 2004; FAIRCLOUGH, 2001) e contratos de leitura (ECO, 1987; FAUSTO NETO, 2002, 2010). Nesse processo realizamos uma descoberta que deu um novo rumo à pesquisa: os rastros em trânsito. O que evidenciamos é que ocorrem defasagens, perdas e ganhos de sentido na medida em que esse texto se desloca. Ocorrem, portanto, fagias discursivas. Este termo foi criado por nós baseado na noção de fagia proposta por Rosa (2016), no intuito de conceituarmos as adições, edições, supressões e elaborações que ocorrem no trânsito do discurso papal. Também descobrimos que o discurso do papa possui um caráter totêmico, ou seja, trechos de sua fala, às vezes apenas uma frase, são “pinçados” do contexto original e, sozinhos, continuam reverberando e ganhando desdobramentos diversos, pois possuem um caráter social. Esses aspectos de manejo do discurso fazem parte dos usos criativos dados a ele, ou seja, das apropriações realizadas a partir desse texto.

Palavras-chave: Papa Francisco. Midiatização. Circulação. Fagia discursiva. Apropriação.

ABSTRACT

This Master's research is created within the scope of mediatization studies and analyzes how disputes of meaning are configured in the processes of appropriation and re-appropriation of Pope Francis' discourse. Our interest came from the notorious visibility that the pontiff's speeches and attitudes have in the media, since he took the lead in the Catholic Church in March 2013. To understand this phenomenon, we used the concept of circulation - which we understand as a place for discussions - and, with the studies of Braga (2008) and Guinzburg (1989), we started our methodological path in search of evidence that would help us to make inferences, through our contact with the empirical object. After this process, we arrived at our research case, which consists of three episodes. Each of them involves the religious speech made by the Pope, the reverberation of his speech in journalistic articles and the appropriation of the speech by social actors. Our selection process is based on the theme, publicization and affectation of these texts. In an attempt to find the disputes of meaning in the process of circulation of Pope Francis' discourse, we began to analyze the marks and operations of each of these discourses - religious, journalistic and also of social actors. For this, we use the concepts of circulation (ROSA, 2016; FERREIRA, 2013; FAUSTO NETO, 2006, 2018; VERÓN, 2013); fields, circuits and flows (BRAGA, 2017); uses, appropriations and phage (PROULX, 2016; ROSA, 2016, 2019); discourse and its operations (VERÓN, 2004; FAIRCLOUGH, 2001) and reading contracts (ECO, 1987; FAUSTO NETO, 2002, 2010). In this process, we made a discovery that gave a new direction to research: the trails in transit. What we have evidenced is that there are gaps, losses and gains of meaning as this text moves. In this way, *discursive phages* happen. This term was created by us based on the notion of phagy proposed by Rosa (2016), in order to conceptualize the additions, editions, suppressions and elaborations that occur in the transit of the papal discourse. We also found that the Pope's speech has a totemic characteristic. In other words, excerpts from his speech, sometimes just a sentence, are “pinned” from the original context and, alone, continue to reverberate and gain different consequences, as they have a social character. These aspects of speech management are part of the creative uses that are given to him. That is, they are part of the appropriations made from this text.

Key-words: Pope Francis. Mediatization. Circulation. Discursive phage. Appropriation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Papa João Paulo II durante missa no Rio de Janeiro, em 1997	21
Figura 2 - Papa estreia conta no <i>Twitter</i>	23
Figura 3 - Papa Francisco em visita à Lituânia	26
Figura 4 - Diagrama do discurso papal em trânsito.....	46
Figura 5 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>Terra</i>	49
Figura 6 - Comentários na notícia veiculada no portal <i>Terra</i>	50
Figura 7 - Trecho de material veiculado no site <i>A Santa Sé</i>	52
Figura 8 - Publicação de ator social no <i>Twitter</i>	55
Figura 9 - Publicação de ator social no <i>Twitter</i>	55
Figura 10 - Publicação de ator social no <i>Facebook</i>	56
Figura 11 - Publicação de ator social no <i>Facebook</i>	58
Figura 12 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>GI</i>	59
Figura 13 - Comentários na notícia veiculada no portal <i>GI</i>	60
Figura 14 - Comentários na notícia do <i>GI</i> compartilhada no <i>Facebook</i>	62
Figura 15 - Trecho de material veiculado no site <i>A Santa Sé</i>	63
Figura 16 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>GI</i>	64
Figura 17 - Comentários na notícia veiculada no portal <i>GI</i>	65
Figura 18 - Publicação de ator social no <i>Facebook</i>	66
Figura 19 - Publicação de ator social no <i>Facebook</i>	67
Figura 20 - Publicação de ator social no <i>Twitter</i>	68
Figura 21 - Publicação de ator social no <i>Facebook</i>	69
Figura 22 - Trecho da homilia veiculada no site <i>A Santa Sé</i>	71
Figura 23 - Publicação de ator social no <i>Twitter</i>	72
Figura 24 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>GI</i>	73
Figura 25 - Comentários na notícia veiculada no portal <i>GI</i>	74
Figura 26 - Esquema da circulação discursiva de Eliseo Verón.....	78
Figura 27 - Trecho da homilia veiculada no site <i>A Santa Sé</i>	103
Figura 28 - Trecho da homilia publicada no site <i>A Santa Sé</i>	106
Figura 29 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>Terra</i>	109
Figura 30 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>Terra</i>	110
Figura 31 - Trecho de notícia veiculada no <i>UOL Notícias</i>	112
Figura 32 - Trecho de notícia veiculada na <i>Revista Istoé</i>	113

Figura 33 - Trecho de notícia veiculada no <i>Correio Braziliense</i>	114
Figura 34 - Trecho de notícia veiculada no <i>Correio Braziliense</i>	115
Figura 35 - Comentário na notícia veiculada no <i>Correio Braziliense</i>	116
Figura 36 - Comentário na notícia do <i>UOL Notícias</i> compartilhada no <i>Facebook</i>	117
Figura 37 - Comentário na notícia do <i>UOL Notícias</i> compartilhada no <i>Facebook</i>	118
Figura 38 – Publicação no <i>Facebook</i> do portal <i>Terra</i>	120
Figura 39 - Comentários na notícia do portal <i>Terra</i> compartilhada no <i>Facebook</i>	121
Figura 40 - Trecho de material veiculado no site <i>A Santa Sé</i>	123
Figura 41 - Trecho de material veiculado no site <i>A Santa Sé</i>	125
Figura 42 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>GI</i>	127
Figura 43 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>GI</i>	129
Figura 44 - Trecho de notícia veiculada no <i>O Globo</i>	130
Figura 45 - Trecho de notícia veiculada no <i>O Globo</i>	131
Figura 46 - Íntegra de notícia veiculada no <i>UOL Notícias</i>	132
Figura 47 - Comentários na notícia do <i>GI</i> compartilhada no <i>Facebook</i>	133
Figura 48 - Comentários na notícia do <i>GI</i> compartilhada no <i>Facebook</i>	134
Figura 49 - Publicações de atores sociais no <i>Twitter</i>	135
Figura 50 - Comentários na notícia do <i>UOL Notícias</i> compartilhada no <i>Facebook</i>	136
Figura 51 - Trecho de material veiculado no site <i>A Santa Sé</i>	139
Figura 52 - Trecho de material veiculado no site <i>A Santa Sé</i>	141
Figura 53 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>GI</i>	144
Figura 54 - Trecho de notícia veiculada no portal <i>GI</i>	145
Figura 55 - Trecho de notícia veiculada no <i>UOL Notícias</i>	147
Figura 56 - Comentários na notícia veiculada no portal <i>GI</i>	149
Figura 57 - Publicação de ator social no <i>Twitter</i>	150
Figura 58 - Publicação de ator social no <i>Instagram</i>	151
Figura 59 - Comentário de ator social no <i>Instagram</i>	152

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ADENTRANDO O UNIVERSO RELIGIOSO	17
2.1 OS PAPAS E A MÍDIA	17
2.2 PERFORMANCES SOCIAIS	19
2.2.1 João Paulo II	19
2.2.2 Bento XVI.....	22
2.2.3 Papa Francisco.....	24
2.3 MUDIATIZAÇÃO NA AMBIÊNCIA DA RELIGIÃO.....	27
3 O PAPA FRANCISCO E AS PESQUISAS RECENTES EM COMUNICAÇÃO.....	31
3.1 O PAPA FRANCISCO.....	31
3.2 O DISCURSO DO PAPA.....	37
3.3 CIRCULAÇÃO E MUDIATIZAÇÃO	42
4 O CASO DO DISCURSO EM CIRCULAÇÃO E SEU TRÂNSITO.....	45
4.1 O CASO.....	45
4.2 O CAMPO DE OBSERVAÇÃO.....	48
4.2.1 Lava-pés.....	49
4.2.2 A Guerra na Síria	59
4.2.3 O papa e a China	63
4.2.3.1 Desdobramentos	73
4.3 INFERÊNCIAS INICIAIS	75
5 DA CIRCULAÇÃO AO DISCURSO	77
5.1 CIRCULAÇÃO	77
5.1.1 Campos, circuitos e fluxos	83
5.1.2 Usos, apropriações e fagias	85
5.2 DISCURSO	88
5.2.1 Contratos de leitura.....	95
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	97
6.1 MÉTODO	98
6.2 ORGANIZAÇÃO.....	100
7 A ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS.....	101
7.1 LAVA-PÉS.....	101
7.1.1 O discurso religioso	102

7.1.2 O discurso jornalístico.....	108
7.1.3 O discurso dos atores sociais	116
7.2 A GUERRA NA SÍRIA.....	122
7.2.1 O discurso religioso	122
7.2.2 O discurso jornalístico.....	126
7.2.3 O discurso dos atores sociais	133
7.3 O PAPA E A CHINA	137
7.3.1 O discurso religioso	138
7.3.2 O discurso jornalístico.....	143
7.3.3 O discurso dos atores sociais	148
7.4 ANÁLISE TRANSVERSAL	153
7.4.1 O discurso religioso	153
7.4.2 O discurso jornalístico.....	155
7.4.3 O discurso dos atores sociais	157
7.4.4 Entrelaçando os discursos.....	158
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
REFERÊNCIAS	168
ANEXO A – SANTA MISSA IN COENA DOMINI.....	176
ANEXO B - MENSAGEM URBI ET ORBI DO PAPA FRANCISCO.....	179
ANEXO C – HOMILIA DO PAPA FRANCISCO.....	182

1 INTRODUÇÃO

O Papa Francisco assumiu a liderança da Igreja Católica em 13 de março de 2013 e, desde então, seus discursos e atitudes ganham notória visibilidade na mídia. O líder máximo da instituição é notícia não somente porque a Religião Católica possui um bilhão e duzentos milhões de seguidores (ESTATÍSTICAS..., 2018)¹ e ainda figura como um expoente entre as religiões, mas, sobretudo, por suas escolhas e performance.

Desde o início do seu pontificado, Francisco parece subverter as lógicas da Instituição, tensionando, inclusive, seu *modus operandi*². Um exemplo foi sua decisão em continuar morando na Casa Santa Marta (PAPA..., 2013b)³, no Vaticano, ao invés de mudar-se para as amplas instalações do apartamento papal – conforme fizeram os papas anteriores.

Outras demonstrações foram dadas em julho de 2013, quando o papa esteve no Brasil, em sua primeira viagem internacional, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude⁴, e deu uma coletiva de imprensa durante o voo de chegada. Francisco respondeu questões sobre temas polêmicos (“QUEM”..., 2013)⁵, em uma postura mais aberta do que seus antecessores.

De lá para cá, o pontífice realizou inúmeras manifestações, tornando-se uma figura bastante midiática e, porque não dizer, midiaticizada, uma vez que as lógicas da mídia estão contidas nas lógicas de midiaticização. Nos vimos, portanto, instigados a estudar o discurso papal devido às marcas discursivas evidenciadas na fala do pontífice que, embora fiel à doutrina católica, despertam tensões em torno de temáticas diversas.

Importante ressaltar que este trabalho se inscreve dentro dos estudos de midiaticização, cujo conceito entendemos, segundo Verón (2014), como a complexificação das relações sociais, que vai além do uso da internet ou de outros meios de comunicação. Ou seja, na medida em que a sociedade se complexifica, criam-se novas formas de sociabilidades. A midiaticização se institui, portanto, em um novo “feixe de relações” no qual são engendradas diferentes operações. (FAUSTO NETO, 2008, p. 96).

Por esse motivo, acreditamos que analisar o discurso do pontífice pode contribuir com os estudos que buscam pôr adiante esse conceito. Ao longo deste trabalho nos

¹ Disponível em: bit.ly/3asiqCO. Acesso em: 19 jan. 2020.

² Os termos estrangeiros, os nomes de veículos de comunicação e os títulos de livros descritos em toda a sua extensão serão utilizados em itálico nesta pesquisa. As demais expressões de destaque deverão aparecer entre aspas.

³ Instalações simples e modernas onde se hospedou juntamente com os outros cardeais para o conclave que elegeu pontífice. Disponível em: glo.bo/2JLSliO. Acesso em: 25 fev. 2019.

⁴ Evento da Igreja Católica que reúne milhões de católicos de todo o mundo, sobretudo jovens. Tem duração de cerca de uma semana e foi instituído pelo Papa João Paulo II, em 20 de dezembro de 1985.

⁵ Disponível em: bit.ly/2TDDBw0. Acesso em: 19 de jan. 2020.

aprofundaremos nesta perspectiva epistêmica e conceitual. Por ora, nos interessa apenas situar o marco teórico que ancora nossa pesquisa.

Isso porque, ao analisarmos alguns discursos pontifícios, evidenciamos dois processos importantes que resultam em diferentes disputas de sentido – e merecem atenção, sobretudo para os estudos de mediação. Um deles é a apropriação do discurso papal pela mídia profissional, que “enquadra” o dizer do papa. Não se trata mais do contexto de uma fala para o público de fiéis, mas de um discurso (re) construído a partir de lógicas jornalísticas que buscam mobilizar o público, fazendo uma vinculação entre temáticas sociais. Isso significa que o modo de enunciar, o ato do papa, é apropriado pelo jornalismo de modo fágico⁶ e reelaborado.

O segundo movimento é a reapropriação do discurso papal pelos atores sociais mediados que, a partir de lógicas próprias, dão os mais diversos destinos a este enunciado (re) construído, colocando-o em circulação. Nesse sentido, nos propomos a responder nesse trabalho a seguinte pergunta: De que forma se configuram as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação do discurso do Papa Francisco?

Dentro dessa perspectiva, objetivamos analisar o processo de circulação do discurso do Papa Francisco, e, ainda: a) Entender como se caracterizam as estratégias discursivas adotadas pelo pontífice/Igreja Católica e suas operações de mediação; b) Descrever como os enunciados produzidos pelo papa são apropriados por atores diversos e reelaborados em novos discursos; e c) Verificar como os meios consomem e recriam os discursos do papa.

Sendo assim, acreditamos na contribuição dessa dissertação para o campo comunicacional, com diagnósticos acerca dos reflexos e marcas deixadas pelo discurso do Papa Francisco em uma sociedade em vias de mediação, e como esse enunciado contribui para a construção de novas formas de identidades religiosas no ambiente comunicacional. Entendemos que, com a transição da sociedade dos meios à sociedade em vias de mediação, emerge uma nova arquitetura comunicacional, mas, além disso, “um novo modo de ser no mundo”. (GOMES, 2017). É um ambiente no qual existe um entrelaçamento de campos – em que a mediação produz afetação transversal, mas também recebe marcas de devolução deste novo modo de ser na sociedade – e que reconfigura práticas, como a religiosa.

Se antes o discurso era de um para muitos, a partir da perspectiva da mediação ele passa a ser de muitos para muitos. Consideremos o discurso papal, que era restrito a uma

⁶ O termo fágico está relacionado à noção de fagia social, desenvolvida por Rosa (2016). O termo fagia será retomado e aprofundado no quadro teórico desta pesquisa.

população iniciada, já atuante na Igreja, e hoje ganha novos destinos, usos, apropriações e produção de sentidos – a partir do manejo dessa mensagem.

Além disso, o papa, enquanto líder da Igreja Católica, não está alheio a essa nova ambiência. Afeito às lógicas da mídia também ele desenvolve vínculos dos mais diversos nesses novos espaços. Tais afetações são percebidas, sobretudo, por meio de marcas discursivas de seu enunciado.

Estudar a circulação do discurso papal, sua apropriação e reapropriação por meio de instituições, mídias e atores sociais, parece-nos um bom caminho no intuito de compreender as processualidades de um fazer social importante, uma vez que possui atravessamentos na vida de muitas pessoas. A midiaticização altera a forma como a religião é vivida, compreendida e disseminada. Desse modo, não se trata apenas das possibilidades de interação que despontam a partir dos novos aparatos tecnológicos, mas, além disso, que realidade surge dos novos modos de interação entre sociedade e religiosidade, perpassada pelas lógicas da midiaticização. Embora tenhamos uma quantidade considerável de estudos que abordem a figura papal - em uma busca na internet localizamos mais de 200 resultados que abrangem o tema mídia e Papa Francisco⁷ - percebemos que seu discurso e, principalmente, as marcas deixadas por ele na sociedade, ainda são temas que merecem destaque.

Consideramos profícua a discussão sobre a temática, e nossa argumentação para seguirmos estudando o discurso papal fundamenta-se no fato de que localizamos apenas 15 estudos com reflexões acerca do discurso do Papa Francisco, em sua maioria, no âmbito da Análise do Discurso Francesa. Nosso objetivo, no entanto, é ver as marcas desse discurso em uma sociedade em midiaticização, ou seja, os rastros deixados nesse percurso de circulação do discurso papal.

Vale ressaltar que nosso intuito é observar o discurso papal em trânsito, ou seja, os deslocamentos de sentidos a partir do momento em que um discurso é deslocado do seu contexto original, seja ele uma fala institucional ou um texto religioso, e se transforma em outro tipo de texto, como uma reportagem, uma crônica, um comentário, entre outros.

Para traçar esse caminho, nos apoiaremos em três conjuntos de textos, que chamaremos de episódios, e que são constituídos pelo discurso religioso proferido pelo pontífice; os discursos jornalísticos que emergem partir da apropriação desse pronunciamento pela mídia; e os pequenos textos produzidos pelos atores sociais, que também manejam essa oferta midiática.

⁷ A pesquisa foi realizada em buscadores como Google Acadêmico, sites de comunicação, entre eles a Compós. Parte dessa busca será retomada posteriormente, no âmbito da revisão da literatura.

Para operacionalizarmos esse processo, utilizaremos como metodologia nessa dissertação o Estudo de Caso Midiatizado, que se difere do Estudo de Caso Clássico, pois o caso não está no acontecimento jornalístico, mas na processualidade da midiatização, ou seja, nos locais pelos quais esse caso transita. Sendo assim, esse trabalho se estrutura em sete capítulos básicos.

Tendo em vista que o primeiro capítulo é a própria introdução, na qual detalhamos nosso objeto empírico e percurso metodológico, consideramos o segundo capítulo como o primeiro de discussão. Nele realizamos uma breve contextualização a fim de situarmos nosso objeto em um âmbito maior, no qual está inserido. Para isso, utilizamos alguns estudos que trazem a relação dos papas com a mídia, bem como as performances sociais do Papa Francisco e dos dois pontífices que o antecederam – Bento XVI e João Paulo II, respectivamente. Também discorreremos, brevemente, sobre algumas pesquisas que abordam o tema mídia e religião, com destaque àquelas que abordam a midiatização na ambiência da religião.

No terceiro capítulo, realizamos uma extensa revisão bibliográfica sobre pesquisas em comunicação que versam sobre questões centrais em nosso estudo. Inicialmente, elencamos estudos que abordam a figura do Papa Francisco, de modo a compreender como ele vem sendo retratado nas pesquisas recentes. Depois, nos debruçamos sobre trabalhos que procuram desvendar questões específicas no que concerne ao discurso do papa. Por fim, analisamos estudos que se preocupam com o tema da midiatização e circulação do discurso papal.

Posteriormente, no capítulo que segue, explicamos no que consiste nosso caso de pesquisa e fazemos um primeiro mergulho empírico, a fim de levantarmos algumas inferências, mesmo que iniciais. Para isso, apresentamos os três episódios que compõem nosso caso, bem como cada uma de suas instâncias: religiosa, jornalística e de reconhecimento (atores sociais).

A partir da leitura de trabalhos anteriores e conhecendo mais a fundo nosso objeto empírico, partimos para o capítulo seguinte, no intuito de melhor compreender alguns conceitos que emergiram ao longo da pesquisa. Trazemos, portanto, aspectos conceituais relacionados aos estudos de circulação, com aportes teóricos de Rosa (2016), Ferreira (2013), Fausto Neto (2006, 2018) e Verón (2013); campos, circuitos e fluxos, evocando os estudos de Braga (2017); usos, apropriações e fagias, com pesquisas de Proulx (2016) e Rosa (2016, 2019); discurso e suas operações, sob a perspectiva de Verón (2004) e Fairclough (2001); e contratos de leitura, considerando os estudos de Eco (1987) e Fausto Neto (2002, 2010).

No capítulo seis, explicitamos quais os procedimentos metodológicos adotados nessa pesquisa, bem como o método utilizado para operacionalizar a análise. Além disso, explicitamos a forma como ela se desenvolverá, ou seja, o que buscaremos analisar em cada um dos materiais selecionados e como pretendemos, desse modo, chegar a respostas para a pergunta a qual nos lançamos nessa dissertação.

Por fim, partimos para a análise propriamente dita, que está dividida em três episódios: Lava-Pés; a Guerra na Síria; e o papa e a China. Destacamos em cada conjunto de textos marcas de regularidades e especificidades, bem como as operações evidenciadas em cada oferta discursiva, considerando os elementos aportados em nosso quadro teórico. Na sequência, realizamos uma análise transversal, relacionando as inferências encontradas em cada episódio, no intuito de identificarmos quais as lógicas de midiatização podemos encontrar em nossa pesquisa.

2 ADENTRANDO O UNIVERSO RELIGIOSO

A seguir, abordaremos alguns aspectos que dizem respeito ao contexto do objeto em questão. Para tanto, analisaremos alguns estudos que abordam a relação dos papas com a mídia e, em seguida, faremos uma breve descrição das performances sociais de três figuras papais. Logo após, abordaremos a midiaticização do discurso religioso em uma tentativa de desvendar quais imbricações estão atreladas aos processos que envolvem essa modalidade discursiva. Entendemos, no entanto, como inevitável, que nossa abordagem traga, ainda, reflexões sobre o tema mídia e religião, uma vez que a temática acima mencionada emerge desse cenário. Além disso, em nossa exploração localizamos um grande conjunto de estudos sobre mídia e religião, mas no âmbito da midiaticização e religião percebemos que ainda há um campo em potencial a ser explorado.

2.1 OS PAPAS E A MÍDIA

O conceito de mídia, conforme Sbardelotto (2017), ganha um novo significado a partir do contexto das sociedades em midiaticização. O termo, que etimologicamente é um desdobramento do latim *media*, passa a ser entendido como “[...] *uma rede de relações entre meios (tecnologia + ações comunicacionais) e práticas socioculturais em um dado contexto*”. (SBARDELOTTO, 2017, p. 72, grifo do autor).

Desse modo, o termo passa por um desdobramento, onde a definição de “meio” para mídia, oriunda do latim, passa por uma ressignificação. “Meios” e “mídias”, no sentido comunicacional, “[...] estão relacionados e são parte necessária e significativa da abrangência da midiaticização”. (BRAGA, 2012a apud SBARDELOTTO, 2017, p. 80).

Ainda, segundo o pesquisador (SBARDELOTTO, 2017, p. 80), são vários os exemplos de mídias que envolvem um “[...] meio ambiente complexo formado pelas relações entre meios”, como o rádio, televisão e internet. Nesses meios, são desenvolvidos saberes, discursos, práticas e materialidades que os configuram enquanto mídias.

É o que vemos hoje no *Facebook* e no *Twitter*, mídias que estabelecem interações entre seus usuários. A relação entre tecnologia e comunicação, na Igreja Católica, foi preconizada pelo Papa João Paulo II, considerado o papa da televisão. “Em 1980, quando estive no Brasil pela primeira vez, a audiência foi enorme; nove de cada 10 aparelhos ligados estavam sintonizados na visita, nas falas, nos gestos do então chamado ‘João de Deus’”. (ANGELINI, 2015, p. 74).

Angelini (2015) cita o pesquisador Alberto Klein, quando este destaca que o contato televisivo é para o fiel como o “[...] encontro com o papa íntimo e único para quem assiste à transmissão televisiva com fé”. (ANGELINI, 2015, p. 74). De fato, João Paulo II era o papa do “contato”. Ele exercia o que Angelini (2015) define como mídia primária, ou seja, o contato corpo a corpo, através de gestos carinhosos com idosos, crianças, jovens. Segundo a pesquisadora, “[...] o Papa sabia da repercussão do gesto na mídia eletrônica; as imagens iriam correr o mundo e no dia seguinte estariam nas capas de jornais e revistas”. (ANGELINI, 2015, p. 75).

Desse modo, para Klein (apud Angelini 2015), a comunicação passa por três esferas midiáticas: a mídia primária, na qual os atores estabelecem uma relação “cara a cara”; a mídia secundária (jornais e revistas); e a mídia terciária (os meios eletrônicos). O fluxo nem sempre se dá nessa ordem, mas as esferas estabelecem um processo de circulação.

Para Fausto Neto (2008), a partir da interação com os novos dispositivos nos quais as igrejas estão se inserindo, os fiéis têm construído um novo discurso acerca da religião, uns apontando como positiva tal inserção, outros como uma “espetacularização” da fé. O fato é que essa nova ambiência de vivência do sagrado – que se desloca do templo para dentro da casa do fiel – tem redefinido o perfil tanto de produtores quanto de receptores do discurso religioso.

O Papa Bento XVI, no entanto, optou por outro caminho. Homem de postura mais contida, característica de sua origem alemã, o papa emérito ganhou destaque na mídia após sua renúncia, em 28 de fevereiro de 2013 (PAPA..., 2013a)⁸, fato este que marcou o rumo da história da Igreja. Embora o papa alemão tenha viajado com João Paulo II por 27 anos, Bento XVI, ao contrário do seu antecessor, teve poucas aparições na televisão. Reverenciado como um grande teólogo, ele ficou conhecido por suas cartas encíclicas⁹, documentos de referência a nível mundial, não só para os católicos, mas também para a sociedade em geral.

Cabe ressaltar, entretanto, que ocorreu durante o seu pontificado (2005-2013) o lançamento do *Twitter* oficial do papa, com o nome de usuário @Pontifex, no dia 3 de dezembro de 2012 (BENTO XVI..., 2012)¹⁰. “Durante o pontificado de Bento XVI, as práticas religiosas (como bênçãos) passaram a dialogar com a nova cultura midiática online, ressignificando o discurso pontifício para a era digital”. (SOUSA et al., 2015, p. 1024).

⁸ Disponível em: glo.bo/2L2Q0H2. Acesso em: 29 set. 2017.

⁹ Carta Encíclica consiste em uma circular que o papa emite para os bispos católicos, sobre um determinado tema que o pontífice deseja ensinar. Disponível em: bit.ly/2wJjZNx. Acesso em: 10 abr. 2019.

¹⁰ Disponível em: bit.ly/2YUVciq. Acesso em: 29 set. 2017.

Para entender melhor como se dá esse processo, em que o discurso religioso se desloca do templo e passa a ocupar um novo *bios* na esfera comunicacional, posteriormente abordaremos estudos acerca do tema midiatização do discurso religioso. Antes, porém, tentaremos descrever algumas características desses papas¹¹ e seus vínculos comunicacionais - em uma tentativa de desvendar suas performances sociais¹².

2.2 PERFORMANCES SOCIAIS

Na tentativa de retomar características desses três papas - João Paulo II (1978-2005), Bento XVI (2005-2013) e Francisco (2013 - atualmente) - recorreremos a alguns sites, católicos e não católicos, a fim de buscar indícios acerca de suas performances sociais na mídia. Tendo em vista que tais performances se apresentam, entre outros, por meio de discursos, fotografias e entrevistas, não nos detivemos a um veículo específico, mas trazemos um material heterogêneo, que aborda diversos ângulos de entrada para nossa análise. Além disso, como nossa abordagem traz a figura de um papa cujo pontificado encerrou há mais de 10 anos, o Papa João Paulo II, se nos debruçássemos somente em um veículo, acreditamos que nossa busca se tornaria deveras limitada.

2.2.1 João Paulo II

Em nossa exploração vemos que o Papa João Paulo II ficou marcado por seu envolvimento direto com os meios de comunicação de massa. Sua presença era constante a partir de suas viagens, tendo um recorde em quilômetros percorridos e discursos realizados¹³, em detrimento de papas anteriores, o que deu a ele o título de “papa peregrino”.

Durante seu pontificado, ele esteve em 129 países (MARINA, 2018)¹⁴, sendo o papa que mais abriu relações diplomáticas com a Santa Sé. No seu discurso, em viagem realizada ao Brasil, ele ressaltou que, com suas peregrinações apostólicas pelo mundo, buscava, com a

¹¹ Escolhemos esses papas por se tratarem de pontífices cujo pontificado atravessa marcos importantes da revolução tecnológica e que influem nos processos de midiatização. O papado de João Paulo II inicia quando a televisão é o maior meio de comunicação de massa no Brasil. Bento XVI vive o apogeu da internet e o Papa Francisco se encontra em um momento de revolução digital. São instâncias que perpassam as lógicas da midiatização e pontificados que nos ajudam a entender o cenário no qual se encontra nosso objeto e suas marcas de afetação.

¹² Entendemos neste trabalho performance a partir da perspectiva de Goffman (1985), quando fala da construção social do “eu” enquanto processo representacional, colocando o ator social na condição de um ator de uma peça teatral, portanto responsável por uma “fachada”.

¹³ Disponível em: bit.ly/2wtsecY. Acesso em: 25 fev. 2019.

¹⁴ Disponível em: bit.ly/2HHrB68. Acesso em: 25 fev. 2019.

ajuda de Deus, ser portador de uma mensagem e colaborar, na parte humilde, mas indispensável que o tocava. “Para que prevaleça no mundo um autêntico sentido do homem, não enclausurado num estreito antropocentrismo, mas aberto para Deus”. (JOÃO PAULO II, 1980a).¹⁵

Também é evidenciada uma forte aproximação com a juventude, desde o início de seu pontificado, sendo que, em 1985, o Papa João Paulo II criou a Jornada Mundial da Juventude (JMJ). Seu papado destaca-se por uma proximidade maior com a população mundial. Karol Wojtyła falou às famílias, aos jovens, aos índios, do fiel mais engajado ao leigo, quebrando paradigmas. Em 30 de junho de 1980, ele fez sua primeira viagem ao Brasil (JOÃO..., 2005)¹⁶, iniciando seu discurso à população com a seguinte frase: “Caríssimos irmãos e irmãs do Brasil, antes mesmo de pisar o solo brasileiro, tenho a alegria de chegar a este País e dirigir-me ao seu povo, através da rádio e da televisão”. (PAPA JOÃO PAULO II, 1980b).¹⁷

Quando esteve no Brasil, em 1997, pela terceira vez¹⁸, devido ao II Encontro Mundial das Famílias, iniciou a oração do *Angelus* (O QUE..., 2003)¹⁹ saudando às famílias “[...] presentes, e de todo Brasil, que o escutavam pela Rádio ou pela Televisão”. (PAPA JOÃO PAULO II, 1997).²⁰ Vemos marcas da performance midiática do pontífice que, afeito ao novo *bios* social daquela época, entende que sua mensagem não é destinada somente ao público presente, mas a uma esfera midiática. Seu papado, que se estendeu de 1978 a 2005, é marcado pela emergência dos meios de comunicação de massa.

¹⁵ Disponível em: bit.ly/2wprOo7. Acesso em: 25 fev. 2019.

¹⁶ Ele foi o primeiro papa a visitar o Brasil. Disponível em: bit.ly/2wosgmr. Acesso em: 10 abr. 2019.

¹⁷ Disponível em: bit.ly/2HHbOnZ. Acesso em: 10 abr. 2019.

¹⁸ A segunda foi entre 12 e 21 de outubro de 1991.

¹⁹ É uma oração que faz memória à anunciação do Anjo Gabriel à Maria. É dividida em três partes, pronunciada três vezes ao dia, geralmente às seis da manhã, meio-dia e seis da tarde. Disponível em: bit.ly/2QrTjXg. Acesso em: 10 abr. 2019.

²⁰ Disponível em: bit.ly/2WC4GBL. Acesso em: 10 abr. 2019.

Figura 1 - Papa João Paulo II durante missa no Rio de Janeiro, em 1997



Fonte: Cruz (1997).

Percebemos a apropriação do pontífice por esses meios, sobretudo a televisão, embora também estampasse revistas e jornais. Vemos que ele tinha uma intimidade com as câmeras, pois quando aparecia em telejornais, dificilmente estava de costas. Quando falava olhava para o público, além de ser um papa cujo gestual também se destacava: beijava o chão, pegava crianças no colo em suas viagens, acenava para o público. (TV GLOBO, 2005).²¹ Por esse motivo, seu comportamento resultava em um bom material para transmissão televisiva, ao contrário do seu sucessor Bento XVI, que não possuía tanta desenvoltura perante as câmeras.

No seu último ano de pontificado, na mensagem realizada para o 39^a Dia Mundial das Comunicações²², o papa ressaltou que “[...] os meios podem mostrar a milhões de pessoas como são outras partes do mundo e outras culturas. Por isso são chamados acertadamente ‘o primeiro areópago do tempo moderno’ para muitos são o principal instrumento informativo e

²¹ Disponível em: bit.ly/2SPQSAD. Acesso em: 10 abr. 2019.

²² O primeiro Dia Mundial das Comunicações Sociais surgiu em 1967, com o Papa Paulo VI, com o intuito de “[...] chamar a atenção dos seus filhos e de todos os homens de boa vontade para o vasto e complexo fenômeno dos modernos meios de comunicação social, como a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão, que são uma das notas mais características da civilização moderna”. (PAULO VI, 1967). Disponível em: bit.ly/2HFyiWi. Acesso em: 10 abr. 2019.

formativo, de orientação e inspiração para os comportamentos individuais, familiares e sociais”. (PAPA JOÃO PAULO II, 2005).²³

Evidenciamos, portanto, uma significativa abertura do papa aos meios de comunicação, ao destacar sua relevância social. Ao dizer que os meios orientam comportamentos individuais e coletivos ele aciona, já nesta época, o conceito de mediatização, ainda que a sociedade fosse marcadamente uma sociedade dos meios. O conceito de mediatização será aprofundado posteriormente.

2.2.2 Bento XVI

O Papa Bento XVI, considerado um grande teólogo da Igreja Católica, continuou o legado de João Paulo II, tendo seu pontificado marcado pela publicação de diversos documentos para a Igreja, como cartas, encíclicas, exortações apostólicas, entre outros. Sua contribuição, nesse sentido, ainda hoje traz luzes para muitos católicos.

Em uma entrevista concedida à Rádio Vaticano, depois de apresentar o livro *Expandindo o horizonte da razão*, uma obra que recolhe os trabalhos e reflexões do papa Ratzinger ao longo de toda sua vida, o prefeito para a congregação da Doutrina da Fé, Dom Gerhard Ludwig Müller, destacou que o papa emérito:

[...] É um dos poucos homens que há com um horizonte tão amplo: conhece o desenvolvimento da filosofia na Europa, desde os gregos, os romanos, e para terminar com os filósofos modernos. Conhece também a história da Igreja, as perguntas e os desafios que se antepõem às ciências naturais de hoje em dia. Conheço poucas pessoas que tenham esta profundidade de pensamento, tão necessário hoje em dia. (AUTORIDADE..., 2013)²⁴.

Vemos, pois, que seus escritos, sobretudo encíclicas e documentos pontifícios, são sua maior contribuição em termos de comunicação para a Igreja Católica. O papa emérito viajou por 24 países nos oito anos que esteve no comando maior da Igreja, continuando o caminho do seu predecessor. (O PAPA..., 2013).²⁵

Durante o pontificado de Bento XVI houve a criação da conta do Twitter, @Pontifex, em 3 de dezembro de 2012. No mesmo dia a conta já tinha 250.000 seguidores e teve uma enorme repercussão na rede social. (BARROS, 2012).²⁶ A palavra *pope* (papa) estava nos *trending topics* em todo o mundo. Esta conta foi criada com o intuito de levar o discurso

²³ Disponível em: bit.ly/2XbHwil. Acesso em: 20 abr. 2019.

²⁴ Disponível em: bit.ly/2Xa0Axn. Acesso em: 10 abr. 2019.

²⁵ Disponível em: bit.ly/2Mdwmc0. Acesso em: 10 abr. 2019.

²⁶ Disponível em: glo.bo/2I2E2Zk. Acesso em: 10 abr. 2019.

semanal do papa a todos. Lembrando que, em março de 2010, havia sido criada uma conta do Vaticano no Twitter, denominada *Vatican News*.

Figura 2 - Papa estreia conta no *Twitter*



Fonte: Bento... (2012).

Aos 12 de dezembro de 2012 (PRIMEIROS..., 2012)²⁷, o papa escreveu sua primeira mensagem no *Twitter*. Dizia ela: “Queridos amigos, é com alegria que entro em contacto convosco via twitter. Obrigado pela resposta generosa. De coração vos abençoo a todos”, superando aí já a marca de 1 milhão de seguidores. O papa também respondeu algumas questões de internautas reiterando as ideias iniciais de São João Paulo II, fazendo uma aproximação maior com a população mundial.

Apesar de ter inaugurado a conta no *Twitter*, ele, pessoalmente, interagiu pouco. Mesmo assim, vemos que a digitalização da Igreja ou sua presença digital começa a ocorrer neste papado, independente dele ser um papa acolhedor ou do encontro, visto que a cultura demandou esforços da Igreja para se aproximar de um público cada vez mais distante.

Em sua mensagem para o 40º Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa Bento XVI destaca que “[...] os progressos tecnológicos dos meios de comunicação venceram o tempo e o espaço, permitindo a comunicação imediata e direta também entre pessoas

²⁷ Disponível em: bit.ly/2Qy1Nw3. Acesso em: 10 abr. 2019.

divididas por enormes distâncias. Este desenvolvimento exige uma grande oportunidade para servir o bem comum”. (PAPA BENTO XVI, 2006).²⁸

Desse modo, o pontífice mostra-se aberto às novas mídias digitais, mencionando-as como aliadas no processo de evangelização. Em sua vinda ao Brasil, no entanto, em maio de 2007, por ocasião da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, da mesma forma que Papa João Paulo II, se referiu ao rádio e a televisão no início do seu discurso. (PAPA BENTO XVI, 2007).²⁹

Nesse sentido, no início do seu pontificado, ainda vemos as marcas dos meios de comunicação de massa que, alguns anos depois, vão perdendo força e dando espaço aos meios digitais, como vemos em sua mensagem em 2013, no 47º Dia Mundial das Comunicações, quando o Papa Bento XVI ressalta que “[...] a cultura das redes sociais e as mudanças nas formas e estilos da comunicação colocam sérios desafios àqueles que querem falar de verdades e valores [...] a eficácia das diferentes formas de expressão parecem determinados mais pela sua popularidade do que pela sua importância intrínseca e validade”. (PAPA BENTO XVI, 2013).³⁰

Em seu discurso, o papa dá mostras de sua preocupação com os novos meios, sobretudo no que diz respeito aos conteúdos, questionando sua credibilidade. O Papa Bento XVI renuncia ao posto maior da Igreja Católica em 2013, momento no qual, em termos de mídias digitais, se popularizava no Brasil o *Instagram*³¹ e o *WhatsApp*³², ferramentas importantes no processo de midiatização da sociedade e, também, de circulação do discurso religioso.

2.2.3 Papa Francisco

Podemos dizer que a performance do Papa Francisco é bastante midiática. Ele já assume a liderança da Igreja Católica em uma atmosfera de ascensão das mídias e, sobretudo, de transformação da sociedade. Essa nova ambiência, atrelada ao comportamento do pontífice, conferiu-lhe marcas de discursividade que nos são muito ricas em termos de análise.

²⁸ Disponível em: bit.ly/2VTGJKF. Acesso em: 10 abr. 2019.

²⁹ Disponível em: bit.ly/2HFywg6. Acesso em: 10 abr. 2019.

³⁰ Disponível em: bit.ly/2Bq3gAA. Acesso em: 10 abr. 2019.

³¹ *Instagram* é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais.

³² Um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

Conforme mencionado anteriormente, Francisco sempre prezou pela simplicidade, mas também tocou em temas pouco comentados na Igreja Católica. No dia seguinte de sua eleição, por exemplo, o pontífice foi visto andando de ônibus ao lado de cardeais. Em uma matéria veiculada no dia 16 de março de 2013, o portal *R7* chega a adotar o título “O papa voltou a ser pop? Francisco ganha destaque com frases e fotos midiáticas”. (JUNQUEIRA, 2013).³³ Trocadilhos como esse passam a ser feitos em diversas modalidades midiáticas, como a *Revista Rolling Stone* que, em 2017, estampou a imagem do Papa Francisco em sua capa, acompanhada da frase “Francesco Papa Pop”. (O PAPA..., 2017).³⁴

Ao dizer frases como “é melhor ser ateu do que católico hipócrita” (PAPA..., 2018i)³⁵, o pontífice tornou seus discursos motivo de atenção para a mídia. Na esfera jornalística, algo de sua fala geralmente é “pinçado” e transformado em manchete. E não só o que o papa fala, mas seus gestos também se tornam pauta, como a primeira vez em que o pontífice fez uma *selfie*³⁶. A foto foi postada por meio da conta não oficial³⁷. (CONTA..., 2016). Não foi exatamente uma *selfie* “tradicional”, com o papa segurando a câmera, mas a captura de tela durante um chat com seus seguidores em setembro de 2014. A foto virou notícia entre os maiores veículos do país e do exterior, além de viralizar na internet.

Depois disso, o papa passou a ser convidado para fazer *selfies* em grupo. Ao final da cerimônia do Domingo de Ramos, no Vaticano, em 2014, dois brasileiros conseguiram fazer fotos desse estilo com o Papa Francisco. O portal *GI* (CARVALHO, 2014)³⁸ noticiou o acontecimento, bem como a brincadeira que o pontífice fez com os jovens quando se aproximaram: “Não me mordam”, disse ao público que se aglomerava na tentativa de garantir um registro.

A criação oficial do *Instagram* papal ocorreu em 2016. Segundo o site de notícias da Comunidade Católica Canção Nova, “[...] a adesão do Papa Francisco a rede social ocorreu após a visita do presidente-executivo e cofundador do aplicativo de fotos, Kevin Systrom, no fim de fevereiro”. (CONTA..., 2016). Ainda conforme o site, “segundo Systrom, ele discutiu com o Pontífice sobre ‘o poder das imagens para unir pessoas de diferentes culturas e línguas’”. (CONTA..., 2016). O pontífice parece ter seguido a indicação do fundador do

³³ Disponível em: bit.ly/2VWqZgV. Acesso em: 10 abr. 2019.

³⁴ Disponível em: glo.bo/2WpkBmL. Acesso em: 10 abr. 2019.

³⁵ Disponível em: bit.ly/2wmUyxU. Acesso em: 10 abr. 2019.

³⁶ Termo em inglês utilizado para definir uma fotografia, geralmente digital, que uma pessoa tira de si mesma.

³⁷ A conta oficial do Papa Francisco foi inaugurada no dia 19 de março de 2016. Disponível em: bit.ly/2QuFBTH. Acesso em: 10 abr. 2019.

³⁸ Disponível em: glo.bo/2VRLgEk. Acesso em: 10 abr. 2019.

aplicativo, pois ao analisarmos a conta @franciscus, notamos que as postagens são de imagens com pessoas de diferentes etnias.

Figura 3 - Papa Francisco em visita à Lituânia



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Instagram*.

Percebemos, portanto, indícios da cultura do encontro, traços do acolhimento, que são termos normalmente ligados ao pontífice. Um mediador. Alguém que congrega. Talvez sejam essas as principais marcas da performance desse papa, mas que também traz uma noção de política de pano de fundo – seja a política de “negociar” com os espaços midiáticos e grandes corporações, seja em se abrir para etnias diversas e mediar conflitos.

Tendo em vista que a midiatização consiste na complexificação das relações sociais, percebemos que a mídia exerce um importante papel nesse processo. Conforme visto em nossa exploração, o campo religioso é reestruturado a partir das transformações midiáticas, pois as mídias incidem sobre a prática religiosa, engendrando-a. Ou seja, a forma de viver a fé é impactada pela ascensão dos novos meios de comunicação – o que também se reflete na performance dos pontífices. Falaremos mais sobre a midiatização na ambiência da religião no tópico que segue.

2.3 MUDIATIZAÇÃO NA AMBIÊNCIA DA RELIGIÃO

A religião como objeto de pesquisas em comunicação no Brasil ganha destaque por volta de 1980. (MARTINO, 2014). No contexto internacional, no entanto, o fenômeno “igreja eletrônica”³⁹ data de três ou quatro décadas, segundo Fausto Neto (2004). Já o advento dos estudos sobre mídia e religião ocorre nos anos 2000, “[...] tanto no âmbito brasileiro quanto no internacional”. (MARTINO, 2014, p. 88). Nesse mesmo período, um grupo de pesquisadores começa a desenvolver pesquisas que vão além, ou seja, passam a observar as “[...] processualidades existentes no fenômeno religioso enquanto parte de uma sociedade em midiatização”, ao invés de pensar “[...] nas relações entre mídia e religião como compartimentos estanques” (MARTINO, 2014, p. 89) – o foco dos estudos anteriores.

É nesse contexto que a nossa pesquisa se insere. Ou seja, entendemos que o fenômeno religioso está inscrito em uma sociedade em vias de midiatização, e que a midiatização “[...] constitui-se num complexo e amplo processo em que os dispositivos midiáticos agem sobre práticas sociais de outros campos, como a religião, estruturando-as e engendrando-as por meio de operações *tecnossimbólicas*”. (BORELLI, 2010, p. 16, grifo da autora).

Desse modo, mídia, religião e sociedade são campos que se entrelaçam e se afetam mutuamente, permeados pela midiatização. Trata-se, portanto, de uma complexificação social. Uma ambiência na qual “[...] as mídias não são entendidas apenas como os suportes tecnológicos [...] mas são dispositivos técnicos para a produção de sentido que ganham significado comunicacional em sua relação com os usos e as práticas sociais”. (SBARDELOTTO, 2012).

A Igreja Católica, por exemplo, no final dos anos 1990, despertou para uma nova forma de vivência religiosa, como visto na performance dos papas e as mídias, no item anterior, que se instaurou a partir das novas modalidades de transmissão televisiva e on-line de suas práticas, além do fenômeno dos padres cantores. (MARTINO, 2014). Não se trata, no entanto, somente de uma mudança de “lugar” da prática religiosa – que se desloca do templo para novos ambientes, como a televisão ou a internet – mas sim de diferentes sentidos que são gerados a partir do momento em que o campo religioso reestrutura a sua prática e o seu discurso. (BORELLI, 2010). É a partir dessa perspectiva que entendemos a midiatização.

Embora para nós a midiatização não se resuma ao uso da internet ou de outras mídias, sendo entendida como uma complexificação das relações sociais, o que Verón (2014, p. 14)

³⁹ Termo utilizado para descrever ascensão dos televangelistas norte-americanos nos anos 1950. Gomes (2010) também discute largamente sobre o conceito em seu livro *Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização*.

chama de capacidade semiótica da espécie, que se constitui na “[...] exteriorização de processos mentais na forma de dispositivos materiais”, entendemos que as mídias merecem destaque dentro do processo de midiaticização das sociedades contemporâneas – e não podem ser refutadas.

Segundo Hoover (2014, p. 46), “[...] as mídias não apenas cobrem e representam a religião; na verdade, interagem com ela por maneiras que estão mudando tanto as mídias quanto a religião”. O autor lembra os ataques de 11 de setembro e como a mídia não somente retratou tal episódio, mas também “criou” uma confrontação moral entre Islã e Ocidente. Conforme o autor, “[...] questões sobre as razões para os ataques poderiam ser respondidas apenas com as bem conhecidas suposições sobre a situação global derivada das mídias”. (HOOVER, 2014, p. 47). Ou seja, a noção de religião é perpassada pelas mídias e muitas vezes é construída a partir da óptica dos jornalistas que produzem as matérias, segundo aponta Cunha (2016b). Em seu estudo sobre a religião no noticiário, ela ressalta a visibilidade que o Catolicismo possui nesse meio, a partir de um levantamento no acervo da Folha de S. Paulo e do Jornal Nacional, durante o ano de 2014.

A pesquisadora afirma que existe uma ideia de “religião dominante” sobre o Catolicismo no Brasil, o que, segundo ela, “[...] resulta de uma prática cultural construída a partir do imaginário social de ‘verdadeira e válida religião’”, e “[...] aqui é que o papel das mídias se torna fundamental, uma vez que este imaginário permeia a formação dos produtores de notícias”. (CUNHA, 2016b, p. 5).

Esse indício levantado pela autora é importante na medida em que nos interessa estudar as marcas de afetação que o discurso papal sofre a partir do momento em que é apropriado pela mídia e, conseqüentemente, pelo jornalismo. Entender que a construção da notícia está ligada ao imaginário do ator que a produz nos auxiliará no sentido de desvendar as disputas de sentido que permeiam esse processo, uma vez que “[...] o indivíduo, ao nascer, já recebe, no aprendizado da linguagem, os conceitos construídos em sociedade e, a partir deles, elabora as palavras e, por sua vez, os discursos”. (CUNHA, 2016b, p. 5).

Outro ponto importante abordado pela autora é o destaque que as mídias noticiosas dão à religião institucionalizada. Em sua pesquisa, Cunha (2016b) constatou que 75% das matérias veiculadas enfatizavam o Catolicismo institucional. Além disso, a autora também evidenciou que “[...] as autoridades religiosas católicas são as personagens que têm maior visibilidade, sendo a mais destacada o Papa, figura central em quase 50% das matérias sobre o Catolicismo e em 25% do total de notícias sobre religião”. (CUNHA, 2016b, p. 17). Essa afirmação endossa a importância do nosso objeto de pesquisa, ou seja, o discurso do papa,

uma vez que o pontífice é considerado um expoente quando o assunto é mídia e religião.

Em outro estudo, Cunha (2016a) destaca como exemplo do predomínio do Catolicismo na mídia não-religiosa, a cobertura da vinda do Papa Francisco ao Brasil, em 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude. Em seu artigo, ela chama a atenção sobre a cobertura realizada no evento pela maior empresa de comunicação do Brasil, a Rede Globo, que transmitiu os discursos do papa na íntegra. (CUNHA, 2016a).

Nesse mesmo artigo, a autora avança em seus estudos e adentra o processo de midiaticização das religiões, particularmente do cristianismo no Brasil, que, segundo ela, pode ser caracterizado por quatro aspectos: a emergência das igrejas midiáticas, o acesso ao sagrado pelo mercado das mídias, a consolidação da religião do espetáculo e o advento da religião digital. (CUNHA, 2016a).

Como igreja midiática, a pesquisadora classifica as pentecostais Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara a Nossa Terra, Mundial do Poder de Deus. Segundo a autora, “[...] as igrejas midiáticas são caracterizadas por localizarem nas mídias o canal de comunicação por excelência e o seu próprio projeto pastoral”. (CUNHA, 2016a). Em relação ao acesso ao sagrado pelo mercado das mídias, a pesquisadora refere-se à venda de publicações religiosas que, segundo ela, sempre esteve presente no mercado religioso no Brasil, mas que se destaca com a intensificação da indústria fonográfica, na década de 90, a partir do movimento da música gospel. Nesse cenário, ela ressalta, ainda, “[...] a ampliação da oferta de bens e serviços como roupas, cosméticos, alimentos, turismo”. (CUNHA, 2016a).

Nesse sentido, também emerge a consolidação da religião do espetáculo – que se dá por meio da inserção da música gospel nas rádios FM, bem como os programas televisivos – que passam a ter um “[...] formato baseado na modernidade”. (CUNHA, 2016a). Diante desses aspectos, fica evidente a afirmação de Hoover (2014) de que a religião mudou as mídias e as mídias mudaram e estão mudando a religião, pois o fazer midiático é afetado pela inserção da religião nas mídias – com programas e transmissões que abordam temas antes não vistos nesse meio – e as religiões são igualmente afetadas pelas novas sociabilidades que se desencadeiam na relação entre igreja e fiel, a partir dessa mudança de ambiência.

O último ponto abordado pela autora diz respeito ao advento da religião digital e a popularização da internet. Ambientes nos quais, segundo Sbardelotto (2012), “[...] passam a surgir novas modalidades de experiencição da fé, embebidas em lógicas midiáticas a partir do deslocamento das práticas religiosas para a ambiência comunicacional da internet”.

Ao estudar o fenômeno das interações em rituais online, o autor atenta para o deslocamento das práticas religiosas para os ambientes virtuais, como o ato de acender uma vela de forma virtual, o que é possível fazer hoje por intermédio de sites católicos. O fiel passa a fazer sua oração “[...] a qualquer momento, em casa, no horário de trabalho ou mesmo no transporte”. (SBARDELOTTO, 2010, p. 11). São pequenos gestos, que constituem um “[...] outro modo de vida” (BORELLI, 2010, p. 19) que caracteriza a mídiatização – um “[...] novo *ambiente* que tem ressonâncias sobre a própria constituição humana”. (BORELLI, 2010, p. 19, grifo da autora).

Ou seja, a vivência da fé, algo subjetivo e intrínseco a cada ser humano, passa a ser, cada vez mais, uma experiência individual elaborada pelo fiel, conforme “seus tempos, suas regularidades” e não mais organizada pela Igreja. Portanto, “há uma diminuição da autoridade da instituição sobre ele” (SBARDELOTTO, 2010, p. 11). Essa nova experiência de fé, mediada por aparatos tecnológicos, se dá em diversas esferas como, por exemplo, quando “a celebração feita pelo Papa, em Roma, na Praça de São Pedro, para uma multidão de fiéis, pode ser assistida pelo fiel brasileiro, ao vivo ou gravada, sozinho em seu quarto”. (SBARDELOTTO, 2010, p. 11). Sendo assim:

Da mesma forma que a Igreja, detentora de certo discurso, busca fazer uso do discurso comunicacional, o fiel, ao fazer uso da Internet, coloca-se em meio a uma encruzilhada de discursos: principalmente o da própria internet e, depois, o das estruturas eclesiais. Ou seja, nos sites da Internet, a Igreja fala ao fiel, que também fala à Igreja ou, por meio dela, a Deus. Por outro lado, a Internet também “fala” a ambos, quando determina seus limites de possibilidades de discurso e de diálogo. (SBARDELOTTO, 2010, p. 12).

Desse modo, entendemos que existem camadas que se sobrepõem em cada discurso – o que se constitui como nossa preocupação nessa pesquisa. Ou seja, essa afetação transversal a que está sujeito o discurso da Igreja e, conseqüentemente, as interações sociais que derivam dele, é algo que nos é caro, pois entendemos que no processo de mídiatização do discurso religioso estão imbricadas diversas lógicas. Portanto, a partir de uma nova óptica, buscamos contribuir com os estudos já existentes e que versam sobre o discurso do Papa Francisco. Sendo assim, traremos a seguir, uma breve exploração acerca das pesquisas que nos antecederam e que – de alguma forma – podem contribuir com essa dissertação.

3 O PAPA FRANCISCO E AS PESQUISAS RECENTES EM COMUNICAÇÃO

Para dar seguimento ao desenvolvimento desse trabalho, fazemos neste capítulo um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas recentes em comunicação que abordam os temas centrais de nosso estudo. Primeiramente, buscaremos referências que envolvam questões mais gerais sobre o Papa Francisco. Em seguida, faremos o mapeamento de materiais mais específicos acerca do discurso do papa e, por fim, tomaremos como base documentação sobre midiatização e circulação do discurso papal.

Este procedimento visa conhecer, dentro do universo a ser consultado, ângulos de trabalhos que de alguma forma tenham relação com nosso objeto e problema de pesquisa. Ou seja, por entender que nossa pesquisa não é pioneira ao tratar sobre o tema em questão, nos preocupamos em fazer um mapeamento dos materiais que mais se aproximam da problemática dessa dissertação: De que forma se configuram as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação do discurso do Papa Francisco?

Para tanto, foram visitados mais de 50 estudos localizados por meio de buscas na plataforma Google Acadêmico⁴⁰ e no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁴¹. A busca foi realizada pela combinação entre as palavras-chave “Papa Francisco”, “Papa Francisco” e “comunicação”, “Papa Francisco” e “midiatização”, “Papa Francisco” e “circulação”, “circulação discurso do Papa Francisco” e “discurso do Papa Francisco”. Localizamos centenas de estudos nesse levantamento, no entanto, a fim de refinarmos ângulos convergentes ou mais próximos a nossa investigação, nos fixaremos sobre materiais de 12 fontes que apresentam certa relação com as questões centrais do nosso estudo.

3.1 O PAPA FRANCISCO

O Papa Francisco tem sido objeto de pesquisa para inúmeros estudos na área da comunicação. Seus gestos e sua forma de agir suscitaram, nos últimos anos, diversos tensionamentos. Algumas dessas análises serão abordadas por nós neste tópico, a fim de desvendarmos o que está sendo discutido a respeito dessa figura – que tem resultado em um novo posicionamento da Igreja na esfera midiática.

⁴⁰ Disponível em: scholar.google.com.br. Acesso em: 24 out. 2019.

⁴¹ Disponível em: catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses. Acesso em: 24 out. 2019.

Para iniciar nossa análise, trazemos uma das abordagens de Milani (2014), que tem o pontífice como cerne de suas pesquisas desde o ano seguinte à sua posse como novo líder da Igreja Católica. O trabalho intitulado *Papa Francisco e as novas discussões da Igreja frente à mídia* aponta para as mudanças culturais nas relações entre Igreja Católica e Mídia, a partir da entrevista concedida pelo papa aos jornalistas no voo de regresso do Rio de Janeiro, onde esteve por ocasião da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), em julho de 2013. Posteriormente, o episódio voltou a ser objeto de análise da autora em sua dissertação de Mestrado, em 2018.

O artigo que o precede, no entanto, e que abordaremos com mais profundidade, faz um primeiro movimento no intuito de analisar a postura do pontífice, que na viagem em questão abordou temas considerados polêmicos ou “proibidos”, conforme relato da autora. Naquele instante, tal discurso já parecia criar uma nova atmosfera dentro da instituição, de aproximação entre Igreja e fiéis – atitude essa que se confirmou ao longo de seu mandato e que perdura nos dias atuais.

Em seu estudo, a autora destaca não somente o discurso aberto e acolhedor do pontífice, que, segundo ela, retoma temas centrais da Teologia da Libertação, mas também aponta para a atitude do papa ao se preocupar com o bem-estar dos jornalistas, questionando se estavam com fome, entre uma pergunta e outra. Por isso, a pesquisadora dividiu o trabalho em duas partes: Igreja polêmica e a cultura do encontro.

Antes da análise, no entanto, a autora apresenta trechos do Catecismo da Igreja Católica (CIC) que discorrem sobre o entendimento da Igreja acerca de temas como homossexualidade, aborto e o papel da mulher na Igreja e, em seguida, aborda alguns princípios da Teologia da Libertação (TL) que são, em suma, “[...] voltados para as causas sociais, com o objetivo de ajudar a classe pobre na luta por seus direitos”. (MILANI, 2014, p. 91). Analisando trechos da entrevista, a autora os confronta com os ensinamentos da Igreja, presentes no CIC e considerados como dogmas, ou seja, verdades de fé, e com o discurso da TL e percebe uma aproximação entre as falas do pontífice e as propostas dessa corrente teológica. Mesmo mantendo o discurso tradicional da Igreja, ela destaca que o papa se demonstra mais aberto ao povo e ao diálogo. (MILANI, 2014).

Segundo a autora, essas mudanças despertam para uma nova relação da Igreja Católica com a mídia que, ao falar sobre temas doutrinários na figura de seu líder máximo, o Papa Francisco, parece ganhar novamente destaque midiático – o que não acontecia desde o papado de João Paulo II.

As considerações da autora nos dão pistas importantes, uma vez que ela analisa trechos do discurso do papa, nosso objeto nessa pesquisa. Portanto, tendo em vista que ela aponta para marcas de um discurso que, segundo ela, está relacionado à Teologia da Libertação, nos faz analisar as falas do pontífice não de forma lisa, mas dotadas de uma perspectiva teológica que o acompanha.

Não podemos precisar se, de fato, as características evidenciadas pela pesquisadora na entrevista do avião também serão percebidas em nossa análise, mas já servem como um ponto de partida. Afinal, será que o pontífice traz somente um novo tom ao que prega a Igreja, ou também busca reformular a doutrina em termos teológicos, considerando vertentes antes esquecidas? Esse é o ponto que pretendemos avançar em nossa pesquisa para então dizermos se refutamos ou concordamos com tal prerrogativa.

Os estudos que traremos a seguir, de Ferreira (2015) e Moreira e Medrado (2018), demonstram a inserção ainda maior do pontífice na mídia nos anos que se seguiram. O papa passou de um líder religioso a um influenciador digital, sendo considerado, ainda, conforme os pesquisadores, uma celebridade. É esse desdobramento que buscaremos abordar, de forma breve.

No artigo, *Religião, celebridades e a razão contemporânea: o caso do Papa-acontecimento*, Ferreira (2015) contraria estudiosos como Rojek, pois este considera que a celebridade emerge em razão da decadência das religiões tradicionais; e Durkheim, que, segundo a autora, previu a substituição do cristianismo por uma religião da humanidade, em que o ser humano seria crente e deus ao mesmo tempo.

O que a autora observa, no entanto, é que a contemporaneidade aponta para uma dissonância com tais perspectivas, uma vez que, segundo ela, celebridades surgem cada vez mais no meio religioso, como é o caso do Papa Francisco. (FERREIRA, 2015). Para chegar a essa conclusão, ela realizou uma análise da construção da imagem do Papa Francisco, por meio de um *corpus* constituído por 25 vídeos exibidos no programa Fantástico de março de 2013 a junho de 2014. Essa exploração é efetuada a partir da noção do pontífice como um acontecimento, segundo definição de Queré (2005 apud FERREIRA, 2015).

Conforme a pesquisadora, embora a cultura dos célebres tenha ênfase em aspectos superficiais, como consumo, beleza e o corpo perfeito, em seu artigo ela considera essas figuras em um espectro mais amplo, “[...] como referências de pertencimento no mundo [...] compreendemo-las a partir do modelo praxiológico da comunicação, sendo resultado de um processo dialógico que pede sua existência como referencial identitário”. (FERREIRA, 2015, p. 90). Segundo a pesquisadora, tal relação fica evidente ao analisar a imagem do pontífice.

Além disso, ela destaca que “[...] os indivíduos-acontecimento têm poder de afetação sobre a vida das pessoas, além de descortinar aspectos do contexto em que estão inseridos”. (FERREIRA, 2015, p. 90) – o que ela evidencia ao analisar a imagem papal. O conjunto de vídeos analisados inicia contando a vida do pontífice, uma vez que a equipe do Fantástico vai a Buenos Aires mostrar a família de Bergoglio, bem como os lugares que frequentava e as atividades que desenvolvia.

O papa é descrito como simples, inteligente, alguém atento aos pobres e presença constante em trabalhos voluntários. Por fim, a reportagem o apresenta como um “[...] papa da periferia que pode ser a resposta para o futuro”. (FERREIRA, 2015, p. 91). Outros vídeos narram a primeira celebração da oração do *Angelus*, realizada pelo papa na Praça de São Pedro, quando discursou sobre o perdão – quatro minutos de vídeo destacaram, mais uma vez, a humildade. Outra reportagem conta a vida de São Francisco de Assis – que inspirou o nome do pontífice – e que é conhecido por seu cuidado com os pobres, respeito à natureza e simplicidade. O programa também apresentou frases do pontífice acerca de temas polêmicos, em uma seção chamada “Assim pensa o Papa Francisco”. (FERREIRA, 2015, p. 91). As expectativas da primeira viagem do pontífice ao Brasil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), também foram pauta do dominical. Outro vídeo aborda a própria cobertura da Jornada, na qual ganham destaque as “[...] quebras de protocolo comuns nesse pontificado, e que o tornam singular” (FERREIRA, 2015, p. 92), – como o uso do papamóvel sem os vidros blindados e o fato do pontífice utilizar a cruz de metal, os sapatos velhos e pretos e a batina sem a mantilha vermelha, conforme aponta a jornalista Ilze Scamparini.

Conforme a pesquisadora, “[...] o público é apresentado a um pontífice que não tem medo do povo, deseja contato humano e quer fornecer esperança a um mundo desorganizado [...], o papa-acontecimento revela um povo ávido por uma figura que renove sua fé”. (FERREIRA, 2015, p. 92). Deste modo, segundo a autora:

Ao conquistar a simpatia do mundo com sua *performance* e seu carisma, o argentino encontra-se para além de um chefe de Estado e líder religioso. Está no patamar da celebridade, figura que, como diz Coelho (1990), serve como sustentação para o mundo cada vez mais fragmentado e individualizado [...] a imagem pública positiva do latino-americano e sua ascendente popularidade contradizem, então, a ideia de que a contemporaneidade é incompatível com as religiões tradicionais. (FERREIRA, 2015, p.93, grifo da autora).

Essa constatação foi evidenciada, sobretudo, no vídeo em que, durante 30 minutos de entrevista exclusiva ao Fantástico, o papa falou sobre suas escolhas humildes e os problemas da Igreja. Ao ser questionado sobre ter dispensado o carro de luxo, ele disse que “[...] os

sacerdotes devem dar testemunho de certa simplicidade” e que “[...] Deus pede ao catolicismo mais simplicidade”. (FERREIRA, 2015, p. 93).

Sobre a redução de fiéis, por exemplo, “[...] afirmou que o afastamento da instituição da sociedade, apegando-se a dogmas, já não mais cabíveis no mundo atual, pode ter contribuído para isso”. (FERREIRA, 2015, p. 93). A afirmação da autora vai ao encontro do que afirmava Milani (2014), no estudo anterior, quando esta apontava para uma mudança no discurso do pontífice, que ultrapassa os dogmas da Igreja Católica. Além disso, ela ressalta que, “[...] se as celebridades são fruto da decadência da religião e da morte de Deus no mundo contemporâneo, como defende Rojek (2008), seria de esperar que figuras como Francisco não alcançassem tal nível de popularidade”. (FERREIRA, 2015, p. 93). Mas, contestando o estudioso, ela traz números que vão de encontro a essa afirmação.

Segundo a autora, “[...] em menos de um ano de pontificado, Bergoglio atraiu mais de 6,6 milhões ao vaticano”. (FERREIRA, 2015, p. 95). Ela trouxe um levantamento feito pelo Pew Research, em março de 2014, que mostrava que 85% dos católicos nos Estados Unidos viam o argentino de forma favorável. A mesma pesquisa demonstrou que apenas 4% disseram ter uma opinião negativa sobre ele, “[...] sendo considerado uma mudança boa para 68% dos entrevistados”. (FERREIRA, 2015, p. 95). O levantamento apontava, ainda, que os não católicos também o aprovavam, sendo esses 51%.

O levantamento vai de encontro, ainda, à afirmação de Hoover (2014), que em seu artigo intitulado *Mídia e Religião: premissas e implicações para o campo acadêmico e midiático* apontava para “[...] um enfraquecimento na autoridade de líderes religiosos, de instituições e de doutrinas” (HOOVER, 2014, p. 49) na atualidade. Por fim, a autora compreende o pontífice “[...] como uma união do novo e do velho que deu certo, fazendo a tradição mover-se para responder aos anseios da modernidade”. (FERREIRA, 2015, p. 96). O novo, que consiste em sua figura enquanto celebridade que atrai multidões, e o velho, ou seja, o conforto e a inspiração em Jesus que os cristãos procuravam.

Como desvendar um enunciado sem antes compreender o sujeito que o enuncia? Esse estudo trouxe pistas importantes a fim de entendermos quem está por trás do discurso papal, ou seja, as subjetividades do pontífice. Também serviu para vermos que a Religião Católica figura como um expoente entre as religiões e merece ser estudada em uma sociedade em vias de midiatização, uma vez que suas temáticas são abordadas fortemente pela mídia e – dessa forma – se inserem na vida em sociedade.

Tendo em vista que o papado de Francisco ocorre em uma época marcadamente digital, considerá-lo um influenciador digital não seria um devaneio. Essa é a perspectiva que

Moreira e Medrado (2018) trazem em seu artigo. O objetivo das autoras é analisar de que forma o pontífice está sendo considerado pelos seus seguidores, ou seja, somente um líder religioso na rede ou uma celebridade e um influenciador digital?

O conceito de celebridade já foi atribuído ao papa na pesquisa analisada anteriormente, sendo, inclusive, ressignificado por ele. Trata-se de uma inferência importante em nosso processo de análise da apropriação dos seus discursos. Isso ocorre, pois não sabemos até onde suas palavras repercutem por sua liderança religiosa ou por ser uma figura que atrai fãs, algo que ocorre, hoje, com uma rapidez ainda maior no mundo virtual.

Entender como a imagem do pontífice é construída também no ambiente digital nos auxiliará no intuito de compreender quais lógicas são empreendidas atualmente pela Igreja Católica a fim de “angariar” fiéis. Para tanto, o artigo em questão se vale de publicações realizadas no *Instagram* do papa, o que enseja uma mudança do Catolicismo frente às mídias, por meio do seu representante máximo.

Na pesquisa em questão vemos, por exemplo, algumas das estratégias discursivas adotadas pelo pontífice que, ao realizar publicações, o faz em diversos idiomas. Tal característica evidencia sua busca na proximidade com os fiéis – o que não quer dizer exposição de sua vida pessoal – uma vez que sua postura na plataforma aponta para uma afirmação de sua posição de representante religioso. (MOREIRA; MEDRADO, 2018). Isso fica claro na medida em que, nas imagens, Francisco aparece usando vestes papais e realizando as atividades do seu ofício.

Desse modo, segundo as autoras, “Francisco faz uso das estratégias de posicionamento na rede – visibilidade, reputação e autoridade – para conseguir levar suas palavras a indivíduos do mundo inteiro”. (MOREIRA; MEDRADO, 2018, p. 7). Tendo em vista que em março de 2018, período no qual as publicações no *Instagram* do papa foram analisadas, a conta possuía mais de 5 milhões de seguidores, fica evidente que a autoridade de líder religioso passa a ser também de autoridade de usuário na rede social.

Isso, segundo as autoras, o torna um “[...] influenciador de opiniões”. “Diante disso, é possível indagar se o papa está ganhando uma posição de celebridade por consequência da sua presença na rede ou por planejamento a priori de construção da sua imagem”. (MOREIRA; MEDRADO, 2018, p. 8). Além disso, sua comunicação, segundo as autoras, ultrapassa as fronteiras da religião, uma vez que está atrelada à sua humanidade e não apenas à posição religiosa.

Essa humanidade, conforme as pesquisadoras, “[...] pode estar sendo embalada por uma imagem de celebridade e/ou influenciador digital”. (MOREIRA; MEDRADO, 2018, p.

8). Por influenciador digital as autoras entendem indivíduos que conquistam audiência fiel por meio da produção e do compartilhamento de conteúdo – o que ocorre no *Instagram* papal. Assuntos de cunho religioso, social e/ou político são abordados pelo pontífice. “Seus seguidores se mantêm fiéis, visto que esse número vem crescendo e não diminuindo com o passar do tempo”. (MOREIRA; MEDRADO, 2018, p. 8). Outro ponto abordado pelas autoras são as curtidas das publicações que, na época, apontavam para a casa do milhar⁴², endossando sua popularidade.

Entender o pontífice como uma “celebridade influenciadora” nos ajuda a compreender que ele está inserido em uma sociedade que vive a era digital, cujos processos de midiaticização estão atrelados às mudanças que emergem desse novo cenário e impactam os modos de ser e fazer religião. Desse modo, não podemos pensar nas práticas religiosas católicas sem analisarmos o que as permeiam – as lógicas da mídia – e a postura adotada por seu representante máximo frente a essas novas modalidades tecnológicas.

Concordamos que o Papa Francisco é dotado de diferentes faces: líder, celebridade, influenciador digital; mas, nesse trabalho, pensamos no pontífice além dessas facetas. Entendemos o papa enquanto alguém que produz marcas de afetação em uma sociedade em midiaticização. Que, por estar inserido nesse ambiente, também “faz mídia”, isto é, não apenas a sofre ou está nos meios, mas se apropria taticamente de discursos e elabora outros, fazendo uso dos meios digitais para complexificar os feixes de relações, sejam pessoais, sejam da própria Igreja.

Portanto, se faz necessário abordarmos pesquisas que versem sobre o discurso papal. Salientamos, de antemão, que, ao contrário dos trabalhos anteriores, inscritos em um universo de pesquisas do campo comunicacional, trazemos agora autores da área da Letras, uma vez que a nossa busca não localizou estudos sobre o discurso do Papa Francisco fora dessa área de concentração.

3.2 O DISCURSO DO PAPA

Abordaremos nesse tópico três estudos que analisam o discurso do papa. Silva (2015) faz uma análise linguístico-discursiva da homilia do Papa Francisco, proferida na Missa de Natal de 2014, utilizando a Análise do Discurso Francesa como metodologia. Segundo o

⁴² Vale ressaltar, no entanto, que atualmente a plataforma não mostra mais o número de curtidas que uma foto recebe. A mudança ocorreu no dia 17 de julho de 2019. (VALENTE, 2019).

autor, ao analisarmos um discurso, devemos considerar as várias instâncias que o permeiam: o momento em que é enunciado, para quem e como o enunciador o enuncia.

Ele ressalta que “[...] os estudiosos tendem a classificar o discurso como lúdico, autoritário ou polêmico”. (SILVA, 2015, p. 22). Considerando essa tríade, o discurso religioso seria, segundo o autor, autoritário, pois “[...] a relação entre o enunciador e coenunciadores é marcada por uma acentuada restrição – o Papa, representante da voz de Deus, fala; cabe aos fiéis ouvir”. (SILVA, 2015, p. 22).

Conforme o pesquisador, ao longo da história, tentou-se analisar o texto religioso separando o divino do humano. No entanto, isso é algo impossível, uma vez que “[...] o meio para divulgar, ler e interpretar este texto é sempre humano”. (SILVA, 2015, p. 22). Desse modo, o pesquisador aponta que o desafio imposto ao enunciador religioso é “[...] criar uma rede discursiva entre Deus e os fiéis, fazendo com que estes deem credibilidade ao discurso do representante de Deus e, a partir dele, passem a agir conforme os preceitos cristãos”. (SILVA, 2015, p. 24).

Por isso, a esse enunciador está atrelado um *ethos* discursivo, ou seja, uma voz e um corpo. É evidente, portanto, que o discurso carrega ideologias que se somam à cenografia, constituída pela cena englobante, tipo de discurso, e cena genérica, gênero a que pertence o discurso. (MAINGUENEAU, 2008 apud SILVA, 2015). Portanto, para analisar a homilia em questão, o autor baseia-se em elementos semânticos como vocabulário, tema e estatuto do enunciador e coenunciador, e elementos endofóricos, como a anáfora “[...] recurso cuja função é retomar uma unidade do texto por outra, contribuindo para a progressão discursiva e temática e para a própria construção do sentido discursivo [...]” e catáforas, o “[...] procedimento em que o termo que retoma precede o retomado”. (MAINGUENEAU, 2004 apud SILVA, 2015, p. 31).

Tais recursos são empregados constantemente na homilia analisada, contribuindo para a construção de sentido do discurso – que, em sua conclusão, o autor classifica como um discurso que leva “[...] o coenunciador a refletir sobre a(s) possibilidade(s) de reverter a situação em que se encontra a sociedade”. (SILVA, 2015, p. 34).

Desse modo, a homilia proferida na noite de Natal revela, conforme o autor, “[...] um *ethos* discursivo de um enunciador que acredita que o fiel irá enfrentar as adversidades e encorajar-se a mudar, transformar-se, levando em seu cotidiano as práticas sugeridas por ele”. (SILVA, 2015, p. 34, grifo do autor). Tais práticas são embasadas ao longo de todo discurso papal em passagens bíblicas que, aliadas às anáforas e catáforas, resgatam ou antecipam valores, levando “[...] os coenunciadores a legitimar sua fala”. (SILVA, 2015, p.

34). Estudar esse texto a partir de uma análise linguístico-discursiva foi de suma importância para nós, pois conhecemos algumas terminologias e procedimentos analíticos que podem nos auxiliar em nosso percurso de análise – tendo em vista que se trata de um campo que não dominamos.

Saber que o discurso papal está dotado de significados e significantes nos leva a compreender que as estratégias discursivas adotadas por ele são diferentes daquelas utilizadas pela mídia – o que impacta diretamente em nossa análise que, para desvendar as disputas de sentido presentes no trânsito desse discurso, também precisa apropriar-se dos elementos que compõem cada texto, em suas diferentes instâncias.

Outro texto que nos ajuda a compreender esse processo é o trabalho de Martins e Cordelia (2015), que analisa as estratégias discursivas do Papa Francisco na mensagem da quaresma de 2015, por meio da Análise do Discurso Crítica (ADC). Nesse estudo, a metodologia difere do anterior, nos trazendo novas perspectivas de análise e tensionamentos. O objetivo das autoras é analisar as estratégias discursivas de persuasão utilizadas no discurso em questão. As autoras consideram discurso a partir da definição de Fairclough (2001), ou seja, um “[...] modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especificamente sobre os outros, como também um modo de representação”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91 apud MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 2).

Elas ressaltam que o discurso do papa representa os católicos, pois diz respeito a sua forma de ação, segundo a *Constituição Dogmática Lumen Gentium* – documento da Igreja Católica que aborda a natureza e a constituição da Igreja como instituição e corpo místico de Cristo. Desse modo, para as autoras, o discurso do papa já é endereçado aos fiéis com o intuito de persuadi-los.

Ao utilizar a ACD as autoras pensam no discurso a partir da perspectiva da linguagem como prática social, uma vez que “[...] língua, linguagem e discurso possuem significados diferentes, mas existe conexão entre eles”. (MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 3). Segundo as autoras, a linguagem é mediação, que possui intencionalidade e ideologia, e o termo discurso, na ADC, é entendido por elas, segundo Fairclough, como o “[...] modo particular de representar o mundo” e a “[...] linguagem como momento irreduzível da vida social”. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 91 apud MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 3).

Conforme as autoras, ao analisarmos um discurso, devemos considerar diversas características que o moldam, como “[...] tempo histórico, espaço geográfico, quem é o falante e o ouvinte, a quais comunidades e grupos pertencem, que crenças possuem, ideologias”. (MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 3). Essa se mostra uma pista importante,

que também deve nos guiar em nossa análise.

Esse trabalho se mostra bastante válido na medida em que o aporte utilizado ao longo de praticamente todo o texto define o discurso como “[...] prática social, que contribui para reproduzir a sociedade e colabora, também, para transformá-la”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92 apud MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 4). Essa definição vai ao encontro da noção de midiatização, o conceito que buscamos aprofundar em nossa linha de pesquisa e cuja noção faz referência a uma mudança da sociedade, a partir das práticas sociais, que estão em constante transformação, sobretudo com o uso das mídias.

Segundo o autor, o discurso é uma prática de “[...] significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92 apud MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 4). Desse modo, é um importante aliado no processo de midiatização da sociedade e da construção de identidades sociais. Além disso, segundo Fairclough (2001), citado por Martins e Cordelia (2015, p. 5), “[...] a produção da linguagem como prática social não só reproduz as práticas sociais, mas também transforma essas práticas”. Portanto, as autoras entendem que práticas sociais, como a religiosa, por exemplo, são transformadas a partir da prática discursiva, que envolve aspectos como “[...] processos de produção, distribuição e consumo textual, que variarão segundo o discurso e fatores sociais”. (MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 6).

Segundo as autoras, como esse discurso é formado a partir da necessidade de interação, ele carrega ideologias e busca instaurar a hegemonia, uma vez que, para elas, “[...] os sentidos veiculados em textos são traços ideológicos e estão sujeitos a interesses particulares (liderança, poder, construção de alianças, dominar, subordinar), ou seja, continuar fomentando as relações de dominação e poder”. (MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 7). Para elas, discursos religiosos e políticos estão sobremaneira dotados de tais características, principalmente retóricas e persuasivas. No discurso do Papa Francisco, elas evidenciam, ainda, recursos como metáforas, que objetivam essa finalidade, de forma mais simples e sutil. Citando versículos da Bíblia – característica evidenciada também na análise anterior – o pontífice utiliza da intertextualidade para “[...] convencer os cristãos a fazerem o que ele pedirá”. (MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 13).

Por fim, as pesquisadoras concluem a partir da análise da mensagem proferida pelo Papa Francisco na quaresma de 2015, que o pontífice tenta persuadir o seu povo a servir, “[...] mas sob o auxílio e supervisão da Igreja” (MARTINS; CORDELIA, 2015, p. 22), utilizando, principalmente, estratégias discursivas persuasivas, ideológicas e metafóricas para galgar êxito.

Conhecer essa outra vertente para análise discursiva, ou seja, a Análise do Discurso Crítica, bem como os estudos de Fairclough (2001), são os principais pontos a serem abordados ao final desse trabalho. Ele nos dá nortes importantes para nossa pesquisa e passamos a considerar o discurso religioso a partir de novas perspectivas. Ainda no intuito de procurar insumos para nossa análise passamos, a seguir, à pesquisa de Fernandes e Tomazi (2016), que estudam as estratégias de polarização no discurso do Papa Francisco.

Os autores analisam um fragmento de entrevista, retirado do discurso proferido pelo Santo Padre aos jornalistas de todo o mundo e publicado na mídia, considerando a indagação da jornalista brasileira Ilze Scamparini, que questionou o pontífice sobre o *lobby gay*. A partir da resposta dada aos jornalistas pelo líder máximo da Igreja Católica, os autores questionam se a proposta de governo do papa, ao abrir-se a esse tipo de temática, é realmente assumir como elite simbólica uma postura favorável aos desfavorecidos, ou se essa é somente uma estratégia da Igreja a fim de adquirir popularidade.

Embora também utilizem a Análise Crítica do Discurso (ACD) como metodologia, os autores baseiam-se na abordagem sociocognitiva de Van Dijk, o que nos leva a conhecer um novo aporte teórico. Segundos os autores, a escolha dessa proposta se dá, pois possibilita “[...] uma reflexão de como escolhas linguísticas e discursivas atuam significativamente em temas que quase sempre são deixados de lado ou pouco discutidos nas pesquisas”. (FERNANDES; TOMAZI, 2016, p. 256).

Desse modo, os autores dão ênfase aos conceitos de poder, abuso de poder, desigualdade social, ideologia, grupos minoritários, polarização, dominação e mídia, por meio da ACD que:

[...] Se propõe a desconstruir os significados não óbvios ou “agendas ocultas” presentes nos textos, expondo elementos indiciais reprodutores da organização social, que privilegia certos grupos de indivíduos em detrimentos de outros, por meio de formas institucionalizadas de ver e avaliar o mundo (ideologias) ou preservação de poderes (hegemonia) de grupos dominantes. (MELO, 2012, p. 68 apud FERNANDES; TOMAZI, 2016, p. 257-258).

Nesse trabalho, os autores entendem, portanto que a ideologia que está por trás de determinados grupos institucionais determina suas práticas e que é necessário analisar o não dito, o que está nas entrelinhas do discurso para bem entendê-lo. Por esse motivo, desvendar as lógicas que estão detrás da Instituição Igreja Católica, pode nos ajudar a entender melhor o discurso do pontífice.

Segundo os autores, a autoridade a que está condicionada a fala do papa, devido a sua condição de porta voz da Igreja, dotada de dogmas e verdades, faz com que o discurso

manipule os fiéis e “[...] controlar a mente das pessoas é uma forma fundamental de reproduzir a dominação e hegemonia”. (VAN DIJK, 2010, p. 121 apud FERNANDES; TOMAZI, 2016, p. 259). Para os autores, portanto, a produção discursiva de figuras como o papa é controlada por meio de modelos mentais desses interlocutores.

Ainda conforme os pesquisadores, o papa, ciente de sua condição enquanto autoridade, se utiliza de certas estruturas discursivas que criam um discurso polarizado. Nesse sentido, os autores defendem que a abertura de Francisco ao tratar sobre temas polêmicos não se trata necessariamente de uma nova postura da Igreja Católica diante de determinadas temáticas, considerando o discurso analisado nessa pesquisa. Eles não descartam, no entanto, que possa haver uma mudança futura. No momento, eles apontam que parece se tratar de uma estratégia do pontífice para dar popularidade à instituição.

Para realizar a análise, os autores observaram, por exemplo, se o discurso estava em voz ativa ou passiva, se o sujeito era oculto ou não, se o enunciado se apresentava em primeira ou terceira pessoa. Tais elementos deram subsídio para as interpretações realizadas pelos autores, o que pode ser importante também em nossa análise. Para entendermos as disputas de sentido, que estão presentes nos discursos em trânsito, é necessário compreender os sentidos que estão inscritos em cada texto (homília, notícia, comentário) que formos analisar. Para tanto, no tópico a seguir, traremos estudos que versam sobre o tema da circulação. Importante ressaltarmos, no entanto, que ao procurarmos pesquisas cuja abordagem fosse a circulação do discurso do Papa Francisco, não galgamos grande êxito. Por isso, trazemos somente dois trabalhos que tratam sobre a temática. Um, que aborda especificamente a circulação do discurso do Papa Francisco, e outro que traz a circulação do “religioso” na internet. A falta de materiais nessa esfera demonstra o potencial de nossa pesquisa, que não gostaríamos de chamar de pioneira, mas, sim, relevante, para os estudos em midiatização.

3.3 CIRCULAÇÃO E MIDIATIZAÇÃO

O primeiro material sobre o qual nos deteremos é o estudo de Souza (2016). Ela analisa um conjunto de enunciados extraídos dos discursos do Papa Francisco e destacados na mídia. Seu objetivo é verificar em que medida o trabalho hermenêutico do enunciador interfere na interpretação do texto citado, fornecendo ao leitor o que a autora chama de uma espécie de “percurso interpretativo”.

A autora analisa a circulação de pequenas frases descoladas de seus contextos

originais – um fenômeno linguístico que, segundo ela, não é recente. Para tanto, a pesquisadora utiliza um *corpus* composto por um conjunto de 10 enunciados extraídos das declarações do Papa Francisco, desde o início de 2013 (quando iniciou o seu pontificado) até os dias atuais, e postos em circulação na mídia. “Não se trata de um caso simples de citação, em que os enunciados destacados circulam em outros textos, demarcados por uma sinalização de distanciamento, mas de um trabalho hermenêutico do enunciador”. (SOUZA, 2016, p. 466).

Esse trabalho nos parece bem interessante na medida em que realiza o primeiro movimento que buscamos nesse trabalho, ou seja, a apropriação da mídia profissional pelo discurso papal. Nele a autora procura descrever e analisar o funcionamento linguístico e discursivo dessas “pequenas frases”, à luz de Maingueneau, a partir dos conceitos de destacabilidade, sobreasseveração e aforização, mas também estuda como os procedimentos de “destextualização” e “sobreasseveração” potencializam a (re) produção e circulação de “simulacros”. (MAINGUENEAU, 2014 apud SOUZA, 2016, p. 466).

Por destacabilidade, a autora entende frases que circulam fora do contexto de origem, devido às propriedades que possuem e as fazem circular; a destextualização consiste em uma saída de texto que “[...] caminha na direção oposta à de integrar os constituintes do texto em uma unidade orgânica”. (SOUZA, 2016, p. 469). Tal operação é chamada de sobreasseveração. “Ao sobreasseverar um determinado enunciado, o enunciador não realiza uma citação, mas apenas uma operação de destaque do trecho em relação ao restante dos enunciados que constituem o tecido textual”. (SOUZA, 2016, p. 469).

A aforização, por sua vez, seria “frases sem texto”, ou seja, “[...] que não são precedidas ou seguidas de outras frases com as quais estão ligadas por relações de coesão”. (SOUZA, 2016, p. 478).

A partir de sua análise, baseada nesses elementos, a autora conclui que “[...] a mídia vai se patenteando muito mais como uma instância de circulação de sentidos e interpretações do que propriamente de circulação dos fatos”. (SOUZA, 2016, p. 484). Portanto, os enunciados destacados pela mídia e postos em circulação, segundo a pesquisadora, são transformados pela mídia, de modo a criar a imagem de um papa heterodoxo. Não é somente um fato que circula, mas sentidos são tensionados nesse processo. Conseguimos observar, claramente, as disputas de sentido nessa apropriação midiática e entendemos que, para traçarmos semelhante percurso, precisaremos igualmente nos defrontar com tais conceitos – ou similares – no intuito de operacionalizar nossa

análise.

Por fim, trazemos o trabalho de Sbardelotto (2014), cujo artigo reflete a apropriação do “leigo-amador” e as novas modalidades de prática religiosa em rede. Embora nosso objetivo seja analisar a apropriação do discurso a partir do manejo de atores que não estão inscritos na esfera de pessoas que fazem parte da vida religiosa, consideramos que esse trabalho pode contribuir, pois aborda as relações entre tecnologias digitais e sua apropriação comunicacional por parte de indivíduos, grupos e instituições. É o processo de apropriação que nos interessa e nos motiva nessa trajetória.

Segundo Sbardelotto (2014), os leigo-amadores são parte central do dispositivo de comunicação contemporâneo, e é por meio deles que se desencadeiam fluxos de circulação midiática. Para ele, esse fluxo que ultrapassa os limites hierárquicos da instituição eclesial “[...] promove a construção social do religioso”. (SBARDELOTTO, 2014, p. 1). Desse modo, mesmo que indivíduos concretos e grupos de indivíduos sirvam como “[...] definidores da realidade [...]” (SBARDELOTTO, 2014, p. 16), essa construção “[...] pode ser acessada e reconstruída publicamente por qualquer pessoa”. (SBARDELOTTO, 2014, p. 16). Interessamo-nos, portanto, com base nas pistas do autor, em entender o processo de apropriação do discurso papal pelos atores sociais, a partir da observação que ele faz dos estudos de Berger e Luckmann, ou seja, qual a produção de sentidos realizada por esse ator que “[...] ao se exteriorizar [e, portanto, ao se comunicar], constrói o mundo no qual se exterioriza a si mesmo”. (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 136 apud SBARDELOTTO, 2014, p. 15).

De fato, essa produção de sentidos realizada pelos atores, somada ao processo de apropriação protagonizado pela mídia e evidenciado no estudo anterior, são as bases analíticas de nosso estudo que, atrelando às duas instâncias, quer chegar a inferências ainda mais profícuas. Sem mais delongas, apresentaremos a seguir nosso caso de pesquisa, trazendo uma breve exploração do que se constitui nosso campo de observação e ensaiando algumas inferências – que serão aprofundadas no decorrer dessa pesquisa.

4 O CASO DO DISCURSO EM CIRCULAÇÃO E SEU TRÂNSITO

Ao longo do processo, no intuito de construirmos nosso caso de pesquisa, nos deparamos com diversos episódios que poderiam compor nossa análise. Tendo em vista que nosso caso consiste em extrairmos as marcas deixadas pelo discurso papal em trânsito, aqui chamadas de rastros, e, nesse sentido, compreender quais disputas de sentido estão em jogo, escolhemos três episódios específicos, que se constituem em um conjunto de textos, derivados de um discurso em trânsito, conforme explicitaremos a seguir.

4.1 O CASO

Os textos que compõem os episódios de nosso caso de pesquisa partem de discursos do pontífice, que nesse estudo são duas homilias⁴³, ou seja, textos proferidos pelo papa durante a missa, e uma mensagem denominada *Urbi et Orbi*, que quer dizer para a cidade de Roma e para o mundo. Essa mensagem é proferida somente duas vezes ao ano: na Páscoa e no Natal. Tais textos são inseridos em sites de notícias, sendo que esse processo de apropriação dos discursos pela mídia se constitui na segunda instância que analisaremos em nosso caso. Posteriormente, nos debruçaremos sobre a reapropriação desse discurso pelos atores sociais, que se apropriam desse texto antes já apropriado pelo jornalismo, realizando compartilhamentos ou comentários em redes sociais ou na própria notícia.

Importante ressaltar que partimos de um discurso que já está inserido dentro de um site, ou seja, o site *A Santa Sé*, do Vaticano. Nele, o texto já é afetado por lógicas institucionais. Primeiramente, porque ele é traduzido do Italiano para outros cinco idiomas: Alemão, Inglês, Espanhol, Francês e Português. Todos os discursos, mensagens e demais documentos pontifícios podem ser acessados no site em todas essas línguas, além do Italiano. Como não dominamos esse idioma, utilizamos a versão em Português, cientes dos ruídos que podem haver na mensagem.

Não podemos afirmar, ainda, que se trata de uma transcrição *ipsis litteris* do que o papa disse. Afinal, pode haver a troca de um termo por outro, a pontuação utilizada para transcrevê-lo pode dar sentidos outros às frases, entre outras coisas. Ademais, o texto é

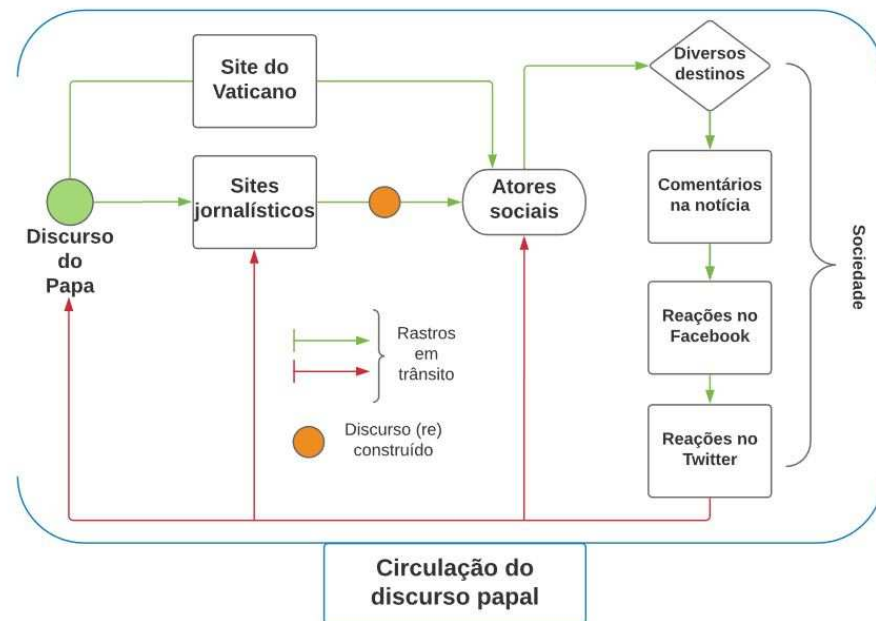
⁴³ De acordo com a tradição cristã, a homilia constitui-se em uma modalidade discursiva recorrente entre os apóstolos, que passa a ser uma prática integrante da liturgia, segundo o Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965. A homilia “[...] é a pregação feita durante uma celebração litúrgica” (BISCONTIN, 2017, p. 15), ou seja, se configura como homilia somente o discurso do papa na missa “[...] habitualmente depois da proclamação dos textos da Sagrada Escritura e em conexão com ele”. (BISCONTIN, 2017, p. 16).

enquadrado em um determinado padrão textual do site, em um formato próprio dessa plataforma.

Julgamos pertinente ressaltar tal aspecto, pois estamos cientes de que a apropriação não se dá somente quando esse texto passa a constar nos meios jornalísticos, mas antes disso ele já sofreu um processo de apropriação pela instituição religiosa e, portanto, carrega marcas consigo. Por esse motivo, nossa inquietação nesse trabalho refere-se às camadas que são sobrepostas ao discurso na medida em que se desloca. Quais os ganhos e perdas de sentido que ocorrem nesses processos? Quais os rastros que ficam nesse trânsito textual?

Portanto, optamos por analisar os textos a partir de suas apropriações por diferentes sites jornalísticos⁴⁴. Assim, não se trata mais do contexto de uma fala para o público de fiéis, mas de um discurso (re) construído, a partir de lógicas jornalísticas, que busca mobilizar tal público. Isso significa que o modo de enunciar, o ato do papa, é apropriado pelo jornalismo de modo fágico⁴⁵ e reelaborado.

Figura 4 - Diagrama do discurso papal em trânsito



Fonte: Elaborado pela autora.

⁴⁴ Utilizaremos diferentes sites de notícias no intuito de termos uma pluralidade de vozes e não determos nossa análise a uma forma específica de construção discursiva.

⁴⁵ O termo fágico está relacionado à noção de fágia social, desenvolvida por Rosa (2016). O termo fágia será retomado e aprofundado no quadro teórico dessa pesquisa.

Entendemos que os rastros se encontram nas setas verdes e vermelhas. As setas verdes de nosso diagrama conectam os processos de apropriação e reapropriação pelos quais o discurso papal pode passar. Mostramos na imagem que o discurso que está no site do Vaticano pode ser apropriado diretamente pelos atores sociais, sem passar pelos sites jornalísticos, pois esse é um caminho possível de ser trilhado.

Neste trabalho, no entanto, consideraremos a apropriação dos atores sociais a partir do discurso que já passou pelo jornalismo, ou seja, um discurso (re) construído, devido às fagias (perdas, ganhos, mutações) discursivas que sofre. Também entendemos que os atores sociais estão dotados de lógicas próprias que resultam em fagias por eles produzidas, segundo sua subjetividade.

As setas vermelhas indicam que esse discurso, independente da instância no qual se encontre, pode retornar à mídia jornalística, culminando em uma nova notícia; ao próprio Vaticano, originando em um novo discurso do papa; ou aos atores sociais, por meio de circuitos que são retomados nas mídias sociais.

Em cada uma dessas instâncias há marcas que se sobrepõem e, a partir dessa hipótese, é que nos lançamos à pergunta norteadora dessa pesquisa: De que forma se configuram as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação do discurso do Papa Francisco?

A fim de respondermos a essa pergunta, escolhemos três textos que constituem o nosso caso de pesquisa. Nosso critério de escolha baseia-se na temática, publicização e afetação desses textos⁴⁶. Ou seja, todos têm como norte a internacionalização, pois abordam questões relacionadas a diversos países tendo, ainda, aspectos sociais, uma vez que versam sobre igualdade, aproximação entre povos, conflitos sociais – pontos importantes a serem analisados quando pensamos em uma sociedade em midiatização.

Além disso, os três textos circularam por diversos meios, não só jornalísticos, mas também reverberaram nas redes sociais, gerando debates e circuitos diversos – sendo profícuos quando pensamos neles enquanto episódios, pois passam por diversos processos fágicos, suscitando em diferentes disputas de sentidos. Por possuírem um caráter social, acreditamos que esses discursos afetam o campo religioso, pois tensionam diversos

⁴⁶ Escolhemos esses textos, pois além de reverberarem na mídia, abordam questões macro sociais. No decorrer deste trabalho, nos deparamos com outros discursos que poderiam compor um episódio de análise, como é o caso do Sínodo da Amazônia, que reuniu bispos de todo o mundo para discutir a situação da Igreja Católica na região Amazônica, em outubro de 2019. Assim como nesse evento emergiram discursos potenciais para análise, outros certamente surgirão ao final deste trabalho. Como não é possível dar conta, nessa pesquisa, do todo que compreende a riqueza desse objeto de análise, escolhemos três discursos do pontífice para exploração. Destacamos, portanto, que nosso estudo baseia-se em um caso que não é estanque, ou seja, isolado no tempo, mas trata-se de uma processualidade em fluxo, um caso que não se esgota com o término dessa pesquisa.

posicionamentos da Igreja, estabelecidos socialmente. Nossa preocupação, portanto, não é analisar o discurso pelo discurso, nem a constituição imagética do papa a partir dos seus enunciados, mas compreender que tensões suscitam a partir de um determinado processo (discurso papal em trânsito). Evidenciamos que os três textos possuem marcas e neles são realizadas operações, o que nos propomos a analisar nessa pesquisa. A seguir, detalharemos brevemente nosso campo de observação, ou seja, os episódios que compõem nosso caso de análise.

4.2 O CAMPO DE OBSERVAÇÃO

Ao analisarmos os discursos do papa veiculados na mídia, percebemos que o pontífice se transformou em pauta quase que diária do jornalismo. Chegamos a essa conclusão, pois, para rastreamos o que é publicado sobre o papa na mídia, recorreremos a uma ferramenta do Google⁴⁷ que emite alertas e retorna resultados de uma pesquisa à caixa de e-mails do usuário, sempre que for encontrada nova citação de um termo pré-determinado. Em nosso caso, cadastramos as palavras “Papa Francisco”.

Nos e-mails, diários, recebemos grande quantidade de notícias relacionadas ao pontífice, quase que diariamente. Nesse momento, nos deparamos com diversos episódios de circulação do discurso do papa na mídia e percebemos que o pontífice incide, ou seja, se apropria, comenta, tensiona diversos temas emergentes, como a guerra na Síria, os conflitos entre países, meio ambiente, entre outros. Tendo em vista essa diversidade de materiais, e considerando que nosso intuito é partir de textos do âmbito religioso, das mais diversas ordens, que viram pauta em sites jornalísticos e são reapropriados por atores sociais, passamos a analisar quais dessas notícias foram publicizadas, por meios dos atores, resultando em comentários nas redes sociais e demais ambientes digitais, tendo possíveis desdobramentos por causa disso.

Desse modo, a partir dos critérios mencionados anteriormente, ou seja, publicização, temática e afetação, elencamos três episódios, que constituem o nosso caso de investigação, e que acreditamos serem profícuos como campo de observação.

⁴⁷ Cadastramos as palavras “Papa Francisco” no Google Alerts, de março a dezembro de 2018, no intuito de rastrear a circulação do discurso do pontífice na mídia.

4.2.1 Lava-pés

O primeiro episódio é composto pelo conjunto que abrange a matéria veiculada no portal *Terra* (PAPA..., 2018e), no dia 29 de março de 2018⁴⁸, que versa sobre a homilia da Quinta-Feira Santa realizada pelo Papa Francisco no Cárcere Regina Coeli; o texto da homilia publicado no site do Vaticano e os desdobramentos da matéria, sobretudo no *Twitter*.

Figura 5 - Trecho de notícia veiculada no portal *Terra*

Papa lava pés de presos e diz: 'sou pecador como vocês'

Tradicional rito foi celebrado na penitenciária de Roma

29 MAR 2018 14h17 atualizado às 15h42



O papa Francisco celebrou nesta quinta-feira (29) a tradicional missa de Lava-Pés em uma penitenciária de Roma, durante a qual se ajoelhou perante 12 detentos, incluindo muçulmanos, e disse ser tão "pecador" quanto eles.

SAIBA MAIS

- [Papa lavará pés de detentos muçulmanos na Quinta Santa](#)
- ['Mafiosos não são cristãos pois carregam a morte', diz Papa](#)
- [Papa celebrará 'Lava-Pés' em penitenciária de Roma](#)
- [O mistério sobre quem realmente foi Maria Madalena](#)



Papa lava pés de presos e diz: 'Sou pecador como vocês'
Foto: ANSA/Alma - Brazil

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Terra*.⁴⁹

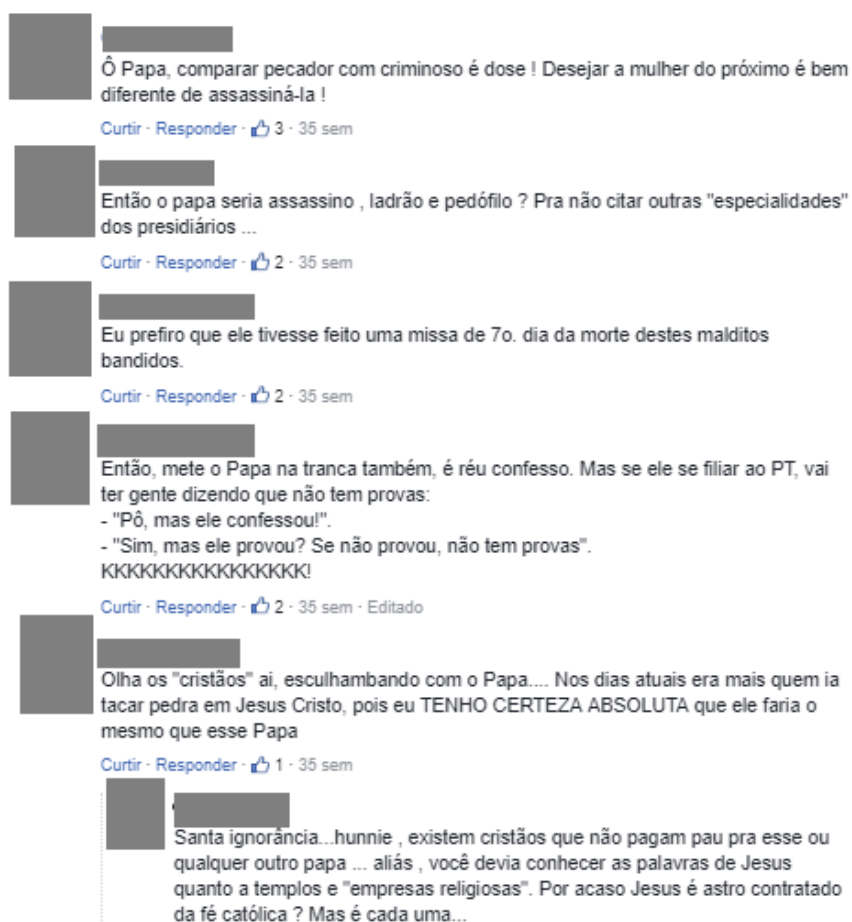
Vemos nessa notícia que o texto se constitui em seis parágrafos, dos quais três privilegiam aspas do papa, na íntegra, priorizando momentos nos quais o pontífice busca “igualar-se” aos presentes: “Eu sou pecador como vocês, mas hoje represento Jesus, sou

⁴⁸ Disponível em: bit.ly/2wpX5aH. Acesso em: 10 fev. 2019.

⁴⁹ Disponível em: bit.ly/2wpX5aH. Acesso em: 10 fev. 2019.

embaixador de Jesus. Quando eu me ajoelhar perante cada um de vocês, pensem: 'Jesus se arriscou neste homem, um pecador, para vir até mim e dizer que me ama'". Em outra oportunidade, o portal traz o momento em que o pontífice adverte: “Quem comanda deve servir, o seu líder deve ser seu servidor”. (PAPA..., 2018e).

Figura 6 - Comentários na notícia veiculada no portal *Terra*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Terra*.⁵⁰

É interessante observar que, quando o portal *Terra* elenca falas como essa, que suscitam temas como a liderança, por exemplo, tal enunciado é apropriado por alguns atores sociais (conforme observado nos comentários), e caracterizado como discurso político. “Então, mete o Papa na tranca também, é réu confesso. Mas se ele se filiar ao PT, vai ter gente dizendo que não tem provas: - ‘Pô, mas ele confessou!’. – ‘Sim, mas vou? Se não provou, não tem provas’. KKKKKKKKKKKKKKKKKKKK!”. (PAPA..., 2018e). A partir de então, são

⁵⁰ Disponível em: bit.ly/2wpX5aH. Acesso em: 10 fev. 2019.

acionadas tensões em torno de temáticas como política e ideologia a um discurso que, nesse contexto, deveria ser de caráter estritamente religioso.

Discussões em torno de temas como a pena de morte, mesmo que indiretamente, também aparecem nos comentários. “Eu prefiro que ele tivesse feito uma missa de 7º dia da morte destes malditos bandidos”, diz outro ator. (PAPA..., 2018e). O fato do discurso do papa despertar para uma proximidade com o outro, também cria uma tensão entre aqueles que qualificam os presos pelos seus atos, enquanto o papa fala de sua dignidade enquanto pessoa. “Então o papa seria assassino, ladrão e pedófilo? Pra não citar outras "especialidades" dos presidiários...”. (PAPA..., 2018e). Vemos, pois, que as apropriações são diversas e a produção de sentidos se dá de forma complexa. Aqui, podemos dizer que se estabelecem novos contratos de leitura⁵¹ entre emissor e destinatário, a partir de transformações culturais, sociais, que fazem parte da nova ambiência na qual estamos inseridos.

Além disso, esse discurso reconstruído, ressignificado, rearranjado, se insere em outras lógicas, a partir dos usos e apropriações que tais atores sociais midiáticos fazem. Entende-se que essa notícia pode ser compartilhada em mídias sociais diversas, ser inserida em grupos de discussões, enviada a alguém, utilizada como argumento para qualificar uma discussão, apropriada para fins acadêmicos.

Ao retomarmos, na íntegra, esta homilia proferida pelo Papa Francisco, em sua versão anterior à publicação na mídia, percebemos algumas marcas do que viemos a chamar de fagia discursiva. Ou seja, assim como Rosa (2016) fala em “deglutição de imagens”, nós entendemos que na circulação discursiva há uma “deglutição de palavras”.

⁵¹ Entende-se por contratos de leitura as “[...] regras, estratégias e políticas de sentidos que organizam os modos de vinculação entre as ofertas e recepção dos discursos midiáticos”. (FAUSTO NETO et al., 2010, p. 3).

Figura 7 - Trecho de material veiculado no site *A Santa Sé*

SANTA MISSA IN COENA DOMINI

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

*Cárcere "Regina Coeli", Roma
Quinta-feira Santa, 29 de março de 2018*

[Multimídia]

Jesus termina o seu discurso, dizendo: «Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, assim o façais também vós» (Jo 13, 15). Lavar os pés. Naquela época, os pés eram lavados pelos escravos: era uma tarefa de escravo. As pessoas percorriam as estradas, não havia asfalto, não havia calçadas; naquele tempo havia a poeira das estradas e as pessoas sujavam os pés. E na entrada das casas havia escravos que lavavam os pés. Era um trabalho de escravo. Mas tratava-se de um serviço: um serviço feito por escravos. E Jesus quis desempenhar este serviço, para nos dar um exemplo do modo como nos devemos servir uns aos outros.

Certa vez, quando estavam a caminho, dois dos discípulos que queriam fazer carreira, pediram a Jesus para ocupar lugares importantes, um à sua direita e o outro à sua esquerda (cf. Mc 10, 35-45). E Jesus fitou-os com amor — Jesus olhava sempre com amor — e disse: "Vós não sabeis o que pedis" (v. 38). Os chefes das Nações — diz Jesus — dão ordens, fazem-se servir e sentem-se bem (cf. v. 42). Pensemos naquela época de reis, de imperadores tão cruéis, que se faziam servir pelos escravos... Mas entre vós — diz Jesus — não deve ser assim: quem manda deve servir. O vosso chefe deve ser o vosso servidor (cf. v. 43). Jesus inverte a tradição histórica, cultural daquela época — até a de hoje — aquele que manda, para ser um bom chefe, seja onde for, deve servir. Penso muitas vezes — não neste tempo, porque todos ainda estão vivos e têm a oportunidade de mudar de vida, e não podemos julgar, mas pensemos na história — se tantos reis, imperadores, chefes de Estado tivessem entendido este ensinamento de Jesus e, em vez de mandar, de ser cruéis, de matar as pessoas, tivessem feito isto, quantas guerras se teriam evitado! Serviço: na realidade há pessoas que não facilitam esta atitude, pessoas soberbas, odiosas, pessoas que talvez nos desejem o mal; mas nós somos chamados a servi-los mais. E há também pessoas que sofrem, que são descartadas pela sociedade, pelo menos por um período, e Jesus vai ter com elas e diz-lhes: tu és importante para mim. Jesus vem para nos servir, e o sinal de que Jesus nos serve hoje aqui, no cárcere de Regina Coeli, é que quis escolher doze de vós, como os doze Apóstolos, para lavar os pés. Jesus aposta em cada um de nós. Pois bem: Jesus chama-se Jesus, não Pôncio Pilatos. Jesus não sabe lavar-se as mãos: só sabe arriscar! Olhai para esta imagem, tão bonita: Jesus inclinado entre os espinhos, correndo o risco de se ferir para salvar a ovelha tresmalhada.

Hoje eu, que sou pecador como vós, mas represento Jesus, sou embaixador de Jesus. Hoje, quando me inclino diante de cada um de vós, pensai: «Jesus apostou neste homem, um pecador, para vir ter comigo e para me dizer que me ama». Este é o serviço, assim é Jesus: nunca nos abandona, nunca se cansa de nos perdoar. Ama-nos muito! Vede como Jesus arrisca!

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site *A Santa Sé*.⁵²

Na matéria do portal *Terra* (PAPA..., 2018e) temos a seguinte frase: “Eu sou pecador como vocês, mas hoje represento Jesus, sou embaixador de Jesus”, enquanto no site do Vaticano (PAPA FRANCISCO, 2018b)⁵³, lê-se: “Hoje eu, que sou pecador como vós, mas represento Jesus, sou embaixador de Jesus”. Vemos, portanto, que entre as duas frases existem supressões e acréscimos de palavras que, inclusive, denotam outro sentido, devido a alteração do adjunto adverbial de tempo “hoje”.

No discurso do Vaticano (PAPA FRANCISCO, 2018b), o pontífice refere-se ao dia em questão, colocando-se na condição de pecador, mas também de alguém que representa Jesus sempre, e não somente naquele dia. Na versão do portal *Terra* (PAPA..., 2018e), a citação nos remete à ideia do papa como pecador, mas que representa Jesus somente naquela ocasião.

⁵² Disponível em: abre.ai/V8e. Acesso em: 10 fev. 2019. Os discursos do Papa podem ser conferidos, na íntegra, nos anexos deste trabalho.

⁵³ Disponível em: abre.ai/V8e. Acesso em: 10 fev. 2019.

Na sequência da matéria do *Terra* lemos a frase: “Quando eu me ajoelhar perante cada um de vocês, pensem: 'Jesus se arriscou neste homem, um pecador, para vir até mim e dizer que me ama’”. (PAPA..., 2018e). No site do Vaticano a citação aparece da seguinte forma: “Hoje, quando me inclino diante de cada um de vós, pensai: «Jesus apostou neste homem, um pecador, para vir ter comigo e para me dizer que me ama»”. (PAPA FRANCISCO, 2018b).

Os dois enunciados aparentam uma semelhança maior, mesmo que o “hoje” apareça na segunda sentença e não na primeira, e tenhamos palavras como “ajoelhar” e “inclinar”, substituindo uma à outra. O “arriscou” e “apostou” também seguem a mesma lógica.

Embora as duas primeiras palavras sejam parecidas, o inclinar nos remete sentidos como saudação, reverência, cumprimento, um sinal de respeito. Já o ajoelhar, dá um tom de súplica, arrependimento. No caso do verbo arriscar, ele parece estar atrelado à noção de perigo, enquanto a aposta nos remete ao conceito de disputa, de ganhar ou perder. É evidente que, ao fazermos essa comparação, precisamos nos isentar dos ruídos que possam haver, sobretudo no texto que se encontra no site do Vaticano, uma vez que só nos resta confiar que essas, de fato, são as palavras proferidas pelo pontífice.

De todo modo, não podemos nos furtar das tensões que se estabelecem a partir dos sentidos que emergem nesse discurso apropriado pela mídia. Essa é a primeira preocupação a qual nos lançamos na pergunta central desta pesquisa e, para tanto, atentar para essas disrupções discursivas nos ajuda a compreender as disputas de sentido que estão atreladas ao nosso objeto.

Outro ponto, ainda se tratando dessa matéria, refere-se ao fato de que, logo após a citação acima mencionada, o portal utiliza mais uma declaração do pontífice como sendo complementar à anterior. “Quem comanda deve servir, o seu líder deve ser seu servidor, acrescentou o Pontífice”, lê-se na matéria. (PAPA..., 2018e). Ocorre que essa fala não é subsequente, mas, do contrário, é uma das primeiras ditas pelo pontífice na homilia, conforme o site *A Santa Sé*. No local, a frase encontra-se no segundo parágrafo da seguinte forma: “Quem manda deve servir. O vosso chefe deve ser o vosso servidor”. (PAPA FRANCISCO, 2018b). Também vemos a troca do termo “chefe” pela palavra “líder”, e vemos uma mudança de temporalidade, enquadramento e construção textual.

Fica evidente, pois, que esse discurso da mídia possui um caráter disruptivo e reelaborado, na medida em que algumas frases do pontífice são desmembradas, coladas, rearranjadas. A midiaticização é um processo de transformação social e na midiaticização do discurso religioso vemos que existem diversas processualidades em jogo. O discurso papal, no portal *Terra*, é afetado por lógicas jornalísticas, de consumo, mercadológicas. Nesse momento

a fala do pontífice já se deslocou do âmbito da penitenciária, recebeu um emolduramento⁵⁴, foi inscrita no site do Vaticano, no portal em questão e noutros.

Ocorre, porém, que o acontecimento, ou seja, a missa, e, conseqüentemente, o discurso do papa, é veiculado na mídia logo após o seu encerramento. Não há tempo para aguardar a postagem na íntegra do discurso no site *A Santa Sé*⁵⁵. O texto é construído com base naquilo que foi apurado pelo repórter. Mesmo com os recursos tecnológicos, vemos que a fala não é transcrita de forma fidedigna. Atrás do ato de reportar algo, está o sujeito que reporta. Não temos mais, desse modo, somente as lógicas da mídia, temos também as lógicas desse ator social. Em seu livro *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, Barthes (1981) usa uma metalinguagem para explicar o conceito de amor. Ele destaca que escolhemos determinadas palavras para explicar um simbolismo, o que sentimos.

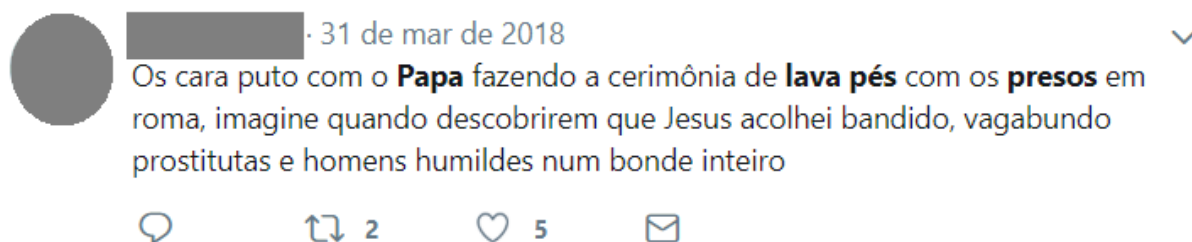
Ao dizermos “eu te amo”, criamos um simbolismo para isso. Com base em Barthes (1981), portanto, as palavras sempre representam as coisas, mas elas nunca são as coisas. Ou seja, para o autor, as palavras sempre têm um sentido metafórico, dependendo do lugar, e isso é o que constitui a realidade.

Por isso, segundo Barthes (1981), a metaforização consiste em “pegarmos” as palavras e utilizá-las conforme o contexto, carregando-as de sentido. A linguagem muda por convenção, cria e modifica nossa realidade - e esse aspecto precisa ser levado em conta ao analisarmos a circulação de um discurso.

Ao atentarmos para o que os atores sociais falam, com base nesse discurso (re) construído pela mídia, precisamos levar em conta essas prerrogativas de linguagem - que mudam por convenção. Além dos comentários que localizamos ao final desta notícia, vale destacarmos, ainda, os destinos e apropriações dadas a esse discurso em outras mídias digitais. Ao navegarmos em plataformas como o *Twitter*, por exemplo, vemos publicações com diferentes discursos e sentidos.

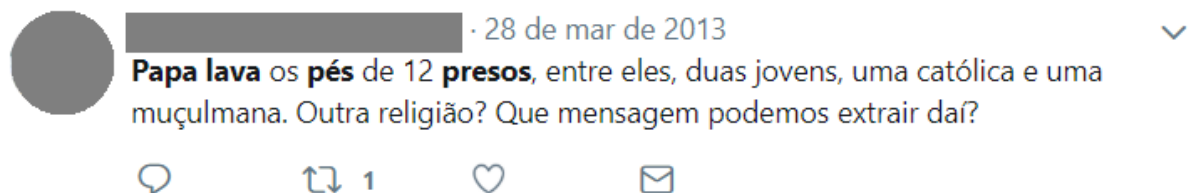
⁵⁴ Kilpp (2003, p. 33) define emolduramento como “[...] agenciamento dos sentidos [...]”. Ele está dentro do conceito maior de molduras, que a autora conceitua como bordas que enquadram os objetos e produzem sentidos.

⁵⁵ Não sabemos precisar quanto tempo demora para ocorrer a postagem do texto no site *A Santa Sé*, após o discurso se proferido. Tentamos contato com o setor de comunicação do Vaticano, por e-mail, solicitando essa informação e outras, entre elas, como é feita a tradução do discurso para outras línguas e se todas entram no site ao mesmo tempo; se o discurso que vai para o site é o mesmo do vídeo ou há alguma modificação; se os discursos são escritos pelo próprio papa e, caso contrário, se passam pela aprovação dele. Até o fechamento dessa pesquisa, no entanto, ainda não havíamos recebido respostas.

Figura 8 - Publicação de ator social no *Twitter*

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Twitter*.

Na postagem em questão (Figura 8), o usuário comenta, de forma satírica, o gesto do papa, incitando aqueles que discordam do ato do pontífice de lavar os pés dos detentos. Ele usa da metáfora “bonde” para dizer que Jesus acolheu a todos, sem exceção, nem distinção e, de certa forma, fazer uma crítica social. Do mesmo modo, outro ator também compartilha uma mensagem em sua conta, ressaltando o sentido de acolhimento do gesto.

Figura 9 - Publicação de ator social no *Twitter*

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Twitter*.

O destaque das etnias mencionado no portal *Terra* e em outros portais de notícias, bem como a postura do Papa Francisco de “inclusão” das classes à margem da sociedade, reverbera nos compartilhamentos nas redes sociais.

O usuário da Figura 9, inclusive, questiona que mensagem pode ser extraída da atitude do pontífice, abrindo caminho para um novo diálogo sobre o discurso papal, a partir de outro circuito, que é a sua conta na rede social. Vemos, portanto, as marcas da midiatização no fazer religioso, que ultrapassa os muros da Igreja ou, nesse caso, da penitenciária, e ganha desdobramentos sociais. O primeiro movimento, de sair do templo para realizar, em outro lugar, uma das práticas mais caras para a Religião Católica, que é a missa, já evidencia esse novo “feixe de relações” que a midiatização institui e de que fala Fausto Neto (2008).

Isso porque essas relações estão engendradas em operações “[...] sobre as quais se desenvolvem novos processos de afetações entre as instituições e os atores sociais”. (FAUSTO NETO, 2008, p. 96). Algumas dessas operações são os novos ambientes de diálogo que surgem nas mídias digitais, nos quais os atores sociais posicionam-se acerca de práticas religiosas estabelecidas socialmente, emitindo posicionamentos pessoais.

Assim, percebemos que já não se trata mais de representar a Igreja e suas normativas, mas o Papa Francisco assume um papel de representante da sociedade, independente de religião⁵⁶. Vemos isso no comentário de uma pessoa evangélica, que registra sua opinião no compartilhamento de outro usuário no *Facebook*.

Figura 10 - Publicação de ator social no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

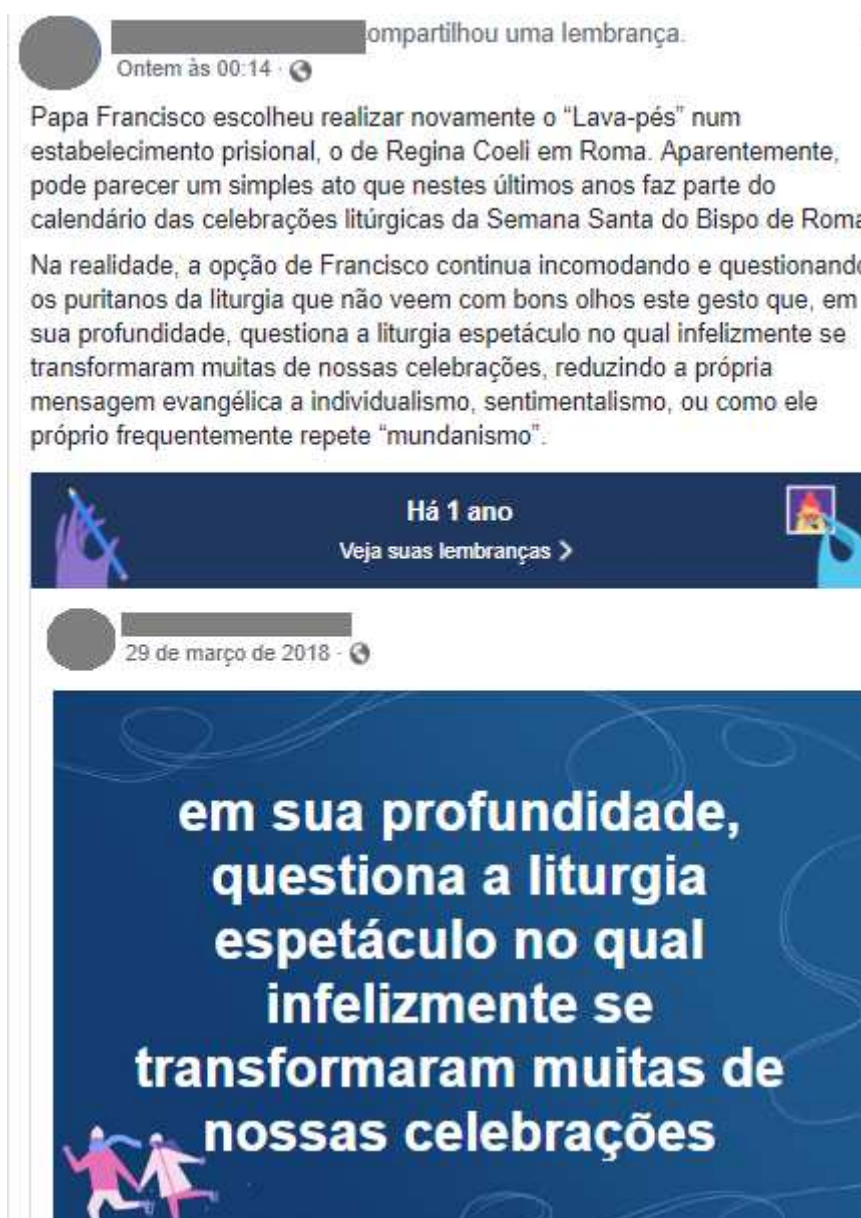
⁵⁶ Vale destacar que essa não é a primeira vez que o papa lava os pés de detentos na tradicional celebração cristã. Em seu primeiro ano de pontificado, Francisco já realizou o ato. No entanto, essa é uma celebração que faz parte da agenda de conteúdos midiáticos e que gera disputas de sentido sempre. Disponível em: glo.bo/30T9NMO. Acesso em: 10 abr. 2019.

O usuário (Figura 10) compartilha a matéria do *GI* em seu perfil pessoal na rede social e acrescenta uma passagem bíblica na postagem a fim de demonstrar que, com o gesto, o pontífice está seguindo os ensinamentos de Cristo, ou seja, dá um caráter religioso ao discurso. O comentário do outro ator social, por sua vez, aciona a figura do papa enquanto representante da sociedade, uma vez que ele fala que a atitude do pontífice “dá uma lição para todos nós”.

No *Facebook* percebemos que as disputas de sentido acerca do discurso papal são ainda mais recorrentes, uma vez que o *Twitter* não abre essa caixa de diálogo abaixo das postagens. É possível responder quem fez a publicação, no entanto, a resposta não aparece na publicação e não se cria um novo circuito de embates - como ocorre no *Facebook*.

É interessante observarmos, ainda, como a internet, de fato, tem transformado os fazeres sociais. Sem ela, dificilmente alguém lembraria do ato do pontífice realizado há um ano. O *Facebook*, no entanto, ajuda a “coleccionar” memórias, o que leva o usuário a recordar o que publicou há um ano, no mesmo dia. Por isso, um assunto que dificilmente voltaria a ser comentado pelos atores sociais, retorna à cena com o auxílio da rede, conforme evidenciamos na imagem a seguir.

Figura 11 - Publicação de ator social no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

No dia 29 de março de 2018, o ator social (Figura 11) em questão fez uma publicação na qual emite uma opinião acerca da atitude do pontífice. No mesmo dia, em 2019, a rede social lembrou de sua postagem, o que o levou a compartilhar a lembrança, acrescida de um novo comentário. Ele ressalta o fato de que a atitude do papa em lavar os pés dos presos não é inédita e faz, ainda, uma crítica aos próprios católicos que, segundo ele, não aprovam o gesto de Francisco.

Desta feita, vemos que não se trata somente da circulação do discurso papal, que resulta em outros discursos, mas a performance do pontífice também pauta a mídia e se torna

“insumo” para embates sociais. São atos que se transformam em palavras. Mais uma vez, temos aqui os rastros de uma sociedade em midiatização. No próximo tópico, tentaremos buscar outras marcas que nos auxiliem no entendimento desse processo.

4.2.2 A Guerra na Síria

Este episódio é composto pelo conjunto que abrange a mensagem proferida pelo Papa Francisco em abril de 2018, no domingo de Páscoa; a matéria veiculada no portal *GI*, que repercute a fala do pontífice, e os desdobramentos dessa notícia nas mídias sociais.

Durante a mensagem *Urbi et Orbi* (para a cidade e para o mundo) (CONFLITO..., 2018)⁵⁷, o papa faz súplicas pelo fim do “extermínio” na Síria. Trata-se de um tema de relevância social, que já integra a agenda de assuntos da mídia e que o pontífice se apropria e aborda em sua explanação.

Figura 12 - Trecho de notícia veiculada no portal *GI*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.⁵⁸

⁵⁷ Disponível em: glo.bo/2QrUhCS. Acesso em: 10 abr. 2019.

⁵⁸ Disponível em: glo.bo/2QrUhCS. Acesso em: 10 abr. 2019.

Francisco também apela à reconciliação da Terra Santa. O pronunciamento foi realizado dois dias depois de confrontos que deixaram 16 mortos na fronteira entre Israel e a Faixa de Gaza. O pontífice fez, ainda, apelos políticos. Ele pediu que fosse autorizada a entrada de ajuda humanitária nas áreas de conflito, além de pedir pela paz no Sudão do Sul e na República Democrática do Congo. Vemos, pois, a figura do “mediador” de conflitos, que sabendo de sua condição enquanto líder mundial, posiciona-se acerca de assuntos midiáticos, criando uma atmosfera de embates.

Ele adentra as lógicas da mídia que, por sua vez, tomam seu discurso dando a ele um enquadramento que privilegia os aspectos políticos atrelados à sua fala - o que se mostra um indício evidente quando analisamos a circulação dos discursos realizados pelo pontífice. Temos, portanto, algumas pistas de como os meios consomem e recriam os discursos do papa.

Figura 13 - Comentários na notícia veiculada no portal *GI*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.⁵⁹

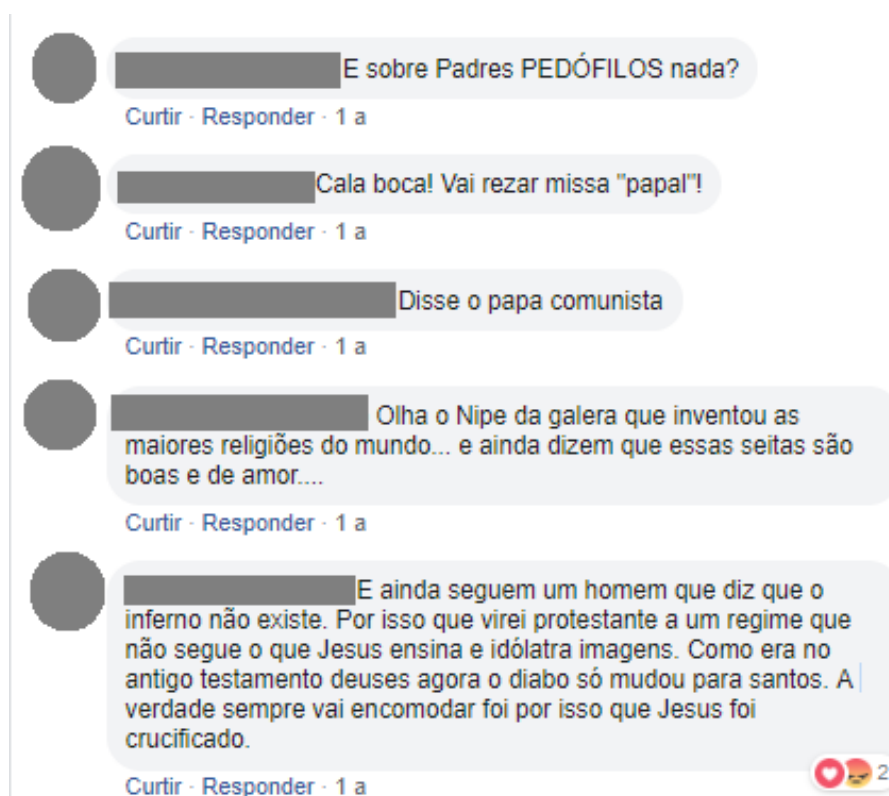
⁵⁹ Disponível em: glo.bo/2QrUhCS. Acesso em: 10 abr. 2019.

A matéria veiculada no *GI*, que na verdade é de autoria da agência de notícias Reuters, conta com 104 comentários logo abaixo da notícia. Os comentários dos atores sociais acionam, em sua maioria, o contexto histórico da Igreja Católica, destacando o período da inquisição e, desse modo, questionando a credibilidade do pontífice. (CONFLITO..., 2018).

O discurso que, em sua gênese, aborda uma mensagem de paz, ao ser apropriado pela mídia, e reapropriado pelos atores sociais, entra em diferentes disputas de sentido. É a subjetividade do ator, que cria novos circuitos, uma vez que existem aqueles que concordam e endossam os comentários subsequentes, mas também vemos os atores que discordam e destacam novas temáticas.

Vemos que o mesmo ocorre nos comentários (Figura 14) da matéria compartilhada no *Facebook*. Na plataforma, ela conta com 821 reações entre “amei”, “curti” e “triste”, além de 74 comentários e 44 compartilhamentos. O que observamos, porém, são os diferentes acionamentos nessa plataforma, pois os atores sociais relacionam a matéria a outras notícias veiculadas na mídia. Um ator comenta “E sobre Padres PEDÓFILOS nada?”, outro, por sua vez, diz: “E ainda seguem um homem que diz que o inferno não existe. Por isso que virei protestante a um regime que não segue o que Jesus ensina e idólatra imagens. Como era no antigo testamento deuses agora o diabo só mudou para santos. A verdade sempre vai encomodar foi por isso que Jesus foi crucificado”. Um aciona os escândalos com pedofilia relacionados à Igreja, o outro faz referência a matéria veiculada com a declaração do pontífice de que “não existe inferno”.

Figura 14 - Comentários na notícia do *GI* compartilhada no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

Assim, destacamos os dispositivos no processo da mediatização, uma vez que no portal é possível comentar e outros atores podem reagir, de forma positiva, dando um *like* no comentário, ou negativa, com um *deslike*. Ocorre que no *Facebook* as lógicas são outras - o que gera novas formas de interação, pois a publicação pode ser compartilhada com observações pessoais do ator, ganhar um novo alcance, pois sai da página institucional e se potencializa em outros espaços.

Além disso, há uma personificação do comentário. Enquanto no site muitos comentários são realizados com pseudônimos, sem fotos, no *Facebook* esse ator social mediatizado pode ser “conhecido” a partir de uma visita em sua página pessoal, o que faz dessa relação algo mais “real”, embora esteja na esfera virtual. A seguir, analisamos a íntegra dessa mensagem, proferida no Domingo de Páscoa.

Figura 15 - Trecho de material veiculado no site *A Santa Sé*

**MENSAGEM URBI ET ORBI
DO PAPA FRANCISCO**

PÁSCOA 2018

*Sacada Central da Basílica Vaticana
Domingo, 1º de abril de 2018*

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs, feliz Páscoa!

Jesus ressuscitou dos mortos.

Ressoa na Igreja, por todo o mundo, este anúncio, juntamente com o cântico do Aleluia: Jesus é o Senhor, o Pai ressuscitou-O e Ele está vivo para sempre no meio de nós.

O próprio Jesus preanunciara a sua morte e ressurreição com a imagem do *grão de trigo*. Dizia: «Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto» (Jo 12, 24). Foi isto mesmo que aconteceu: Jesus, o grão de trigo semeado por Deus nos sulcos da terra, morreu vítima do pecado do mundo, permaneceu dois dias no sepulcro; mas, naquela sua morte, estava contida toda a força do amor de Deus, que se desencadeou e manifestou ao terceiro dia, aquele que celebramos hoje: a Páscoa de Cristo Senhor.

Nós, cristãos, acreditamos e sabemos que a ressurreição de Cristo é a verdadeira esperança do mundo, a esperança que não decepciona. É a força do grão de trigo, a do amor que se humilha e oferece até ao fim e que verdadeiramente renova o mundo. Esta força dá fruto também hoje nos sulcos da nossa história, marcada por tantas injustiças e violências. Dá frutos de esperança e dignidade onde há miséria e exclusão, onde há fome e falta trabalho, no meio dos deslocados e refugiados – frequentemente rejeitados pela cultura atual do descarte – das vítimas do narcotráfico, do tráfico de pessoas e da escravidão dos nossos tempos.

E nós, hoje, pedimos frutos de paz para o mundo inteiro, a começar pela amada e martirizada Síria, cuja população se encontra exausta por uma guerra sem um fim à vista. Nesta Páscoa, a luz de Cristo Ressuscitado ilumine as consciências de todos os responsáveis políticos e militares, para que se ponha imediatamente termo ao extermínio em curso, respeite o direito humanitário e proveja a facilitar o acesso às ajudas de que têm urgente necessidade estes nossos irmãos e irmãs, assegurando ao mesmo tempo condições adequadas para o regresso de quantos foram desalojados.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site *A Santa Sé*.⁶⁰

No site *A Santa Sé* (PAPA FRANCISCO, 2018a) vemos que o discurso do papa abrange não somente os países citados na matéria analisada, mas ele pede, ainda, paz à Península Coreana, à Ucrânia e consolação ao povo venezuelano. Por fim, ele dirige seus votos de Feliz Páscoa a todos os presentes, provenientes da Itália e de vários países, destacando, por fim, aqueles “[...] ligados mediante a televisão, a rádio e outros meios de comunicação”. Lembrar de quem acompanha a celebração pela mídia era uma característica do Papa João Paulo II, que se estendeu nos papados seguintes - e que Francisco destaca nesse discurso. A mesma característica evidenciaremos no conjunto a seguir.

4.2.3 O papa e a China

Outro episódio que trazemos em nossa pesquisa é composto pelo conjunto que abrange o discurso do papa durante a missa por ocasião da abertura da XV Assembleia Geral

⁶⁰ Disponível em: abre.ai/V8K. Acesso em: 10 abr. 2019.

Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada de 3 a 28 de outubro de 2018, e que se encontra no site do Vaticano; pela matéria do portal *GI*, do dia 3 de outubro, intitulada “Papa se emociona ao receber pela primeira vez bispos chineses em sínodo no Vaticano”⁶¹; e pelos comentários dos atores sociais nas redes. Também uma matéria de desdobramento do caso, do portal *GI*, do dia 16 de outubro.

Embora o sínodo (assembleia de bispos) tivesse como temática central “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, a notícia do portal *GI* não faz menção a isso, mas, ao contrário, em sua linha de apoio, menciona episódios de escândalos de abusos sexuais na Igreja Católica, ocorridos pouco antes do início do evento. (PAPA..., 2018h).

Figura 16 - Trecho de notícia veiculada no portal *GI*

Papa se emociona ao receber pela primeira vez bispos chineses em sínodo no Vaticano

Encontro de bispos ocorre sob a sombra dos recentes escândalos de abusos sexuais na Igreja Católica.

Por *GI*

03/10/2018 10h15 - Atualizado há 5 meses



Papa se emociona ao receber bispos chineses, pela primeira vez, no Vaticano

O **Papa Francisco** se emocionou nesta quarta-feira (3) na missa de abertura de uma reunião de bispos no Vaticano, que pela primeira vez contou com a presença de dois bispos chineses. Assista no vídeo acima.

"Hoje, pela primeira vez, estão aqui conosco dois bispos da China continental. Vamos dar a eles as nossas calorosas boas-vindas", disse o Papa na Praça São Pedro, sendo interrompido por aplausos e emocionando-se.

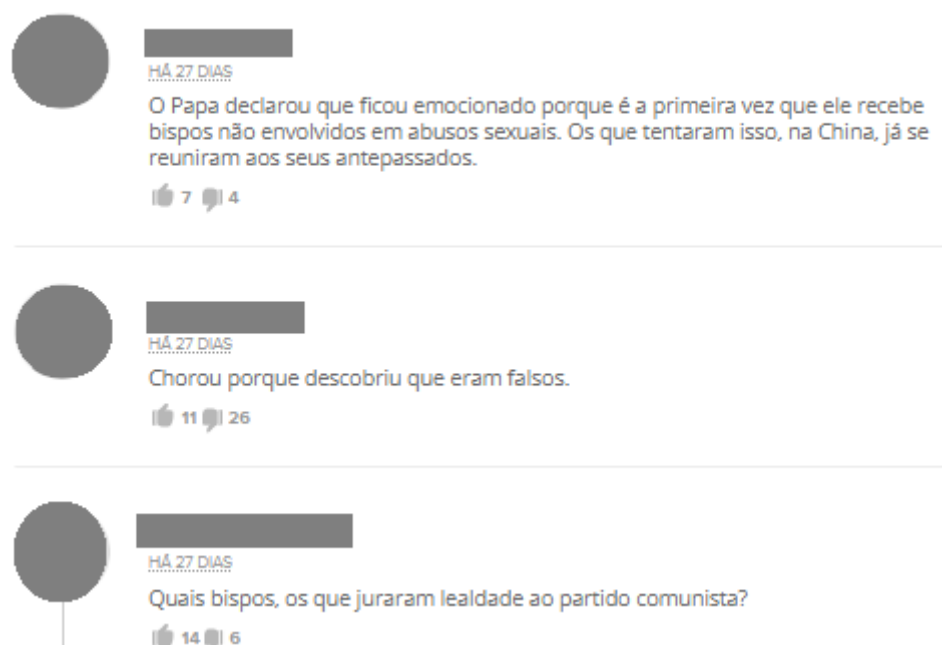
Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.⁶²

⁶¹ Disponível em: glo.bo/2WdcPgk. Acesso em: 10 abr. 2019.

⁶² Disponível em: glo.bo/2WdcPgk. Acesso em: 10 abr. 2019.

A matéria destaca que o papa se emocionou durante a missa, mas não relata em qual momento. O site frisa a fala do pontífice, quando este diz: “Hoje, pela primeira vez, estão aqui conosco dois bispos da China continental. Vamos dar a eles as nossas calorosas boas-vindas”. No entanto, dos 11 comentários que a matéria possui, somente dois endossam a fala do pontífice. (PAPA..., 2018h). Os demais acionam o comentário da linha de apoio, fazendo referência aos casos de abuso sexual e também a questões ideológicas, como na matéria anterior, conforme amostragem abaixo.

Figura 17 - Comentários na notícia veiculada no portal *GI*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.⁶³

Vemos, portanto, alguns indícios iniciais, no que concerne aos comentários realizados pelos atores sociais, uma vez que parecem não se relacionar ao enunciado proferido pelo papa, mas no imaginário do ator que o recebe ganham sentidos quase sempre ligados ao contexto social no qual vive - ou estão imbricados por marcas de afetação da mídia sobre seu fazer.

Esse apontamento vai ao encontro do que diz Fausto Neto (2002, p. 160), quando este destaca que os discursos não são apenas conteúdos, mas também relações “[...] de construção (ou a serem construídas), entre sujeitos e/ou coletivos”. Portanto, tais relações acontecem

⁶³ Disponível em: glo.bo/2WdcPgk. Acesso em: 10 abr. 2019.

mediante linguagens “[...] que se desenvolvem em contextos sociais e linguísticos a partir de operações que se amparam em ‘rituais’, ou em ‘contrato de leitura’, o que a teoria chama modernamente de situações de enunciação””. (FAUSTO NETO, 2002, p. 160).

Essas construções, a que se refere o autor, desenvolvidas em contextos sociais diversos e amparadas em contratos de leitura, são evidenciadas também nas redes sociais. O Brasil vivia um período de eleições em outubro de 2018, quando ocorreu o sínodo e a matéria em questão foi veiculada na mídia. Não obstante, os comentários dos atores sociais no *Facebook* (Figura 18), por exemplo, fazem alusão ao cenário político, acionando o discurso papal para endossar seu posicionamento e, de certa forma, fazer campanha.

Figura 18 - Publicação de ator social no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

Tais operações, realizadas pelos atores sociais, se desenvolvem a partir de contratos de leitura estabelecidos pelo *Facebook*, que determinam as estratégias para veiculação e recepção dos discursos midiáticos em sua plataforma. O conteúdo do discurso, exceto quando infringe a política de conteúdos da rede social, é do sujeito que publica, mas as relações a serem construídas a partir da publicação são de caráter coletivo. Por isso, trata-se de um cenário sócio-técnico-discursivo (FAUSTO NETO, 2010), onde ocorrem mútuas afetações, não lineares, entre instituições, mídias e atores individuais. (VÉRON, 1997).

Outro comentário também utiliza a matéria para falar sobre a ambiência na qual o fato se insere, tirando do pontífice a centralidade do gesto e dando o protagonismo do acontecimento à China, conforme mostra a Figura 19.

Figura 19 - Publicação de ator social no *Facebook*



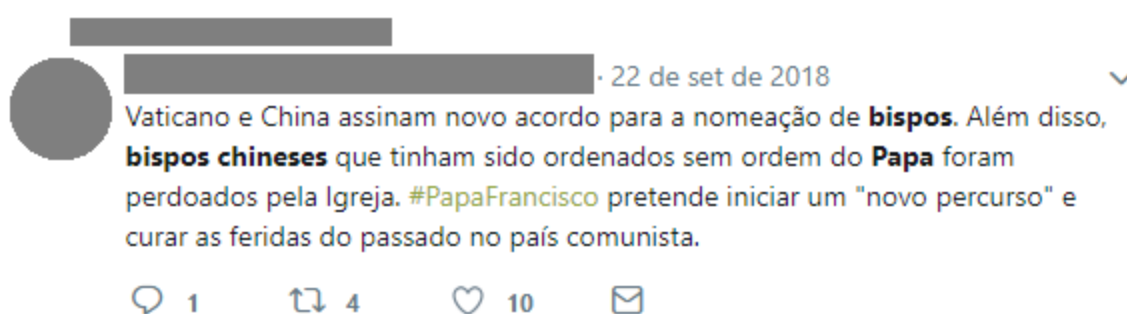
Fonte: Elaborada pela autora, com base no *Facebook*.

O comentário da Figura 19 não menciona a emoção do pontífice na cerimônia, mas destaca a abertura da China ao permitir a vinda dos bispos chineses ao Brasil. Desse modo, o

sentido não gira em torno da figura papal, mas de questões políticas e sociais atreladas ao fato, acionando outros constructos, que vão além do conteúdo discursivo.

No *Twitter*, esse aspecto estava em evidência antes mesmo dos bispos virem ao Brasil, quando um acordo entre China e Vaticano foi assinado, dispondo sobre a nomeação de bispos. Na ocasião, o Papa Francisco passou a reconhecer sete dos 60 bispos nomeados pelo regime chinês durante as últimas décadas⁶⁴, conforme menciona um usuário em sua conta (Figura 20).

Figura 20 - Publicação de ator social no *Twitter*

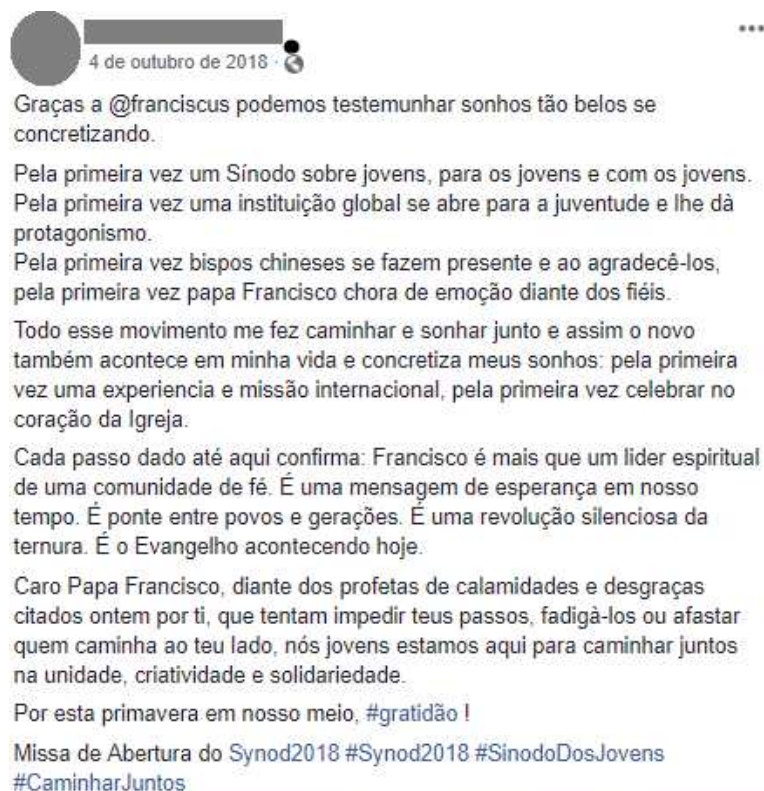


Fonte: Elaborada pela autora, com base no *Twitter*.

O ator social ressalta que o papa pretende restabelecer laços, criando uma aproximação com o país comunista. Deste modo, entendemos que o papa atua como mediador de conflitos, sendo acionado, conforme as demandas, seja por líderes de países ou por coletivos. Tal característica é evidenciada por outro ator social, que conceitua o papa como “[...] uma mensagem de esperança em nosso tempo [...]”, sendo “[...] mais do que um líder espiritual de uma comunidade de fé”, conforme a Figura 21.

⁶⁴ Disponível em: glo.bo/2K9s0jy. Acesso em: 10 abr. 2019.

Figura 21 - Publicação de ator social no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

É interessante observar que esse usuário menciona a conta @franciscus em seu comentário, ao contrário do anterior, que usa a *hashtag* Papa Francisco. Esse usuário não deseja somente mencionar o papa, mas chamá-lo para um diálogo, ou pelo menos direcionar sua mensagem ao pontífice. Mesmo mencionando a conta papal, o ator social começa sua mensagem falando de Francisco em terceira pessoa. Ao final de sua explanação, no último parágrafo, no entanto, o usuário fala diretamente ao pontífice, como nos pareceu sua intenção, previamente. “Caro Papa Francisco [...]”, diz o jovem, e prossegue: “[...] diante dos profetas

de calamidades e desgraças citadas ontem por ti...”. Ele direciona-se ao papa, trata-o com tom de impessoalidade, utilizando o pronome “ti” para se referir ao pontífice, ao contrário do pronome de tratamento vossa santidade.

São traços de ruptura nessa nova ambiência midiática, que reconfigura as relações, permitindo que alguém trate o papa como um amigo e não como alguém que se encontra no cargo mais alto da hierarquia católica e figura como um dos líderes mais influentes do mundo na atualidade⁶⁵. O jovem se coloca, ainda, à disposição. “Nós jovens estamos aqui para caminhar juntos na unidade, criatividade e solidariedade”.

O texto se assemelha, em estrutura, ao de uma carta, na qual o ator social primeiramente se direciona a pessoa endereçada, depois discorre acerca da situação a que se refere e encerra se despedindo e colocando-se à disposição, como um amigo. O fato é que a postura do pontífice, atrelada à ambiência social na qual estamos inseridos, parece suscitar novas formas de sociabilidade entre Igreja e fiel, e, além disso, entre sociedade e instituição eclesial.

Ao retomarmos à homília, publicada no site *A Santa Sé* (PAPA FRANCISCO, 2018c), notamos que o trecho com a fala do pontífice, destacado na matéria veiculada no *GI*, é bastante fiel à declaração original. No veículo do Vaticano lemos: “Hoje, pela primeira vez, estão conosco também dois irmãos Bispos da China continental, a quem damos as nossas calorosas boas-vindas”. (PAPA FRANCISCO, 2018c).⁶⁶

No portal *GI* (PAPA..., 2018h) a palavra “irmãos” está suprimida e, em relação às boas-vindas, a frase está construída de forma a convidar as pessoas a darem uma saudação: “Vamos dar a eles as nossas calorosas boas-vindas”. A notícia fala ainda que o pontífice foi interrompido por palmas.

⁶⁵ No dia 20 de março de 2014, a *Revista Veja* divulgou uma pesquisa da revista americana *Fortune*, que colocou o Papa Francisco na primeira posição na lista das 50 maiores lideranças do mundo. Disponível em: bit.ly/2YU4B9I. Acesso em: 10 abr. 2019.

⁶⁶ Disponível em: bit.ly/2WslPgZ. Acesso em: 10 abr. 2019.

Figura 22 - Trecho da homilia veiculada no site *A Santa Sé*

SANTA MISSA POR OCASIÃO DA ABERTURA
DA XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

*Praça de São Pedro
Quarta-feira, 3 de outubro de 2018*

[Multimídia]

«O Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, Esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que vos disse» (Jo 14, 26).

Desta maneira tão simples, Jesus oferece aos seus discípulos a garantia de que acompanhará todo o trabalho missionário que lhes será confiado: o Espírito Santo será o primeiro a guardar e manter sempre viva e atual no coração dos discípulos a memória do Mestre. Ele faz com que a riqueza e beleza do Evangelho seja fonte de constante alegria e novidade.

No início deste momento de graça para toda a Igreja, em sintonia com a Palavra de Deus, peçamos insistentemente ao Paráclito que nos ajude a trazer à memória e a reavivar as palavras do Senhor que faziam arder o nosso coração (cf. *Lc 24, 32*). Ardor e paixão evangélica que geram o ardor e a paixão por Jesus. Memória que possa despertar e renovar em nós a *capacidade de sonhar e esperar*. Porque sabemos que os nossos jovens serão capazes de profecia e visão, na medida em que nós, adultos ou já idosos, formos capazes de sonhar e assim contagiar e partilhar os sonhos e as esperanças que trazemos no coração (cf. *Jl 3, 1*).

Que o Espírito nos dê a graça de ser Padres sinodais unguídos com o dom dos sonhos e da esperança, para podermos, por nossa vez, unguir os nossos jovens com o dom da profecia e da visão; que nos dê a graça de ser memória operosa, viva e eficaz, que, de geração em geração, não se deixa sufocar e esmagar pelos profetas de calamidades e desgraças, nem pelos nossos limites, erros e pecados, mas é capaz de encontrar espaços para inflamar o coração e discernir os caminhos do Espírito. É com esta disposição de dócil escuta da voz do Espírito que nos congregamos aqui de todas as partes do mundo. Hoje, pela primeira vez, estão conosco também dois irmãos Bispos da China continental, a quem damos as nossas calorosas boas-vindas. Graças à sua presença, é ainda mais visível a comunhão de todo o Episcopado com o Sucessor de Pedro.

Ungidos na esperança, começamos um novo encontro eclesial capaz de ampliar horizontes, dilatar o coração e transformar as estruturas que hoje nos paralisam, separam e afastam dos jovens, deixando-os expostos às intempéries e órfãos duma comunidade de fé que os apoie, dum horizonte de sentido e de vida (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium, 49*).

A esperança interpela-nos, move-nos e destrói o conformismo ditado pelo «sempre se fez assim» e pede que nos ergamos para fixar olhos nos olhos o rosto dos jovens e ver as situações em que se encontram. A mesma esperança pede que trabalhem por derrubar as situações de precariedade, exclusão e violência, a que está exposta a nossa juventude.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site *A Santa Sé*.⁶⁷

Ao analisarmos o texto publicado no site do Vaticano (PAPA FRANCISCO, 2018c), percebemos, ainda, que as temáticas “jovens” e “juventude”, que norteiam todo o discurso papal, são deixadas de lado na matéria divulgada pelo *GI*. (PAPA..., 2018h). Esse ponto acaba sendo banido também dos comentários dos atores sociais, exceto do jovem mencionado anteriormente, cuja publicação no *Facebook* inicia com a frase: “Pela primeira vez um Sínodo sobre jovens, com os jovens e para jovens”.

Como o jovem da publicação em questão estava presencialmente no Vaticano, talvez esse seja o motivo que o levou a uma reflexão mais aprofundada. Os comentários, porém, que partem da notícia, não acionam o conteúdo da homilia, que aborda a importância de acolher e incentivar o jovem na vivência religiosa. Essa informação torna-se coadjuvante na mídia tradicional.

⁶⁷ Disponível em: bit.ly/2WslPgZ. Acesso em: 10 abr. 2019.

O papa também aborda a importância do abrir-se à escuta sincera “[...] livre de preconceitos [...]”. O que, segundo ele, “[...] defende-nos da tentação de cair em posições moralistas ou elitistas, bem como da atração por ideologias abstratas”. Aqui ele reforça sua preocupação em aproximar pessoas e culturas, desprovidas de ideologias, o que evidenciamos também a seguir.

Figura 23 - Publicação de ator social no *Twitter*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Twitter*.

O ator social (Figura 23) conceitua a atitude do pontífice como “[...] a ponte que faltava para dar esperança ao mundo”. Vale ressaltar que o comentário é oriundo da Argentina. São circuitos em torno do discurso que se criam, de fato, “além dos muros”. “Esperança” já havia sido um termo utilizado anteriormente por outro ator social.

Mais uma vez fica evidente a cultura do encontro. Ao analisarmos a homilia na íntegra, no site do Vaticano (PAPA FRANCISCO, 2018c), evidenciamos na última frase do discurso papal que ele encerra com uma mensagem de esperança: “Construí com entusiasmo um mundo melhor que o dos vossos antepassados”. São algumas pistas deixadas pelo papa, que nos ajudam a entender como se caracterizam as estratégias discursivas adotadas pelo pontífice/Igreja Católica.

4.2.3.1 Desdobramentos

Cerca de duas semanas após acolher os bispos chineses, que pela primeira vez participaram de um encontro do sínodo (assembleia de bispos), o papa recebeu dos referidos bispos um convite para visitar Pequim, conforme matéria divulgada no portal *GI* no dia 16 de outubro. (BISPOS..., 2018).⁶⁸ Vemos, portanto, a relevância da temática abordada nessa notícia, que retorna à mídia em forma de uma nova matéria, gerando um circuito em torno do pronunciamento papal. Tal discurso também impacta a Religião Católica, que precisa rememorar fatos passados e trazê-los à tona. Ou seja, percebemos que os rastros deixados enquanto esse discurso transitou suscitaram tensões nesse fazer social – a fé católica.

Figura 24 - Trecho de notícia veiculada no portal *GI*



MUNDO

Bispos chineses John Baptist Yang Xiaoting e Joseph Guo Jincal participam nesta quarta-feira (3), pela primeira vez, de sínodo no Vaticano — Foto: Tony Gentile/Reuters

Dois bispos católicos da China que tiveram permissão do governo de Pequim para participar de uma reunião no Vaticano pela primeira vez convidaram o **Papa Francisco** a visitar seu país, noticiou um jornal católico *Avvenire* nesta terça-feira (16).

Joseph Guo Jincal e John Baptist Yang Xiaoting participaram da primeira quinzena de um encontro de bispos de todo o mundo, conhecido como sínodo, e viram o papa diariamente.

A presença dos bispos chineses foi o primeiro sinal concreto de uma reaproximação entre a Santa Sé e Pequim desde um acordo histórico firmado em setembro sobre o ordenamento de bispos na nação comunista.

BNDES Giro. As melhores taxas e até 60 meses para pagar.

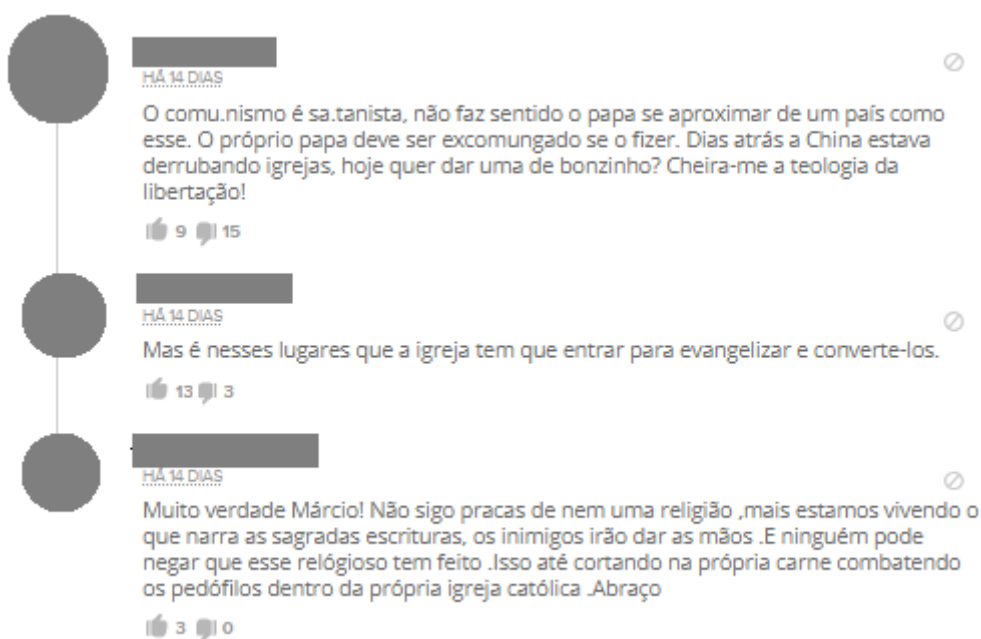
Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.⁶⁹

⁶⁸ Disponível em: glo.bo/30NMcgG. Acesso em: 10 abr. 2019.

⁶⁹ Disponível em: glo.bo/30NMcgG. Acesso em: 10 abr. 2019.

Nessa notícia (BISPOS..., 2018), notamos que alguns comentários reprovam a atitude do pontífice, enquanto outros acionam as sagradas escrituras para aprovar a aproximação. Um dos atores chega a afirmar que o papa deveria ser excomungado por tal atitude, relacionando o ato à Teologia da Libertação.⁷⁰

Figura 25 - Comentários na notícia veiculada no portal *GI*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.⁷¹

Diante dessa perspectiva, o Papa Francisco aparece como um mediador de conflitos, alguém que busca a aproximação entre países, não somente em contexto de encontros e eventos, mas também por meio de visitas - marca evidenciada primeiramente no pontificado do Papa João Paulo II - e reiterada no papado de Francisco.

Com base nessa breve exploração inicial, traremos, a seguir, algumas inferências que, acreditamos, poderão nos auxiliar, posteriormente, quando partirmos para a análise propriamente dita – baseada em conceitos, aos quais adentraremos no capítulo 6.

⁷⁰ A teologia da libertação é uma nova versão do Cristianismo, segundo o racionalismo do teólogo protestante Rudolf Bultmann, e do marxismo, usando “a seu modo”, uma linguagem teológica e até dogmática, pertencente ao patrimônio da igreja, revestindo-se até de uma certa mística, para disfarçar os seus erros. Disponível em: bit.ly/2HYITvu. Acesso em: 10 abr. 2019.

⁷¹ Disponível em: glo.bo/30NMcgG. Acesso em: 10 abr. 2019.

4.3 INFERÊNCIAS INICIAIS

Para identificarmos o que se encontra à jusante em um discurso, nosso método consiste, praticamente, em uma operação matemática. Não vamos aos atores ou aos veículos questionando-os sobre o que os levaram a publicar aquele discurso com determinada entonação, ou o que motivou o sujeito a compartilhar a notícia fazendo certo comentário.

O que fazemos é tentar desvendar as operações da mídia e de atores sociais a partir da subtração de um discurso pelo outro. O que “sobra” são os rastros em trânsito. Para isso, será necessário compreendermos as marcas de cada enunciado a partir de uma análise discursiva, para entendermos que operações estão em jogo em cada construção – e, desse modo, nos apoiarmos em autores que estudam o discurso será fundamental para o sucesso de nossa análise.

Em uma primeira observação, ainda desprovida de aportes mais aprofundados, percebemos algumas inferências iniciais. Por exemplo, vemos que o papa é um ator social embebido pelas lógicas da mídia, o que resulta em uma rápida publicização de seu discurso. Essa publicização, atrelada ao conteúdo da mensagem – que quase sempre privilegia aspectos sociais – ou pelo menos os menciona, potencializa a circulação.

Vemos que os sites dão ao discurso do papa um enquadramento que acorre a aspectos políticos. Também fica evidente que o imaginário do ator social que o recebe está afetado pela sociedade em midiatização e, sobretudo, pelas mídias que figuram como importante aspecto na complexificação das relações sociais – o que a midiatização se preocupa em compreender. Desse modo, ao analisarmos as marcas que emergem do resultado dessa subtração entre análise do texto do pontífice e seus desdobramentos, fica claro que elas estão totalmente atreladas à sociedade em midiatização. Ou seja, o discurso chega a atores que mencionam outras falas do pontífice em uma notícia que versa sobre um tema totalmente diferente – como é o caso do sínodo. Comentários que trazem à tona assuntos como pedofilia ou inferno são vistos – fazendo memória a discursos outros.

Evidenciamos, também, que a fala do pontífice dá margem a diferentes construções e conclusões, uma vez que ele não baseia seus discursos em dogmas da Igreja Católica, ou seja, não usa frases do catecismo, por exemplo, para opinar sobre determinado assunto, mas também não os questiona. Para tanto, utiliza normalmente indagações, como no caso da cerimônia de Lava-Pés: “Quem sou eu para julgá-los?”, permitindo que o ator, em sua subjetividade, tire suas próprias conclusões.

A mídia parece fazer o mesmo, a partir de lógicas jornalísticas. Vemos, portanto, que o discurso do papa, que poderíamos definir como dúbio, em nosso primeiro mergulho empírico, inserido em uma sociedade em midiatização, abre precedente para diversas disputas de sentidos, quando é colocado em trânsito.

5 DA CIRCULAÇÃO AO DISCURSO

No capítulo anterior realizamos um primeiro mergulho no objeto empírico, no intuito de rastrear algumas marcas do discurso papal em trânsito. A fim de aprofundarmos nossa análise, no entanto, é necessário compreender alguns conceitos que nos ajudarão a compreender os processos de circulação e apropriação do discurso do papa. Sendo assim, no presente capítulo abordaremos alguns aspectos conceituais relacionados aos estudos de circulação, com aportes teóricos de Rosa (2016), Ferreira (2013), Fausto Neto (2006; 2018) e Verón (2013); também trabalharemos os conceitos de campos, circuitos e fluxos, evocando os estudos de Braga (2017). No que tange as noções de usos, apropriações e fagias, nos apoiaremos nos estudos de Proulx (2016) e Rosa (2016; 2019); e para trabalhar o conceito de discurso nos deteremos às pesquisas de Verón (2004) e Fairclough (2001). No que se refere aos contratos de leitura, Eco (1987) e Fausto Neto (2002, 2010) serão norteadores nessa pesquisa.

5.1 CIRCULAÇÃO

Todo material colocado em uma dinâmica de ação está submetido a um processo de circulação. O conceito, que antes se restringia a uma “zona de passagem”, hoje se caracteriza como lugar de embates, uma vez que os dispositivos que levam a mensagem ao receptor estão dotados de significados, tornando o consumo muito mais do que a absorção de conteúdo, mas uma produção de sentidos.

Mesmo que os dispositivos sempre carregassem sentidos, não se pensava sobre eles e nem sobre suas lógicas – que afetam as práticas sociais. Tampouco se pensava no intervalo entre produção e recepção como uma instância de trabalho, sendo visto somente como um elo intermediário, que ligava os dois polos. No final da década de 1970, no entanto, algumas hipóteses começaram a ser traçadas a respeito do funcionamento da circulação, entre elas a de que “[...] os rastros de seu funcionamento seriam invisíveis, restando reconhecer que a circulação seria a diferença de uma atividade de contato entre produtores e receptores de mensagens”. (FAUSTO NETO, 2018). Desse modo, para rastrear a circulação, seria necessário reconhecer o intervalo entre os polos de emissão e recepção em contato.

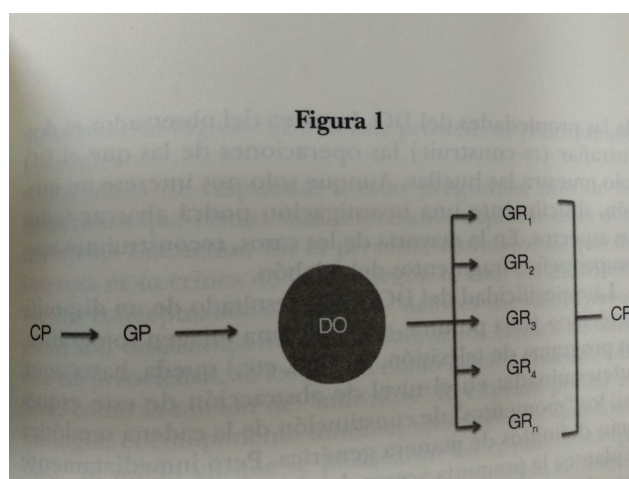
Embora, à época, os autores destacassem a impossibilidade de enxergar os rastros, considerando-os invisíveis, é justamente isso que buscaremos observar nesse trabalho. A partir da diferença entre as atividades realizadas pelos polos, tentaremos rastrear as marcas

“invisíveis” presentes na circulação – uma instância dotada de complexidades e lógicas próprias, hoje reconhecidas. É na concepção de Verón (1979 apud FAUSTO NETO, 2018), de que a “[...] diferença estaria também associada às regras (gramáticas) sobre as quais se estruturariam mensagens organizadas segundo modos distintos pelos dois polos de interação”, que iremos nos apoiar. Isso porque será necessário considerar as gramáticas presentes em cada discurso, no intuito de desvendar tais rastros. Para isso, utilizaremos também os estudos de Fairclough (2001), que serão detalhados posteriormente, em outro tópico deste capítulo.

Caminhando para uma concepção de circulação que ultrapassa os fluxos lineares cunhados pelo funcionalismo, de uma abordagem transmissional da mensagem, e considerando novas formulações que apontam para a natureza relacional presente na circulação, percebemos que os dois polos de interação (produção e reconhecimento) estão dotados de lógicas e regras (gramáticas) próprias, sendo que a interação entre eles se dá em torno de diferentes “feixes de relações”. (FAUSTO NETO, 2018).

A circulação é, portanto, um lugar que envolve “[...] vários níveis de discursividades [...]” (VERÓN, 1983; 1985 apud FAUSTO NETO, 2018) e no qual há diferentes formas de apropriação, segundo lógicas e gramáticas do mundo dos atores. Verón (2013) propõe um esquema no qual explica esse processo.

Figura 26 - Esquema da circulação discursiva de Eliseo Verón



Fonte: Verón (2013, p. 293).

O autor denomina Discurso/Objeto como DO, sendo que ele é o signo submetido à análise. Em nosso caso, o discurso do Papa Francisco. O autor salienta, no entanto, que esse objeto pode ser trabalhado sob diferentes perspectivas, por isso, anterior a ele, está no

diagrama a Gramática de Produção (GP), pois “[...] as regras da gramática de produção permitiriam gerar, ao menos a princípio, um número indefinido de DO com as mesmas propriedades”. (VERÓN, 2013, p. 293, tradução nossa⁷²). Assim, Verón ressalta que tais gramáticas de produção formalizam as operações, mas não as explicam, pois há ainda Condições de Produção (CP) que se encontram antes das gramáticas, e que podem ser sociais, econômicas, políticas, históricas.

Do lado do reconhecimento, portanto, também há uma pluralidade de Gramáticas de Reconhecimento (GR) que, para sua explicação, exigem “[...] um reenvio a condições de reconhecimento (CR)”. (VERÓN, 2013, p. 293). Sendo assim, temos um discurso permeado por gramáticas de produção institucionais, midiáticas e jornalísticas, que são geradas a partir de determinados contextos. O reconhecimento se dá partir da apropriação dos atores sociais e da mídia que, na instância da condição de reconhecimento, recebem sua chancela, retornando ao papa como um novo discurso, ou para a própria instituição jornalística.

Nesse sentido, trazemos quatro noções sobre circulação presentes nas proposições de Verón e abordadas no estudo de Fausto Neto (2018), que consideramos importantes para essa pesquisa. São elas: desvio, articulação, apropriação e interpenetração. Primeiramente, ao considerar a existência de dois conjuntos de gramáticas, é necessário destacar que há um desvio, ou seja, uma ruptura, uma vez que “[...] ambos os polos da circulação estão operando segundo lógicas qualitativamente distintas”. (VERÓN, 2013, p. 288 apud FAUSTO NETO, 2018).

Para pensar na complexidade das relações entre os dois polos, na articulação que há entre eles – e que se dá por padrões de interpenetrações - Verón apoia-se nos contratos de leitura, outro ponto que será explorado com mais profundidade posteriormente. Esse conceito é importante pois, na circulação, ocorrem “[...] jogos enunciativos complexos[...]”, ou seja, “[...] um lugar no qual se processam operações de investimentos de sentidos que envolvem vários níveis de discursividades”. (VERÓN, 1983; 1985 apud FAUSTO NETO, 2018).

A apropriação, por sua vez, que também será abordada novamente neste trabalho, está intimamente ligada à circulação. Isso porque a noção de apropriação implica “[...] em relações sistemáticas entre dois conjuntos [discursos em oferta e os dos receptores segundo trabalho] e sobre suas relações discursivas”. (VERÓN, 2004, p. 237 apud FAUSTO NETO, 2018). Sendo que as formas de apropriação são diversas, pois estão situadas no mundo dos atores.

⁷² Todas as citações utilizadas de Verón (2013) são traduções nossas.

Sendo assim, o discurso do papa não somente se move, mas se complexifica à medida que se desloca – e se potencializa. A fala sai dos muros da instituição e entra em circuitos diversos – de rádio, televisão, sites, portais, redes sociais, grupos de jovens, de casais, de conversas de senhoras na porta da Igreja, de professores na sala de aula, de pessoas em uma mesa de bar.

De “zonas de passagem” tornam-se “zonas de contato” (FAUSTO NETO, 2006). Quem está nessa nova ambiência? O papa, o jornalismo, as práticas jornalísticas, as mídias, as lógicas da mídia, a instituição religiosa, o líder, o dogma, a construção, a reconstrução. É um arranjo complexo – e que não se esgota. Além disso, a partir do surgimento de um meio como o *Facebook*, novas lógicas de interação emergem. Ao considerarmos uma homilia específica, como a realizada na Quinta-Feira Santa, no Cárcere Regina Coeli, inscrita no portal *Terra* (PAPA..., 2018^a)⁷³, percebemos que os comentários não são realizados em caixas de diálogo próprias do site, mas são redirecionadas para embates no *Facebook*, inseridos dentro do portal. É um discurso que circula e retorna ao meio “gerador”. Evidencia-se, pois, um processo de circularidade – e é nesse meio, nesse processo, que ocorre a manipulação do discurso, segundo regras e estratégias próprias do enunciador, que dá novos desdobramentos ao enunciado.

Desse modo, consideramos que a circulação se encontra à jusante. Ou seja, a circulação se dá entre as gramáticas de produção e de reconhecimento, que “[...] sempre estarão em funcionamento [...]”. (ROSA, 2016, p. 64). Segundo a autora, “[...] a circulação surge quando há troca, isto é, reconhecimento de um valor, sempre que produção e recepção se dizem de acordo. Isto implica dizer que a circulação é um processo de igualdade em que produção e reconhecimento se ligam”. (ROSA, 2016, p. 65). E, a partir dessa visada, a autora destaca o papel dos dispositivos, lugares nos quais ocorrem tais disputas de sentidos, articulações, trocas e agenciamentos entre produtores e receptores. (ROSA, 2016).

Ainda de acordo com a pesquisadora, nesse processo “[...] há emissores e receptores de primeiro e segundo nível” (ROSA, 2016, p. 65) e isso ocorre porque o emissor, certamente, em algum momento, será também receptor, uma vez que “[...] a mensagem que circula é também circular”. (ROSA, 2016, p. 65). Nessa esfera, na qual o emissor também se configura como um receptor em potencial, onde, a qualquer instante, pode voltar a ser acionado dentro do contexto da circulação, evidenciamos um processo de apropriação e, ainda, de (re)

⁷³ Disponível em: bit.ly/2wpX5aH. Acesso em: 10 abr. 2019.

apropriação do discurso papal. Evidenciamos tal aspecto, pois o discurso que é produzido pelo Papa Francisco é apropriado pelas mídias e reapropriado pelos atores sociais. Sendo assim:

É no instante em que se percebe que *os usos e as apropriações estão a serviço da ação midiática*, ou seja, a produção é feita para a própria circulação, o que modifica as relações entre Instituições Não Midiáticas, Instituições Midiáticas – em especial as jornalísticas – e os atores sociais, pois todos passam a dividir a construção do sentido social. (ROSA, 2016, p. 65, grifo da autora).

Além disso, essa circulação, segundo Rosa (2016), pode se dar de duas formas, ou seja, de modo intra e intermediária. Nesse caso, dependerá dos “[...] circuitos envolvidos [...]” (ROSA, 2016, p. 65). De acordo com a autora, a circulação intramediática se dá no âmbito do dispositivo. Já a intermediária ocorre entre dispositivos. Em nosso caso, percebemos que o discurso do papa está inscrito em ambas as circulações, pois ocorrem tensões, trocas, disputas de sentidos tanto nos portais de notícias, como nas mídias digitais e entre os próprios atores sociais.

Em estudo mais recente, a autora avança em sua pesquisa, dando novos rumos à concepção de circulação, antes cunhada por ela como um “espaço de valor”. Ela conceitua circulação, agora, como disputa, embate pela produção de sentido, mas que se realiza “[...] no âmbito dos dispositivos midiáticos”. (ROSA, 2019, p. 22).

Tal concepção parte do pressuposto de que esses embates envolvem cada vez mais “[...] contatos, fusões, que tornam opacos os contornos entre as gramáticas de produção e recepção”. (VERÓN, 2004 apud ROSA, 2019, p. 22). Nesse sentido, a pesquisadora tensiona o que Verón chama de “desvios”, mencionados anteriormente e também chamados de “defasagens”, considerando não sua extinção, mas sua potencialização, uma vez que “[...] tanto instituições midiáticas quanto atores sociais têm condições efetivas de agenciar a circulação”. (ROSA, 2019, p. 22-23).

Essa visada nos ajuda a pensar no discurso do papa não como um produto que circula, mas que aciona fluxos. Ou seja, não se trata de analisar discurso pelo discurso, mas sim os circuitos que agencia e as complexidades que desperta. Rosa (2019), ao analisar a circulação da imagem da “[...] muçulmana insensível [...]” (PRASS; ROSA, 2017 apud ROSA, 2019, p. 23), menciona múltiplas perspectivas de valor que são atribuídas a esse registro fotográfico no momento em que circula – o que nós também podemos evidenciar em nossa pesquisa.

Ou seja, temos um discurso, ou fragmentos dele, que acabam descolados de seu sentido original, sendo tragados pela mídia e pelos atores sociais ganhando novas atribuições de valores, novos sentidos. Em sua pesquisa, a autora aborda valor como troca, valor de

narrativa, valor simbólico e não-valor. (ROSA, 2019). Cada uma dessas perspectivas pode ser evidenciada em nosso caso. Dessa forma, o valor está na apropriação e destinação dada ao discurso pelas mídias e atores sociais, determinadas por suas lógicas e que estão condicionadas a motivações diversas e subjetivas. Como exemplo, lembremo-nos de nossa breve exploração anterior, quando evidenciamos casos de pedofilia sendo rememorados por atores em uma matéria que se referia à presença de bispos chineses em um sínodo. O sentido do discurso torna-se outro e não mais o acontecimento em si – o mesmo ocorre com a imagem da mulher muçulmana, cujo contexto foge do atentado em si e concentra-se em questões políticas e de xenofobia.

Em relação ao valor da narrativa, a autora destaca o valor que o indivíduo dá para a imagem, que somente permanece circulando se ela for “[...] valorada reiteradamente [...]”, ou seja, o discurso “fala” por si só, por isso sua permanência na circulação está atrelada à sua potencialidade de totemismo – ser autorreferencial, ter sentido descolado de seu contexto original. Isso está ligado ao poder simbólico que a imagem ou, em nosso caso, o discurso possui – e que determina sua permanência em fluxo. Considerando que “[...] o poder simbólico se constitui pela enunciação, pelo modo de fazer ver e, logo, crer em determinado aspecto [...]” (BOURDIEU, 2011, p. 14 apud ROSA, 2019, p. 26), a autora infere que ele se encontra na relação entre os que o exercem.

Para que um valor seja construído, outros são rechaçados, ou seja, é preciso considerar o não-valor que o produto possui – e que pode, inclusive, resultar na perda do seu valor de existência. No caso da imagem da muçulmana, o seu valor-acontecimento é sobreposto pela sua “insensibilidade” perante o fato (caminhar olhando para o celular enquanto há pessoas feridas caídas no chão). Nesse sentido, o valor é construído a partir do reconhecimento que é atribuído a essa imagem e isso lhe dá novos fluxos.

Ferreira (2013, p. 145) chama isso de “[...] recepção produtiva [...]”, uma vez que ocorre uma “[...] participação ativa do receptor na produção de dispositivos midiáticos”. (FERREIRA, 2013, p. 145). Para ele, o dispositivo não é “[...] meio nem mensagem [...]”, mas se caracteriza como “[...] lugar de inscrição [...]”. (FERREIRA, 2013, p. 147). Para Ferreira (2013), as interações nas redes sociais não descartam os valores sociais que podem aparecer, mas essas novas formas de sociabilidade se caracterizam como “[...] um novo real [...]”. (FERREIRA, 2013, p. 149). Segundo Verón (2013, p. 281, grifo do autor), “[...] a WWW comporta uma mutação nas condições de acesso de atores individuais à discursividade midiática, produzindo transformações inéditas nas condições de circulação”. Desse modo, entendemos que as lógicas dos dispositivos tecnológicos afetam as práticas sociais de diversos

campos, entre eles o religioso, suscitando diversos circuitos e fluxos, cujos conceitos serão abordados no tópico que segue.

5.1.1 Campos, circuitos e fluxos

A comunicação entre os campos sociais, e deles com a sociedade, passa, sobremaneira, pelo campo da midiaticização. Xavier (2014), por exemplo, estuda o campo da psicologia perpassado pelo campo dos *media* e pelas lógicas da midiaticização, no que ela chama de “[...] consulta transformada [...]” – que sai do divã e vai para as colunas do jornal. A autora analisa uma coluna, na qual as cartas de leitores contando suas dúvidas, anseios e devaneios são veiculadas e tensionadas por meio de uma “[...] escuta pública [...]” em uma espécie de “[...] divã coletivo [...]”. (XAVIER, 2014, p. 12).

Segundo a autora, “[...] os múltiplos campos de ação na sociedade fazem experimentação midiática segundo suas próprias lógicas, agenciando assim outros processos, em busca de outros resultados”. (XAVIER, 2014, p. 11). Assim como a psicologia, o campo religioso também tem suas lógicas afetadas pelas lógicas das mídias. Conforme Braga (2017, p. 57):

Os diferentes campos sociais, no seu trabalho de articulação com o todo social, desenvolvem táticas e usos para as tecnologias disponíveis, moldando-as a seus objetivos. Ao experimentarem práticas mediáticas, ao se inscreverem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos midiaticizados, ao darem sentidos específicos ao que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da midiaticização.

Os campos sociais, portanto, não podem mais ser vistos de forma isolada, mas inseridos em uma sociedade em midiaticização, também eles desenvolvem nesse novo espaço tentativas diversas, por meio da experimentação. Não somente se apropriam das mídias digitais ou tecnologias, mas são impactados por esse *bios* social no qual as experiências são, sobremaneira, transformadas.

Na esfera religiosa, podemos evidenciar tais mudanças na forma como os atores sociais vivem a fé. Não nos referimos somente às vivências mediáticas – considerando um fiel que assiste à missa pela televisão ou internet – mas às práticas midiaticizadas, ou seja, o que esse fiel faz com esse material que consome. A religião, portanto, sai do âmbito de um fazer estabelecido socialmente e se inscreve em diferentes circuitos, a partir da midiaticização. O sermão (homilia) do padre na missa, ou do papa, em nosso caso, não fica restrito àquelas

pessoas que estiveram, presencialmente, no encontro. O discurso ultrapassa os muros da Igreja e adentra em circuitos diversos, por meio da circulação – entendida por nós, conforme mencionado no tópico anterior, não como um lugar de passagem, mas sim como um espaço de trocas, embates, de disputas de sentidos.

É a partir dessa perspectiva que compreendemos o “[...] *produto mediático* [...]” (BRAGA, 2017, p. 53, grifo do autor), em nosso caso, o discurso do papa, não como um ponto de partida no fluxo, mas como algo que “[...] encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual se alimenta” (BRAGA, 2017, p. 53), uma vez que o produto está sempre sendo tensionado e/ou modificado.

Considerando que a relação entre produtor e receptor não se dá de forma linear e que esse último, por sua vez, “[...] *faz seguir adiante* as reações ao que recebe [...]” (BRAGA, 2017, p. 51, grifo do autor), nos propomos a pensar em quais circuitos estão inscritos tais produtos e como eles colocam adiante a circulação. Além disso, vale ressaltar que isso não se dá somente pela emergência dos novos meios, mas porque esses produtos que circulam na “[...] mídia de massa [...]”, também são retomados em ambientes outros – ultrapassando a “[...] *situação de recepção* [...]”. (BRAGA, 2017, p. 51, grifo do autor). São nesses outros ambientes que se desenvolvem os circuitos e que podem ser de diferentes formas, conforme ocorrer o “[...] fluxo adiante [...]”. (BRAGA, 2017, p. 52).

O autor destaca que esse fluxo pode ser “[...] desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não)” (BRAGA, 2017, p. 52), ou seja, o discurso inserido em portais de notícias, por exemplo; ou “[...] elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples ‘conversa de bar’ [...], a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polêmica”. (BRAGA, 2017, p. 52).

Nesse sentido, vemos que o discurso do papa se dá em várias dessas instâncias, uma vez que repercute na forma de outros textos; gera comentários em diferentes plataformas; retorna à mídia e à instituição, como é o caso do sínodo dos bispos, abordado na exploração anterior; cria embates interacionais.

Conforme o autor, podemos destacar dois âmbitos de escuta nesse fluxo. “Uma escuta para apropriação dos resultados de episódios anteriores a serem acionados como elemento a ser processado em nova interação; e uma ‘escuta expectativa’ buscando prever a potencialidade de acolhida e tensionamento do que se dirá”. (BRAGA, 2017, p. 54). Ou seja, tanto a mídia jornalística quanto a Igreja Católica, o papa e os atores sociais desenvolvem estratégias no momento de criar fluxos para esse produto – o que é próprio de uma sociedade

em vias de midiaticização, criando circuitos que atravessam campos estabelecidos, como o religioso.

A fim de entendermos como se dá esse processo de uso das mídias e dos atores sociais, bem como suas formas de apropriação, no próximo tópico exploraremos tais conceitos, bem como a noção de fagia – um termo do qual nos apropriamos nessa pesquisa e que abordaremos sob um novo viés, no intuito de aprofundá-lo e adequá-lo à proposta deste trabalho.

5.1.2 Usos, apropriações e fagias

Entendemos usos como aquilo que os atores sociais fazem com os dispositivos técnicos e objetos. (PROULX, 2016). O autor traça um panorama do que consiste o termo, passando do consumo às apropriações. Isso ocorre porque “[...] quando falamos em uso e nos referimos apenas ao consumo, estamos nos contentando com o fato de que um determinado indivíduo comprou ou não um objeto”. (PROULX, 2016, p. 45). Quando colocamos esse objeto em uma dinâmica de ação, ou seja, quando fazemos algo com esse dispositivo ou produto, trata-se de um processo de apropriação.

Vale destacar, portanto, que uso e apropriação não são a mesma coisa. Quando falamos em uso, nos preocupamos se o utilizador atingiu seu objetivo ao utilizar o objeto, “[...] se usa o objeto de acordo com as instruções ou não”. (PROULX, 2016, p. 46). Desse modo, segundo o autor, “[...] quando falamos em apropriação, não há simplesmente o domínio técnico do objeto; há também um gesto de integração com a vida cotidiana”. (PROULX, 2016, p. 46). Ou seja, se esse uso não integra a vida pessoal, profissional ou doméstica de quem utiliza o objeto, não há, de fato, apropriação.

Além disso, esse uso criativo, ou seja, quando há apropriação, pode levar “[...] a uma reinvenção da prática [...]”. (PROULX, 2016, p. 46). Assim, podemos dizer que “[...] o consumo está ligado ao campo do marketing, dos estudos de difusão. A utilização está mais ligada à ergonomia das interfaces, e a apropriação está mais ligada à sociologia da apropriação”. (PROULX, 2016, p. 46). Por isso, entendemos que o uso está estritamente ligado à apropriação, na medida em que o segundo está condicionado ao que é feito com o primeiro.

Portanto, a partir do momento em que há compartilhamento de uma notícia, em que é feito um comentário, ou quando é extraído um trecho do discurso do papa, acrescido de uma

frase e publicado em uma rede social, existe aí um uso criativo desse material colocado em circulação, ou seja, há uma apropriação.

Essa noção de apropriação data dos anos 1970, na França, quando alguns pesquisadores resolveram estudar a questão dos usos não somente em nível de objetos técnicos, mas também sua dimensão sociopolítica, conceitual e de inscrição nas relações sociais de poder. (PROULX, 2016). A partir dessa visada, passa-se a entender os objetos como “[...] espaços de luta, de apropriação”. (PROULX, 2016, p. 49). Segundo o autor, a apropriação precisa de certas condições para acontecer. Por exemplo, a acessibilidade ao dispositivo técnico, pois, se não há acesso, não há apropriação.

Outra condição é que haja “[...] integração do uso na prática cotidiana do ator” (PROULX, 2016, p. 50), ou seja, trata-se de uma integração significativa. O autor ressalta que essa condição emergiu a partir de um trabalho de observação de aulas de informática em meios populares de Montreal, nas quais as pessoas tentavam compreender o funcionamento do computador, mas, ao voltarem para casa, não tinham um computador à disposição.

A terceira condição para que a apropriação ocorra, segundo Proulx (2016), é a inovação. Ou seja, usos que geram novidades, na prática. Como exemplo, ele cita a prática da escrita e o uso de editor de texto. “Quando começamos a utilizar, nos anos 1980, um editor de texto, demo-nos conta de que isso tinha um impacto no modo de escrever. Temos aí um caso em que o uso tem um impacto na prática”. (PROULX, 2016, p. 50).

O autor destaca ainda como condição a mediação por uma comunidade de prática. “Uma comunidade de práticas é um conjunto de indivíduos que se reúnem em torno de uma mesma prática e que trocam ideias para aprender”. (PROULX, 2016, p. 51). Como exemplo, ele cita as comunidades de prática presentes na internet, que prestam auxílio para quem busca ajuda na rede para algum problema. “Basta digitar algumas palavras no Google para encontrar usuários que tenham o mesmo problema”. (PROULX, 2016, p. 51).

A última condição, por sua vez, apresentada pelo autor, diz respeito à representação política organizacional do usuário, ou seja, “[...] o usuário deve ser representado como usuário em instâncias políticas que pensam”. (PROULX, 2016, p. 51). E, nesse aspecto, ele exemplifica citando o desenvolvimento dos usos na França, na qual muitas políticas foram criadas para favorecer o desenvolvimento da informática, o digital. “O usuário deve ter portavozes na elaboração dessas políticas, assim como também deve ter portavozes no processo de produção industrial de objetos comunicacionais”. (PROULX, 2016, p. 51).

Em nossa análise, portanto, esses serão pontos que observaremos, a fim de entendermos como se dá o processo de usos e apropriações em relação ao discurso do papa,

tanto pelas instituições, sejam elas jornalísticas ou a própria Igreja, que desenvolve um manejo sobre esse produto, quanto pelos atores sociais - que acreditamos serem, nesse processo, os que desenvolvem táticas mais criativas no que diz respeito ao uso desse conteúdo por eles apropriado. Ainda dentro do processo, abordaremos, a seguir, o que entendemos por *fagias* – um termo que está inscrito na apropriação – uma vez que se trata de um uso criativo do discurso.

Rosa (2016) conceitua *fagia social* no sentido adotado por Flusser e Baitelo Júnior. “*Fagia de consumo, deglutição de imagens, mas pela ordem do social. As imagens são devoradas, passam a integrar o coletivo. Mesmo que haja uma elaboração de outros textos, manchetes, legendas, o olhar continua sendo tragado para as imagens totêmicas*”. (ROSA, 2016, p. 70). Em sua pesquisa, a autora estuda a circulação e apropriação de imagens:

[...] Visando investigar quais lógicas acionam diferentes níveis/fluxos de movimentos em que uma imagem ora é inscrita num dispositivo de uma instituição midiática jornalística, ora é apropriada por atores sociais que constroem outros textos a partir da imagem primeira, tornando-se enunciadores mediáticos (CARLÓN, 2012), principalmente na web. (ROSA, 2016, p. 60).

Vemos que o percurso investigativo adotado pela autora é o mesmo que buscamos nessa pesquisa, no entanto, a partir de outro objeto. Portanto, enquanto a autora está preocupada com a circulação e apropriação de imagens e em como se dá esse fluxo, nós nos preocupamos com essa mesma prerrogativa, porém, na ordem do discurso. Ou seja, o que é feito com o texto do pontífice? Partimos, pois, da hipótese de que estamos diante de uma *fagia discursiva*, termo criado por nós para denominar esses processos de consumo, deglutição, reelaboração, edição, adição ou supressão do discurso papal.

A autora parte do pressuposto de que “[...] a imagem revela mais de quem a contempla do que de quem a produziu de fato” (ROSA, 2016, p. 61) e nós corroboramos com essa ideia, na medida em que o discurso papal, ao ser apropriado pelos atores sociais, por exemplo, reflete determinada imagem de quem o faz circular, pois nesse discurso reelaborado, inscrito em novos circuitos pelo ator social, há marcas de apropriação e manejo desse texto que são subjetivas e próprias de quem as produz.

Em sua pesquisa, Rosa (2016) analisa as imagens que são tragadas pelos atores sociais, que se apropriam de imagens veiculadas pelas instituições jornalísticas e as disseminam em seus dispositivos midiáticos, descoladas do seu contexto original ou não, ou então são por eles modificadas na forma de *mashups*, ou seja, circulação de imagens em forma de vídeos ou slide shows, de modo performático. E, também, analisa o processo de

apropriação de imagens amadoras por parte das instituições jornalísticas, que se apropriam de imagens ou vídeos produzidos pelos atores sociais, integrando às suas rotinas, processo que a autora conceitua como fagia midiática.

Vemos tanto o primeiro movimento quanto o segundo em nossa pesquisa, uma vez que o discurso papal é apropriado pelos atores e posto em circulação, gerando novos circuitos, conforme visto anteriormente; mas evidenciamos que o que é produzido pelo papa e pelos atores também é apropriado pelas instituições jornalísticas. Temos, como exemplo, uma publicação do portal *GI*⁷⁴, na qual a reprodução de uma mensagem do papa, publicada em sua conta no *Twitter*, é inserida dentro da notícia e torna-se subsídio para a matéria. Na mensagem, o papa diz que a acolhida recebida em Copacabana, no Rio de Janeiro, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), foi inesquecível, e é justamente esse o título que a matéria possui. Não se trata de comentários dos atores sociais integrando a notícia, mas do próprio pontífice, enquanto ator social, uma vez que se trata de sua conta pessoal na plataforma digital.

Esses são movimentos interessantes e que nos propomos a observar em nossa análise. Ou seja, quais os níveis de fagia presentes nos episódios selecionados, bem como de que forma ocorrem os usos e apropriações do discurso. As apropriações obedecem às condições propostas por Proulx (2016)? São pontos a serem investigados posteriormente.

Dando sequência ao nosso aprofundamento teórico, a seguir abordaremos dois autores que tratam sobre o conceito de discurso, descrevendo suas táticas de análise. Adentrando tais obras, buscaremos subsídios para esquematizarmos nosso percurso metodológico, que será explicado no próximo capítulo.

5.2 DISCURSO

Para materializar nossa análise, utilizaremos dois autores como aportes teóricos, no que diz respeito ao discurso. Com Verón (2004), adentraremos o conceito na perspectiva da midiatização. Fairclough (2001) nos ajudará no âmbito linguístico, porém, também pela ordem do social. Escolhemos esse autor, com o qual nos aproximamos ao realizarmos o estado da arte, por ser o que mais se aproxima da perspectiva da midiatização, uma vez que ele considera o discurso como uma forma de ação das pessoas sobre o mundo e sobre os outros, além de uma forma de representação.

⁷⁴ Disponível em: <glo.bo/2VmruEa>. Acesso em: 25 de out. 2019.

Começaremos com Verón (2004), para o qual a análise do discurso é sempre intertextual, sendo que uma superfície discursiva é composta por diversas marcas “[...] descritas como traços de operações discursivas”. (VERÓN, 2004, p. 159). Entre esses traços estão as marcas linguísticas e também as não linguísticas – no caso do discurso da imprensa, a imagem que acompanha o texto, por exemplo.

No livro *Fragmentos de um tecido*, o autor realiza uma análise do discurso, utilizando como *corpus* capas de revista. Seu procedimento metodológico nos parece interessante, na medida em que o autor faz diversas operações, comparativas, no intuito de responder às perguntas às quais se propõem. Interessante também analisar que as questões emergem de uma observação detalhada e profunda dos objetos. Para ele, quando se trata de conjuntos textuais, o objetivo recai sobre “[...] reconhecer economias discursivas [...] sendo que a especificidade de uma economia discursiva não pode ser expressa senão como diferença de funcionamento em relação a outras economias”. (VERÓN, 2004, p. 159).

Também nós realizaremos tal procedimento, cruzando mais do que uma materialidade e, deste modo, buscando pistas que nos ajudem a responder à pergunta a qual nos lançamos. Antes de adentrarmos nos procedimentos utilizados por Verón (2004), é importante salientar dois aspectos levantados pelo autor e que são fundamentais antes de operacionalizarmos a pesquisa. Consiste no fato de que “[...] para um discurso ou um dado conjunto discursivo, sua produção e seu reconhecimento constituem duas problemáticas interligadas, mas distintas”. (VERÓN, 2004, p. 160).

Desse modo, o autor destaca que é preciso definir se a análise partirá da perspectiva da produção ou do reconhecimento, tendo em vista que “[...] da gramática de produção de um discurso não se pode inferir ou deduzir diretamente sua (s) gramática (s) de reconhecimento”. (VERÓN, 2004, p. 160). Sob essa perspectiva, o autor ressalta que a análise ideológica de um discurso se situa na produção e a análise por poder de um discurso se coloca no reconhecimento.

O pesquisador ressalta, ainda, que não é a partir das superfícies discursivas que se definirá cada uma dessas posições, mas no conjunto do dispositivo de análise. Nesse trabalho de Verón (2004), que tomaremos como norte, o autor sinaliza que se colocará na perspectiva da produção. Nós, no entanto, adotaremos também a perspectiva da recepção, no sentido de como os atores sociais recebem esse discurso e o tensionam. Trata-se, portanto, de observar as gramáticas de produção e reconhecimento que estão em jogo, entrelaçando-as. Não analisaremos o discurso somente pela perspectiva da produção, pois entendemos que a circulação está justamente na articulação entre as duas instâncias.

Para realizar sua análise, de ordem comparativa, o autor toma diversas unidades – que ele define como “[...] fragmento discursivo qualquer [...]”. (VERÓN, 2004, p. 162). Para a pesquisa em questão, ele toma como unidade a capa da revista semanal *Le Nouvel Observateur*, de 10 a 16 de janeiro de 1977, e a capa da revista semanal *Minute*. A partir dos desvios sistemáticos interdiscursivos observados na comparação entre as duas unidades é que o autor visualiza as propriedades que devem ser consideradas.

Segundo o autor, “[...] identificar um problema a partir da comparação de duas superfícies textuais já implica engajar-se em uma descrição”. (VERÓN, 2004, p. 164). Aspectos como presença de imagem na capa, formato do título e cor são pontos que saltam aos olhos do autor e se tornam elementos iniciais na análise proposta – cuja observação primeira já resulta em inferências iniciais acerca das diferenças presentes entre as duas revistas. O autor ressalta que essa primeira visada pode, inclusive, mudar a problemática inicial da pesquisa. Por isso, esse processo de ir ao *corpus*, voltar e ir novamente é absolutamente normal em uma pesquisa na qual é o intuito de identificar desvios invariantes que orientam a leitura de cada fragmento. (VERÓN, 2004).

Para visualizar as particularidades encontradas em cada superfície analisada, o autor cria diversos quadros no qual organiza seus achados. Primeiro, ele apresenta as especificidades de cada revista e, na sequência, sistematiza as operações, relacionando-as, por meio do emprego da pontuação dois-pontos. Critérios como enquadramento, formato e construção de títulos, organização discursiva, modalidade informativa, elementos gráficos, tema central e demais agrupamentos da capa e imagens são utilizados na hora dessa sistematização. Também nós, a partir de uma observação mais profunda – e das inferências iniciais levantadas – adotaremos critérios para operacionalizar a análise. Certamente voltaremos a esse texto, no intuito de balizarmos a nossa discussão.

Tendo em vista que as materialidades analisadas por nós diferem daquelas adotadas por Verón (2004) – analisamos o texto propriamente dito, enquanto o autor analisa capas, que embora também se constituam de superfície textual dispõem de elementos distintos – recorreremos a outro texto do autor, no qual ele aborda os sistemas produtivos do discurso social. Em sua análise, ele ressalta que as condições de produção do discurso estão atreladas a aspectos ideológicos, enquanto o poder concerne aos efeitos discursivos, ou seja, às gramáticas de reconhecimento. Nesse sentido, o autor defende a necessidade de analisar operações discursivas no intuito de descrever o trabalho social, sendo que essas operações são constituídas a partir de “[...] marcas presentes nas matérias significantes”. (VERÓN, 2013, p.

193). Em nosso caso, analisaremos marcas linguísticas, mas também sociais em nossa matéria significante, que é o discurso do papa.

Para nos ajudar na análise dessas marcas, nos basearemos em critérios sugeridos por Fairclough (2001), que explicitaremos posteriormente. Antes, porém, adentraremos um pouco mais na visada de Verón (2013; 2014). É importante destacar o que o autor entende por ideológico, ou seja, não se trata de aspectos políticos, mas sim, do sentido que é conferido à produção. O mesmo se aplica às questões de poder. É nesse sentido que o autor ressalta:

Uma gramática de produção define um *campo de efeitos de sentido* possíveis, mas a questão de saber qual, concretamente, a gramática de reconhecimento que é aplicada a um texto num momento dado não pode jamais ser decidida à luz tão só das regras de produção; tem de ser decidida em função da história dos textos. Considerado em si mesmo, para retomar a fórmula de Peirce, um pensamento, num momento dado, não tem senão existência potencial: depende daquilo que será mais tarde. (VERÓN, 2013, p. 194, grifo do autor).

Portanto, embora as condições de produção e de reconhecimento jamais sejam as mesmas, elas estão sempre condicionadas umas às outras, e estão expostas a fatores ligados ao tempo, pois o poder e o ideológico atravessam a sociedade. Para entendermos essa semiose social, que compreende aspectos políticos, econômicos, ritualísticos, culturais, é necessário entendermos que, para Verón (2013, p. 196), “[...] o ideológico é o nome do sistema de relações entre um conjunto significante dado e suas condições sociais de produção”.

Portanto, nosso conjunto significante (os discursos papais) está inserido em uma sociedade na qual há disputas de “interesses” e de “classes” às quais não podemos nos furtar. Quando olhamos pelo lado do reconhecimento, nos deparamos com as questões de poder, que, no contexto da semiose, designa “[...] *os efeitos discursivos no interior de um tecido* [...]” e “[...] esses efeitos não podem ter outra forma que não seja a de uma *outra* produção se sentido”. (VERÓN, 2013, p. 197, grifo do autor). Esse outro sentido produzido se materializa em falas, gestos, comportamentos dos receptores.

Esses apontamentos trazidos por Verón (2013) nos darão luzes importantes na hora de analisarmos nossos discursos, sobretudo porque as questões ideológicas e de poder também são abordadas por Fairclough (2001) e certamente serão observadas em nossa pesquisa. Antes de nos aprofundarmos nos percursos metodológicos sugeridos por esse autor, procuraremos elucidar o que ele entende por discurso.

Fairclough (2001) conceitua discurso como “[...] uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Além disso, o pesquisador ressalta que “[...]”

o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). E, nesse sentido, o autor destaca que a prática discursiva se dá tanto de maneira convencional como criativa, no sentido de reproduzir a sociedade, mas também de transformá-la.

Para fazer análise do discurso, no entanto, conforme o autor, não há um procedimento fixo. Por isso, ele traz questões práticas, no intuito de auxiliar a investigação do pesquisador, não só no que diz respeito à análise, propriamente dita, mas também à coleta de dados e aos resultados. Nos deteremos aqui, entretanto, somente aos possíveis caminhos que poderemos adotar em nosso percurso analítico.

Uma das dimensões da prática discursiva é a *interdiscursividade*⁷⁵. Seu objetivo “[...] é especificar os tipos de discurso que estão delineados na amostra discursiva sob análise, e como isso é feito”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 283). Ou seja, trata-se de identificar, entre outras coisas, qual o gênero discursivo, que estilos de discurso estão delineados, se é uma amostra discursiva inovadora.

As *cadeias intertextuais*, por sua vez, se preocupam em identificar as séries de tipos de textos nas quais ou das quais é transformada. Que tipos de transformação essa amostra discursiva sofre? É uma das questões levantadas nesse tópico. Na dimensão da *coerência*, o intuito é considerar “[...] as implicações interpretativas das propriedades intertextuais da amostra. Isso poderia envolver os analistas em pesquisa de leitor (a), isto é, pesquisa de como os textos realmente são interpretados”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 284).

Outro ponto abordado pelo autor são as *condições da prática discursiva*, ou seja, “[...] especificar as práticas sociais de produção e consumo do texto, associadas com o tipo de discurso que a amostra representa”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 284). Observa-se, ainda, que tipos de efeitos não discursivos a amostra possui.

A *intertextualidade manifesta* “[...] levanta questões sobre o que vai na produção de um texto, mas também diz respeito às características que estão manifestas na superfície do texto”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 285). Nessa dimensão o autor salienta, ainda, dois outros pontos: a representação discursiva (se o discurso é claramente demarcado, como está contextualizado, se a representação é direta ou indireta); e a pressuposição (se são sinceras ou

⁷⁵ Estas dimensões serão aqui destacadas em formato itálico.

manipuladas, como estão ligadas no texto, há ironia ou metadiscorso?). (FAIRCLOUGH, 2001).

No *controle interacional* o objetivo é “[...] descrever as propriedades organizacionais gerais das interações, das quais dependem o funcionamento regular e o controle das interações”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 286). Nesse sentido, questões como: Que estrutura de troca está em operação? Como são as agendas apresentadas e por quem? Em que extensão os participantes formulam a interação? são balizadoras da pesquisa do autor.

A *coesão* busca mostrar como as orações e os períodos estão conectados no texto. “[...] essa informação é relevante para a descrição do modo retórico do texto [...], sua estrutura como um modo de argumentação, narrativa, etc”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 286). A *polidez* diz respeito a quais estratégias de polidez são usadas, por quem e com quais propósitos. “O objetivo é determinar [...] se há diferença entre os participantes e o que essas características sugerem sobre as relações sociais entre os participantes”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 287).

O *ethos* envolve, segundo o autor, não somente o discurso, mas todo o corpo, uma vez que “[...] o objetivo é reunir diversas características que vão em direção à construção do eu, ou de identidades sociais, na amostra”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 287). Já a *gramática*, corresponde às funções da linguagem ideacional, textual e interpessoal.

A dimensão da *transitividade* busca “[...] verificar se tipos de processo e se participantes particulares estão favorecidos no texto, que escolhas de voz são feitas (ativa ou passiva) e quão significativa é a normalização dos processos”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 287). No *tema*, o analista deve se preocupar “[...] se há um padrão discernível na estrutura temática do texto para as escolhas dos temas das orações”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 288).

Na *modalidade*, o interesse maior consiste em “[...] avaliar o significado relativo das características da modalidade para: a) as relações sociais no discurso; e b) o controle das representações da realidade”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 288). Nesse ponto, observam-se quais as modalidades predominantes no texto, quais as mais usadas: Verbos modais? Advérbios modais?

No tópico *significado das palavras*, o autor aponta que a ênfase está nas palavras-chave “[...] que têm significado cultural geral ou mais local; nas palavras cujos significados são variáveis e mutáveis; e no significado potencial de uma palavra – uma estruturação particular de seus significados – como um modo de hegemonia e um foco de luta”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 288).

O item *criação das palavras* busca observar se o texto contém itens lexicais novos e, caso haja, qual seu significado teórico, cultural e ideológico. Além disso, analisa as relações

intertextuais que estão delineadas para a lexicalização (processo criador de novos elementos lexicais) do texto. A *metáfora* é outro elemento que pode ser analisado pelo pesquisador, cujo processo consiste em “[...] caracterizar as metáforas usadas na amostra discursiva, em contraste com as metáforas usadas para sentidos similares em outro lugar, e determinar que fatores (cultural, ideológico, etc.) determinam a escolha da metáfora”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 289). Segundo o autor, também deve ser considerado o efeito das metáforas sobre o pensamento e a prática.

Outra opção apontada pelo autor é a *matriz social do discurso*. Nesse caso, trata-se de “[...] especificar as relações e as estruturas sociais e hegemônicas que constituem a matriz dessa instância particular da prática social e discursiva”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 290). Sendo assim, busca-se inferir como essa instância aparece em relação a essas estruturas e relações, ou seja, se é convencional e normativa, criativa e inovadora, orientada para reestruturá-las, opositivas, etc.

No item *ordens de discurso* a preocupação consiste em “[...] especificar o relacionamento da instância da prática social e discursiva com as ordens de discurso que ela delinea e os efeitos de reprodução e transformação das ordens de discurso”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 290). Ele ressalta como algumas tendências de mudança na ordem do discurso a democratização, comodificação e tecnologização.

Por fim, destaca os *efeitos ideológicos e políticos do discurso* como outro elemento a ser analisado no texto. Nesse caso, analisa-se o discurso como prática social, considerando sistemas de conhecimento e crença, relações sociais e identidades sociais.

Tendo em vista que a midiatização se preocupa com a ambiência na qual estamos inseridos e em como as relações são engendradas a partir de uma sociedade perpassada pelas lógicas dos meios e de atores sociais, de forma não-linear e com constantes *feedbacks*, acreditamos que as pesquisas dos dois autores se relacionam e são profícuas para esse trabalho: Verón (2014), por pensar na semiose da espécie, que consiste na complexificação das relações sociais a partir da exteriorização de processos mentais; e Fairclough (2001, p. 94), por ressaltar que a prática discursiva contribui para esse processo de transformação da sociedade, uma vez que “[...] a prática social tem várias orientações – econômica, política cultural, ideológica –, e o discurso pode estar implicado em todas elas”. Em todas essas esferas existem diversos contratos estabelecidos entre produção e reconhecimento, o que abordaremos no tópico que segue.

5.2.1 Contratos de leitura

Entendemos por contratos de leitura “[...] regras, estratégias e políticas de sentidos que organizam os modos de vinculação entre as ofertas e recepção dos discursos midiáticos”. (FAUSTO NETO et al., 2010, p. 3). Em seu estudo *Visitando os conceitos de contrato de leitura: uma proposta de entendimento dos pontos de vínculo entre emissor/receptor da sociedade dos meios para sociedade midiaticizada*, os autores apontam que os contratos de leitura “[...] se formalizam nas práticas textuais enquanto que constituem o ponto de vínculo entre produtores e usuários”. (FAUSTO NETO et al., 2010, p. 3). Baseados no conceito de Verón, eles apontam que “[...] o receptor constrói o sentido de acordo com sua cultura, crença e vivências, gerando assim diversos outros discursos”. (FAUSTO NETO et al., 2010, p. 3).

Pode-se dizer que o contrato que o Papa Francisco estabelece com os fiéis tem finalidades com este ponto de vista, uma vez que o seu discurso reverbera em outros diferentes discursos, pois atinge pessoas das mais diversas origens e culturas. É um discurso que ganha um caráter híbrido conforme se “desloca”. Eco (1987) é pioneiro ao falar sobre produtores/leitores de discursos. Ele traz a proposta do leitor idealizado, ou seja, o autor pré-concebe o seu leitor modelo, imaginando seu destinatário.

Para Eco (1987), o contrato de leitura se dá pelo lugar de produção de mensagens que o leitor é pensado, pois ele “[...] assume transitoriamente uma identidade entre o mundo a que o enunciado se refere e o mundo da própria existência”. (ECO, 1987, p. 59). Ou seja, o leitor deve ter iniciativa de produzir sentidos.

Fausto Neto (2002, p. 160) aponta que “[...] o trabalho de produção de sentido é hoje uma atividade que se caracteriza por dimensões necessariamente multi-institucionais e multi-discursivas”. Em seu estudo, ele destaca que os discursos não são apenas conteúdos, mas também relações “[...] de construção (ou a serem construídas), entre sujeitos e/ou coletivos”. (FAUSTO NETO, 2002, p. 160). Portanto, tais relações acontecem mediante linguagens “[...] que se desenvolvem em contextos sociais e linguísticos a partir de operações que se amparam em ‘rituais’, ou em ‘contrato de leitura’, o que a teoria chama modernamente de ‘situações de enunciação’”. (FAUSTO NETO, 2002, p. 160).

Dentro dessa perspectiva, o discurso papal se trata de um contato entre um emissor que é o papa, e muitos receptores, no caso os fiéis, a quem se dirige, através de temas muito específicos, segundo modalidades e regras que compõem a noção de contrato de leitura. O fato de o pontífice escolher falar com eles através de temas já é uma característica do seu contrato de leitura, ou seja, o modo como conversa com os fiéis.

O problema é quando o discurso escapa do contrato pensado por ele e desloca-se para outras coisas. Isso nos faz pensar que contrato é esse que se funda no deslocamento e não mais em um conjunto de regras tácitas e prévias – a regra agora parece ser o movente. Para Verón, (2004, p. 216), a enunciação é o “[...] modo de dizer [...]” e não somente o que é dito. Para o autor, as modalidades do dizer dão forma ao “[...] *dispositivo de enunciação* [...]”. (VERÓN, 2004, p. 217, grifo do autor). Ele explica que esse dispositivo comporta a imagem de quem fala, ou seja, o enunciador, sendo que a imagem é “[...] o lugar que aquele que fala atribui a si mesmo” (VERÓN, 2004, p. 217, grifo do autor); o destinatário, a imagem daquele a quem o discurso é endereçado; e a proposta, que se dá a partir da relação entre o enunciador e o destinatário, “[...] no e pelo discurso [...]”. (VERÓN, 2004, p. 217).

O autor destaca que “[...] o que o enunciador diz, as coisas que supostamente ele fala, constituem uma dimensão importante do contrato de leitura”. (VERÓN, 2004, p. 218). Ele ressalta, ainda, que o sucesso (ou o fracasso) do contrato de leitura “[...] não passa pelo que é dito (o conteúdo), mas *pelas modalidades de dizer o conteúdo*”. (VERÓN, 2004, p. 219, grifo do autor). Por isso nos preocupamos não somente com o que o papa fala, mas também com a forma como fala, ou seja, as marcas contidas nessa fala, pois elas impactam na apropriação do discurso pelos atores sociais e no agendamento de novos circuitos.

Após nos aprofundarmos nos conceitos acima mencionados, descreveremos a seguir os procedimentos metodológicos que utilizaremos para analisar nossos observáveis, especificando, ainda, nossas táticas de abordagem, critérios de escolha dos episódios e como se dará a organização desse processo que se deterá, sobretudo, ao objeto empírico desse estudo – embora haja acionamento dos conceitos ao longo do desenvolvimento. Na sequência, partiremos para a análise propriamente dita.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, nossa pesquisa foi sendo desenhada e redesenhada, na medida em que fomos conhecendo mais a fundo nosso objeto empírico. Tínhamos uma pergunta de pesquisa e um *corpus* definido – que foram repensados a partir do momento em que nos aprofundamos nos estudos de Braga (2008) e Guinzburg (1989). Iniciamos um processo indutivo, a fim de colher indícios a partir de um mergulho mais aprofundado em nosso objeto empírico, tendo como norte nossa nova pergunta de pesquisa: De que forma se configuram as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação do discurso do Papa Francisco?

Nosso primeiro movimento em busca de discursos do Papa Francisco, apropriados pela mídia e reapropriados por atores sociais, não obteve resultados significativos, pois estávamos preocupados com a circulação de uma modalidade específica de contato do papa com os fiéis: a homilia. Debruçamo-nos sobre essa forma de contato, pois ela restringia-se somente ao espaço físico e privado, ou seja, um discurso realizado dentro da Igreja e direcionado ao público presente na missa.

Com o avanço dos meios de comunicação de massa, no século XX, ela foi deslocada para um novo lugar, o site *A Santa Sé*, passando a circular ainda em portais de notícias, televisão, rádio e, atualmente, nas mídias sociais. Tal modalidade discursiva nos chamou atenção, *a priori*, pois, ao contrário de outras, que já nascem inscritas nas lógicas da mídia, essa parecia estar mais estritamente ligada às lógicas de mediação, pois trata-se de uma prática social, uma modalidade discursiva recorrente entre os apóstolos, ou seja, milenar, que sai do templo, se desloca, assume lógicas da mídia e apresenta marcas de devolução, na medida em que se inscreve em diferentes circuitos.

Entretanto, ao realizar buscas em portais, sites de notícias, mídias sociais, percebemos que o interesse da sociedade está no conteúdo, ou seja, no que o papa fala, e não na modalidade discursiva que utiliza para isso. Por isso, encontramos poucas homilias sendo apropriadas, manejadas, difundidas pelas mídias e atores sociais, exceto quando fazem parte da agenda de assuntos do jornalismo. Muitas vezes o contexto no qual o pronunciamento foi realizado nem aparece. Mesmo sendo uma homilia, a palavra em questão tampouco é mencionada, salvo em portais católicos, mas essa não é uma regra.

Diante desse cenário, e devido ao fato da exploração inicial apontar para circulação e apropriação de diversas modalidades discursivas utilizadas pelo pontífice, como mensagens

apostólicas, encíclicas, cartas, viagens, orações matutinas, entre outras, optamos por ampliar a busca, a partir daquilo que o objeto nos oferecia – e não de enquadramentos pré-estabelecidos.

Desse modo, ao longo do movimento exploratório, despertamos para algumas regularidades e marcas do objeto empírico em questão: o discurso papal. Começamos a nos questionar, a partir das leituras de Truzzi (1989), como as coisas se processavam em nosso objeto – apesar das nossas hipóteses. Nesse momento, nos deparamos com diversos discursos que possuíam potencial analítico, mas selecionamos três que acreditamos serem profícuos para análise. Escolhemos tais textos, pois todos abordam a internacionalização, algo que o Papa Francisco demonstra buscar em seu pontificado, na medida em que tenta aproximar culturas e etnias a todo o momento – o que faz dele o “papa do encontro”.

São três discursos: duas homilias e uma mensagem de Páscoa, sendo que na homilia de Lava-Pés o pontífice reúne presos de diferentes etnias e fala para eles; na outra homilia, na missa da assembleia de bispos, o papa destaca a presença de bispos chineses que, pela primeira, participam no encontro, e se dirige a eles em sua fala; e na mensagem de Páscoa ele pede paz na Síria, fala aos refugiados, às vítimas do narcotráfico, em suma, aos que se encontram à margem da sociedade. Além disso, os três discursos são apropriados pela mídia, reapropriados por atores sociais, e ganham diversos desdobramentos na medida em que se deslocam.

A partir desse cenário, construímos nosso caso de pesquisa, que consiste em extrairmos as marcas deixadas pelo discurso papal em trânsito, aqui chamadas de rastros, e, nesse sentido, compreender quais disputas de sentido estão em jogo. Vale destacar, no entanto, que nosso caso não consiste na análise unicamente desses discursos, mas, além deles, nos deteremos a um conjunto de textos derivados desses discursos postos em circulação, ou seja, em trânsito. Esses conjuntos de textos compõem um episódio. Portanto, nessa pesquisa, analisamos três episódios que envolvem um discurso do Papa Francisco. A seguir, explicaremos como pretendemos proceder com a análise desses materiais. Antes, porém, indicaremos o método a ser utilizado para isso.

6.1 MÉTODO

A comunicação é uma disciplina em construção e somente a busca por indícios, a partir de especificidades, nos levará a descobertas mais profundas. É neste sentido que entendemos o Estudo de Caso como um caminho para contribuir com a área em constituição. Conhecendo mais a fundo esse método, que “[...] supõe que se pode adquirir conhecimento do

fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um caso único” (BECKER, 1999, p. 117), percebemos que, embora tivéssemos um único caso, ele seria analisado por meio de episódios múltiplos.

Desse modo, entendemos que conseguiríamos identificar regras e lógicas próprias do objeto para, posteriormente, realizar inferências - o que exige “descoberta” ou “invenção” - e cujo processo Peirce descreve como abdução. (SEBEOK; UMIKER-SEBEOK, 2014). Tendo em vista, no entanto, que o Estudo de Caso consiste em uma “[...] investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real” (YIN, 2015, p. 32), e que o contexto no qual nosso objeto está inserido é de uma sociedade em midiatização, passamos a repensar nossa ideia inicial.

Percebemos que não se trata de realizar um Estudo de Caso clássico, mas de um estudo de caso midiatizado, cujo conceito vem sendo debatido no Programa de Pós-Graduação da Unisinos, na linha de pesquisa de midiatização e processos sociais. O estudo de caso midiatizado é aquele que não conseguimos estancar no tempo, pois continua em produção na medida em que a pesquisa é realizada. O caso não está no acontecimento jornalístico, mas na processualidade da midiatização, que nessa pesquisa consiste no estudo de um conjunto de materiais por onde a fala do papa se inscreve – e que se dá em diferentes espaços.

Por isso, nossa análise continua ancorada no estudo de caso com episódios múltiplos, porém, trata-se de um estudo de caso midiatizado e não midiático. Ou seja, não se trata de observar o trabalho dos meios, mas sim as “[...] processualidades e múltiplas operações técnico-discursivas empreendidas por vários meios, instituições, indivíduos e coletivos”. (VERÓN, 1997 apud WESCHENFELDER, 2019, p. 84). Nesse sentido, a produção de sentidos não repousa somente sobre os meios, mas os atores sociais também se tornam protagonistas no processo.

Para distinguir os dois tipos de casos, Weschenfelder (2019) se apoia nos estudos de Carlón, uma vez que ele discorre sobre a transição dos sentidos entre meios massivos e digitais. A autora discorre sobre as formulações de Carlón sobre Dispositivo Analítico (D.A.), que também parece ser um bom ponto a ser considerado em nossa análise. Isso porque, as vantagens do D.A. destacadas pela autora também se aplicam ao nosso trabalho. Uma delas diz respeito às relações entre meios massivos e digitais, o que ocorre em nossa pesquisa, uma vez que as notícias que saem dos portais circulam em meios como *Facebook* e *Twitter*, cujo processo está contido em nossa problemática de pesquisa; e o segundo fala em “[...]”

identificar [graficamente] o posicionamento de diferentes tipos de enunciadores na arena midiática”. (CARLÓN, 2017, p. 26 apud WESCHENFELDER, 2019, p. 86).

Além disso, a autora ressalta que, para sistematizar o D.A., Carlón baseia-se nas pesquisas de Verón (2004), que será outro autor utilizado por nós a fim de analisarmos nosso empírico. A análise da circulação discursiva em Verón (2004), explicitada anteriormente no tópico “discurso”, será o caminho que utilizaremos para operacionalizar o nosso caso de pesquisa. Para tanto, nosso trabalho consiste em um estudo de caso midiático, ancorado na análise discursiva de Verón (2004), considerando as modalidades discursivas evidenciadas por Fairclough (2001). No tópico a seguir, explicitaremos a forma como pretendemos organizar esse procedimento.

6.2 ORGANIZAÇÃO

Compreendemos que é difícil escolher somente algumas categorias para análise dos observáveis, mas sabemos também que não é possível abranger o todo de um discurso dentro de uma dissertação de Mestrado. Cientes, portanto, de que “[...] uma escolha se define sempre em função daquilo que ela exclui” (DELEUZE, 2001, p. 4), indicaremos os níveis de abordagem que pretendemos traçar sobre nossos episódios.

Analisaremos as marcas e operações da oferta religiosa, por meio do discurso institucionalizado que se encontra no site do Vaticano; da oferta jornalística, a partir das matérias veiculadas nos portais de notícias; e da oferta de reconhecimento, considerando os discursos produzidos pelos atores sociais.

Para tanto, buscaremos marcas de regularidades e especificidades nos textos que compõem os discursos de nossos episódios, a partir dos elementos do discurso social, elencados em nosso quadro teórico. Optamos por não definir modalidades específicas de análise, como metáfora ou *ethos*, por exemplo, a fim de não engessar nosso objeto, tendo em vista que alguns elementos podem aparecer em determinados discursos e outros não.

Como nosso trabalho não se trata de uma análise puramente linguística, utilizaremos, ainda, os conceitos de contrato de leitura, usos e apropriações e fagias midiáticas, a fim de compreendermos o processo de circulação. Faremos o mesmo procedimento para os três episódios e, após, realizaremos uma análise transversal, que consiste no cruzamento dos três episódios à luz do caso – a fim de descobrirmos às lógicas de mediação que estão em jogo.

7 A ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS

A análise de nossos episódios obedecerá a uma ordem cronológica. Começaremos, portanto, com o conjunto que compreende o discurso de Lava-Pés, realizado em março de 2018, seu desdobramento na esfera jornalística e os comentários dos atores sociais; na sequência, analisaremos o conjunto de textos que abrange o discurso de Páscoa do papa, que data de abril do mesmo ano, além das demais instâncias mencionadas anteriormente. Por fim, partiremos para o episódio composto pelo discurso do papa no sínodo de bispos, em outubro de 2018, bem como seus desdobramentos na mídia e entre os atores sociais. A fim de darmos seguimento às inferências levantadas em nosso primeiro mergulho no objeto empírico, adotaremos as mesmas nomenclaturas para os episódios. Vale ressaltar, que antes de analisarmos as marcas e operações de cada conjunto de textos, faremos uma breve contextualização do cenário no qual tais episódios se encontravam à época.

7.1 LAVA-PÉS

Vivemos em uma ambiência (GOMES, 2017) permeada por fazeres sociais que se transformam a cada instante. Um lugar no qual os atores sociais estão cercados pela mídia e pelas complexidades que dela derivam. Por isso, pensar a sociedade, atualmente, implica conhecer, mesmo que minimamente, o cenário no qual as relações se estabelecem. Sabemos que o fazer dos atores sociais, mas também das instituições religiosas e jornalísticas, estão perpassados por essa nova ambiência. Portanto, entendemos que o discurso do Papa Francisco na solenidade de Lava-Pés de 2018, proferido em 29 de março, também recebe os reflexos desse *locus* – bem como os demais discursos que serão analisados ao longo deste trabalho.

Em março de 2018, no Brasil e no mundo, ocorreram crimes e mortes⁷⁶. Dois massacres foram registrados no mesmo mês: um em São Paulo e outro na Nova Zelândia. O primeiro, promovido por dois jovens, ocorreu em uma escola estadual de Suzano. O outro resultou na morte de 49 pessoas, após duas mesquitas serem atingidas por tiros.

No Brasil, também ocorreram três feminicídios: em São Paulo, Goiás e Belo Horizonte, além de completar um ano da morte da vereadora do PSOL Marielle Franco, reabrindo circuito de discussões sobre o caso. O discurso do papa na Missa de Lava-Pés demonstra que o pontífice também se apropria do que é pauta no mundo para realizar os seus discursos. Ele está na ambiência e também é por ela impactado. Essas marcas de apropriação

⁷⁶ Disponível em: bit.ly/38dieW8. Acesso em: 16 dez. 2019.

do pontífice são evidenciadas em sua fala. A realização da missa de Lava-Pés em uma penitenciária não é novidade daquele ano, conforme mencionado anteriormente, mas a repetição do ato, em um cenário de tensão no mundo, nos dá insumos para refletirmos sobre suas operações.

7.1.1 O discurso religioso

Iniciamos esse episódio com o discurso do pontífice, denominado homilia, proferido no dia 29 de março de 2018, durante a cerimônia de Lava-Pés – quando o padre lava os pés de membros da comunidade, imitando o gesto de Cristo, quando lavou os pés dos apóstolos. Em nosso caso, quem lava os pés na cerimônia é o pontífice, e no lugar de membros da comunidade, quem representa os doze apóstolos são detentos do Cárcere Regina Coeli, em Roma, local no qual realizou a cerimônia naquele ano.

Vale lembrar que a homilia, também chamada usualmente de sermão, “[...] é a pregação feita durante uma celebração litúrgica [...] habitualmente depois da proclamação dos textos da Sagrada Escritura e em conexão com ele”. (BISCONTIN, 2017, p. 15-16). Nessa homilia, que vamos analisar, o Papa Francisco fala em amor ao próximo, igualdade e convida a todos para uma mudança de vida.

Em um cenário mundial de ódio, ele pede paz. Inicia sua fala (PAPA FRANCISCO, 2018d)⁷⁷ fazendo referência ao discurso de Jesus, mencionando o final da passagem bíblica lida na celebração, utilizando o recurso da intertextualidade, a fim de conferir credibilidade à sua explanação e referenciar o pedido não a si, mas a Deus. Durante a homilia, em diversos momentos, ele menciona o nome “Jesus” – 22 vezes, precisamente.

⁷⁷ Disponível em: bit.ly/2VeeW1F. Acesso em: 10 abr. 2019.

Figura 27 - Trecho da homilia veiculada no site *A Santa Sé*

SANTA MISSA IN COENA DOMINI

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

*Cárcere "Regina Coeli", Roma
Quinta-feira Santa, 29 de março de 2018*

[Multimídia]

Jesus termina o seu discurso, dizendo: «Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, assim o façais também vós» (Jo 13, 15). Lavar os pés. Naquela época, os pés eram lavados pelos escravos: era uma tarefa de escravo. As pessoas percorriam as estradas, não havia asfalto, não havia calçadas; naquele tempo havia a poeira das estradas e as pessoas sujavam os pés. E na entrada das casas havia escravos que lavavam os pés. Era um trabalho de escravo. Mas tratava-se de um serviço: um serviço feito por escravos. E Jesus quis desempenhar este serviço, para nos dar um exemplo do modo como nos devemos servir uns aos outros.

Certa vez, quando estavam a caminho, dois dos discípulos que queriam fazer carreira, pediram a Jesus para ocupar lugares importantes, um à sua direita e o outro à sua esquerda (cf. Mc 10, 35-45). E Jesus fitou-os com amor — Jesus olhava sempre com amor — e disse: "Vós não sabeis o que pedis" (v. 38). Os chefes das Nações — diz Jesus — dão ordens, fazem-se servir e sentem-se bem (cf. v. 42). Pensemos naquela época de reis, de imperadores tão cruéis, que se faziam servir pelos escravos... Mas entre vós — diz Jesus — não deve ser assim: quem manda deve servir. O vosso chefe deve ser o vosso servidor (cf. v. 43). Jesus inverte a tradição histórica, cultural daquela época — até a de hoje — aquele que manda, para ser um bom chefe, seja onde for, deve servir. Penso muitas vezes — não neste tempo, porque todos ainda estão vivos e têm a oportunidade de mudar de vida, e não podemos julgar, mas pensemos na história — se tantos reis, imperadores, chefes de Estado tivessem entendido este ensinamento de Jesus e, em vez de mandar, de ser cruéis, de matar as pessoas, tivessem feito isto, quantas guerras se teriam evitado! Serviço: na realidade há pessoas que não facilitam esta atitude, pessoas soberbas, odiosas, pessoas que talvez nos desejem o mal; mas nós somos chamados a servi-los mais. E há também pessoas que sofrem, que são descartadas pela sociedade, pelo menos por um período, e Jesus vai ter com elas e diz-lhes: tu és importante para mim. Jesus vem para nos servir, e o sinal de que Jesus nos serve hoje aqui, no cárcere de Regina Coeli, é que quis escolher doze de vós, como os doze Apóstolos, para lavar os pés. Jesus aposta em cada um de nós. Pois bem: Jesus chama-se Jesus, não Pôncio Pilatos. Jesus não sabe lavar-se as mãos: só sabe arriscar! Olhai para esta imagem, tão bonita: Jesus inclinado entre os espinhos, correndo o risco de se ferir para salvar a ovelha tresmalhada.

Hoje eu, que sou pecador como vós, mas represento Jesus, sou embaixador de Jesus. Hoje, quando me inclino diante de cada um de vós, pensai: «Jesus apostou neste homem, um pecador, para vir ter comigo e para me dizer que me ama». Este é o serviço,

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site *A Santa Sé*.⁷⁸

“Jesus termina o seu discurso, dizendo: ‘Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, assim o façais também vós’”. (PAPA FRANCISCO, 2018d). Desse modo, o pontífice evidencia, desde o início do texto, que os ensinamentos que trará ao longo do discurso não são seus, mas de Jesus. Na sequência, o papa fala sobre o ato de lavar os pés, explicando sua performance. Para tanto, Francisco faz um resgate histórico, no sentido de contextualizar o ato à época de Jesus, lembrando que lavar os pés era uma tarefa de escravos.

As pessoas percorriam as estradas, não havia asfalto, não havia calçadas [...] e as pessoas sujavam os pés. E na entrada das casas havia escravos que lavavam os pés. E Jesus quis desempenhar este serviço, para nos dar um exemplo do modo como nós devemos servir uns aos outros. (PAPA FRANCISCO, 2018d).

Além de ressaltar que todo mundo é igual, a fala do pontífice também parece fazer um combate ao racismo. Ao mencionar que a tarefa era desempenhada por escravos, e que Jesus

⁷⁸ Disponível em: bit.ly/2VeeW1F. Acesso em: 10 abr. 2019.

quis se colocar nessa condição, o papa parece fazer uma crítica social àqueles que ainda tratam negros – ou as demais etnias ali presentes – com discriminação. Não é à toa que entre os detentos há diversidade de raças e também de credos. Vemos, portanto, marcas de um discurso como prática social e que possui efeitos políticos.

A seguir, o pontífice se utiliza mais uma vez da intertextualidade, mencionando outra passagem bíblica para reforçar o que parece ser sua intenção nesse discurso, ou seja, clamar por igualdade e acabar com as diferenças. Para tanto, o papa faz uma nova relação hierárquica, comparando o chefe com o empregado. (PAPA FRANCISCO, 2018d).

Os chefes das nações – diz Jesus – dão ordens, fazem-se servir [...]. Pensemos naquela época de reis, de imperadores tão cruéis, que se faziam servir pelos escravos... Mas entre vós – diz Jesus – não deve ser assim: quem manda deve servir. O vosso chefe deve ser o vosso servidor. (PAPA FRANCISCO, 2018d).

Mais uma vez, o pontífice admoesta o público, indicando como deve ser o comportamento de um chefe. Vale observar que esse texto, em sua forma escrita, é pensado para um público já iniciado, pois no início do parágrafo é mencionada a sigla da passagem a qual o papa se refere, terminologia essa muitas vezes não conhecida no meio jornalístico e tampouco popularmente. Como esse discurso, antes de virar texto, é proferido oralmente, o papa repete duas vezes “diz Jesus”, no sentido de deixar claro ao destinatário que as palavras são trechos bíblicos. (PAPA FRANCISCO, 2018d).

Aqui vemos que se estabelece um contrato de leitura, na medida em que o texto é pensado para o público que o receberá. O pontífice segue fazendo analogias e trazendo o ensinamento para o contexto atual. “Jesus inverte a tradição histórica, cultural daquela época – até a de hoje – aquele que manda, para ser um bom chefe, seja onde for, deve servir”. (PAPA FRANCISCO, 2018d).

Vemos que esse discurso é para todos – católicos, não católicos, ateus. Quando diz “aquele que manda”, o papa abre precedente para que todos entrem nessa condição. Não se trata do católico que manda, mas de todo aquele que usufrui de cargo de chefia – e completa: “Na realidade há pessoas que não facilitam esta atitude, pessoas soberbas, odiosas [...] mas nós somos chamados a servi-los mais”. (PAPA FRANCISCO, 2018d).

Nesse ponto, o Papa Francisco assume o protagonismo do discurso, incluindo-se nesse grupo de pessoas chamadas a servir, e segue fazendo o que parece ser uma crítica social: “Há também pessoas que sofrem, que são descartadas pela sociedade [...] e Jesus vai ter com elas e diz-lhes: tu és importante para mim”. (PAPA FRANCISCO, 2018d).

De forma análoga, novamente, o papa ressignifica a atitude de Jesus, ressaltando que o sinal de que Ele serve ainda hoje é sua presença no Cárcere Regina Coeli, pois Jesus “[...] quis escolher doze de vós, como os doze apóstolos, para lavar os pés. Jesus aposta em cada um de nós”. (PAPA FRANCISCO, 2018d). Ele rememora um ato do passado, traz para o contexto atual, no qual os detentos se encontram nessa situação de “descartados pela sociedade” e, desse modo, ao receberem a visita de Jesus, têm a chance de recomeçar.

Em seguida, mais uma vez ele se vale de outros trechos bíblicos para reiterar a preocupação de Jesus para com todos. “Pois bem: Jesus chama-se Jesus, não Pôncio Pilatos. Jesus não sabe lavar-se as mãos: só sabe arriscar!”. (PAPA FRANCISCO, 2018d). Ele faz referência ao momento da crucificação de Jesus, quando Pôncio Pilatos, o governador romano da Judeia nada fez para evitar que o ato ocorresse, dizendo, segundo os escritos, que “lavava suas mãos”, diante do fato da crucificação. Conforme o papa, Jesus não é assim, ele se arrisca pelos seus. Esse trecho, no entanto, é de difícil compreensão para quem não conhece a história de vida de Jesus. Embora o restante do texto seja de fácil entendimento para qualquer público – o que causa essa aproximação do pontífice com católicos e não católicos – esse trecho, especificamente, só é entendido por um público minimamente iniciado na fé católica.

O último parágrafo da homilia, que destacamos na ilustração anterior, é o que se desdobrou em novos trânsitos e circuitos, incluindo aí os midiáticos, pois é quando o papa diz: “Hoje eu, que sou pecador como vós, mas represento Jesus, sou embaixador de Jesus [...] quando me inclino diante de cada um de vós”. (PAPA FRANCISCO, 2018d). Essa é, inclusive, a manchete de uma das matérias que analisaremos no próximo tópico.

É o momento do discurso aliado à performance do pontífice, que contribui para a construção de um *ethos* de papa acolhedor, humilde, que se coloca no lugar do outro. Segundo Fairclough (2001, p. 209, grifo do autor), “[...] o conceito de *ethos* constitui um ponto no qual podemos unir as diversas características, não apenas do discurso, mas também do comportamento em geral, que levam a construir uma versão particular do ‘eu’”.

Com a frase “E portanto, com estes sentimentos, vamos em frente com esta celebração, que é simbólica. Antes de nos oferecer o seu Corpo e o seu Sangue, Jesus aposta em cada um de nós, arrisca por cada um de nós, e arrisca no serviço, porque nos ama muito” (PAPA FRANCISCO, 2018d), o papa encerra sua fala na homilia. No entanto, ele continua fazendo novas intervenções durante a cerimônia, que podemos conferir no texto publicado pelo Vaticano. Essas intervenções estão, inclusive, demarcadas com subtítulos.

Tendo em vista que essas falas realizadas ao longo da cerimônia, embora não façam parte da homilia, estão contidas neste texto religioso que estamos analisando, também nos

debruçaremos sobre elas antes de partirmos para o próximo tópico deste episódio. Uma delas ocorre no momento de “trocar o sinal da paz”⁷⁹, conforme indicado abaixo, no texto publicado no site do Vaticano.

Figura 28 - Trecho da homilia publicada no site *A Santa Sé*

Hoje eu, que sou pecador como vós, mas represento Jesus, sou embaixador de Jesus. Hoje, quando me inclino diante de cada um de vós, pensai: «Jesus apostou neste homem, um pecador, para vir ter comigo e para me dizer que me ama». Este é o serviço, assim é Jesus: nunca nos abandona, nunca se cansa de nos perdoar. Ama-nos muito! Vede como Jesus arrisca!

E portanto, com estes sentimentos, vamos em frente com esta celebração, que é simbólica. Antes de nos oferecer o seu Corpo e o seu Sangue, Jesus aposta em cada um de nós, arrisca por cada um de nós, e arrisca no serviço, porque nos ama muito.

Durante o rito litúrgico, no momento de trocar o sinal da paz, o Pontífice pronunciou as seguintes palavras:

E agora, todos nós — estou convicto que todos nós — temos a vontade de estar em paz com todos. Mas no nosso coração há muitas vezes sentimentos contrastantes. É fácil estar em paz com aqueles dos quais gostamos e com quantos são bons conosco; mas não é fácil estar em paz com quantos cometeram injustiças contra nós, que não gostam de nós, com os nossos inimigos. Em silêncio, por um instante, cada um pense naqueles que gostam de nós e dos quais nós gostamos; e cada um de nós pense também naqueles que não gostam de nós e dos quais nós não gostamos, e inclusive — aliás — naqueles dos quais gostaríamos de nos vingar. E peçamos ao Senhor, em silêncio, a graça de oferecer a todos, bons e maus, o dom da paz!

Palavras do Pontífice ao responder às saudações da diretora da penitenciária e de um preso:

Tu falaste de um novo olhar: renovar o olhar... Isto faz bem, porque com a minha idade, por exemplo, chegam as cataratas, e não se vê bem a realidade: no próximo ano deveremos fazer a operação. Mas assim acontece com a alma: o trabalho da vida, o cansaço, os erros, as desilusões ofuscam o olhar, o olhar da alma. E por isso, aquilo que diseste é verdade: aproveitar as oportunidades para renovar o olhar. E como eu disse na praça de São Pedro [[na audiência geral de ontem](#)], em muitos povoados, mas até na minha terra, quando se ouvem os sinos da Ressurreição do Senhor, as mães, as avós, levam as crianças para lavar os olhos, a fim de que adquiram o olhar da esperança de Cristo Ressuscitado. Nunca vos canseis de renovar o olhar, de fazer aquela operação das cataratas da alma, diariamente. Mas renovai sempre o olhar. É um bonito esforço.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site *A Santa Sé*.⁸⁰

O pontífice ressaltou sua convicção de que todos têm a vontade de “[...] estar em paz com todos. Mas em nosso coração há muitas vezes sentimentos contrastantes”. (PAPA FRANCISCO, 2018d). Mais uma vez ele destaca sua própria humanidade, se incluindo entre aqueles que possuem sentimentos contrastantes, reforçando seu *ethos* de humildade, de aproximação. Em seguida, ele pede silêncio e que cada um pense em seus amigos e desafetos, desejando a todos a paz. Vemos mais uma performance do pontífice dentro da celebração.

A próxima fala do pontífice indicada no site *A Santa Sé* (PAPA FRANCISCO, 2018d) é a sua resposta às saudações da diretora da penitenciária e de um preso. Ele inicia fazendo menção à renovação do olhar, o que parece um ponto da saudação referida a Francisco. Afeito

⁷⁹ Momento no qual as pessoas presentes na celebração desejam paz umas às outras. Ocorre depois da consagração, ou seja, quando o padre abençoa um cálice de vinho e uma hóstia (pão ázimo, ou seja, sem fermento) que se tornarão, segundo a fé católica, sangue e corpo de Jesus Cristo.

⁸⁰ Disponível em: bit.ly/2VeeW1F. Acesso em: 10 abr. 2019.

a analogias e metáforas – marcas evidenciadas com frequência, pelo menos nesse primeiro discurso, o papa as utiliza novamente, em sua resposta.

Para falar sobre a renovação do olhar, ele inicia contando algo particular seu, destacando que, em sua idade, chegam as cataratas e que não se vê bem a realidade. Nesse momento, o papa fala, ainda, que, em 2019, pretende fazer uma cirurgia para correção da lesão ocular. Relacionando à doença, que resulta em uma visão embaçada, o pontífice faz uma analogia, dizendo que o mesmo acontece com a alma. “O trabalho da vida, o cansaço, os erros, as decepções ofuscam o olhar, o olhar da alma”. (PAPA FRANCISCO, 2018d). Ele também destaca que em sua terra, quando mães e avós ouvem os sinos da Ressurreição do Senhor, levam as crianças para lavar os olhos “[...] a fim de que adquiram o olhar da esperança de Cristo Ressuscitado. Nunca vos canseis de renovar olhar, de fazer aquela operação das cataratas da alma, diariamente”. (PAPA FRANCISCO, 2018d).

Francisco usa de metáfora para destacar que é preciso “operar” a alma, no intuito de corrigir o que há dentro de cada um ofuscando o bem. Ele também compara a condição dos presos a uma garrafa de vinho. “Se eu considerar a parte vazia, vida é triste, desagradável, mas se eu considerar a metade cheia, ainda tenho de beber”. (PAPA FRANCISCO, 2018d).

Nesse sentido, ele ressalta que há esperança para todos e que uma pena sem esperança é desumana, dizendo à diretora que “o vosso trabalho é este: ajudar a semear a esperança da reinserção”. (PAPA FRANCISCO, 2018d). Tendo em vista que a única condição para a qual não há esperança é a morte, o papa declara que “[...] a pena de morte não é humana, nem cristã”. Diante de um assunto polêmico e sobre o qual a Igreja pouco fala, o pontífice se declara contrário, uma vez que destaca que a pena de morte não é cristã. Resta, pois, a dúvida se esse é o posicionamento da instituição ou do homem – que fala em nome da Igreja. É uma linha tênue, mas é nesse momento que percebemos as diferenças em relação ao seu antecessor, cujo discurso era centrado na doutrina. Com o Papa Francisco, é preciso ler nas entrelinhas.

Ao finalizar o discurso, o pontífice resgata a tradição de sua terra, de “lavar os olhos”, convidando a todos para uma restauração do olhar. “Água da ressurreição, olhar renovado, esperança: é isto que vos desejo”. (PAPA FRANCISCO, 2018d). Fazendo uma relação com a ressurreição de Cristo, celebrada no domingo de Páscoa, o papa também convida os presentes para uma vida nova. A mensagem de Páscoa será analisada no próximo episódio e poderemos verificar se esse discurso de Lava-Pés reverbera nele. Antes, porém, partiremos para a análise de textos jornalísticos pelos quais essa homilia transitou.

7.1.2 O discurso jornalístico

Ao analisarmos o discurso do Papa Francisco inscrito em um portal de notícias, é necessário considerar diversas complexidades que o envolvem. Primeiramente, as Gramáticas de Produção (GP) da instituição jornalística diferem das GP de outras instituições midiáticas, como a Igreja Católica. Por isso, partimos do pressuposto de que, embora o site do Vaticano também esteja dotado de lógicas, os portais de notícias também possuem regras próprias desses dispositivos de enunciação.

Iniciamos nossa análise ao discurso jornalístico ainda com a matéria publicada no portal *Terra* (PAPA..., 2018e)⁸¹, sobre a qual havíamos realizado algumas inferências anteriores. O *Terra* faz um uso criativo do texto do pontífice, ou seja, se apropria dele, a partir de lógicas jornalísticas, que, entre outras, abrangem critérios de noticiabilidade, enquadramento, formas de pensar o texto e o leitor, que lhe são próprias, além de táticas e regras, de modo que esse discurso permaneça em fluxo. Desse modo, ao utilizar no título o trecho “sou pecador como vocês”, o veículo se vale do caráter totêmico que essa frase sozinha possui. Ou seja, deslocada do seu contexto original, ela por si só gera embates, comentários e reverbera em outros discursos.

Assim, o contrato que o portal estabelece com o leitor parece fundar-se no deslocamento, na medida em que ele prospecta o fluxo adiante. São fragmentos “tragados” pelo meio jornalístico e que ganham novas atribuições de sentido. Esse movimento que o jornalismo faz, de reelaboração do discurso, vai ao encontro do que diz Verón (2014), quando este destaca que o sucesso do discurso está atrelado à forma de dizer o conteúdo.

Importante ressaltar, ainda, que as GP estão condicionadas à Condições de Produção (CP), que, como visto anteriormente, em nossa breve contextualização do cenário que se vivia no Brasil e no mundo à época dessa matéria, são condições sociais e políticas de conflito.

Dentro das lógicas jornalísticas, o texto do portal *Terra* (PAPA..., 2018e) traz informações que não constam no discurso do site do Vaticano, como a nacionalidade e crença dos detentos aos quais o papa lavou os pés. Isso parece reforçar a imagem de um “papa do encontro” e mediador de conflitos, uma vez que, no primeiro parágrafo da matéria, o portal diz que Francisco lavou os pés de 12 detentos “incluindo muçulmanos”, ou seja, fazendo referência a uma zona de conflitos mundiais. O site também ressalta que não é a primeira vez que o pontífice realiza a celebração na penitenciária e dá a localização da penitenciária – a maior de Roma

⁸¹ Disponível em: bit.ly/2wpX5aH. Acesso em: 10 fev. 2019.

Figura 29 - Trecho de notícia veiculada no portal *Terra*

MUNDO

Papa lava pés de presos e diz: 'sou pecador como vocês'

Tradicional rito foi celebrado na penitenciária de Roma

29 MAR 2018 14:17 atualizado às 15:42

f t p c COMENTÁRIOS

O papa Francisco celebrou nesta quinta-feira (29) a tradicional missa de Lava-Pés em uma penitenciária de Roma, durante a qual se ajoelhou perante 12 detentos, incluindo muçulmanos, e disse ser tão "pecador" quanto eles.

SAIBA MAIS

- [Pai acusa Meghan de "depreciar" família real: "Ridículo"](#)
- [Harry e Meghan: não havia outra opção senão recuar, diz o príncipe](#)
- [As adolescentes holandesas que seduziam e matavam nazistas](#)
- [Harry chega ao Canadá para nova vida longe da realeza](#)



Papa lava pés de presos e diz: 'Sou pecador como vocês'

Foto: ANSA / Anna Bossi

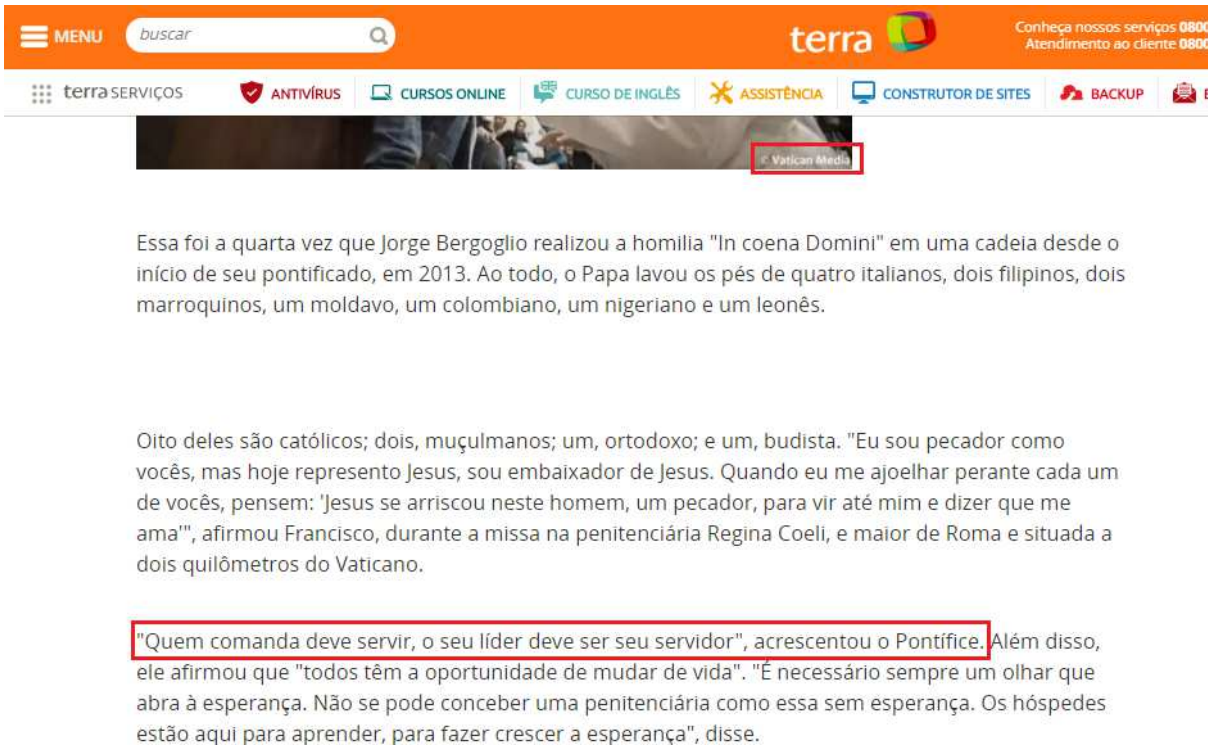
Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Terra*.⁸²

Além de trazer os trechos do texto do pontífice, a matéria também possui uma foto oriunda do site do vaticano. O crédito da foto é de uma agência de notícias, mas no canto inferior direito, observamos que está escrito “Vatican Media”, ou seja, é uma foto do Vaticano. No discurso que está no site do Vaticano, há um link acima da matéria com a palavra “Multimídia” – que leva a uma galeria de fotos da celebração. Interessante observar, no entanto, que mesmo com o retorno ao site para “pegar” a imagem para ilustrar a matéria, o site não se preocupa em retornar ao texto da homilia que está dentro do site do Vaticano.

⁸² Disponível em: bit.ly/2wpX5aH. Acesso em: 10 fev. 2019.

Não sabemos se ele já estava disponível para consulta, mas evidenciamos que termos usados na matéria diferem do texto original, como a palavra “chefe”, substituída por “líder” na frase “Quem comanda deve servir, o seu líder deve ser seu servidor”, conforme pode ser visto na próxima ilustração.

Figura 30 - Trecho de notícia veiculada no portal *Terra*



Essa foi a quarta vez que Jorge Bergoglio realizou a homilia "In coena Domini" em uma cadeia desde o início de seu pontificado, em 2013. Ao todo, o Papa lavou os pés de quatro italianos, dois filipinos, dois marroquinos, um moldavo, um colombiano, um nigeriano e um leonês.

Oito deles são católicos; dois, muçulmanos; um, ortodoxo; e um, budista. "Eu sou pecador como vocês, mas hoje represento Jesus, sou embaixador de Jesus. Quando eu me ajoelhar perante cada um de vocês, pensem: 'Jesus se arriscou neste homem, um pecador, para vir até mim e dizer que me ama'", afirmou Francisco, durante a missa na penitenciária Regina Coeli, e maior de Roma e situada a dois quilômetros do Vaticano.

"Quem comanda deve servir, o seu líder deve ser seu servidor", acrescentou o Pontífice. Além disso, ele afirmou que "todos têm a oportunidade de mudar de vida". "É necessário sempre um olhar que abra à esperança. Não se pode conceber uma penitenciária como essa sem esperança. Os hóspedes estão aqui para aprender, para fazer crescer a esperança", disse.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Terra*.⁸³

A mesma frase, no texto do site do Vaticano, aparece com a palavra “chefe”. Parece-nos, portanto, que dentro do contrato que o jornalismo busca estabelecer com o leitor, usar a palavra “líder” é uma tática, pois o termo condiz com o posto do papa, ou seja, “líder” da Igreja, que comanda e, por isso, deve ser servidor.

Outro ponto a ser observado é que, conforme evidenciamos na análise do texto anterior, há um momento no qual a homilia se encerra e que as falas do pontífice são de outros momentos: da troca do sinal da paz e de resposta às saudações da diretora da penitenciária e de um preso. Essa divisão, no entanto, não aparece no site jornalístico, que se apropria do conteúdo, transformando em um único texto, desprovido de contexto. A frase, segundo o

⁸³ Disponível em: bit.ly/2wpX5aH. Acesso em: 10 fev. 2019.

portal, dita na homilia pelo pontífice (“Quem comanda deve servir, o seu líder deve ser seu servidor”), é a única utilizada na matéria. Na sequência, o site usa a resposta do papa à diretora (“[...] todos têm a oportunidade de mudar de vida”) (PAPA..., 2018e), como se fosse um complemento à citação anterior.

Por fim, o texto jornalístico (PAPA..., 2018e) encerra ressaltando que o papa confessou que fará uma cirurgia de catarata. Essa informação, no entanto, também foi dada à diretora, fora do contexto da homilia. O último parágrafo ainda faz referência à mensagem *Urbi et Orbi*, pronunciada pelo papa, tradicionalmente, no Domingo de Páscoa, e que analisaremos no próximo conjunto de episódios.

Outro link aparece no final da matéria (PAPA..., 2018e) remetendo ao trailer do filme *Papa Francisco, um homem de palavra*, cuja sinopse aborda que o pontífice abre as portas do Vaticano para abordar questões relevantes para a sociedade, dentre elas família, justiça e imigração. Considerando esse pequeno trecho, evidenciamos que o site quer construir a imagem de um papa acolhedor, humilde e aberto ao próximo. Isso vai ao encontro de nossa hipótese de que a performance do papa também pauta a mídia – e não só o que ele diz.

Antes de adentrarmos no discurso dos atores sociais, analisaremos a matéria sobre o discurso de Lava-Pés de 2018 veiculada pelo portal *UOL Notícias* (PAPA..., 2018f)⁸⁴. Acreditamos ser importante trazermos mais do que uma visão do acontecimento, pois não podemos dizer que o discurso jornalístico é o discurso do portal *Terra*. Ele é um dos veículos que divulgou a informação, mas o fato circulou na mídia, por outros canais. A fim de compararmos a abordagem dos portais, olharemos também sob o viés do *UOL Notícias*. (PAPA..., 2018f).

Ao nos debruçarmos sobre essa matéria, vemos que o texto é exatamente o mesmo do portal *Terra*. O título, a linha de apoio e o corpo da matéria – o que muda é somente a foto. Desse modo, evidenciamos que se trata de um texto de agência de notícias, pois o *UOL Notícias* indica na assinatura da matéria “Da Ansa⁸⁵”. (PAPA..., 2018f). O *Terra*, no entanto, não indica a procedência.

⁸⁴ Disponível em: bit.ly/2NeVixH. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁸⁵ Agenzia Nazionale Stampa Associata (ANSA) é a principal agência de notícias italiana.

Figura 31 - Trecho de notícia veiculada no *UOL Notícias*


Papa lava pés de presos e diz: 'Sou pecador como vocês'

Tradicional rito foi celebrado na penitenciária de Roma

23 Artigos 19/03/2018 - 18:25

"Quem comanda deve servir, o seu líder deve ser seu servidor", disse o Pontífice. (Foto: Observatore Romano/Reuters)

O papa Francisco celebrou nesta quinta-feira (29) a tradicional missa de Lava-Pés em uma penitenciária de Roma, durante a qual se ajoelhou perante 12 detentos, incluindo muçulmanos, e disse ser tão "pecador" quanto eles.

Essa foi a quarta vez que Jorge Bergoglio realizou a homilia "In coena Domini" em uma cadeia desde o início de seu pontificado, em 2013. Ao todo, o Papa lavou os pés de quatro italianos, dois filipinos, dois marroquinos, um moldavo, um colombiano, um nigeriano e um leonês. Dito deles são católicos; dois muçulmanos; um ortodoxo; e um budista.

Mais Lidas

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *UOL Notícias*.⁸⁶

O texto da agência também é utilizado no site da *Revista Istoé* (PAPA..., 2018d)⁸⁷. Nesse portal, inclusive, para ilustrar a matéria, é usada a mesma foto do *UOL Notícias* – retirada do site do Vaticano. Nessa foto, os rostos dos presos são mostrados, o que parece ser uma estratégia dos sites no intuito de reforçar as diferenças nacionalidades, tendo em vista que na foto são vistas diversas etnias. No entanto, isso parece também um desrespeito com o direito da imagem do preso, já que presos não podem nem mesmo controlar a sua exibição.


⁸⁶ Disponível em: bit.ly/2NeVixH. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁸⁷ Disponível em: bit.ly/2TdO5lm. Acesso em: 10 jan. 2020.

Figura 32 - Trecho de notícia veiculada na *Revista Istoé*

MUNDO

Papa lava pés de presos e diz: 'Sou pecador como vocês'



Papa Francisco lava os pés de 12 presos do presídio de Regina Coeli em Roma (Crédito: VATICAN MEDIA/AFP)

Ansia

29/03/18 - 14h10 - Atualizado em 29/03/18 - 18h19

ROMA, 29 MAR (ANSA) – O papa Francisco celebrou nesta quinta-feira (29) a tradicional missa de Lava-Pés em uma penitenciária de Roma, durante a qual se ajoelhou perante 12 detentos, incluindo muçulmanos, e disse ser tão "pecador" quanto eles.

Essa foi a quarta vez que Jorge Bergoglio realizou a homilia "In coena Domini" em uma cadeia desde o início de seu pontificado, em 2013. Ao todo, o Papa lavou os pés de quatro italianos, dois filipinos, dois marroquinos, um moldavo, um colombiano, um nigeriano e um leonês.

Oito deles são católicos; dois, muçulmanos; um, ortodoxo; e um, budista. "Eu sou pecador como vocês, mas hoje represento Jesus, sou embaixador de Jesus. Quando eu me ajoelhar perante cada um de vocês, pensem: Jesus se arriscou neste homem. Um pecador, para vir até mim e dizer que me ama", afirmou Francisco, durante a missa na penitenciária Regina Coeli, a maior de Roma e situada a dois quilômetros do

Fonte: Elaborado pela autora, com base na *Revista Istoé*.⁸⁸

Como nosso intuito, no entanto, é pluralidade de vozes, buscamos outra fonte e chegamos ao site do *Correio Braziliense* (PAPA..., 2018c)⁸⁹. O texto não é igual aos demais, mas também é de uma agência de notícias, a Agência France-Pressé⁹⁰. Embora a foto seja a mesma utilizada nos dois portais anteriores, o texto difere em título, linha de apoio e estrutura. A chamada dessa matéria é "Papa Francisco lava os pés de presos não católicos", ou seja,

⁸⁸ Disponível em: bit.ly/2TdO5lm. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁸⁹ Disponível em: bit.ly/2QGTMqj. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁹⁰ Agência de notícias francesa.

destaca que os presos são de outras religiões. Essa construção pode levar a uma ideia de papa acolhedor ou de um papa que, ao se abrir para o diverso, talvez esteja fugindo do esperado para um católico.

A linha de apoio (PAPA..., 2018c) traz uma explicação do que é o rito. “Na tradição cristã, a Quinta-Feira Santa comemora o dia em que Jesus lavou os pés dos apóstolos e celebrou a instituição da Eucaristia na Última Ceia”, enquanto os demais somente indicam o local no qual o rito foi celebrado. Evidenciamos, pois, uma hierarquia diferente de valores notícia na construção das duas matérias.

Figura 33 - Trecho de notícia veiculada no *Correio Braziliense*

The image shows a screenshot of a news article from the website 'CORREIO BRAZILIENSE Mundo'. The main headline is 'Papa Francisco lava os pés de presos não católicos'. Below the headline, there is a sub-headline: 'Na tradição cristã, a Quinta-Feira Santa comemora o dia em que Jesus lavou os pés dos apóstolos e celebrou a instituição da Eucaristia na Última Ceia'. The article is attributed to 'Agência France-Presse' and dated 'postado em 29/03/2018 14:59'. A photograph shows Pope Francis, in white, kneeling and washing the feet of a group of men sitting on a bench. The men are dressed in casual clothing. The photo is credited to '© Vatican Media'. To the right of the main article, there is a sidebar with the heading 'MAIS LIDAS' (Most Read) and a list of five news items with their respective dates and social media sharing icons. Below this list is a section titled 'BLOGS'.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Correio Braziliense*.⁹¹

Evidenciamos que a matéria do *Correio Braziliense* (PAPA..., 2018c) começa da mesma forma, destacando a nacionalidade distinta dos detentos e explica, na sequência, que o rito foi realizado após breve reunião particular com presos doentes. O parágrafo seguinte conta com uma citação do pontífice: “Cada um tem a oportunidade de mudar de vida e não tem de ser julgado”. A frase que está no site do Vaticano, no entanto, não está na voz passiva,

⁹¹ Disponível em: bit.ly/2QGTmqj. Acesso em: 10 jan. 2020.

mas sim ativa: “Todos ainda estão vivos e têm a oportunidade de mudar de vida, e não podemos julgar”. (PAPA FRANCISCO, 2018d). Ou seja, o jornalismo altera o texto para não se incluir. Ao dizer “não podemos julgar”, o jornalismo estaria incluído nesta tarefa. O que o texto faz é tornar impessoal.

Figura 34 - Trecho de notícia veiculada no *Correio Braziliense*

Roma, Itália - O papa Francisco celebrou mais uma vez a missa da Quinta-Feira Santa em uma prisão fazendo a cerimônia do lava-pés com doze presos, entre eles dois muçulmanos, um judeu ortodoxo e um budista.

Depois de uma breve reunião particular com os presos doentes, o papa celebrou durante a tarde a missa da Última Ceia e o rito da lavagem de pés com doze detentos da prisão de Regina Coeli.

"Cada um tem a oportunidade de mudar de vida e não tem de ser julgado", enfatizou o papa depois de acrescentar que ele próprio se considera um pecador, em uma homilia transmitida pela rádio Vaticano.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Correio Braziliense*.⁹²

Evidenciamos, pois, a dimensão da transitividade (FAIRCLOUGH, 2001) que tem por intuito verificar se há participantes favorecidos no texto por meio das escolhas de voz que são feitas. No texto do portal de notícias (PAPA..., 2018c), portanto, o discurso do papa parece de ordem, enquanto no site do Vaticano (PAPA FRANCISCO, 2018d) o pontífice parece incluir-se na condição de quem não deve julgar.

No *Correio Braziliense* (PAPA..., 2018c) a frase “sou pecador como vocês” não aparece na ordem direta, mas o site menciona que o papa falou que todos têm a oportunidade de mudar de vida depois de enfatizar “que ele próprio se considera um pecador”. Evidenciamos, portanto, uma fagia discursiva em relação ao texto que se encontra no Vaticano.

Ao contrário do portal *Terra* (PAPA..., 2018e), que traz para o leitor ao final do texto a informação de que o papa fará um novo pronunciamento no domingo, a matéria do *Correio Braziliense* (PAPA..., 2018c) encerra dizendo que “[...] durante a manhã, na tradicional missa na basílica de São Pedro, diante de padres e religiosos de Roma, o papa recomendou que sejam ‘sacerdotes de rua’ e estejam mais disponíveis para os fiéis”.

⁹² Disponível em: bit.ly/2QGTmQj. Acesso em: 10 jan. 2020.

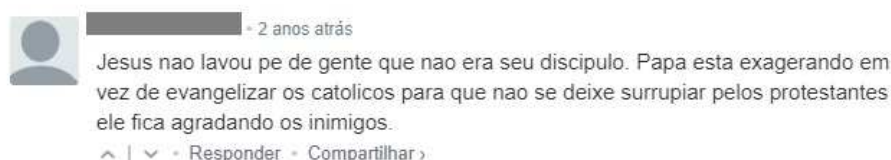
Desse modo, os sites agenciam circuitos diferentes, o que demonstra que a gramática de produção gera distintas gramáticas de reconhecimento, pois os sites jornalísticos produzem discurso, mas, tendo em vista que recebem a mesma informação, escolhem determinadas formas de reportá-la, mesmo que esse filtro ocorra pelas agências de notícias. Ou seja, a matéria também pode ser pensada na instância do reconhecimento, pois cria diferentes desdobramentos para o mesmo fato.

7.1.3 O discurso dos atores sociais

Conforme visto em nosso capítulo teórico, o reconhecimento está condicionado às diferentes formas de apropriação, que ocorrem segundo lógicas e gramáticas do mundo dos atores. Em nossa primeira exploração, evidenciamos alguns movimentos realizados nesse âmbito. Vimos que o discurso papal apresentado na esfera jornalística suscita diversos embates, sobretudo políticos.

Ao analisarmos de forma mais aprofundada o texto da homilia e as matérias jornalísticas, percebemos que há, além da subjetividade do ator social, as condições de reconhecimento, das quais a mídia faz parte, e importantes fagias discursivas durante o trânsito desse discurso. Nossa hipótese inicial de “papa do encontro” fica afetada quando vemos que, por mais que os sites pareçam apresentar a imagem de um pontífice acolhedor, os comentários, em sua maioria, discordam das atitudes do pontífice, questionando suas ações e, volta e meia, relacionando com outros fatos publicados pela mídia em relação à Igreja – quase sempre com caráter negativo. Em um comentário, um ator social chega a sugerir que pontífice se preocupe mais com os católicos do que com pessoas de outra religião.

Figura 35 - Comentário na notícia veiculada no *Correio Braziliense*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Correio Braziliense*.⁹³

⁹³ Disponível em: bit.ly/2QGTmqj. Acesso em: 10 jan. 2020.

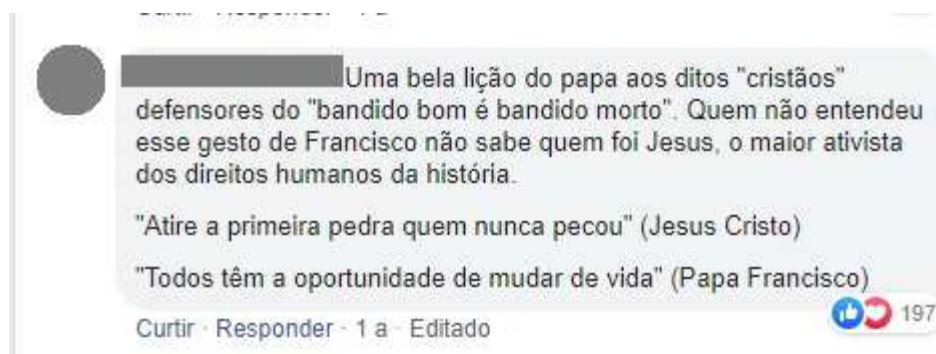
Evidenciamos nesse comentário o que já nos lembrava anteriormente Verón (2013), ao citar Peirce e dizer que o pensamento, em um momento dado, tem existência potencial, mas “[...] depende daquilo que será mais tarde”. (VERÓN, 2013, p. 194). Percebemos, pois, que os pensamentos do pontífice são um discurso com existência potencial, pois o que ele é na mídia e o para os atores sociais se transforma conforme quem os recebe.

Essa mudança também está relacionada ao que diz Fairclough (2001, p. 290) no item *ordens de discurso*, pois nesse ponto da análise discursiva a preocupação está nos “[...] efeitos de reprodução e transformação das ordens do discurso [...]”, ou seja, no que o discurso se transforma, na medida em que se desloca. Além disso, o autor destaca que alguns dos fatores que impactam nessas transformações são a democratização, comodificação e tecnologização.

De forma mais clara, a democratização é o acesso ao discurso que está mais disponível à sociedade como um todo – e isso está estritamente relacionado à tecnologização, uma vez que a internet, como nos lembra Verón (2013), resultou em uma mutação nas condições de acesso dos atores sociais ao discurso midiático, o que gerou também transformações nas condições de circulação. Não é à toa que, nesse trabalho, analisamos a circulação do discurso papal e diversas instâncias – todas elas inscritas no ambiente digital.

A comodificação, por sua vez, diz respeito à segmentação da oferta discursiva, que ocorre conforme o público que se deseja atingir. Essa segmentação atrelada às lógicas dos dispositivos tecnológicos e dos atores sociais resulta em diferentes fluxos e circuitos. Abaixo do link da matéria do *UOL Notícias*, publicada no *Facebook*, a atitude do pontífice gerou um circuito de debates sobre pena de morte, misericórdia, amor ao próximo.

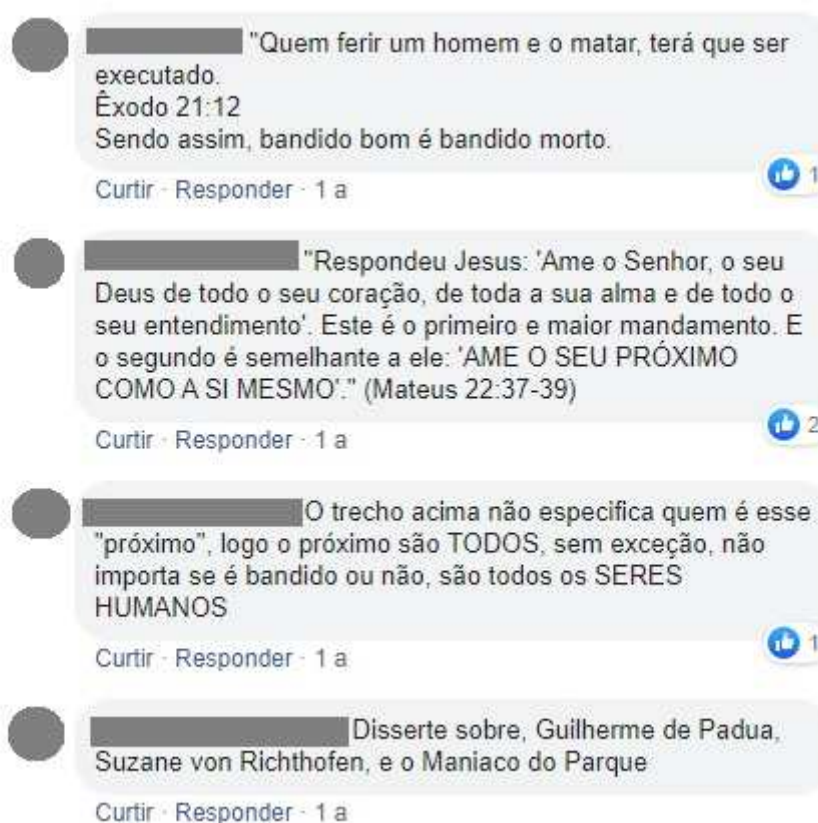
Figura 36 - Comentário na notícia do *UOL Notícias* compartilhada no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

O comentário obteve 197 reações de “aprovação”, ou seja, *likes*, e 25 comentários em resposta ao posicionamento do ator social – que estão dentro da caixa maior de diálogo de comentários da plataforma. O ator social contesta a atitude de cristãos que utilizam a frase “bandido bom é bandido morto”, ressaltando que Jesus foi um ativista em prol dos direitos humanos. É um discurso que agencia um novo circuito de discussão, devido a sua situação de recepção, que é uma plataforma digital, permitindo que, dessa forma, ocorra o “fluxo adiante”. (BRAGA, 2017).

Figura 37 - Comentário na notícia do *UOL Notícias* compartilhada no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

Vemos que o comentário do primeiro ator social desta figura utiliza da intertextualidade, mencionando uma passagem bíblica para reforçar sua posição de que “bandido bom é bandido morto”. Na sequência, o outro ator social se utiliza do mesmo recurso, mencionando uma passagem bíblica diferente para contestar o argumento anterior. O comentário que segue adota a mesma lógica. Outro ator lembra nomes que ficaram marcados

na mídia pela sua relação com assassinatos, dando um novo rumo à conversa. É um circuito que se cria dentro de outro.

Nesse caso, percebemos que o sentido do discurso se torna outro e não mais o acontecimento, ou seja, o discurso do papa na missa de Lava-Pés. Evidenciamos aqui o que já nos mostrava o trabalho de Souza (2016), ao analisar a circulação, em sites jornalísticos, de pequenas frases proferidas pelo Papa Francisco. Em sua análise, a autora concluiu que o que circula são os sentidos e não mais os acontecimentos. O mesmo evidenciamos agora em nosso estudo. O trecho da fala se torna subsídio para o debate. É o seu poder simbólico que o faz permanecer em fluxo. O que ocorre, nesse caso, é o mesmo processo evidenciado por Rosa (2019) ao analisar a imagem da mulher muçulmana, que permanece circulando por seu poder simbólico – que a torna totêmica.

Estabelecem-se, portanto, diversos contratos de leitura, destinados a um leitor idealizado, uma vez que já se sabe as condições de reconhecimento que está inserido – ou seja, um ambiente que propicia o debate. Portanto, esse leitor produz sentidos em uma plataforma que possui uma discursividade que lhe é própria.

Também é interessante observar como as condições de reconhecimento se transformam com o tempo, algo próprio de uma sociedade em midiatização, que se complexifica a cada instante, resultando em novas e distintas formas de sociabilidade. Ao analisarmos o *Facebook* do portal *Terra* em 2019, a fim de observarmos a abordagem realizada pelo portal para noticiar a missa de Lava-Pés presidida pelo pontífice no ano seguinte ao considerado por nós nesta pesquisa, evidenciamos que o site se utiliza do mesmo enfoque ao chamar o acontecimento na rede social.

Figura 38 – Publicação no *Facebook* do portal *Terra*



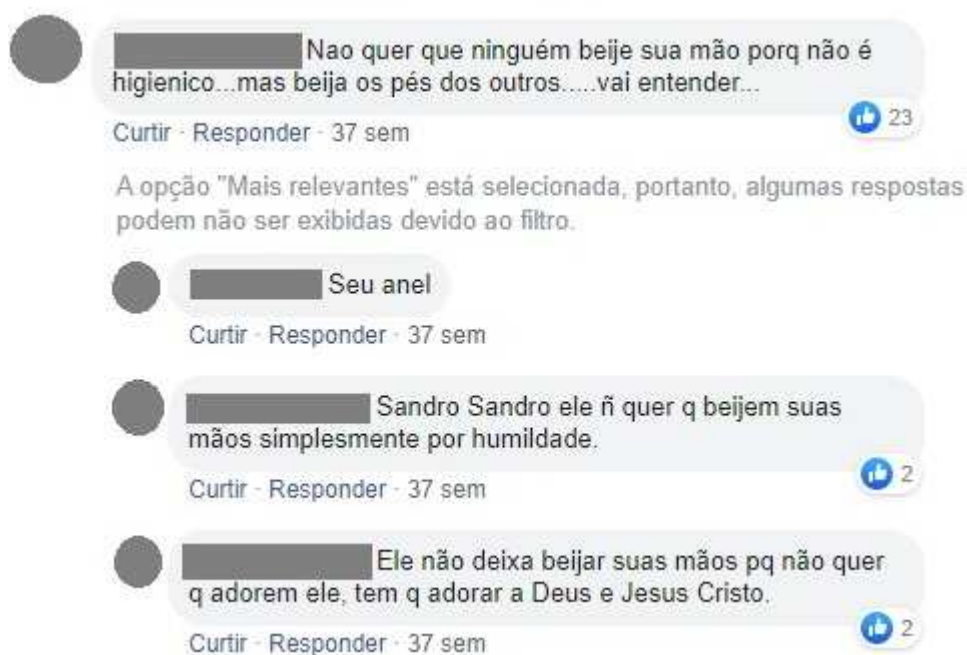
Fonte: Elaborado pela autora, com base em *Facebook*.

Da mesma forma que no ano anterior, o portal destaca a nacionalidade dos presos e, neste caso, que um deles é brasileiro. Mais uma vez menciona que essa não é a primeira vez que o rito acontece em uma penitenciária e dá a localização dela. No ano anterior, vimos que os comentários na matéria faziam alusão, principalmente, à política, pois o país vivia um cenário de eleições e os atores estavam envolvidos e, conseqüentemente, afetados por essa ambiência.

Em 2019, a publicação aciona um circuito em torno de outro acontecimento, ocorrido na semana anterior, envolvendo o Papa Francisco. Menos de um mês antes da cerimônia de Lava-Pés, um vídeo do pontífice recusando o beijo de fiéis em seu anel⁹⁴ viralizou na internet, causando polêmica. Posteriormente, o diretor do gabinete de imprensa do Vaticano explicou que o pontífice fez isso por questão de higiene e para evitar a disseminação de germes.

⁹⁴ Disponível em: glo.bo/3a47lRq. Acesso em: 10 jan. 2020.

Figura 39 - Comentários na notícia do portal *Terra* compartilhada no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

Vemos que a explicação dada pelo Vaticano, e que se disseminou na mídia, sendo publicada em diversos sites de notícias, também foi usada como subsídio pelos atores sociais para explicar a atitude do pontífice. Evidenciamos, portanto, que os atores sociais se apropriam de conteúdos midiáticos os utilizando de forma diversa em seu cotidiano – nesse caso como argumento em uma discussão dentro das caixas de diálogo do *Facebook*. Outros comentários argumentam que o pontífice tomou tal atitude por questão de humildade, pois não quer ser adorado.

Encontramos essa explicação também em portais de notícias. A matéria da *Revista Fórum* leva o título “‘Papa não quer ser tratado como rei’, diz vaticanista sobre recusa em beijo no anel”⁹⁵ e o conteúdo da notícia destaca que o pontífice se recusou em aceitar beijos no “anel do pescador”, que é um dos símbolos do poder papal, pois o papa se incomoda com a mistificação do cargo e não quer ser tratado como rei.

Os dois argumentos, distintos, se confrontam nos comentários, mas é interessante observar que isso só acontece, pois há uma plataforma que permite isso, ou seja, que diversos aspectos sejam trazidos em um circuito que não se fecha em uma única opinião, mas se expande. Salientamos, no entanto, que isso não se deve unicamente ao dispositivo, mas também ao que o ator social faz nessas novas mídias – as táticas que ele desenvolve. O

⁹⁵ Disponível em: bit.ly/2FSI45K. Acesso em: 12 jan. 2020.

comentário ultrapassa as paredes de uma discussão familiar, por exemplo, tensionando a ação de um líder religioso por meio de um comentário on-line com pessoas que podem estar no outro lado do mundo – é a complexificação das relações sociais, característica própria da midiatização.

A fim de encontramos outras marcas que nos ajudem a compreender essa sociedade em midiatização, bem como de que forma se configuram as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação do discurso do Papa Francisco, nossa pergunta central nessa pesquisa, partiremos para o próximo episódio de nossa análise.

7.2 A GUERRA NA SÍRIA

Nesse momento nos debruçaremos sobre o segundo episódio de nossa análise. Considerando que a mensagem *Urbi et Orbi*⁹⁶ (dedicada a cidade de Roma e ao mundo) foi proferida pelo Papa Francisco em 1º de abril de 2018, na Sacada Central da Basílica Vaticana, poucos dias após a homilia de Lava-Pés, podemos dizer que ainda estamos na mesma ambiência mencionada anteriormente. Vale observarmos, no entanto, que apesar dos acontecimentos factuais relatados, existe a situação mundial no que diz respeito a guerras e conflitos armados em curso. Ou seja, não são fatos isolados e temporais, mas guerras que já estavam instauradas no mundo e que se seguiram ao longo do ano seguinte e outras até o momento deste estudo – que se encerra no início de 2020.

7.2.1 O discurso religioso

Na mensagem *Urbi et Orbi*, o Papa Francisco faz um apanhado geral e menciona todas as áreas em conflito no mundo em 2018⁹⁷. (PAPA FRANCISCO, 2018a). Mais uma vez, percebemos a apropriação que o pontífice faz dos assuntos que estão na mídia e, atento ao cenário mundial, também ele desenvolve táticas de abordagem sobre determinados temas. No discurso anterior, ele também pede pela paz no mundo, mas se utiliza, para isso, de diferentes passagens bíblicas, portanto, é uma fala sobremaneira baseada nos ensinamentos de Jesus.

Nesse caso, vemos o seu posicionamento acerca dos conflitos. Ele inicia sua explanação e a conclui com um trecho bíblico, mas, ao longo do texto, discorre na primeira pessoa do plural, utilizando palavras como “suplicamos”, “imploramos”, “pedimos”. O papa

⁹⁶ Tradicional discurso proferido pelo papa no Natal e na Páscoa, na sacada central da Basílica de São Pedro, em Roma.

⁹⁷ Disponível em: bit.ly/3c4ICW2. Acesso em: 10 abr. 2019.

começa ressaltando o que a Igreja Católica celebra nesse dia em que ele pronuncia a mensagem, ou seja, a Páscoa, ressurreição de Jesus Cristo. (PAPA FRANCISCO, 2018a).

Figura 40 - Trecho de material veiculado no site *A Santa Sé*

**MENSAGEM URBI ET ORBI
DO PAPA FRANCISCO**

PÁSCOA 2018

*Sacada Central da Basílica Vaticana
Domingo, 1º de abril de 2018*

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs, feliz Páscoa!

Jesus ressuscitou dos mortos.

Ressoa na Igreja, por todo o mundo, este anúncio, juntamente com o cântico do Aleluia: Jesus é o Senhor, o Pai ressuscitou-O e Ele está vivo para sempre no meio de nós.

O próprio Jesus preanunciara a sua morte e ressurreição com a imagem do *grão de trigo*. Dizia: «Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto» (Jo 12, 24). Foi isto mesmo que aconteceu: Jesus, o grão de trigo semeado por Deus nos sulcos da terra, morreu vítima do pecado do mundo, permaneceu dois dias no sepulcro; mas, naquela sua morte, estava contida toda a força do amor de Deus, que se desencadeou e manifestou ao terceiro dia, aquele que celebramos hoje: a Páscoa de Cristo Senhor.

Nós, cristãos, acreditamos e sabemos que a ressurreição de Cristo é a verdadeira esperança do mundo, a esperança que não decepciona. É a força do grão de trigo, a do amor que se humilha e oferece até ao fim e que verdadeiramente renova o mundo. Esta força dá fruto também hoje nos sulcos da nossa história, marcada por tantas injustiças e violências. Dá frutos de esperança e dignidade onde há miséria e exclusão, onde há fome e falta trabalho, no meio dos deslocados e refugiados – frequentemente rejeitados pela cultura atual do descarte – das vítimas do narcotráfico, do tráfico de pessoas e da escravidão dos nossos tempos.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site *A Santa Sé*.⁹⁸

Por meio da intertextualidade, utiliza uma passagem bíblica para fazer analogia com a morte de Cristo: “Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto”. (PAPA FRANCISCO, 2018a). E completa:

Jesus, o grão de trigo semeado por Deus nos sulcos da terra, morreu vítima do pecado do mundo [...]. Nós cristãos, acreditamos e sabemos que a ressurreição de Cristo é a verdadeira esperança do mundo, a esperança que não decepciona. É a força do grão de trigo, a do amor que se humilha e que oferece até ao fim e que verdadeiramente renova o mundo. Esta força dá fruto também hoje nos sulcos da nossa história, marcada por tantas injustiças e violências. (PAPA FRANCISCO, 2018a).

A analogia com os “frutos”, que Jesus Cristo dá por meio da ressurreição, segundo o pontífice, é utilizada ao longo de cada parágrafo. Para cada zona de conflito, ele pede um “fruto” diferente, como paz, esperança, consolação como veremos a seguir. Antes, porém, ele

⁹⁸ Disponível em: bit.ly/3c4ICW2. Acesso em: 10 abr. 2019.

ressalta que esses frutos dão força onde há miséria àqueles “[...] rejeitados pela cultura atual do descarte [...]”. (PAPA FRANCISCO, 2018a). Interessante observar que na homilia de Lava-Pés ele também utiliza o termo “descarte”, ressaltando que Jesus vai ao encontro daquelas pessoas que sofrem “[...] que são descartadas pela sociedade”.

Outro ponto que se repete nos dois textos é a menção à escravidão. Na homilia (PAPA FRANCISCO, 2018b), ele lembra que o ato de lavar os pés era praticado pelos escravos e destaca que Jesus se coloca nessa posição para mostrar que todos são iguais; e na mensagem *Urbi et Orbi*, de Páscoa (PAPA FRANCISCO, 2018a), ao mencionar as pessoas rejeitadas pela cultura do descarte, ele inclui as vítimas do narcotráfico, os refugiados, aqueles que são vítimas da “escravidão dos nossos tempos”.

Novamente ele parece fazer um combate ao racismo não somente de pessoas negras, mas a todos aqueles que se encontram às margens da sociedade pelo mesmo motivo dos negros, no passado. Ao dar sequência à mensagem, ele inicia pedindo frutos de paz à Síria (cuja guerra civil se transformou em revolta armada), pedindo “[...] termo ao extermínio em curso”. (PAPA FRANCISCO, 2018a).

Figura 41 - Trecho de material veiculado no site *A Santa Sé*

E nós, hoje, pedimos frutos de paz para o mundo inteiro, a começar pela amada e martirizada Síria, cuja população se encontra exausta por uma guerra sem um fim à vista. Nesta Páscoa, a luz de Cristo Ressuscitado ilumine as consciências de todos os responsáveis políticos e militares, para que se ponha imediatamente termo ao extermínio em curso, respeite o direito humanitário e proveja a facilitar o acesso às ajudas de que têm urgente necessidade estes nossos irmãos e irmãs, assegurando ao mesmo tempo condições adequadas para o regresso de quantos foram desalojados.

Frutos de reconciliação, imploramos para a Terra Santa, ferida, também nestes dias, por conflitos abertos que não poupam os indefesos, para o Iémen e para todo o Médio Oriente, a fim de que o diálogo e o respeito mútuo prevaleçam sobre as divisões e a violência. Possam os nossos irmãos em Cristo, que muitas vezes sofrem abusos e perseguições, ser testemunhas luminosas do Ressuscitado e da vitória do bem sobre o mal.

Frutos de esperança, suplicamos neste dia para todos aqueles que anseiam por uma vida mais digna, especialmente nas regiões do continente africano atormentadas pela fome, por conflitos endêmicos e pelo terrorismo. A paz do Ressuscitado cure as feridas no Sudão do Sul: abra os corações ao diálogo e à compreensão mútua. Não esqueçamos as vítimas daquele conflito, sobretudo as crianças! Não falte a solidariedade em prol das inúmeras pessoas forçadas a abandonar as suas terras e privadas do mínimo necessário para viver.

Frutos de diálogo, imploramos para a península coreana, para que os colóquios em curso promovam a harmonia e a pacificação da região. Aqueles que têm responsabilidades diretas ajam com sabedoria e discernimento para promover o bem do povo coreano e construir relações de confiança no âmbito da comunidade internacional.

Frutos de paz, pedimos para a Ucrânia, a fim de que se reforcem os passos a favor da concórdia e sejam facilitadas as iniciativas humanitárias de que necessita a população.

Frutos de consolação, suplicamos para o povo venezuelano, que vive – escreveram os seus Pastores – como que em «terra estrangeira» no seu próprio país. Possa, pela força da Ressurreição do Senhor Jesus, encontrar a via justa, pacífica e humana para sair, o mais rápido possível, da crise política e humanitária que o oprime e, àqueles dentre os seus filhos que são forçados a abandonar a sua pátria, não lhes falte hospedagem nem assistência.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site *A Santa Sé*.⁹⁹

Depois, o papa implora pela Terra Santa ferida “[...] por conflitos abertos que não poupam os indefesos [...]” (PAPA FRANCISCO, 2018a), pelo Iémen e por todo Oriente Médio, pedindo diálogo e respeito, a fim de que acabem as divisões e a violência. Posteriormente, suplica por frutos de esperança nas regiões do continente africano (no qual há conflitos na Somália, Nigéria e República Democrática do Congo). Pede paz ao Sudão do Sul, ressaltando as vítimas do conflito, com destaque às crianças.

Segue implorando frutos de diálogo à península coreana e que “[...] os colóquios em curso promovam a harmonia e a pacificação da região”. (PAPA FRANCISCO, 2018a). A Ucrânia é o próximo país a ser mencionado pelo pontífice, sobre o qual o papa pede que sejam reforçados os passos da concórdia. Ele finaliza com os frutos de consolação, suplicando pela Venezuela. “Suplicamos para o povo venezuelano, que vive – escreveram os seus Pastores – como que em ‘terra estrangeira’ no seu próprio país”. (PAPA FRANCISCO, 2018a).

Posteriormente, o papa se utiliza novamente da intertextualidade, utilizando uma passagem bíblica para dizer que a ressurreição é a esperança de uma vida nova. Ele renova seus votos de Feliz Páscoa a todos da Itália, que o escutam presencialmente, e os provenientes

⁹⁹ Disponível em: bit.ly/3c4ICW2. Acesso em: 10 abr. 2019.

de vários países, assim como “[...] a quantos estão ligados a televisão, a rádio e outros meios de comunicação”. (PAPA FRANCISCO, 2018a). A frase, muitas vezes utilizada nos discursos do Papa João Paulo II, e que se repete no pontificado de Francisco.

Ele deseja a alegria e a esperança de Jesus às famílias, especialmente aos “[...] idosos, que são a memória preciosa da sociedade [...]” e os jovens. (PAPA FRANCISCO, 2018a). Aqui se confirma nossa hipótese de que o pontífice realiza um discurso que busca ser para todos. Por fim, ele diz “[...] por favor, não vos esqueçais de rezar por mim”. Da mesma forma, ele encerra o discurso de Lava-Pés: “E vós, rezai por mim”. (PAPA FRANCISCO, 2018a). O papa, cujas mãos são beijadas pelos fiéis, pede oração.

Evidencia-se, portanto, uma performance que demonstra humildade e inclusão. Parece que neste texto, embora o pontífice direcione sua fala para ações políticas em diversos países, ainda que num tom de súplica, se inclui novamente ao dizer para rezar por ele também. Ou seja, há outros conflitos, não mencionados, talvez dentro da própria Igreja e da sociedade que demandam orações.

Partimos agora para a análise das matérias jornalísticas, nas quais reverberaram esse discurso do pontífice. Começamos pela veiculada no portal *GI*, que fizemos uma breve exploração anteriormente. A fim de termos outros ângulos de abordagem, posteriormente, partiremos também para materialidades de outros veículos.

7.2.2 O discurso jornalístico

Começamos nossa análise do discurso jornalístico, considerando a matéria publicada no portal *GI*, intitulada “Conflito na Terra Santa ‘não poupa os indefesos’, diz Papa Francisco em mensagem de Páscoa”. (CONFLITO..., 2018)¹⁰⁰. Assim como evidenciado na manchete do portal *Terra* (PAPA..., 2018e), trazida no episódio anterior, nessa matéria também há uma frase do pontífice no título. É uma fala do papa que é destacada do texto e, por seu caráter totêmico, vira título e ganha força.

¹⁰⁰ Disponível em: glo.bo/2QrUhCS. Acesso em: 10 abr. 2019.

Figura 42 - Trecho de notícia veiculada no portal *GI*

Conflito na Terra Santa 'não poupa os indefesos', diz papa Francisco em mensagem de Páscoa

Discurso da sacada central da basílica de São Pedro fez referência a confronto que deixou 16 palestinos mortos na última sexta-feira (30). Pontífice também apelou para fim do 'extermínio' na Síria.



Por Reuters

01/04/2018 08h36 · Atualizado há um ano



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.¹⁰¹

Na linha de apoio, a matéria menciona que o discurso do papa fez referência a um confronto que havia deixado 16 palestinos mortos na última semana. Acreditamos que o texto jornalístico faz essa interpretação, pois, embora o discurso publicado no site do Vaticano não entre nos detalhes do acontecimento, quando o papa pede pela Terra Santa, ele segue com frase “ferida, também nesses dias”. Na linha de apoio, pontífice também pede fim do extermínio na Síria. (CONFLITO..., 2018).

Novamente, ressaltamos que o texto publicado no portal *GI* (CONFLITO..., 2018) é de agência de notícias, nesse caso, da Reuters. Evidente que o site utiliza critérios, que não sabemos quais, para escolher o texto da agência *x* ou *y*, mas certamente os contratos comerciais estão entre os critérios prioritários, uma vez que os sites jornalísticos compram as notícias. Acharmos um tanto complexo, no entanto, dizermos que o portal traz determinadas falas, sendo que na verdade não é ele que as produz.

¹⁰¹ Disponível em: glo.bo/2QrUhCS. Acesso em: 10 abr. 2019.

Trata-se, portanto, de uma apropriação dentro da apropriação, pois é a agência que se apropria do discurso do papa e o transforma em outro texto, e a instituição jornalística, por sua vez, se apropria do texto da agência, e, de certo modo, também o transforma em outro texto, pois, embora o conteúdo seja o mesmo, a forma como o dispõe em sua plataforma, os links relacionados que ativa, relacionando o conteúdo com outras matérias do portal, e a própria escolha das fotos, já o transforma em outro texto. Ou seja, há uma multiplicidade de fagias midiáticas aqui que abrem a possibilidade da nossa hipótese heurística de uma fagia discursiva.

Deparamo-nos, pois, com um processo que não estávamos prevendo em nossa exploração inicial e que se mostrou relevante de ser destacado em nossa análise. A matéria do portal *GI* (CONFLITO..., 2018) inicia destacando que a mensagem do papa foi proferida dois dias depois de confrontos entre Israel e a Faixa de Gaza e que o pontífice pediu paz à Terra Santa, ao dizer que o conflito “não poupa os indefesos”. No texto original, vemos que o papa fala em “conflitos abertos que não poupam os indefesos” (PAPA FRANCISCO, 2018a), ou seja, utiliza a frase no plural.

O texto (CONFLITO..., 2018) segue explicando o contexto no qual o apelo foi feito, ou seja, em um tradicional discurso proferido na Basílica de São Pedro na Páscoa e no Natal, e ressalta que, na sequência, o papa também fez súplicas pelo fim do extermínio da Síria. Conforme vimos anteriormente, no entanto, o conflito na Síria foi abordado primeiro no texto do Vaticano e o da Terra Santa depois. Para relacionar o discurso, no entanto, com um fato mais recente, próprio do jornalismo e de seu critério de temporalidade, o site do *GI* inverte a ordem do texto. Aqui, já vemos um uso criativo do texto, uma lógica de apropriação.

Além disso, o texto do *GI* (CONFLITO..., 2018) fala que o papa também pediu paz ao Sudão do Sul e à República Democrática do Congo. Esse último país, no entanto, não foi mencionado pelo pontífice, que pediu somente pelas “regiões do continente africano” (PAPA FRANCISCO, 2018a), destacando somente o Sudão do Sul. Evidenciamos, portanto, uma fagia discursiva nesse trecho da matéria.

A matéria segue dizendo (CONFLITO..., 2018) que o papa fez um apelo à reconciliação da Terra Santa “[...] no que parece ter sido uma referência direta aos confrontos da última sexta-feira (30)”. Ao contrário do que a matéria traz em sua linha de apoio, ou seja, uma afirmação de que o apelo foi feito em razão dos conflitos, nessa frase o fato é apresentado em tom de dúvida. Há, portanto, fagias de diversas ordens ao longo do texto. Novamente, percebemos que a regra é o movente, ou seja, o que o leitor quer e como ele pode

ser impactado de forma mais direta logo no início da matéria, ou seja, no título e linha de apoio.

Figura 43 - Trecho de notícia veiculada no portal *GI*

Em sua mensagem de Páscoa neste domingo (1^o), e dois dias depois de confrontos que deixaram 16 mortos na fronteira entre Israel e a Faixa de Gaza, o papa Francisco pediu paz na Terra Santa ao dizer o conflito “não poupa os indefesos”.

O apelo foi feito no “Urbi et Orbi” (à cidade e ao mundo), tradicional discurso feito pelo papa da sacada central da basílica de São Pedro, em Roma, no Natal e na Páscoa.

Francisco também fez súplicas pelo fim do “extermínio” na Síria, pedindo para que a ajuda humanitária seja autorizada a entrar nas áreas de conflito, e pela paz no Sudão do Sul e na República Democrática do Congo.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.¹⁰²

Sabemos que quando se trata de redes sociais, por exemplo, muitas vezes a matéria não chega a ser lida, ou não por completo, e os comentários, apropriações e circulação desse discurso funda-se somente no título e no comentário que a notícia ganha ao ser publicada na rede social. É um novo comportamento do ator social que impacta no modo de fazer notícia – e dele não podemos nos furtar.

Retornando à matéria (CONFLITO..., 2018), vemos que ela segue explicando o conflito da Terra Santa, quantos mortos deixou, e prossegue dando um panorama de como se encontrava o conflito, à época, e um posicionamento do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o fato. Por fim, o texto retomou, novamente, o momento em que o papa fala na guerra da Síria, em um parágrafo que não traz novidades, mas retoma o que já tinha sido dito no terceiro parágrafo. (CONFLITO..., 2018)

¹⁰² Disponível em: glo.bo/2QrUhCS. Acesso em: 10 abr. 2019.

O texto menciona (CONFLITO..., 2018) que o papa se referiu diretamente à “Terra da Síria, que há tanto tempo sofre”, quando na verdade o texto do Vaticano traz a frase “[..] a amada e martirizada Síria, cuja população se encontra exausta por uma guerra se um fim à vista”. (PAPA FRANCISCO, 2018a). São frases com o mesmo sentido, mas linguisticamente diferentes. Evidenciamos aqui o que Fairclough (2001) chama de *cadeias intertextuais*, ou seja, os tipos de transformação que determinada amostra discursiva sofre na medida em que é deslocada de seu contexto original e inserida em um ambiente outro, nesse caso, uma matéria jornalística.

Ele destaca que “[...] os diferentes tipos de textos variam radicalmente quanto ao tipo de redes de distribuição e cadeias intertextuais em que eles entram e, portanto, quanto aos tipos de transformação que eles sofrem”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 167). Vemos essa transformação nas matérias jornalísticas e, também, entre os atores sociais, mas conforme Fairclough (2001), em cada rede de distribuição há uma transformação diferente, que, a nosso ver, está relacionada à midiaticização.

Na matéria do jornal *O Globo* (PAPA..., 2018g)¹⁰³ também percebemos uma variação no texto, que difere da notícia do *G1* (CONFLITO..., 2018). Trata-se de outra matéria de agência que *O Globo* se apropria, neste caso, da AFP, e que traz uma angulação diferente ao texto do papa – a começar pelo título, que neste caso é “Papa pede ‘fim imediato’ da Guerra na Síria e reconciliação na Terra Santa”.

Figura 44 - Trecho de notícia veiculada no *O Globo*



90% OFF ASSINE AGORA

BUSCAR Q ACESSE NO f t i

Papa pede 'fim imediato' da guerra na Síria e reconciliação na Terra Santa

Francisco fez o clamor em sua tradicional mensagem de domingo de Páscoa

AFP
01/04/2018 - 08:33 / Atualizado em 01/04/2018 - 10:16

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *O Globo*.¹⁰⁴

¹⁰³ Disponível em: glo.bo/2wJbZMF. Acesso em: 10 abr. 2019.

¹⁰⁴ Disponível em: glo.bo/2wJbZMF. Acesso em: 10 abr. 2019.

Hierarquicamente, o título obedece à ordem dos fatos mencionados pelo papa no discurso. O texto (PAPA..., 2018g) também diz que o pedido de reconciliação na Terra Santa está relacionado aos confrontos da semana anterior. Esse texto, ao contrário do anterior, traz diversas citações diretas do pontífice e fidedignas ao discurso do Vaticano, conforme vemos a seguir.

Figura 45 - Trecho de notícia veiculada no *O Globo*

Em sua tradicional mensagem *Urbi et Orbi* (para a cidade e para o mundo) no domingo de Páscoa na Basílica de São Pedro, o pontífice pediu o "fim imediato do extermínio" na Síria e o "respeito ao direito humanitário" para permitir o acesso à ajuda.

– Invocamos frutos de reconciliação para a Terra Santa, que nestes dias também está sendo afetada por conflitos abertos que não respeitam os indefesos — disse ele.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *O Globo*.¹⁰⁵

Embora a notícia não cite todos os países mencionados pelo papa, ela traz um apanhado mais completo do que a anterior. Após falar da Terra Santa, o texto traz a referência de Francisco à península da Coreia, que vive um período de tensão devido a testes nucleares. Logo após, o texto cita o Iêmen, embora tenha sido mencionado pelo pontífice antes da península da Coreia, e finaliza com a Venezuela, a quem o papa pediu frutos de consolação, para que o povo “[...] encontre via justa, pacífica e humana para sair o quanto antes da crise política e humanitária que o oprime”. (PAPA..., 2018g). Embora na ordem indireta, a frase do portal *O Globo* (PAPA..., 2018g) reproduz a fala do pontífice de forma próxima ao texto que se encontra do site *A Santa Sé*. (PAPA FRANCISCO, 2018a).

A matéria do *UOL Notícias* (PAPA..., 2018b), por sua vez, traz um enfoque diferente das demais matérias. Enquanto as anteriores focam na reconciliação da Terra Santa e fim do extermínio na Síria, essa traz em seu título “Papa defende negociações com a Coreia do Norte”¹⁰⁶. A notícia (PAPA..., 2018b), oriunda do *Estadão Conteúdo*, conforme assinatura no início do texto, ressalta que o papa defendeu “[...] negociações multilaterais de paz na


¹⁰⁵ Disponível em: glo.bo/2wJbZMF. Acesso em: 10 abr. 2019.

¹⁰⁶ Disponível em: <http://bit.ly/38AfeUg>. Acesso em: 21 jan. 2020.

península coreana [...]”, durante tradicional discurso de Páscoa e que esse discurso foi dado antes de uma possível reunião histórica entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o líder norte-coreano, Kim Jong Un – o que de fato ocorreu posteriormente, em junho de 2018¹⁰⁷.

Figura 46 - Íntegra de notícia veiculada no *UOL Notícias*

Papa Francisco defende negociações com a Coreia do Norte



ESTADÃO conteúdo
Dow Jones Newswires
Nova York, 01/04/2018
01/04/2018 08h37

PUBLICIDADE

O Papa Francisco defendeu negociações multilaterais de paz na península coreana, durante seu tradicional discurso de Páscoa, antes de uma possível reunião histórica entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o líder norte-coreano Kim Jong Un.

A tradicional mensagem da Páscoa do papa "Urbi et Orbi" - "À cidade [de Roma] e ao mundo" - abrangeu, como ocorre usualmente, conflitos e crises, incluindo a guerra civil síria e a crise econômica e política na Venezuela.

Em suas declarações a uma multidão na Praça de São Pedro, no Vaticano, pouco depois da missa de Páscoa, o Papa expressou esperanças de que as conversas coreanas possam "promover paz e harmonia" e "construir relações dentro da comunidade internacional".

A respeito da Venezuela, o Papa Francisco citou um comunicado de bispos católicos do país, onde a escassez de alimentos e remédios se espalharam em meio a um impasse prolongado entre o presidente Nicolás Maduro e a oposição política, tendo se transformado em uma "terra estrangeira" para seus cidadãos.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *UOL Notícias*.¹⁰⁸

O texto, mais curto que os anteriores, estruturado em quatro parágrafos, menciona que o papa abrangeu em sua fala conflitos e crises, destacando a guerra na Síria e a crise econômica e política na Venezuela, mas retorna à Coreia, lembrando que o pontífice se disse esperançoso que as conversas coreanas pudessem promover paz e construir relações internacionais. (PAPA..., 2018b).

No último parágrafo, o conflito na Venezuela é retomado. O site (PAPA..., 2018b) explica que, quando o papa cita que a Venezuela se transformou em uma “[...] terra estrangeira [...]”, ele está se referindo a fala de bispos católicos que estão no país. Nas

¹⁰⁷ Disponível em: bit.ly/2tLdnNw. Acesso em: 20 jan. 2020.

¹⁰⁸ Disponível em: <http://bit.ly/38AfeUg>. Acesso em: 21 jan. 2020.

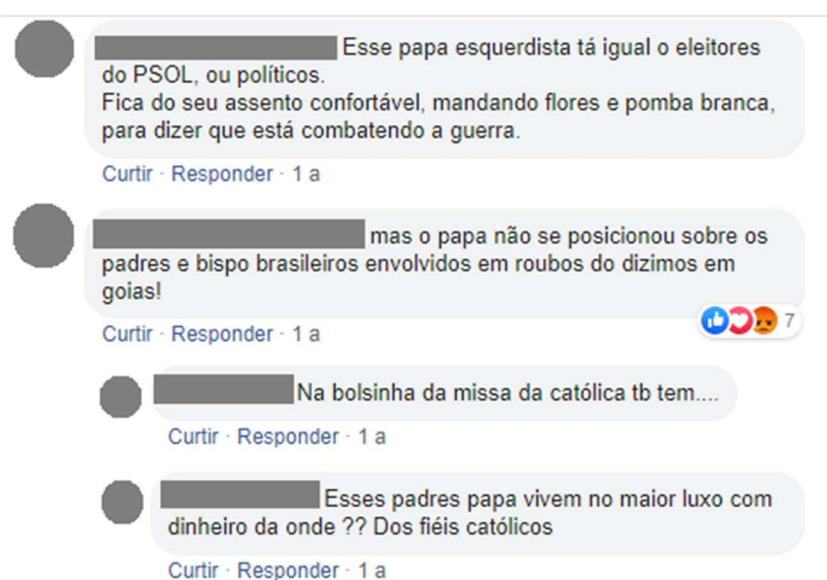
matérias anteriores os bispos eram chamados de “pastores” do povo – e agora foi possível identificar de quem se tratava, devido à contextualização que esse texto nos dá.

Temos, portanto, dispositivos de enunciação diferentes, com gramáticas próprias, que fazem com que o discurso do pontífice ganhe novos desdobramentos. São diferentes apropriações que geram efeitos discursivos diversos. Para identificar esses efeitos na esfera do reconhecimento, partiremos para a terceira instância de nossa análise por episódios: o discurso dos atores sociais.

7.2.3 O discurso dos atores sociais

Em nosso primeiro mergulho empírico, evidenciamos que o texto da mensagem *Urbi et Orbi*, ao ser inserido na mídia, despertou muitos posicionamentos de cunho político por parte dos atores sociais e, ao voltarmos para ele, percebemos que esse indício se repete em outros comentários. Portanto, podemos dizer que o meio influi diretamente no fazer social, pois o ano em que essa matéria foi publicada era um ano eleitoral e o comentário do ator (Figura 47) de que “[...] esse papa esquerdista tá igual os eleitores do PSOL, ou políticos...” evidencia isso. Ou seja, não se trata somente das lógicas das mídias, pois em uma matéria em que o papa pede paz a conflitos, o ator social aciona em seu imaginário outros contextos e abre um circuito de discussão diferente daquele proposto pelo site jornalístico.

Figura 47 - Comentários na notícia do *GI* compartilhada no *Facebook*



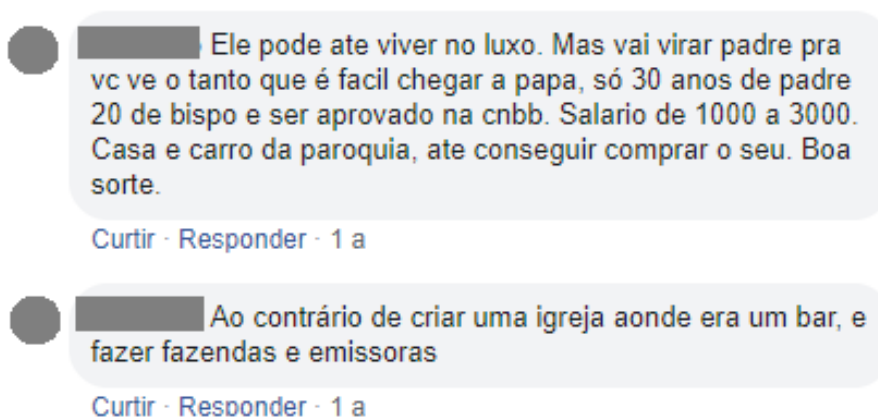
Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

Embora os dispositivos técnicos, sites ou redes sociais, tenham suas próprias lógicas, elas são subvertidas pelas dos atores sociais. Conforme Verón (2013, p. 308-309), “[...] a lógica dos sistemas sócio individuais opera em reconhecimento sem que o pertencimento dos receptores a um público assim definido seja uma condição necessária”. Essa exteriorização dos processos mentais dos atores geram as gramáticas de reconhecimento e, por esse motivo, elas diferem das gramáticas de produção.

Por isso, embora o site tente estabelecer um determinado contrato de leitura com o seu leitor, talvez até idealizando-o, conforme Eco (1987) percebemos que em uma sociedade em midiatização essas operações são afetadas pelas relações que o ator social desenvolve com o meio e que são amparadas por contextos sociais e linguísticos (FAUSTO NETO, 2002) próprios do mundo dos atores. Sob esse prisma, a midiatização tensiona a perspectiva de Eco (1987), de um leitor idealizado, pois o reconhecimento “escapa” ao que foi pensado na instância da produção.

Outro ator, por sua vez, abre um circuito ainda mais distinto (Figura 48). Ele se utiliza de argumentos como a tradição da Igreja Católica para dar credibilidade à fala do pontífice e usa do espaço nos comentários do *Facebook* para desacreditar outras igrejas: “Ao contrário de criar uma igreja aonde era um bar, e fazer fazendas e emissoras”. Embora estejamos em um ambiente digital, aquilo que é estabelecido historicamente é trazido para o circuito, demonstrando que não se trata somente do deslocamento do debate para uma plataforma digital, mas que táticas os atores desenvolvem nesse ambiente. São, portanto, usos criativos que caracterizam a midiatização.

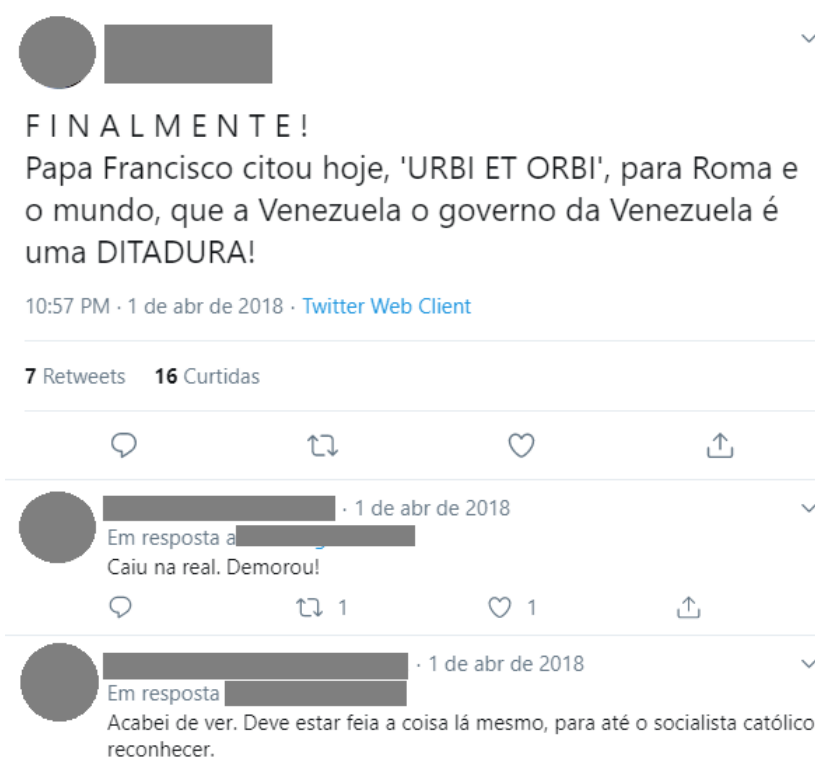
Figura 48 - Comentários na notícia do *GI* compartilhada no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

No *Twitter*, por sua vez, na Figura 49, o ator social, a partir de sua interpretação, diz que em seu discurso “[...] finalmente o Papa Francisco citou [...] que a Venezuela o governo da Venezuela é uma DITADURA!”. Ao retornarmos ao texto (PAPA FRANCISCO, 2018a) que se encontra no site do Vaticano, evidenciamos que o papa pede frutos de consolação ao povo venezuelano, e que possa sair “[...] o mais rápido possível, da crise política e humanitária que o oprime”. Desse modo, o ator social interpreta que o papa diz que a Venezuela vive uma ditadura, embora o pontífice não o tenha explicitado com essas palavras.

Figura 49 - Publicações de atores sociais no *Twitter*

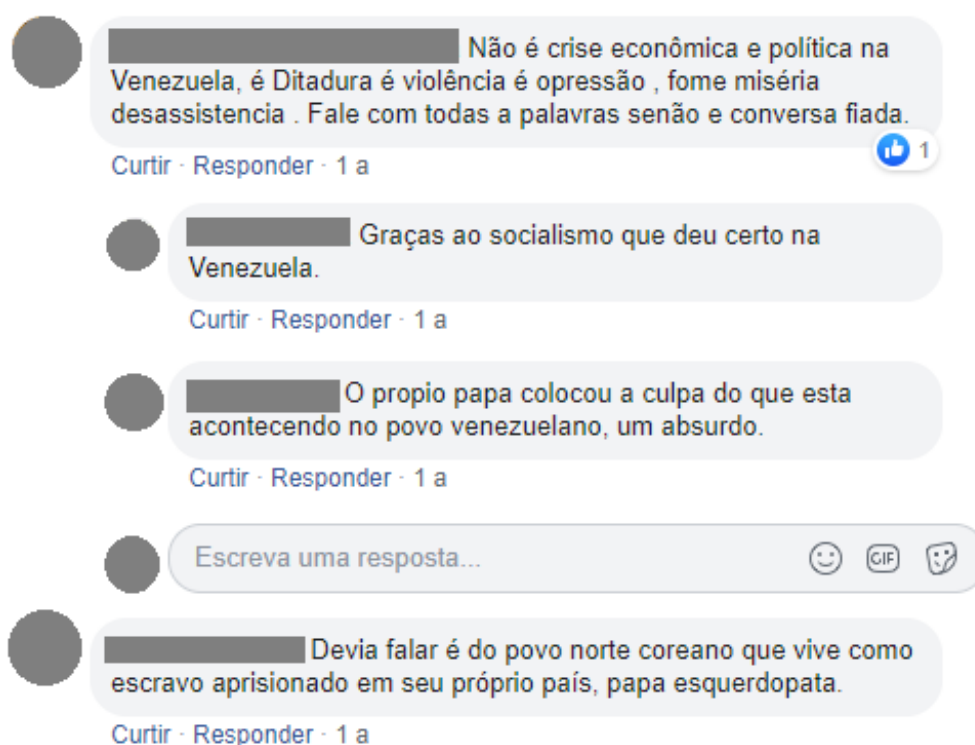


Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Twitter*.

Nos comentários (Figura 49), os atores sociais declaram que “demorou” para Francisco dizer algo sobre e outro, por sua vez, ressalta que “Deve estar feia a coisa lá mesmo, para até o socialista católico reconhecer”. Ele emite um juízo de valor sobre a pessoa do pontífice, dizendo que papa é adepto de uma ideologia de esquerda, mas que, mesmo assim, reconhece que a Venezuela vive uma ditadura – o que deve ser real tendo em vista que o papa destaca em seu discurso a situação do país.

O discurso do Papa Francisco, portanto, parece já carregar marcas ideológicas atreladas a ele que, independente do seu conteúdo, é interpretado pelo ator social a partir de um lugar de fala que o pontífice ocupa já pré-definido – nesse caso, o lugar de um papa com ideologia de esquerda. O lugar de fala do ator, certamente, é o oposto. O mesmo evidenciamos nos comentários gerados a partir da matéria do *UOL Notícias* (Figura 50) publicada no *Facebook*. Embora o título da matéria destaque que o papa defende negociações com a Coréia do Norte, discussões sobre a Venezuela são destaque nos comentários dos atores sociais – e corroboram com as menções no *Twitter*.

Figura 50 - Comentários na notícia do *UOL Notícias* compartilhada no *Facebook*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Facebook*.

No *Facebook*, o ator social reforça que a Venezuela vive uma ditadura, e, ao contrário dos demais, salienta que a fala do pontífice é velada, ao dizer “Fale com todas as palavras senão e conversa fiada”. Ou seja, esse comentário ressalta que o texto do pontífice abre precedente para conclusões diversas e percebemos isso dentro do próprio circuito de discussões desse comentário específico, pois em resposta a ele outro ator social comenta justamente o oposto: “O proprio papa colocou a culpa do que esta acontecendo no povo

venezuelano, um absurdo”. Essa defasagem presente entre produção e reconhecimento é explicada por Verón (2013, p. 302):

Poderíamos dizer que quando trabalhamos em reconhecimento estamos observando processos que formam parte da autopoiese de sistemas psíquicos, e que quando trabalhamos em produção, estamos observando processos da autopoiese de um sistema ou subsistema social. Esta seria uma primeira forma de precisar a hipótese segundo a qual em um e outro polo da circulação estão operando lógicas qualitativamente distintas – o qual explicaria o caráter estrutural da defasagem.

Entendemos, pois, que os dois polos da circulação operam segundo lógicas distintas, o que resulta em defasagens. Na esfera da produção, o autor ressalta que os processos são de ordem social, enquanto no reconhecimento operam lógicas baseadas em sistemas psíquicos, pois há exteriorização de processos mentais dos atores sociais – o que Verón (2013) explica como semiose da espécie humana.

A fim de darmos seguimento às nossas descobertas, na sequência partimos para a análise do terceiro episódio de nosso caso de pesquisa. Ao finalizar essa etapa, nos debruçaremos sobre a análise transversal, que objetiva o cruzamento de dados no intuito de fazermos inferências que nos auxiliem a responder nossa pergunta nesta pesquisa, ou seja, de que forma se configuram as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação do discurso do Papa Francisco?

7.3 O PAPA E A CHINA

Ao chegarmos ao terceiro episódio de nossa análise, acreditamos que já encontramos algumas pistas no intuito de respondermos à pergunta à qual nos lançamos no início dessa dissertação. Tendo em vista que há ainda alguns materiais a serem analisados nesse percurso, nos deteremos agora ao discurso do Papa Francisco realizado na missa de abertura da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, no dia 3 de outubro de 2018.

Lembramos que esse discurso se refere a uma homilia – texto proferido pelo papa durante a missa, após a leitura dos textos bíblicos. Também rememoramos que a assembleia consiste em uma reunião de bispos, realizada em Roma, e que naquele ano teve como tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Desse modo, o encontro tinha como foco, sobretudo, debater questões relacionadas à juventude.

Antes de adentrarmos nos materiais desse episódio, destacaremos o cenário no qual o mundo se encontrava à época. Conforme já havíamos mencionado em nossa exploração anterior, o Brasil vivia a efervescência das eleições. No mundo, um assassinato gerou

comoção e reverberou na mídia¹⁰⁹. No dia 2 de outubro, um jornalista saudita chamado Jamal Khashoggi, e que estava exilado nos Estados Unidos por ser crítico do príncipe-herdeiro Mohamed bin Salman, desapareceu misteriosamente. Dias depois, foi confirmada sua morte por esquartejamento e, em dezembro, Mohamed bin Salman foi considerado responsável pelo assassinato, por meio de uma resolução adotada pelo Senado dos Estados Unidos.

7.3.1 O discurso religioso

Em um cenário de animosidade política e crimes brutais, o Papa Francisco fala em “esperança” - palavra que se repete nos três discursos analisados e parece ser uma palavra-chave nas falas do pontífice. Ele inicia o texto (PAPA FRANCISCO, 2018c)¹¹⁰ do sínodo com uma passagem bíblica, o que também evidenciamos nos discursos anteriores: “O Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, Esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que vos disse”. (PAPA FRANCISCO, 2018c).

O papa se dirige aos bispos, ressaltando que essa palavra de Jesus é a garantia de que Ele os acompanha, por meio de seu Espírito Santo. Em seguida, reforça que “[...] peçamos insistentemente o paráclito”. (PAPA FRANCISCO, 2018c). Na bíblia, a palavra é atribuída ao Espírito Santo e, etimologicamente, é oriunda do latim *paraclitus*¹¹¹. A palavra paráclito, no entanto, é desconhecida para o público que não é iniciado na fé e, também, para alguns leigos.

Ao pensarmos no fator *condições da prática discursiva*, proposto por Fairclough (2001), notamos que as práticas sociais de produção e consumo desse texto são distintas, pois as práticas de produção do discurso são institucionais, o que acaba causando um estranhamento ao ser consumido. De qualquer modo, nos parece que o Papa Francisco tenta mudar essa lógica, ao criar estratégias no intuito de tornar o discurso mais acessível a quem o consome, conforme veremos a seguir.

Esse texto (PAPA FRANCISCO, 2018c) apresenta um diferencial em relação aos outros, pois há algumas frases destacadas ao longo do discurso, em itálico. Não sabemos, no entanto, o motivo. A primeira aparece no terceiro parágrafo, quando o papa pontua que é necessário pedir o “paráclito” para “[...] trazer à memória e reavivar os ensinamentos do Senhor [...], memória que possa despertar e renovar em nós a *capacidade de sonhar e esperar*”. (PAPA FRANCISCO, 2018c, grifo do autor).

¹⁰⁹ Disponível em: bit.ly/2TXv07m. Acesso em: 25 jan. 2020.

¹¹⁰ Disponível em: bit.ly/2WslPgZ. Acesso em: 10 abr. 2019.

¹¹¹ Disponível em: bit.ly/3a4fV97. Acesso em: 25 jan. 2020.

Na sequência ele diz que só assim “[...] nossos jovens serão capazes de profecia e visão, na medida em que nós, adultos ou já idosos, formos capazes de sonhar e assim contagiar e partilhar os sonhos e as esperanças que trazemos no coração”. (PAPA FRANCISCO, 2018c). Novamente, o papa fala em primeira pessoa do plural, se coloca no lugar daqueles que devem contagiar os jovens com seus sonhos e esperanças. Vemos, portanto, marcas da aproximação que o pontífice busca em seu discurso, mesmo que não se descartem as práticas de produção institucionais. Percebemos que essa mudança de lógica que o papa propõe influi da apropriação que a mídia faz do seu discurso.

Figura 51 - Trecho de material veiculado no site *A Santa Sé*

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

*Praça de São Pedro
Quarta-feira, 3 de outubro de 2018*

[Multimídia]

«O Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, Esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que vos disse» (Jo 14, 26).

Desta maneira tão simples, Jesus oferece aos seus discípulos a garantia de que acompanhará todo o trabalho missionário que lhes será confiado: o Espírito Santo será o primeiro a guardar e manter sempre viva e atual no coração dos discípulos a memória do Mestre. Ele faz com que a riqueza e beleza do Evangelho seja fonte de constante alegria e novidade.

No início deste momento de graça para toda a Igreja, em sintonia com a Palavra de Deus, peçamos insistentemente ao Paráclito que nos ajude a trazer à memória e a reavivar as palavras do Senhor que faziam arder o nosso coração (cf. Lc 24, 32). Ardor e paixão evangélica que geram o ardor e a paixão por Jesus. Memória que possa despertar e renovar em nós a capacidade de sonhar e esperar. Porque sabemos que os nossos jovens serão capazes de profecia e visão, na medida em que nós, adultos ou já idosos, formos capazes de sonhar e assim contagiar e partilhar os sonhos e as esperanças que trazemos no coração (cf. J/3, 1).

Que o Espírito nos dê a graça de ser Padres sinodais ungidos com o dom dos sonhos e da esperança, para podermos, por nossa vez, unguir os nossos jovens com o dom da profecia e da visão; que nos dê a graça de ser memória operosa, viva e eficaz, que, de geração em geração, não se deixa sufocar e esmagar pelos profetas de calamidades e desgraças, nem pelos nossos limites, erros e pecados, mas é capaz de encontrar espaços para inflamar o coração e discernir os caminhos do Espírito. É com esta disposição de dócil escuta da voz do Espírito que nos congregamos aqui de todas as partes do mundo. Hoje, pela primeira vez, estão connosco também dois irmãos Bispos da China continental, a quem damos as nossas calorosas boas-vindas. Graças à sua presença, é ainda mais visível a comunhão de todo o Episcopado com o Sucessor de Pedro.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site *A Santa Sé*.¹¹²

Outras marcas evidenciadas na fala do pontífice são a utilização de metáforas para se referir a pessoas ou situações, de modo que cabe ao ator social que se apropria do discurso dar a elas um sentido. Acreditamos que esse seja um ponto que leva à construção da imagem de um papa “heterodoxo”, conforme apontado por outros pesquisadores. Como exemplo, destacamos o momento em que o pontífice fala que os padres sinodais devem ser a esperança dos jovens a fim de que não se deixem “[...] sufocar e esmagar pelos profetas de calamidades

¹¹² Disponível em: bit.ly/2WslPgZ. Acesso em: 10 abr. 2019.

e desgraças”. (PAPA FRANCISCO, 2018c). No entanto, ele não explicita quem são esses profetas. Fica na subjetividade da mídia e dos atores defini-los.

Percebemos, ainda, marcas de aproximação nesse discurso, assim como os anteriores, uma vez que o papa menciona que o evento congrega “[...] todas as partes do mundo [...]” (PAPA FRANCISCO, 2018c), com destaque para os bispos chineses que participam do encontro pela primeira vez. “Graças à sua presença, é ainda mais visível a comunhão de todo o Episcopado com o Sucessor de Pedro”. (PAPA FRANCISCO, 2018c). Chamamos a atenção para a utilização do termo “comunhão”, que reforça ainda mais a ideia de unificação que o papa parece buscar para a instituição.

Quando o pontífice se dirige aos bispos chineses e dá “[...] calorosas boas-vindas [...]” (PAPA FRANCISCO, 2018c), evidenciamos as marcas de acolhida, em uma operação que também nos parece performática, pois quando pensamos em calorosas boas-vindas, pensamos em dá-las acrescida de um abraço – o que condiz mais com a ideia de “caloroso”. Acreditamos, portanto, que a performance do pontífice está também nas palavras – que no imaginário do ator social se tornam gestos. São palavras que movem.

Na sequência, o papa repete três vezes nos dois parágrafos seguintes a palavra esperança – que ele já havia mencionado outras duas vezes anteriormente – o que parece reforçar o conceito de palavra-chave, que Fairclough (2001, p. 288) conceitua dentro do tópico *significado das palavras*, tendo em vista “[...] o significado potencial de uma palavra – uma estruturação particular de seus significados – como um modo de hegemonia e um foco de luta”. A utilização repetida do termo parece demarcar, de fato, um foco de luta do pontífice.

Ele destaca que a esperança “[...] interpela-nos, move-nos e destroça o conformismo ditado pelo sempre se fez assim”. (PAPA FRANCISCO, 2018c). Essa frase nos parece bem interessante na medida em que o papa instiga quem o ouve a repensar suas atitudes, bem como a se confrontar com a realidade na qual vive. Esperança que interpela, que move, que tira da zona de conforto. Mais uma vez, vemos a palavra que move.

O pontífice destaca, ainda, que essa esperança pede “[...] que trabalhemos por derrubar as situações de precariedade, exclusão e violência, a que está exposta a nossa juventude”. (PAPA FRANCISCO, 2018c). Como nos discursos anteriores, ele menciona os termos violência e exclusão, dando marcas de sua apropriação midiática e reiterando que é preciso olhar para quem está à margem da sociedade – é um discurso que quer congregar não só etnias, mas classes.

Além disso, ele faz uma crítica ao cenário mundial no qual a juventude está inserida e ressalta que essa realidade é “[...] fruto de muitas das decisões tomadas no passado [...]”.

(PAPA FRANCISCO, 2018c). Mais uma vez percebemos em seu discurso marcas de uma militância velada. De alguém que afirma que muitos problemas presentes são frutos do passado – ele não especifica, no entanto, ao que se refere tampouco ao episódio. “Os jovens chamam-nos a cuidar, com maior empenho e juntamente com eles, do presente e a lutar contra aquilo que de algum modo impede a sua vida de crescer com dignidade [...] e que *não os deixemos sozinhos*”. (PAPA FRANCISCO, 2018c, grifo do autor).

Esse é o segundo grifo do texto. O primeiro se referia à capacidade de sonhar e esperar, e agora o papa destaca que, para isso, é necessária união. Novamente, vemos marcas de aproximação, do contato que o pontífice busca estabelecer com a sociedade. Na sequência, ele usa da intertextualidade, retomando umas das leituras bíblicas proferidas antes de seu discurso. Ele elenca um trecho do evangelho que corrobora com sua fala, conforme destacamos a seguir.

Figura 52 - Trecho de material veiculado no site *A Santa Sé*

Esta capacidade de sonhar juntos, que hoje o Senhor nos dá de presente a nós como Igreja, exige – conforme nos dizia São Paulo, na primeira Leitura – que desenvolvamos entre nós uma atitude muito concreta: «Cada um não tenha em vista os próprios interesses, mas todos e cada um exatamente os interesses dos outros» (Flp 2, 4). E, ao mesmo tempo, aponta para mais alto pedindo que, humildemente, consideremos os outros superiores a nós mesmos (cf. 2, 3). Com este espírito, procuraremos colocar-nos à escuta uns dos outros para discernirmos, juntos, aquilo que o Senhor está a pedir à sua Igreja. Isto exige de nós que estejamos atentos e nos precavamos bem para não prevalecer a lógica da auto-preservação e da autorreferência, que acaba por tornar importante o que é secundário, e secundário o que é importante. O amor ao Evangelho e ao povo que nos foi confiado pedem-nos que alarguemos o olhar e não percamos de vista a missão a que nos chama a fim de apostar num bem maior que será de proveito para todos nós. Sem esta atitude, serão vãos todos os nossos esforços.

O dom da escuta sincera, orante e, o mais possível, livre de preconceitos e condições permitir-nos-á entrar em comunhão com as diferentes situações que vive o povo de Deus. Ouvir a Deus, para escutar com Ele o clamor do povo; ouvir o povo, para respirar com ele a vontade a que Deus nos chama (cf. *Discurso na Vigília de Oração preparatória para o Sínodo sobre a família*, 4 de outubro de 2014).

Fonte: Elaborado pela autora, com base no site *A Santa Sé*.¹¹³

Observamos, pois, que o próprio pontífice realiza um processo de apropriação do texto bíblico para a produção do seu discurso. Também ele faz um uso criativo desse texto, a fim de colocá-lo em circulação da maneira que lhe apraz. Ele não menciona o trecho bíblico e comenta algo sobre ele, mas utiliza uma fala de Jesus para dizer que devemos nos colocar diante do outro em uma postura de igualdade.

Essa postura de igualdade, de escutar uns aos outros, segundo o pontífice, tem por objetivo “[...] tornar importante o que é secundário, e secundário o que é importante”. (PAPA FRANCISCO, 2018c). No entanto, novamente o papa não explica o que seria secundário e o

¹¹³ Disponível em: bit.ly/2WslPgZ. Acesso em: 10 abr. 2019.

que seria importante, de acordo com sua perspectiva. Abre, pois, brecha para uma interpretação que se reflete em diferentes gramáticas de reconhecimento.

Ele dá pistas, no entanto, do que considera importante, quando ressalta que “[...] o dom da escuta sincera, orante e, o mais possível, livre de preconceitos e condições permitir-nos-à entrar em comunhão com as diferentes situações que vive o povo de Deus”. (PAPA FRANCISCO, 2018c). Ou seja, ele retoma a questão do preconceito, que vimos no texto de Lava-Pés, de forma bastante incisiva, destacando que só assim é possível entrar em comunhão e confrontar as diversas situações cotidianas – de diferentes povos. Nesse parágrafo, ele utiliza um trecho do discurso que realizou na Vigília de Oração preparatória para o sínodo sobre a família, em 4 de outubro de 2014. Novamente, ele se utiliza da intertextualidade e, para isso, cita a si próprio, ao contrário de recorrer a passagens bíblicas.

Segundo o pontífice, essa escuta livre de preconceitos “[...] defende-nos da tentação de cair em posições moralistas ou elitistas, bem como da atração por ideologias abstratas que nunca correspondem à realidade do nosso povo”. (PAPA FRANCISCO, 2018c). Também se utiliza de outro texto seu para exemplificar sua fala, no entanto, não fica claro o que ele entende por posições moralistas e elitistas, tampouco a quais ideologias abstratas ele se refere.

Percebemos, portanto, efeitos ideológicos e políticos no discurso do papa, pois nessa dimensão discursiva, segundo Fairclough (2001), analisa-se o discurso como prática social, considerando sistemas de conhecimento e crença, relações sociais e identidades sociais, o que evidenciamos na fala do pontífice, sobretudo no que diz respeito às relações sociais – que ele destaca inúmeras vezes ao longo do texto. Para encerrar seu discurso, o Papa Francisco se utiliza de uma mensagem dirigida aos jovens em 8 de dezembro de 1965, durante o Concílio Vaticano II¹⁴, que foi convocado com um intuito pastoral de aproximar a Igreja Católica e os fiéis. O pontífice ressaltou que trouxe a mensagem a fim de recordar aos bispos presentes no sínodo os ensinamentos deixados pelo Concílio a eles – à época jovens. “O que ouvimos quando éramos jovens far-nos-á bem repassá-lo com o coração, lembrados das palavras do poeta: ‘O homem mantenha o que, em criança, prometeu’”. (PAPA FRANCISCO, 2018c).

Na sequência, o pontífice traz um trecho da mensagem, em uma operação na qual ele parece dizer como os bispos devem agir, mas abstendo-se de posicionamentos diretos. A mensagem do concílio, no entanto, ressalta que ele foi convocado no intuito de rejuvenescer a

¹⁴ O Concílio Vaticano II foi uma assembleia episcopal convocada em dezembro de 1962, pelo então Papa João XXIII, com o objetivo de transmitir aos homens uma imagem mais amorosa da Igreja, como mãe “[...] benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade também com os filhos dela separados [...]”, que satisfaz “[...] melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações[...]”. (PAPA JOÃO XXIII, 1962). Disponível em: bit.ly/38RcCSs. Acesso em: 25 jan. 2020.

Igreja, para responder melhor à intenção de seu fundador, Jesus Cristo. “A Igreja deseja que esta sociedade que vós ides construir respeite a dignidade, a liberdade, o direito das pessoas: e estas pessoas, sois vós”. (PAPA FRANCISCO, 2018c).

Indiretamente, o que o papa pede aos bispos é para que ajam com respeito à dignidade, à liberdade e ao direito das pessoas. “É em nome deste Deus e de seu Filho Jesus que vos exortamos a alargar os vossos corações a todo o mundo [...] Sede generosos, puros, respeitadores, sinceros. E construí com entusiasmo um mundo melhor que o dos vossos antepassados”. (PAPA FRANCISCO, 2018c).

Esse ímpeto de ir ao encontro do outro, portanto, acompanha o papa desde sua juventude, pois ele parece carregar o ensinamento do concílio em seu discurso e acreditar que a Igreja Católica vive, atualmente, momentos melhores que outrora. Ao fazer essa “convocação” aos bispos, no entanto, ele parece criticar a Igreja veladamente, por sua postura retrógrada, que abandona seus próprios ensinamentos. É mais do que um alerta sobre como agir, mas um “puxão de orelha” sobre a necessidade de modernização ante um fluxo iniciado já em 1965, ou seja, a Igreja não avança se as pessoas não avançarem. É um posicionamento forte, mas o modo de dizer é “ameno”. Vemos, pois, mais uma marca na performance do pontífice. Seguimos nossa análise a fim de verificarmos as marcas do discurso jornalístico. Partimos aos portais de notícias pelos quais esse texto circulou.

7.3.2 O discurso jornalístico

Começamos nossa análise do discurso jornalístico retomando a matéria do portal *GI*. (PAPA..., 2018h). Por meio dela traçamos algumas inferências iniciais, sobretudo, percebemos o caráter político ao qual a matéria tomou, segundo os comentários dos atores sociais. Notamos também que a matéria destacou os casos de pedofilia na Igreja Católica, que vieram à tona pouco antes do evento, em detrimento do discurso do papa, que acabou lembrado mais ao final da matéria.

Um ponto importante deste texto do portal *GI* (PAPA..., 2018h) é que a matéria se baseia, sobremaneira, não na fala do pontífice, em si, mas em sua performance. O vídeo que aparece logo acima do início da matéria mostra o momento em que o papa fica com a voz embargada ao mencionar a presença dos bispos chineses no encontro – ponto que não aparece ao analisarmos o discurso do site do Vaticano.

Figura 53 - Trecho de notícia veiculada no portal *GI*

Papa se emociona ao receber pela primeira vez bispos chineses em sínodo no Vaticano

Encontro de bispos ocorre sob a sombra dos recentes escândalos de abusos sexuais na Igreja Católica.

Por **G1**

03/10/2018 10h16 - Atualizado há um ano



Papa se emociona ao receber bispos chineses, pela primeira vez, no Vaticano

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.¹¹⁵

É essa comoção, em gesto, que dá o tom à matéria, pois ela inicia destacando que Francisco se emocionou ao dar as boas-vindas aos bispos durante o sínodo. (PAPA..., 2018h). Há, portanto, intertextualidade nesse texto, uma vez que o vídeo é inserido dentro da matéria, no intuito de dar veracidade ao que está sendo publicado, conforme vemos na figura abaixo, o site remetendo o leitor ao vídeo. Há, pois, uma fagia midiática, quando o próprio site se retroalimenta de conteúdos gerados na mídia.

¹¹⁵ Disponível em: glo.bo/37TIDrA. Acesso em: 10 abr. 2019.

Figura 54 - Trecho de notícia veiculada no portal *GI*

O **Papa Francisco** se emocionou nesta quarta-feira (3) na missa de abertura de uma reunião de bispos no Vaticano, que pela primeira vez contou com a presença de dois bispos chineses. Assista no vídeo acima.

"Hoje, pela primeira vez, estão aqui conosco dois bispos da China continental. Vamos dar a eles as nossas calorosas boas-vindas", disse o Papa na Praça São Pedro, sendo interrompido por aplausos e emocionando-se.

A presença dos chineses foi possível graças a um acordo histórico firmado pelo Vaticano no início deste mês que melhorou os laços com o governo comunista chinês. O acordo, que demorou 10 anos para ser alcançado, concede ao Vaticano seu desejo antigo de opinar na escolha dos bispos chineses, mas críticos o rotularam como uma capitulação ao governo comunista.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.¹¹⁶

Ainda retomando o vídeo, a matéria (PAPA..., 2018h) ressalta que o papa foi interrompido por aplausos. O fato de que o evento era voltado para debater questões da juventude foi deixado de lado, conforme mencionado em nossa exploração anterior, e a presença dos bispos se tornou notícia. O jornalismo se apropria do discurso, portanto, dando a ele novos sentidos. O contrato não é mais do papa com o público de fiéis, mas do jornalismo com o mundo e, nesse contexto, torna-se insumo para a matéria aquilo que apresenta um caráter mais relevante enquanto valor notícia.

Essa fala, aliada à sua performance, é o que confere ao pontífice uma postura midiática, pois ele não apenas fala, mas incide sobre – ou seja, chora, se emociona, abraça. São seus gestos, aliados aos seus discursos, que fazem com que sua fala circule. Temos, desse modo, lógicas da mídia, mas também lógicas de midiatização. O discurso da televisão se torna conteúdo para o site, por meio de um trânsito de informações que não se esgota quando acaba.

¹¹⁶ Disponível em: glo.bo/37TIDrA. Acesso em: 10 abr. 2019.

O pronunciamento já ocorreu, a televisão já o transmitiu, mas a internet permite que ele continue vivo, eternizado, mesmo que seja através de um *frame*, escolhido, recortado.

Na sequência, a matéria traz uma foto dos bispos e contextualiza o cenário religioso no qual a China de insere, ou seja, de uma vivência de fé clandestina e outra supervisionada pelo Estado. O discurso do pontífice, nesse momento, foi descaracterizado por rumos outros que a matéria tomou. No entanto, um parágrafo inserido no meio do texto lembra o título oficial do evento “Jovens, Fé e Discernimento Vocacional”, destacando, no entanto, que nos bastidores, o assunto que pairava na Igreja, à época do sínodo, era os recentes escândalos globais de abusos sexuais. (PAPA..., 2018h).

Esse tema, no entanto, em nenhum momento foi abordado pelo pontífice em sua fala. A matéria, inclusive, contesta a credibilidade do sínodo, com base em uma enquete feita nos Estados Unidos, na qual bispos locais pediram cancelamento do sínodo da juventude para que o Vaticano pudesse se concentrar nos preparativos para o sínodo que seria realizado posteriormente, sobre prevenção de abusos sexuais.

O texto do discurso, propriamente dito, proferido no sínodo, foi lembrado nos últimos parágrafos da matéria do portal *GI*. (PAPA..., 2018h). O site destacou que o “[...] Papa exortou líderes católicos a não deixarem que a fé da próxima geração seja extinta ‘por nossas limitações, erros e pecados’”. Nesse momento, inferimos que o papa pode estar se referindo aos escândalos envolvendo abusos sexuais, no entanto novamente não fica claro em sua fala se essa é, de fato, sua intenção.

O site, no entanto, se apropria do texto do pontífice de modo fágico e reelaborado, o que faz com que esse trecho, subentendido, ganhe uma conotação definida pelo jornalismo. Essa é outra marca de uma sociedade em midiatização, na qual os atores, até mesmo o papa, não possuem mais domínio sobre o que dizem – cujo discurso se transforma na medida em que é inserido no tecido social.

Considerando o caráter híbrido que o discurso ganha na medida em que se desloca, analisaremos agora as marcas e operações na matéria do *UOL Notícias*. (PAPA..., 2018a). A diferença em relação à matéria anterior se encontra logo no título, uma vez que ele leva a informação de que se trata de um sínodo dedicado aos jovens, embora também destaque que o papa se emocionou ao saudar os bispos chineses. A matéria em questão é da agência ANSA. A anterior era creditada como sendo do próprio *GI*. (PAPA..., 2018h).

Figura 55 - Trecho de notícia veiculada no *UOL Notícias*

Papa abre Sínodo dos Bispos dedicado aos jovens e se emociona ao saudar bispos chineses



PUBLICIDADE

Papa Francisco celebra missa na praça de São Pedro na abertura do Sínodo dos Bispos
Imagem: Tiziana Fabi/AFP



Da ANSA, na Cidade do Vaticano
03/10/2018 08h27

O papa Francisco celebrou nesta quarta-feira (3), na Praça São Pedro, a missa de abertura da 15ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que terá como tema "os jovens, a fé e o discernimento vocacional".

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *UOL Notícias*.¹¹⁷

Essa matéria (PAPA..., 2018a) não possui linha de apoio e não traz vídeo incorporado, somente uma foto de agência. O texto inicia destacando que o papa celebrou a missa de abertura da 15ª edição da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, destacando a temática do evento. Na sequência a matéria destaca a novidade da presença dos bispos chineses pela primeira vez no encontro, mas a emoção do pontífice ao saudá-los é mencionada somente no terceiro parágrafo. Vemos, portanto, uma inversão na hierarquia de valores nas duas matérias.

A notícia veiculada pelo *UOL* (PAPA..., 2018a) lembrou ainda a questão histórica do rompimento das relações diplomáticas entre Pequim e o Vaticano, o que o portal *GI* (PAPA..., 2018h) não fez. Outro ponto é que nessa matéria o termo homilia é usado para se referir ao discurso do papa, por duas vezes. Percebemos ainda que esse texto possui um caráter mais informativo e não tão opinativo como o anterior, que embora também relate os fatos, complexifica o acontecimento, o que também é próprio de uma sociedade em midiaticização.

Voltando ao texto do *UOL Notícias* (PAPA..., 2018a), no quarto parágrafo temos a informação de quando o encontro se encerra (que no *GI* aparece no último parágrafo do

¹¹⁷ Disponível em: bit.ly/2wHAXvT. Acesso em: 10 abr. 2019.

texto), e temos ainda uma exploração maior do que será abordado no sínodo ao longo dos dias. Para finalizar, o *UOL* (PAPA..., 2018a) traz três falas do pontífice, nas quais se dirige aos bispos, pedindo uma nova postura deles para com a juventude. O sínodo no *UOL* é a pauta, já no *GI* (PAPA..., 2018h) a pauta é menos o sínodo e mais o momento vivido pela Igreja. Ambos usam o fato como ponto de partida, mas o tratamento dado a ele é diferente conforme linhas editoriais e perspectivas de cada um.

Evidenciamos que isso ocorre também na escolha das imagens, pois o *UOL* (PAPA..., 2018a) utiliza uma foto na qual aparece somente o pontífice, ou seja, a matéria está centrada no papa, e os bispos chineses não aparecem em imagens. Já no *GI* (PAPA..., 2018h) não há foto do papa, somente um vídeo recortado na parte em que ele se emociona ao falar e, em contrapartida, há uma imagem grande na qual aparecem os bispos chineses. Faz-se necessário, portanto, considerar essas fagias para entender como tais discursos foram consumidos pelos atores sociais. À luz dessas reflexões, partimos para o último tópico de nossa análise por episódios.

7.3.3 O discurso dos atores sociais

Ao chegarmos à análise do discurso dos atores sociais, nesta terceira fase, partimos do pressuposto de que, conforme já evidenciamos anteriormente, eles possuem diferentes lugares de fala. Segundo Verón (2013, p. 402), todas as teorias sociológicas possuem um capítulo “meta-psicológico”, que “[...] atribui ao ator social distintas propriedades e capacidades”. Entre elas estão “[...] interesses; maior ou menor racionalidade; táticas, motivos, intenções, emoções; necessidade de mostrar aos demais uma boa imagem de si mesmo ou de identificar-se com algum grupo; egoísmo, altruísmo; necessidade de afirmar sua individualidade, etc”.

Em nossa observação, a partir dos comentários percebemos tais propriedades e capacidades distintas e, por isso, evidenciamos ainda o que o autor destaca, ou seja, que tais exteriorizações mentais “[...] pressupõem que os atores observados desenvolvem uma importante atividade de observação”. (VERÓN, 2013, p. 402).

Assim, conforme menciona Verón (2013), não somos somente nós, os analistas, que observamos. Na verdade, segundo o autor, somos observadores de segundo grau, que analisamos a partir de práticas institucionalizadas. Mas os atores observados são considerados observadores de primeiro grau, pois também eles realizam processo de observação sobre os materiais. Fazemos, portanto, a observação da observação.

Entendemos, pois, que cada ator está inserido em um contexto social e se utiliza de diferentes palavras para externar suas emoções, se sentir parte de um grupo ou, conforme aponta Verón (2013), afirmar sua individualidade. Nos comentários ao final da matéria publicada pelo portal *GI*, já havíamos verificado algumas dessas marcas em seus discursos, e ao retomá-los, trazemos outras particularidades para essa pesquisa.

Pensando em aspectos emocionais, temos o ator (Figura 56) que externa sua alegria ao dizer: “Viva o Papa..o Papa é pop..Viva Roma,viva o Vaticano:amo aquilo tudo lá”. O ator que comenta na sequência faz o mesmo. Repete a palavra “amor” para se referir à Igreja Católica e reforça: “O maior Império de todo o Ocidente.Amo!!!!”. Outro, por sua vez, faz o mesmo, porém com a finalidade de contradizer os comentários acima, externando emoções, porém, por meio de outra tática. Ao dizer a frase: “FRANCISCO, o maior estadista de todos os tempos”, esse ator conceitua a atitude do pontífice como política, ressaltando que a postura do papa é de alguém que quer, ativamente, mudar o rumo da Igreja, no que concerne a aspectos políticos, moldando-os à sua própria política. Podemos dizer, ainda, que nesse comentário há uma racionalidade diferente do comentário acima, baseada em outras táticas e intenções, que para alguns comentadores pode passar despercebida.

Figura 56 - Comentários na notícia veiculada no portal *GI*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *GI*.

Percebemos que a performance do pontífice desperta, de fato, emoções. Evidenciamos isso não somente nos comentários na notícia, mas também no *Twitter* (Figura 57), no qual o comentário do ator social ultrapassou a figura do papa, e dirigiu-se também a todos os “Franciscos”.

Figura 57 - Publicação de ator social no *Twitter*



Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Twitter*.

Evidenciamos, portanto, que já está se criando um imaginário em torno do nome Francisco, que está atrelado à figura do papa. Não sabemos a quem o ator em questão se refere, mas percebemos que o gesto do pontífice desperta operações que ultrapassam os limites do discurso. Elas são levadas para “dentro” da casa do ator, são introduzidas em seu cotidiano. Temos, portanto, um uso criativo que atende aos critérios de Proulx (2016), quando ele diz quais são as condições para que haja apropriação. Ou seja, há “[...] um gesto de integração com a vida cotidiana”. (PROULX, 2016, p. 46).

Por fim, trazemos a publicação que um ator social realiza em seu *Instagram*, plataforma dedicada à postagem exclusiva de fotos, que podem vir acompanhadas de um texto ou não. Esse ator (Figura 58) publica uma foto do sínodo, na qual aparecem os bispos chineses, e comenta as características do papa que, segundo ele, também devem levar a uma mudança de postura dos fiéis: “[...] Precisamos superar a intolerância, o sectarismo e os ressentimentos da vida para o novo de Deus acontecer”.

Figura 58 - Publicação de ator social no *Instagram*

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Instagram*.

Tal ator destaca que é preciso se abrir para o “novo”. Ele tem um discurso mais politizado, no entanto, o que esse ator faz parece se aproximar com o comentário anterior, no qual o ator chama o papa de estadista. Ao mencionar a mudança, o novo, esse comentário endossa a hipótese de que o papa parece querer mudar as práticas da Igreja, o que implica em dar a ela a “sua cara”, ou seja, o jeito Francisco de ser. Essa publicação resulta ainda em um comentário que pede oração pelo papa “[...] tão perseguido e ofendido”. Ou seja, discurso do papa se transforma em uma publicação e pode virar a intenção da oração de uma pessoa. Mais uma vez, vemos marcas de uma sociedade em midiatização.

Figura 59 - Comentário de ator social no *Instagram*

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *Instagram*.

Além da conotação religiosa, o comentário na publicação (Figura 59) explica o motivo do pedido de oração, que se deve às críticas que o papa sofreu no *Twitter*. O ator social “puxa” para dentro do comentário no *Instagram* um acontecimento ocorrido em outra plataforma digital. Evidenciamos, portanto, um processo de circulação do discurso, não somente de contexto, mas também de lugar. Esse pedido no *Instagram* pode fazer com que atores sociais se dirijam ao *Twitter*, no intuito de fazer publicações que apoiem o papa. Cria-se, pois, um novo circuito midiático.

Esse comentário também se utiliza da intertextualidade, trazendo um trecho da fala do papa, no qual ele pede oração “[...] para que no mundo prevaleçam os programas de desenvolvimento, e não aqueles para os armamentos”. Segundo o ator social, tal publicação do pontífice em sua conta no *Twitter* gerou críticas ao papa, pois seu discurso foi relacionado, por internautas, “[...] como um ataque as propostas de Jair Bolsonaro”. Novamente, a fala do papa reverbera de forma política, pois estava em uma ambiência de disputa eleitoral. Além disso, o ator menciona um discurso do papa em uma publicação que falava de outro discurso papal. Os textos se sobrepõem, de modo que o acontecimento já parece esquecido. O olhar se volta para a performance, que nesse ponto se torna mais totêmica do que a fala de Francisco.

Ao finalizamos a análise por episódios, acreditamos que conseguimos identificar novas marcas e operações postas em jogo nos processos de apropriação e reapropriação do discurso papal. Avançamos em nossa exploração inicial e, a partir dos aportes teóricos, conseguimos olhar com mais propriedade para os discursos em questão. Conforme destaca

Verón (2013), no entanto, nossa exteriorização mental é limitada e sofre diversos condicionantes, por isso sabemos que não contemplamos todos os aspectos possíveis de serem analisados nessa circulação discursiva, mas trazemos alguns insumos para o debate. São pontos observados por nós e que tentaremos sistematizar, a seguir, no intuito de desvendarmos quais as lógicas de mediação estão presentes nesses processos. Partimos, portanto, para a análise transversal.

7.4 ANÁLISE TRANSVERSAL

Como nosso intuito nessa pesquisa é entender de que forma se configuram as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação do discurso do Papa Francisco – e para isso tentaremos desvendar os rastros em trânsito – nossa análise transversal se estruturará em quatro partes. Primeiramente, cruzaremos os três discursos religiosos, a fim de identificarmos as regularidades e especificidades nos textos. Depois, partiremos para a análise do discurso jornalístico, quando repetiremos o processo. Por fim, nos debruçaremos sobre os comentários dos atores sociais. Feito isso, realizaremos uma análise transversal a partir dos resultados obtidos em cada processo anterior.

7.4.1 O discurso religioso

Ao compararmos os três textos, encontramos mais regularidades do que especificidades entre eles. Evidenciamos que todos são textos que abordam temáticas sociais e têm caráter de aproximação, pois o pontífice fala em igualdade e respeito ao próximo em todos eles. Percebemos marcas de intertextualidade em todos os discursos, sendo que trechos bíblicos são utilizados em todos os textos, e na homilia do sínodo, a intertextualidade se dá, ainda, pelo uso de outra mensagem dentro dela – o que demonstra a preocupação do papa em ser fiel aos ensinamentos da Igreja Católica. Ocorre que essa lógica “escapa” ao longo do texto, quando sua subjetividade entra em jogo e ele, ao abordar temas de interesse social, acaba exprimindo sua opinião e tornando-se protagonista no discurso, ao invés de Jesus Cristo.

Isso porque ao falar sobre racismo – diretamente ou por meio das escolhas de suas palavras, se posiciona de forma que parece combatê-lo, destacando que essa ainda é uma realidade em nosso meio. Vemos, portanto, marcas de sua militância. Nos três textos evidenciamos críticas sociais e a imagem de um papa mediador de conflitos. A frase

“descartados pela sociedade” é utilizada em dois textos, com a mesma finalidade, isto é, lembrar-se daqueles “à margem da sociedade”, segundo palavras do pontífice.

Além disso, em um discurso ele fala para diferentes crenças e etnias, em outro fala para diferentes faixas etárias e povos, no último, discursa para jovens, mas também bispos de todo mundo. É, portanto, um discurso que congrega.

Nos três discursos o papa pede paz e fala em esperança, o que se torna uma palavra-chave em seus discursos, um foco de luta, conforme Fairclough (2001). Metáforas e analogias também são vistas em todos os textos. Metáfora das cataratas, no Lava-Pés; dos frutos, na mensagem *Urbi et Orbi*; e dos profetas de calamidades e desgraças, na homilia do sínodo dos bispos, entre outras. Como exemplos de analogias, citamos a relação que o pontífice faz entre os olhos físicos e os olhos da alma e a analogia entre a morte de Jesus Cristo e os frutos que Ele dá, por meio de sua ressurreição.

Desse modo, por mais que o texto precise ter um caráter institucional e, por isso, possua termos destinados a um público iniciado na fé, o pontífice parece realizar uma operação de “tradução” nesse discurso, tentando explicar o que não fica claro. Ele parece, pois, imitar o que fazia Jesus, quando se utilizava de parábolas¹¹⁸ para explicar textos aos seus discípulos e ao povo, uma vez que tanto metáforas, quanto analogias são expressões recorrentes em parábolas.

Em todos os textos evidenciamos uma performance midiática do pontífice: primeiro, ao lavar os pés dos detentos; depois, ao se dirigir aos meios de comunicação e pedir que rezem por ele; e, por fim, ao saudar os bispos de forma “calorosa”, embargando a voz. Nas três situações, aciona temas políticos e ideológicos, mas não deixa claro seu posicionamento, principalmente nos discursos dois e três, ou seja, na mensagem *Urbi et Orbi* e homilia do sínodo, nos quais evidenciamos dubiedades. Percebemos que o papa se apropria de assuntos da mídia para construir suas falas, o que fica mais evidente nesses dois discursos. Ainda nesses dois últimos discursos, vemos que o papa fala em terceira pessoa do plural, conferindo um grau de pessoalidade à sua fala.

O papa faz resgates históricos em dois textos, porém em contextos diferentes. Na homilia de Lava-Pés, ele se lembra de quem executava o ato de lavar os pés, à época de Jesus, e na homilia do sínodo, se utiliza de uma mensagem de 1965 para orientar os bispos. Na mensagem *Urbi et Orbi* ele faz esse resgate mencionando conflitos que estão à jusante. Em todos os discursos vimos marcas de seu protagonismo no texto.

¹¹⁸ Histórias contadas, de forma simples, que Jesus utilizava para explicar seus ensinamentos.

Embora na homilia de Lava-Pés ele se utilize de diversas passagens bíblicas e mencione o nome de Jesus inúmeras vezes, ele se inclui, se diz pecador, o que corrobora para a construção de um *ethos* de papa acolhedor. No discurso de Lava-pés e, também, na mensagem *Urbi et Orbi*, o pontífice pede que rezem por ele – demonstrando mais uma performance de humildade.

Percebemos também algumas especificidades. Por exemplo, devido ao *bios* do qual emergem, os textos são pensados de formas distintas. As homilias, como estão dentro do rito da missa, invariavelmente apresentam trechos bíblicos e os textos têm alguma ligação com as passagens bíblicas lidas dentro do rito. A mensagem, em contrapartida, está descolada desse contexto, resultando em um discurso menos “religioso” e mais próximo aos fiéis.

Existem, portanto, nas duas homilias, terminologias desconhecidas do público e que, por esse motivo, dificilmente esses discursos virariam notícia por si só. Mas o pontífice dá outra roupagem ao texto. Dá novos direcionamentos, acionando temas atuais e, devido ao seu caráter de protagonista no discurso, torna-o midiático e “consumível” pelo jornalismo, conforme veremos no tópico seguinte.

7.4.2 O discurso jornalístico

O discurso jornalístico por si só possui marcas próprias – inerentes à prática jornalística e à subjetividade do jornalista que o constrói. De todo modo, ao analisarmos o discurso do papa, inscrito em um portal de notícias, evidenciamos outros pontos que merecem destaque. A matéria de Lava-Pés do portal *Terra* (PAPA..., 2018e), por exemplo, tem marcas de totemismo, destacadas na manchete e que permeiam o restante do texto.

O texto (PAPA..., 2018e) apresenta fagia discursiva em relação ao original em diversos pontos, principalmente porque ele é acrescido de informações que estão fora do texto do pontífice - ganhando um caráter político e ideológico. A diferença de palavras utilizadas, como chefe *x* líder ou arriscar *x* apostar, também demonstram isso. O texto reforça a imagem de papa mediador de conflitos, reporta acontecimentos anteriores, e, por meio de uma notícia multimídia, dotada de intertextualidade, o discurso papal ganha outros desdobramentos. Há uma disrupção em relação ao texto original, quando as falas que não competem mais a homilia se juntam, sendo transformadas em uma única matéria.

Além disso, a matéria agencia novos circuitos para o texto, pois ao final o texto convida o leitor para acompanhar o pronunciamento de Páscoa que será feito alguns dias depois. Na matéria do *Correio Braziliense* (PAPA..., 2018c), no entanto, que também

analisamos, há diferenças que emergem já no título e que resultam em uma construção discursiva diferente.

O foco continua sendo os presos, mas agora recai sobre suas diferentes crenças e não mais nacionalidades. Os dois textos contam com a dimensão da transitividade, ou seja, diferentes vozes operando no texto, como passiva e ativa – o que acaba conferindo diferentes significados às frases – diferentes fagias discursivas.

Em relação às matérias referentes ao discurso *Urbi et Orbi*, percebemos que no título da notícia do portal *GI* “Conflito na Terra Santa ‘não poupa os indefesos’, diz Papa Francisco em mensagem de Páscoa” (CONFLITO..., 2018), há uma citação do pontífice. Novamente vemos o caráter totêmico que as frases do papa ganham, porque um pequeno trecho é “pinçado” do contexto original e, por possuir um caráter social, continua reverberando e ganhando desdobramentos diversos. Nessa notícia a linha de apoio também faz referência a acontecimentos outros, há uma apropriação dentro da apropriação por ser texto de agência, conta com intertextualidade, fagia discursiva, havendo uma inversão de acontecimentos. Percebemos que é um texto que conta com poucas citações.

O texto do portal *O Globo* (PAPA..., 2018g), também sobre a mesma mensagem, traz somente o trecho da fala do pontífice no qual ele pede “fim imediato” da Guerra na Síria. Trata-se de um apelo social, uma súplica, ou seja, um trecho que possui caráter totêmico. Esse texto conta com várias citações do pontífice e, ao contrário do anterior, é um texto que se aproxima mais do discurso original, embora também possua fagia discursiva.

A matéria do *UOL Notícias* (PAPA..., 2018b), ainda sobre a mensagem, não é de agência e tem uma angulação totalmente nova. No campo dos acontecimentos, ela menciona o que pode vir a acontecer e não o que já aconteceu. Embora seja um texto mais curto e, também, possua fagia discursiva, justamente por não ser igual ao original, ele conta com uma contextualização que as demais notícias não possuem.

Ao considerarmos o último discurso jornalístico que analisamos, referente ao sínodo dos bispos, inferimos, a partir da matéria publicada no portal *GI* (PAPA..., 2018h), que a matéria é do próprio portal, e há, portanto, uma especificidade em relação às demais. Outra especificidade encontrada é que ela se baseia mais no vídeo do que no discurso, ou seja, há uma fagia midiática. O foco se torna a emoção do pontífice e o discurso do papa no sínodo aparece somente no final do texto. Há intertextualidade, como nos outros textos, e um contrato pensado para o leitor. Nessa matéria, o valor notícia se sobrepõe ao discurso do papa, ou seja, o valor está na apropriação e destinação dada ao discurso pelas mídias, determinadas

por suas lógicas, e que estão condicionadas a motivações diversas e subjetivas. (ROSA, 2019).

Desse modo, evidenciamos que se trata de um texto que ganha uma conotação bem diferente do original, o que talvez possa se dar por ser uma matéria de agência, sendo um discurso de caráter híbrido e com um texto mais opinativo. Nesse caso, a fagia discursiva fica ainda mais evidente.

A matéria do *UOL Notícias* (PAPA..., 2018a), sobre o mesmo discurso, é de agência, o que a torna mais informativa, não possui linha de apoio e não possui foto nem vídeo. Ela destaca o acontecimento, explorando o que o evento abordará no decorrer dos dias, sendo que a emoção do pontífice aparece só no terceiro parágrafo. Uma regularidade em relação ao anterior é que ambos trazem uma contextualização sobre a questão histórica envolvendo China e Vaticano. As duas destacam, também, que o evento resultará em um documento final – acionando o conteúdo para um novo circuito que virá.

7.4.3 O discurso dos atores sociais

Ao analisarmos transversalmente os discursos dos atores sociais, percebemos que os comentários, em sua maioria, subvertem o conteúdo da matéria, associando as matérias à construção imagética de um papa político e com discurso ideológico. A imagem do pontífice fica afetada pelas transformações que o discurso sofre. O dispositivo técnico permite uma democratização de acesso ao discurso, que gera diferentes circuitos e fluxos.

Embates sobre temas polêmicos são recorrentes, principalmente nas publicações do *Facebook*. Escândalos noticiados pela mídia envolvendo a Igreja Católica e política estão entre os assuntos recorrentes nessas plataformas. Essas discussões se tornam circuitos dentro de circuitos, pois os atores sociais comentam as postagens uns dos outros, muitas vezes acionando outras discussões dentro do próprio contexto. Isso se deve ao poder simbólico do discurso papal.

O texto do ator social também tem intertextualidade e estabelece contratos diferentes daqueles pensados pelo pontífice e também pela mídia. Há uma modificação no sentido do discurso, segundo a subjetividade do ator social. Vemos que o meio influi no fazer social. A ambiência, ligada ao imaginário do ator, são fatores importantes a serem considerados nesse discurso em trânsito, pois as lógicas jornalísticas são muitas vezes subvertidas quando apropriadas pelos atores sociais. Evidenciamos, portanto, diversas defasagens nas falas dos

atores, em relação aos textos primeiros. Eles externalizam suas emoções, e evidenciamos que a performance do papa desperta isso nos atores sociais.

Sua postura ao falar sobre temáticas sociais e polêmicas leva a disputas eleitorais, críticas políticas, mas, ao mesmo tempo, leva os atores a pedirem oração pelo pontífice e gerar, assim, uma corrente de oração.

7.4.4 Entrelaçando os discursos

Rastros são marcas. Pegadas deixadas no caminho. Pistas para encontrar algo que se procura. Ao percorrer esse trajeto, percebemos que os rastros em trânsito são os elementos que constituem as fagias discursivas, que permitem ver as subjetividades e as lógicas em jogo ao longo do processo de tratamento do discurso. Quando esse texto circula há uma quebra, uma disrupção de sentido.

A fagia discursiva, portanto, é a adição, edição, supressão, elaboração do discurso. Um termo criado por nós para definir as mudanças que ocorrem nos discursos. O caráter social do discurso religioso, por exemplo, ganha conotação política. O ato de lavar os pés dos discípulos aciona questões em torno da pena de morte. Ao saudar bispos chineses, Francisco é apontado como seguidor de alguma ideologia.

Acreditamos, porém, que tudo inicia a partir da mudança que a Igreja Católica parece estabelecer com o fiel, por meio de seu representante máximo. Ao analisarmos os discursos religiosos vimos, em sua totalidade, o protagonismo papal. Não sabemos se se trata de uma mudança de estratégia da instituição para aproximar os fiéis e garantir espaço na mídia, ou de uma estratégia pessoal do papa, autônoma, para além da Igreja – o fato é que o discurso pontifício reverbera – e ganha diferentes contextos, despertando circuitos diversos. Essa mudança discursiva, aliada ao dispositivo sócio-tecno-simbólico, resulta em diferentes lógicas de midiatização.

Entendemos, portanto, que as mídias complexificam as relações sociais e que os dispositivos técnicos não são somente aparatados tecnológicos de transmissão da mensagem, mas estão dotados de simbolismo, o que influi diretamente nas práticas de midiatização. Por isso, percebemos ao longo dessa análise como as gramáticas de reconhecimento são distintas e ao mesmo tempo se diferem das gramáticas de produção. Desse modo, tensionamos a perspectiva de Eco (1987), de um leitor idealizado, pois nos parece que, em uma sociedade em midiatização, é muito difícil de prever esse leitor. O papa pode se dirigir ao público por meio de determinadas estratégias, como a escolha de palavras que dão um caráter de

aproximação, igualdade, amor ao próximo, mas esse discurso se perde, se dilui. De forma fágica, se desconstrói.

Na instância do reconhecimento, o leitor é outro. Essas quebras que se encontram à jusante estão atreladas às relações do ator social com o meio e, também, devido aos seus contextos sociais e linguísticos, conforme Fausto Neto (2002). Temos, portanto, diversos usos criativos, tanto por parte do ator social como do jornalismo, que se utiliza de diversos trechos do discurso papal, que nós chamamos de totêmicos, segundo a perspectiva de Rosa (2016), para construir outro discurso, que tem como pano de fundo o discurso papal, mas que traz uma conotação outra, em diversas matérias analisadas.

Essa frase ou trecho do discurso que consideramos totêmica é aquela que fala por si só. Que descolada do seu contexto continua reverberando e ganha desdobramentos que não se esgotam – a frase totêmica coloca o fluxo adiante, não só gera comentários nas mídias, mas implica em mudanças no fazer social. Como exemplo, salientamos a publicação no *Instagram* que pede oração ao papa. É um uso criativo do dispositivo, acrescido de uma operação.

Desse modo, em uma sociedade em midiatização, os discursos dos atores, e do próprio papa, se transformam na medida em que são postos “adiante”, ou seja, conforme se deslocam, são inseridos no tecido social, os textos ganham outra conotação. Nem os atores, nem o papa possuem domínio sobre o que dizem. Voltamos para a nossa hipótese de que a regra parece ser o movente.

As estratégias adotadas pelos sites, por exemplo, demonstram isso. Enquanto alguns usam a linha de apoio da matéria para fazer referência a acontecimentos passados e que se conectam, segundo o portal, com o discurso atual, outras notícias usam esse mesmo espaço para explicar o rito que é chamado na manchete. Do mesmo modo, algumas matérias usam frases do pontífice no título e outras não.

A matéria, no entanto, na qual as lógicas jornalísticas ficam mais evidentes, é a do portal *GI* sobre sínodo dos bispos – pois essa é de autoria do próprio portal. É interessante observar que esse texto ganha um caráter quase que opinativo, pois constrói o texto de maneira que o discurso do papa se torna mero insumo para outra construção textual. A performance de Francisco permanece, mas sua fala se perde em meio à fágia.

O discurso do papa, portanto, aliado à sua performance, confere à Igreja Católica um novo status dentro de uma sociedade em midiatização. A religião passa a ser vivida de outra forma, uma vez que seu líder afeta os feixes de relações, não somente dos fiéis em relação à vivência de sua fé, mas também de todos que vivem nesse *bios* social. A fala não fica mais

restrita ao ambiente devocional, do templo, e isso gera embates que atravessam as mídias e podem até retornar ao templo – mas reconfigurados, reelaborados, fagicamente modificados.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiados na mediação, desenvolvemos esta pesquisa em busca de respostas à pergunta central à qual nos lançamos, além das demais questões que emergiram ao longo do processo. Partindo da perspectiva de Verón (2014, p. 14), de que a mediação é a “[...] exteriorização de processos mentais na forma de dispositivos materiais”, também tentamos materializar o trajeto realizado por nós, por meio dessa dissertação de Mestrado. Ela é o dispositivo material, o resultado de nossos processos mentais, na tentativa de desvendarmos complexificações e novas formas de sociabilidade.

Partimos do conceito de circulação, que está contido na mediação, para entender de que forma se configuram as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação do discurso do Papa Francisco. Na tentativa de compreender tal fenômeno, realizamos uma importante descoberta, que deu um novo rumo para a nossa pesquisa: os rastros em trânsito.

Entendemos a circulação como um lugar de embates, um processo que compreende diversas lógicas. Estão contidas na circulação a instância da produção, do reconhecimento, os dispositivos técnicos. Quando nos propusemos a analisar o processo de circulação do discurso do Papa Francisco estávamos focados no que acontecia em cada um desses polos, nas disputas de sentido e nos vários níveis de discursividade presentes em cada um.

Isso porque nos propomos a entender como se caracterizavam as estratégias discursivas adotadas pelo pontífice/Igreja Católica e suas operações de mediação; descrever como os enunciados produzidos pelo papa eram apropriados por atores diversos e reelaborados em novos discursos e verificar como os meios consumiam e recriavam os discursos do papa.

Nos preocupamos, primeiramente, em compreender as lógicas em jogo na instância da produção, e nesse sentido, as regras que a compõem, ou seja, as gramáticas presentes no texto religioso, jornalístico, dos atores sociais, a subjetividade de quem escreve a matéria, do Papa Francisco, dos atores sociais e as lógicas do dispositivo técnico de enunciação. O mesmo observamos na esfera do reconhecimento. A grande questão, no entanto, foi quando descobrimos que além das lógicas inerentes a cada uma dessas instâncias, também havia outras “escondidas” no trânsito entre uma e outra. Isso porque a circulação é formada pelos polos de produção e reconhecimento, mas também pelos rastros, ou seja, o movente, o deslocar-se no tempo, o que há entre produtores e receptores de mensagens.

Ao entrelaçarmos os três discursos religiosos, embora consistam em múltiplas modalidades de textos, verificamos regularidades como: a atenção ao meio; o contato com a

pauta externa; a agenda social e coletiva; o uso recorrente de metáforas e a didatização do texto religioso/rito para o público não iniciado; a articulação do texto com o gestual, o que confere ao conjunto um tom de dispositivo. Ou seja, o próprio papa desenvolve movimentos fágicos ao consumir temas/questões que aparecem na mídia e levá-las para sua performance, mesmo os mais polêmicos, ainda que o faça por meio de uma militância ou de uma crítica velada. Para realizar a didatização ele se utiliza de passagens bíblicas, o que confere um caráter de intertextualidade ao discurso, e isso se repete em todos eles. Nos três textos o papa assume o protagonismo, dando a sua opinião, mesmo em maior ou menor grau, o que lhe confere uma performance de papa midiático. Ao trazer situações cotidianas para dentro do seu discurso, o pontífice dá marcas de sua apropriação midiática. Essa construção textual do pontífice é própria de uma sociedade em midiatização, na qual os meios agem sobre o fazer dos atores sociais – mesmo que esse ator seja o líder máximo da Igreja Católica.

De operações do jornalismo, a partir das diferentes matérias analisadas, temos a montagem dos textos, a partir da escolha de angulações pertinentes às publicações; a desconstrução do discurso religioso e sua adaptação para ser mais palatável, de acordo com as temáticas sociais em jogo, que viram pano de fundo. Evidenciamos, portanto, a fagia discursiva – os discursos são reelaborados, transformados, a partir de lógicas jornalísticas. Os títulos ou são frases do próprio papa pinçadas ou são constituídos por elementos de apelo que estimulam os comentários dos atores sociais. A linha de apoio e o título, geralmente, não estão entrelaçados. O uso de imagens é tático, em alguns casos meramente informativo, mas quase sempre focado na figura do papa. Em outros casos são utilizados vídeos e a atuação performática do papa que ganha destaque. O jornalismo realiza operações de valor quanto ao que será notícia, a partir de trechos do discurso do papa e da ambiência social. Quase todos os textos contam com uma apropriação dentro da apropriação, ou seja, são textos de agência de notícias. Portanto, diversas camadas são sobrepostas ao discurso papal.

No que diz respeito aos enunciados produzidos pelos atores sociais, percebemos que eles reelaboram os textos, desviando os temas e abordagens para temas de seu interesse; localizam o discurso do papa como um texto político e ideológico; agregam as marcas da tensão política, ou seja, do período eleitoral, no debate internacional promovido pelo papa; fundem política e religião ou borram as bordas; criam conversações entre si, ou seja, já não falam mais para o *GI* ou para o papa, o debate é entre os próprios atores sociais, que polarizam suas posições e, para isso, também se utilizam da intertextualidade. Inserem em suas postagens imagens alternativas às que circulam na mídia hegemônica. Ou seja, as lógicas

jornalísticas são subvertidas pelos atores sociais a partir de seu imaginário e contexto no qual está inserido.

Além das marcas e operações que evidenciamos nas três instâncias analisadas, para compreendermos a circulação do discurso papal, bem como as disputas de sentidos nos processos de apropriação e reapropriação desse discurso, tivemos que considerar, ainda, os rastros em trânsito, o que justifica o título deste trabalho. O que evidenciamos, portanto, é que ocorrem defasagens, perdas e ganhos de sentido na medida em que esse texto se desloca. Ocorrem, portanto, fagias discursivas nesse trânsito. O termo *fagia discursiva* foi criado por nós baseado na noção de fagia proposta por Rosa (2016), no intuito de conceituarmos as adições, edições, supressões e elaborações que ocorrem no trânsito do discurso papal.

Dentro dos rastros vemos, portanto, a troca de uma palavra pela outra, por exemplo, quando a palavra chefe é substituída pela palavra líder; a mudança nas vozes, que passa de ativa para passiva; a ordem do discurso que muda devido aos critérios de noticiabilidade. Ou seja, há uma infinidade de coisas que acontecem dentro desse deslocamento, desse rastro, que despontam como um potencial riquíssimo para análise.

Também descobrimos que o discurso do papa possui um caráter totêmico, ou seja, trechos de sua fala, às vezes apenas uma frase, são “pinçados” do contexto original e, sozinhos, continuam reverberando e ganhando desdobramentos diversos. Dizemos que é uma frase que fala por si só, pois descolada do seu contexto coloca o fluxo adiante. Ou seja, o que circula na mídia não é o discurso *x* ou *y* do papa, mas a frase dentro desse discurso que vira notícia, porque ela é valorizada socialmente.

Esse é um dos fluxos que ocorrem a partir do momento em que essa frase é extraída, ou seja, ela vira uma notícia, essa notícia gera comentários nas redes sociais, análises, debates, ou mesmo “conversas de bar”, como diria Braga (2017). O fluxo, portanto, são os diferentes destinos dados a esse discurso e os diferentes locais nos quais é inscrito. Interessante observar que esses conceitos estão intimamente ligados, pois essa frase de caráter totêmico, quando inserida em um portal de notícias, por exemplo, às vezes gera um texto outro, que em nada se parece com o discurso proferido pelo Papa Francisco. A frase totêmica, aliada à fagia discursiva e ao fluxo, nos mostram importantes complexidades no processo de mediação do discurso papal.

Esses aspectos de manejo do discurso fazem parte dos usos criativos dados a ele, ou seja, das apropriações realizadas a partir desse texto. Desse modo, não estamos falando do líquido do Bauman (2001), que é aquilo que se rarefaz, mas de algo que se desloca, altera-se,

está sempre indo à frente, mas preservando elementos do passado. É a implosão das incertezas e a defasagem como lugar de criação.

Nesse sentido, as fagias discursivas estão presentes não somente nos usos criativos que as mídias e os atores sociais fazem, mas também que o próprio papa faz, enquanto ator social. Isso porque o pontífice também desenvolve fagias ancoradas em sua subjetividade, uma vez que consome temas que aparecem na mídia e leva-os para sua fala, além de despertar fagias externas por meio de sua performance, o que evidenciamos, por exemplo, no caso do sínodo dos bispos, quando é a emoção na voz de Francisco ao saudar os bispos chineses que dá o tom à notícia e não o que o papa fala, propriamente.

Entendemos que o Papa ora se apresenta como servo, ora como representante de Deus, ora como líder da Igreja Católica, mas aqui nos preocupamos com o papa enquanto um operador de sentidos no âmbito de uma sociedade em midiatização. Por isso, entendemos que o pontífice possui uma posição de poder, mas nesse trabalho não nos detivemos a esse aspecto, podendo ser trabalhado posteriormente. Assim como o Papa, nós também ocupamos diversos lugares de fala, e disso não podemos nos furtar, mas nossa discussão, nessa pesquisa, não está focada na pessoa do pontífice, mas em suas operações discursivas e midiáticas.

Podemos dizer, portanto, que as disputas de sentido ocorrem no âmago do dispositivo, ou seja, dentro do discurso religioso, do discurso jornalístico e do discurso dos atores sociais, por meio das marcas e operações que destacamos anteriormente em nossa análise transversal, mas também nos rastros que existem nos processos de apropriação e reapropriação desses discursos. O apelo de paz do pontífice a países comunistas, quando apropriado, se torna uma marca ideológica, que resulta em um ataque ao papa, pois, segundo o ator social, trata-se de um posicionamento político. Outro ator social, por sua vez, a partir do comentário de “ataque”, pede oração pelo pontífice, iniciando uma “corrente de oração”, por meio de uma mídia digital. Esse é um dos exemplos anteriormente analisados por meio do qual evidenciamos que, em cada instância, há uma construção discursiva diferente e em cada trânsito uma defasagem. Essas defasagens são as “sobras” que emergem no trânsito do discurso papal, e que nós entendemos não como “restos”, no sentido de algo descartável, mas sim como coisas que efetivamente saltam aos olhos – frutos de um fazer para produzir sentidos outros.

Além disso, esse exemplo também demonstra a complexificação das relações sociais a partir do surgimento de novo meios de comunicação. A oração, antes restrita ao espaço privado, agora emerge dentro de uma plataforma digital. O mesmo ocorre por meio de grupos de conversas on-line no celular, no qual as pessoas se encontram para rezar. Por isso, as

mídias não podem ser vistas somente como dispositivos técnicos, mas como produtoras de sentidos.

Ao analisarmos a performance dos papas frente à mídia, percebemos que seus papados atravessam marcos da revolução tecnológica, sendo, portanto, afetados pelos processos de midiatização, assim como o afetam. A Igreja não está alheia à midiatização, ao contrário, é parte dela. Os papas, conforme vimos anteriormente, não somente estão nesse meio, mas nele também desenvolvem operações, produzem sentidos. Por isso, os papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco desenvolvem táticas dentro de uma nova ambiência midiática e, desse modo, mídia, religião e sociedade se entrelaçam, gerando novas disputas de sentido.

Ou seja, o campo religioso reestrutura sua prática a partir da ascensão dos meios de comunicação. O papa, portanto, também está inserido nesse *bios social* e mesmo os mais resistentes – como parece ser o caso do Papa Bento XVI – acabam afeitos pelas novas mídias. Como exemplo, temos a inauguração da conta do *Twitter* papal, que ocorreu durante o pontificado do papa alemão. Trechos de seus discursos e pequenas frases de, no máximo, 140 caracteres, começaram a ser publicadas nessa plataforma. Interessante observar que, ao contrário do jornalismo, que “escolhe” determinadas frases dentro de um discurso, por meio do *Twitter* a própria Igreja “oferta” a frase que ela deseja – que pode ser reproduzida pelos atores sociais ou pelos sites jornalísticos. A Igreja Católica, portanto, se utiliza desse espaço para a construção de sua imagem. De certo modo, a instituição parece se apropriar da plataforma no sentido de continuar exercendo controle sobre o que é dito sobre ela. Ocorre, no entanto, que em uma sociedade em midiatização, essas bordas escapam ao que é pensado pela instituição, que pode até querer exercer certo domínio ao escolher as frases, mas a forma como elas são usadas pela mídia e pelos atores sociais fogem dos contratos pensados pela Igreja.

Assim, vemos uma abertura dos papas e da instituição aos meios, mas também evidenciamos que os meios reconfiguram a prática religiosa. A circulação do sagrado em rede, por exemplo, se potencializa a partir da criação de plataformas como o próprio *Twitter* e, mais adiante, o *Instagram* e o *WhatsApp*. A prática religiosa se torna “pública”, na medida em que o ator social publica uma foto com um terço, por exemplo. É uma imagem, que diferente de estar em um site, por exemplo, pode mobilizar outras pessoas a rezar. É uma ruptura entre o público e o privado, evidenciada também em uma sociedade em midiatização.

Vemos que essa “ruptura” passa a ser sentida pela Igreja Católica, sobretudo com a televisão, durante o papado de João Paulo II. Seus passos são sempre insumo para a mídia e seu comportamento, performance diante das câmeras, também começa a estampar jornais. A

imagem da Igreja Católica é publicizada, devido ao pontífice, mesmo se tratando de uma sociedade dos meios. Com a televisão, suas viagens podem ser acompanhadas. Seu gesto de beijar o chão se transforma em uma forte marca que, ao ser mostrada na televisão, confere ao pontífice uma imagem de humildade. Sem a televisão, esse gesto poderia ser até comentado no rádio, mas certamente não resultaria no mesmo efeito que a imagem dá à performance. Mais uma vez, evidenciamos a importância do dispositivo técnico na produção de sentidos.

Já no papado de Francisco, o uso das mídias digitais potencializa ainda mais a vivência do sagrado e afeta o contexto religioso – tudo é instantâneo. O que o papa diz e faz pode ser publicizado rapidamente, por meio do aparelho celular de um ator social. Como exemplo, citamos o vídeo feito por um ator, que rapidamente se espalhou na rede, no qual o papa retira a mão no momento em que fiéis vão beijá-la. Diversos sentidos são sobrepostos a esse vídeo, que geram comentários condenando a atitude do pontífice e outros dizendo que ele tem o direito de se negar, que é humano como qualquer outra pessoa.

O fato é que esse vídeo acaba resultando em uma explicação da Igreja Católica devido ao comportamento do pontífice. O ato vai parar em sites jornalísticos – que se apropriam do vídeo e comentários dos atores sociais – e depois reverberam ainda em matérias com diversas versões explicando a atitude no vídeo. Novos circuitos midiáticos são acionados a partir de uma mudança na prática social. Portanto, trata-se das novas operações que são engendradas pelos dispositivos técnicos que dão um novo “lugar” à religião.

Acreditamos que em nosso trabalho conseguimos mostrar não somente as marcas e disrupções que acontecem na circulação do discurso papal, mas também como isso impacta na vivência da fé. Ao fazermos nossa revisão da literatura, percebemos que os trabalhos estavam, sobremaneira, centrados nos meios, ou então não se preocupavam com as “bordas”, as defasagens presentes na mídiatização. Esses rastros, que eram considerados “invisíveis”, na década de 70, puderam ser identificados por nós, por meio de uma análise que considerou as marcas dos textos e, também, seus rastros em trânsito. Não localizamos estudos de mídiatização que se preocupassem com essa perspectiva – que está “escondida” no processo de circulação, mas é fundamental para avançar no conceito – que se encontra à jusante.

Essa pesquisa também alavancou nossos estudos sobre discurso, uma vez que a falta de formação acadêmica na área linguística nos instigou a nos aprofundarmos nesses estudos, o que se mostrou deveras relevante em nossa análise, embora tenhamos realizado inúmeras idas e vindas a esses materiais, pela falta de domínio técnico. Acreditamos que isso, no entanto, não apresentou significativas perdas ao nosso trabalho – cujo foco principal era entender as operações de mídiatização que estavam em jogo em nosso caso.

Nesse sentido, entendemos que nosso trabalho avança naquilo que já havia sido proposto para o tema, mas sabemos que ainda há muito que descobrir no campo da midiatização. Colocamos adiante as pesquisas de Rosa (2019), com a criação dos conceitos de *fagia discursiva* e *discurso totêmico* e pensamos que essas duas perspectivas merecem ser exploradas com mais afinco. Acreditamos que tais conceitos podem ser aplicados em diferentes esferas discursivas – e seguimos empenhados em entender as camadas sobrepostas nos processos de circulação.

Queremos continuar percorrendo rastros. Nossa “investigação” não se encerra nesta pesquisa – seguimos, inspirados em Sherlock Holmes. Sentimos falta de termos um conjunto de materiais de outro papa, no intuito de compararmos nossas descobertas e – desse modo – fazer inferências mais complexas para o campo da midiatização. Sabemos, no entanto, que dentro do período de pouco mais de dois anos que o Mestrado dispõe, não teríamos tempo para operacionalizar tal processo. Nos propomos, portanto, a seguir com esse plano em nossas pesquisas futuras, no Doutorado.

Assim, nossa experiência em seguir os rastros, demonstra a necessidade de observar aquilo que se transforma em trânsito. Neste sentido, olhar as marcas e operações da circulação discursiva continua sendo um desafio para identificar não apenas as disputas pela produção de sentido, mas também para compreender a própria comunicação.

REFERÊNCIAS

- ANGELINI, Maria Cristina. O Papa simples usa tecnologia sofisticada para compartilhar suas mensagens. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, São Paulo, SP, v. 19, n. 19, p. 71-84, jan./dez. 2015. Disponível em: <bit.ly/3bz0eYX>. Acesso em: 8 out. 2019.
- AUTORIDADE da cúria romana explica por que Bento XVI é um dos grandes pensadores de seu tempo. **ACI Digital**, [S.l.], 16 jan. 2013. Disponível em: <bit.ly/2Xa0Axn>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- BARROS, Thiago. PAPA Bento XVI ganha conta oficial no Twitter. **Techtudo**, [S.l.], 3 dez. 2012. Disponível em: <glo.bo/2I2E2Zk>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BENTO XVI abre conta no Twitter. **Canção Nova**, [S.l.], 3 dez. 2012. Disponível em: <bit.ly/2YUVciq>. Acesso em: 29 set. 2017.
- BENTO XVI estreará sua conta de Twitter em dezembro. **ACI Digital**, [S.l.], 29 nov. 2012. Disponível em: <bit.ly/2HODCpy>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- BISCONTIN, Chino. **Pregar a Palavra: a Ciência e a Arte da Pregação**. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- BISPOS chineses presentes em reunião no Vaticano convidam Papa Francisco para visita histórica. **G1**, [S.l.], 16 out. 2018. Disponível em: <glo.bo/30NMcgG>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- BORELLI, Viviane. Miatização, dispositivo e os novos contratos de leitura geram uma outra religião. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, Santa Maria, RS, v. 2010, p. 1-15, 2010. Disponível em: <bit.ly/3bxNphu>. Acesso em: 8 out. 2019.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, São Paulo, SP, v. 1, n. 2, p. 73-88, abr. 2008. Disponível em: <bit.ly/2XEPn8R>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos de Comunicação. In: Braga, José Luiz et al (Org.). **Matrizes Interacionais: a comunicação como modo de produção do social**. Campina Grande: Eduepb, 2017. p. 43-64.
- CARVALHO, Eduardo. Brasileiros fazem ‘selfie’ com o Papa Francisco após missa no Vaticano. **G1**, São Paulo, 13 abr. 2014. Disponível em: <glo.bo/2VRLgEk>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CONFLITO na Terra Santa 'não poupa os indefesos', diz papa Francisco em mensagem de Páscoa. **G1**, [S.l.], 1 abr. 2018. Disponível em: <glo.bo/32oWPHZ >. Acesso em: 10 abr. 2019.

CONTA oficial do Papa Francisco é lançada no Instagram. **Canção Nova**, [S.l.], 19 mar. 2016. Disponível em: <bit.ly/2QuFBTH>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CRUZ, José. O Papa no Brasil, em 1997, já com a saúde fraca. **Wikipedia**. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <bit.ly/2Vgx4rM>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CUNHA, Magali Nascimento. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, RS, v. 23, n. 2, 2016a. Disponível em: <bit.ly/3bJwCZ4>. Acesso em: 9 out. 2019.

CUNHA, Magali Nascimento. Religião no noticiário: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, DF, v. 19, n. 1, jan./abr. 2016b. Disponível em: <bit.ly/2SA1nqk>. Acesso em: 9 out. 2019.

DELEUZE, Giles. O problema do conhecimento e o problema moral. In: DELEUZE, Giles. **Empirismo e Subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Editora 34, 2001.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ESTATÍSTICAS da Igreja Católica 2018. **ComShalom**, [S.l.], 17 jun. 2018. Disponível em: <bit.ly/3asiqCO>. Acesso em: 19 jan. 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. **Mediatización, sociedad y sentido**, p. 2, 2010. Disponível em: <bit.ly/39xwJyA>. Acesso em: 5 jan. 2019.

FAUSTO NETO, Antônio. A religião teleterapeutizante: discursividades dos templos midiáticos. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, RS, v. 6, n. 2, p. 25-46, 2004. Disponível em: <bit.ly/38rUjmn>. Acesso em: 11 nov. 2019.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 6, n. 2, p. 8-40, dez. 2018. Disponível em: <bit.ly/3bxOndC>. Acesso em: 9 out. 2019.

FAUSTO NETO, Antônio et al. Visitando os conceitos de contrato de leitura: uma proposta de entendimento dos pontos de vínculo entre emissor/receptor da sociedade dos meios para sociedade midiaticizada. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL – INTERCOM, 11., maio 2010, Novo Hamburgo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em: <bit.ly/2v2aQzi>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma «analítica» da mediatização. **Revista**

Matrizes, São Paulo, SP, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008. Disponível em: <bit.ly/2uzLDfm>. Acesso em: 5 jan. 2019.

FAUSTO NETO, Antônio. Mídiação, prática social – prática de sentido. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15., 2006, Bauru. **Anais eletrônicos...** Bauru: Unesp, 2006. Disponível em: <bit.ly/2TiUNYB>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. Processos midiáticos e construção das novas religiosidades: dimensões discursivas. **Revista Galáxia**, São Paulo, SP, v. 2, n. 3, 2002. Disponível em: <bit.ly/2SqLe83>. Acesso em: 6 jan. 2020.

FERNANDES, Victor Vago; TOMAZI, Micheline Mattedi. Estratégia (s) de polarização no discurso do papa Francisco. **Revista do GELNE**, Natal, RN, v. 17, n. 1-2, p. 253-272, 2016. Disponível em: <bit.ly/38s9KuS>. Acesso em: 2 fev. 2020.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, José Luiz et al. (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

FERREIRA, Juliana da Silva. Religião, celebridades e a razão contemporânea: o caso do Papa-acontecimento. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, São Paulo, SP, v. 19, n. 19, p. 85-98, 2015. Disponível em: <bit.ly/37kLd9O>. Acesso em: 9 ago. 2019.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Pedro Gilberto. **Da Igreja eletrônica à sociedade em mídiação**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos Meios à Mídiação**: um Conceito em Evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

GUINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GUINZBURG, Carlo. (Org.). **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143- 179.

HOOVER, Stewart. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP, v. 35, n. 2, p. 41-68, jan./jun. 2014. Disponível em: <bit.ly/3bC3Byk>. Acesso em 5 maio. 2019.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Carta encíclica *Fides Et Ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II aos bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão**. Roma, 14 set. 1998. Disponível em: <bit.ly/39Mbr6z>. Acesso em: 10 abr. 2019.

JOÃO Paulo II foi primeiro papa a visitar o Brasil. **Terra**, [S.l.], 2 abr. 2005. Disponível em: <bit.ly/2wosgmr>. Acesso em: 10 abr. 2019.

JUNQUEIRA, Diego. O papa voltou a ser pop? Francisco ganha destaque com frases e fotos midiáticas. **R7**, [S.l.], 16 mar. 2013. Disponível em: <bit.ly/2VWqZgV>. Acesso em: 10 abr. 2019.

KILPP, Suzana. **Ethicidades televisivas, sentidos identitários na tv: moldurações homológicas e tensionamentos**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

MARINA, Diego López. Quanto você sabe sobre João Paulo II? Esses são 10 dados que você deve conhecer. **ACI Digital**, [S.l.], 20 out. 2018. Disponível em: <bit.ly/2HHrB68>. Acesso em: 25 fev. 2019.

MARTINO, Luis Mauro Sa. A pesquisa em mídia e religião no Brasil: articulações teóricas na formação de uma área de estudos. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, SP, v. 15, n. 29, p. 81-93, 2014. Disponível em: <bit.ly/2Hs1zml>. Acesso em: 5 ago. 2019.

MARTINS, Rayane Lima; CORDELIA, Francisca. Por trás das estratégias discursivas do Papa Francisco na mensagem da quaresma de 2015. **Biblioteca Digital da Universidade de Brasília**, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <bit.ly/39z2bD0>. Acesso em: 4 ago. 2019.

MILANI, Tatiane. Papa Francisco e as novas discussões da Igreja frente à mídia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DAS FACULDADES EST, 2., 2014, São Leopoldo. **Anais eletrônicos...** São Leopoldo: Faculdades EST, 2014. Disponível em: <bit.ly/38q6MHv>. Acesso em: 4 ago. 2019.

MOREIRA, Leticia; MEDRADO, Andrea. Celebridade, Influenciador Digital ou apenas um Líder Religioso na Rede? A Imagem do Papa Francisco construída no Instagram. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 41., set. 2018, Joinville. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <bit.ly/2STMTCb>. Acesso em: 9 dez. 2019.

O QUE é o “angelus”? **Veritatis Splendor**, [S.l.], 2003. Disponível em: <bit.ly/2QrTjXg>. Acesso em: 10 abr. 2009.

O PAPA Bento XVI visitou 24 países no seu pontificado. **ACI Digital**, [S.l.], 25 fev. 2013. Disponível em: <bit.ly/2Mdwmc0>. Acesso em: 10 abr. 2019.

O PAPA é pop: Francisco estampa a capa da ‘Rolling Stone’ na Itália. **O Globo**, [S.l.], 9 mar. 2017. Disponível em: <glo.bo/2WpkBmL>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA abre Sínodo dos Bispos dedicado aos jovens e se emociona ao saudar bispos chineses. **Uol Notícias**, [S.l.], 3 out. 2018a. Disponível em: <bit.ly/2wHAXvT>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA BENTO XVI. **[Discurso]**. 12 maio 2013, em mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. Disponível em: <bit.ly/2Bq3gAA>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA BENTO XVI. **[Discurso]**. 13 maio 2007, em viagem apostólica ao Brasil por ocasião da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Aparecida: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Regina Caeli. Disponível em: <bit.ly/2HFywg6>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA BENTO XVI. **[Discurso]**. 28 maio 2006, em mensagem para o 40º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006. A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação. Disponível em: <bit.ly/2VTGJkF>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA Bento XVI vai renunciar ao pontificado em 28 de fevereiro. **G1**, São Paulo, 11 fev. 2013a. Disponível em: <glo.bo/2L2Q0H2>. Acesso em: 29 set. 2017.

PAPA Francisco decide continuar morando na Casa Santa Marta. **G1**, São Paulo, 26 mar. 2013b. Disponível em: <glo.bo/2JLSliO>. Acesso em: 25 fev. 2019.

PAPA Francisco defende negociações com a Coreia do Norte. **Uol Notícias**, [S.l.], 1º abr. 2018b. Disponível em: <bit.ly/38AfeUg>. Acesso em: 21 jan. 2020.

PAPA FRANCISCO. **[Discurso]**. 1º abr. 2018, em mensagem *Urbi Et Orbi*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018a. Disponível em: <abre.ai/V8K>. Acesso em: 10 fev. 2019.

PAPA FRANCISCO. **[Discurso]**. 29 mar. 2018, em homilia. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018b. Páscoa 2018. Disponível em: <abre.ai/V8e>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA FRANCISCO. **[Discurso]**. 3 out. 2018, em homilia. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018c. Santa Missa por ocasião da abertura da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Disponível em: <bit.ly/2WslPgZ>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA FRANCISCO. **[Discurso]**. 29 mar. 2018, em homilia. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018d. Santa Missa por ocasião de Coena Domini. Disponível em: <bit.ly/2VeeW1F>. Acesso em: 10 abr. 2019

PAPA Francisco lava os pés de presos não católicos. **Correio Braziliense**, [S.l.], 29 mar. 2018c. Disponível em: <bit.ly/2QGTMqj>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PAPA JOÃO PAULO II. **[Discurso]**. 30 jun. 1980, na viagem apostólica ao Brasil. Brasília: Libreria Editrice Vaticana, 1980a. Discurso recitado pelo Papa João Paulo II ao presidente e autoridades da república Federativa do Brasil. Disponível em: <bit.ly/2wprOo7>. Acesso em: 25 fev. 2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **[Discurso]**. 30 jun. 1980, na viagem apostólica ao Brasil. Brasília: Libreria Editrice Vaticana, 1980b. Mensagem do Papa João Paulo II para o povo brasileiro. Disponível em: <bit.ly/2HHbOnZ>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA JOÃO PAULO II. **[Discurso]**. 5 out. 1997, na viagem apostólica ao Brasil por ocasião do II Encontro Mundial com as famílias. Rio de Janeiro: Libreria Editrice Vaticana, 1997. Angelus. Disponível em: <bit.ly/2WC4GBL>. Acesso em: 10 abr. 2009.

PAPA JOÃO PAULO II. **[Discurso]**. 8 maio 2005, mensagem para o 39º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Os meios de comunicação: ao serviço da compreensão entre os povos. Disponível em: <bit.ly/2XbHwil>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PAPA JOÃO XXIII. **[Discurso]**. 11 out. 1962, em discurso. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1962. Discurso na Abertura Solene do SS. Concílio. Disponível em: <bit.ly/38RcCSs>. Acesso em: 25 jan. 2020.

PAPA lava pés de presos e diz: 'Sou pecador como vocês'. **Revista Istoé**, [S.l.], 29 mar. 2018d. Disponível em: <bit.ly/2TdO5lm>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PAPA lava pés de presos e diz: 'sou pecador como vocês'. **Terra**, [S.l.], 29 mar. 2018e. Disponível em: <bit.ly/2wpX5aH>. Acesso em: 10 fev. 2019.

PAPA lava pés de presos e diz: 'Sou pecador como vocês'. **Uol Notícias**, [S.l.], 29 mar. 2018f. Disponível em: <bit.ly/2NeVixH>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PAPA PAULO VI. **[Discurso]**. 7 maio 1967, no 1º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1967. Mensagem do Papa Paulo VI. Disponível em: <bit.ly/2HFyiWi>. Acesso em: 10 abr. 2009.

PAPA pede 'fim imediato' da guerra na Síria e reconciliação na Terra Santa. **O Globo**, [S.l.], 1º abr. 2018g. Disponível em: <glo.bo/2wJbZMF>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA se emociona ao receber pela primeira vez bispos chineses em sínodo no Vaticano. **G1**, [S.l.], 3 out. 2018h. Disponível em: <glo.bo/37TIDrA>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA sugere que é “melhor ser ateu do que católico hipócrita”. **Exame**, [S.l.], 3 out. 2018i. Disponível em: <bit.ly/2wmUyxU>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PRIMEIROS tweets do Papa: lembra-te de que o Senhor está sempre ao teu lado. **ACI Digital**, [S.l.], 12 dez. 2012. Disponível em: <bit.ly/2Qy1Nw3>. Acesso: 10 abr. 2012.

PROULX, Serge. Paradigmas para pensar os usos dos objetos comunicacionais. In: PROULX, Serge; FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula (Org.). **Midiatização e redes digitais: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016, p. 41-78. Disponível em: <bit.ly/2wh9D7l>. Acesso em 5 ago. 2019.

“QUEM sou eu para julgar” gays, diz papa em coletiva rara. **Terra**, [S.l.], 29 jul. 2013. Disponível em: <bit.ly/2TDDBw0>. Acesso em: 19 jan. 2020.

ROSA, Ana Paula da. Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. **Revista Interin**, Curitiba, PR, v. 21, n. 2, p. 60-81, jul./dez. 2016. Disponível em: <abre.ai/V80>. Acesso em 10 jan. 2020.

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, SP, v. 42, n. 2, p. 21-33, ago. 2019. Disponível em: <bit.ly/2Smrpi3>. Acesso em 15 nov. 2019.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital**. São Paulo: Paulinas, 2017.

SBARDELOTTO, Moisés. Entre o social e a técnica: os processos mediados do fenômeno religioso contemporâneo. **Ação Midiática**, Curitiba, PR, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <bit.ly/2HwFpQh>. Acesso em: 8 dez. 2019.

SBARDELOTTO, Moisés. Interações em rituais online: a mediação do fenômeno religioso na internet. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL – INTERCOM, 11., dez. 2010, Novo Hamburgo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em: <bit.ly/31Ol4G>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SBARDELOTTO, Moisés. O leigo-amador no contexto da mediação: uma análise da circulação do religioso na internet. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., maio 2014, Belém. **Anais eletrônicos...** Bauru: Unesp, 2014. Disponível em: <bit.ly/2SGbTwp>. Acesso em: 13 nov. 2019.

SEBEOK, A. T; UMIKER-SEBEOK, J. Você conhece meu método? In: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas. **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SILVA, Sandro Luis da. A homilia papal de 2014: congruência entre enunciação e *ethos* discursivo. **Revista Intersecções**, v. 8, n. 15, p. 21-37, 2015. Disponível em: <bit.ly/3bzycfX>. Acesso em 10 out. 2019.

SOUSA et al. O Papa no twitter: as redes sociais e os desafios da atuação da Igreja Católica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 14., 2015, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Juiz de Fora: UFJF, 2015. Disponível em: <abre.ai/V86>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SOUZA, Marilena Inácio de. Dos discursos do papa Francisco à produção e circulação de pequenas frases: a construção do papa heterodoxo. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 16, n. 3, p. 465-487, 2016. Disponível em: <bit.ly/38pdXPU>. Acesso em: 8 dez. 2019.

TRUZZI, Marcelo. Você conhece meu método? In: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas. **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

TV GLOBO. **Retrospectiva 2005 TV Globo Papa João Paulo Segundo**. Google: 2005. (3 min 8 s). Disponível em: <bit.ly/2SPQSAD>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VALENTE, Jonas. Instagram deixa de mostrar número de curtidas das postagens. **Agência Brasil**, Brasília, 17 jul. 2019. Disponível em: <bit.ly/30RE9Qr>. Acesso em: 13 ago. 2019.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el analisis de la mediación. **Diálogos**, Lima, n. 48, p. 9-17, 1997. Disponível em: <abre.ai/V81>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, SP, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014. Disponível em: <bit.ly/38VSMWa>. Acesso em: 10 abr. 2019.

WESCHENFELDER, Aline. **Manifestações da midiatização. Transformação dos atores sociais em produção e recepção**: o caso Camila Coelho. 2019. 244 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019. Disponível em: <bit.ly/38qqimW>. Acesso em 10 dez. 2019.

XAVIER, Monalisa Pontes. **Considerações sobre a produção de dispositivos interacionais “psi” no contexto da midiatização**: estudo de caso da coluna “Vida Íntima”. Paper de circulação interna – PPGCC da Unisinos, São Leopoldo, 2014. 23 p.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ANEXO A – SANTA MISSA IN COENA DOMINI

SANTA MISSA IN COENA DOMINI

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO*Cárcere "Regina Coeli", Roma**Quinta-feira Santa, 29 de março de 2018*

Jesus termina o seu discurso, dizendo: «Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, assim o façais também vós» (*Jo* 13, 15). Lavar os pés. Naquela época, os pés eram lavados pelos escravos: era uma tarefa de escravo. As pessoas percorriam as estradas, não havia asfalto, não havia calçadas; naquele tempo havia a poeira das estradas e as pessoas sujavam os pés. E na entrada das casas havia escravos que lavavam os pés. Era um trabalho de escravo. Mas tratava-se de um serviço: um serviço feito por escravos. E Jesus quis desempenhar este serviço, para nos dar um exemplo do modo como nos devemos servir uns aos outros.

Certa vez, quando estavam a caminho, dois dos discípulos que queriam fazer carreira, pediram a Jesus para ocupar lugares importantes, um à sua direita e o outro à sua esquerda (cf. *Mc* 10, 35-45). E Jesus fitou-os com amor — Jesus olhava sempre com amor — e disse: “Vós não sabeis o que pedis” (v. 38). Os chefes das Nações — diz Jesus — dão ordens, fazem-se servir e sentem-se bem (cf. v. 42). Pensemos naquela época de reis, de imperadores tão cruéis, que se faziam servir pelos escravos... Mas entre vós — diz Jesus — não deve ser assim: quem manda deve servir. O vosso chefe deve ser o vosso servidor (cf. v. 43). Jesus inverte a tradição histórica, cultural daquela época — até a de hoje — aquele que manda, para ser um bom chefe, seja onde for, deve servir. Penso muitas vezes — não neste tempo, porque todos ainda estão vivos e têm a oportunidade de mudar de vida, e não podemos julgar, mas pensemos na história — se tantos reis, imperadores, chefes de Estado tivessem entendido este ensinamento de Jesus e, em vez de mandar, de ser cruéis, de matar as pessoas, tivessem feito isto, quantas guerras se teriam evitado! Serviço: na realidade há pessoas que não facilitam esta atitude, pessoas soberbas, odiosas, pessoas que talvez nos desejem o mal; mas nós somos chamados a servi-los mais. E há também pessoas que sofrem, que são descartadas pela sociedade, pelo menos por um período, e Jesus vai ter com elas e diz-lhes: tu és importante para mim. Jesus vem para nos servir, e o sinal de que Jesus nos serve hoje aqui, no cárcere de Regina Coeli, é que quis escolher doze de vós, como os doze Apóstolos, para lavar os pés. Jesus aposta em cada um de nós. Pois bem: Jesus chama-se Jesus, não Pôncio Pilatos. Jesus

não sabe lavar-se as mãos: só sabe arriscar! Olhai para esta imagem, tão bonita: Jesus inclinado entre os espinhos, correndo o risco de se ferir para salvar a ovelha tresmalhada.

Hoje eu, que sou pecador como vós, mas represento Jesus, sou embaixador de Jesus. Hoje, quando me inclino diante de cada um de vós, pensai: «Jesus apostou neste homem, um pecador, para vir ter comigo e para me dizer que me ama». Este é o serviço, assim é Jesus: nunca nos abandona, nunca se cansa de nos perdoar. Ama-nos muito! Vede como Jesus arrisca!

E portanto, com estes sentimentos, vamos em frente com esta celebração, que é simbólica. Antes de nos oferecer o seu Corpo e o seu Sangue, Jesus aposta em cada um de nós, arrisca por cada um de nós, e arrisca no serviço, porque nos ama muito.

Durante o rito litúrgico, no momento de trocar o sinal da paz, o Pontífice pronunciou as seguintes palavras:

E agora, todos nós — estou convicto que todos nós — temos a vontade de estar em paz com todos. Mas no nosso coração há muitas vezes sentimentos contrastantes. É fácil estar em paz com aqueles dos quais gostamos e com quantos são bons connosco; mas não é fácil estar em paz com quantos cometeram injustiças contra nós, que não gostam de nós, com os nossos inimigos. Em silêncio, por um instante, cada um pense naqueles que gostam de nós e dos quais nós gostamos; e cada um de nós pense também naqueles que não gostam de nós e dos quais nós não gostamos, e inclusive — aliás — naqueles dos quais gostaríamos de nos vingar. E peçamos ao Senhor, em silêncio, a graça de oferecer a todos, bons e maus, o dom da paz!

Palavras do Pontífice ao responder às saudações da diretora da penitenciária e de um preso:

Tu falaste de um novo olhar: renovar o olhar... Isto faz bem, porque com a minha idade, por exemplo, chegam as cataratas, e não se vê bem a realidade: no próximo ano deveremos fazer a operação. Mas assim acontece com a alma: o trabalho da vida, o cansaço, os erros, as desilusões ofuscam o olhar, o olhar da alma. E por isso, aquilo que disseste é verdade: aproveitar as oportunidades para renovar o olhar. E como eu disse na praça de São Pedro [na audiência geral de ontem], em muitos povoados, mas até na minha terra, quando se ouvem os sinos da Ressurreição do Senhor, as mães, as avós, levam as crianças para lavar os olhos, a fim de que adquiram o olhar da esperança de Cristo Ressuscitado. Nunca vos canseis

de renovar o olhar, de fazer aquela operação das cataratas da alma, diariamente. Mas renovai sempre o olhar. É um bonito esforço.

Todos vós conheceis a garrafa de vinho meio cheia: se eu considerar a parte vazia, a vida é triste, desagradável, mas se eu considerar a metade cheia, ainda tenho de beber. O olhar que abre à esperança, palavra que tu disseste e que também ela [a diretora] disse; e ela repetiu-o várias vezes. Não se pode conceber um cárcere como este sem esperança. Os hóspedes estão aqui para aprender, ou fazer crescer, o “semear esperança”: não existe uma pena justa — justa! — sem que permaneça aberta à esperança. Uma pena que não estiver aberta à esperança não é cristã, é desumana!

Na vida existem dificuldades, situações desagradáveis, tristeza — vós pensais nos vossos entes queridos, na mãe, no pai, na esposa, no marido, nos filhos... esta tristeza é desagradável. Mas não desanimar: não, não. Estás aqui, mas para te voltares a inserir renovado ou renovada. Esta é a esperança. Semear esperança. Sempre, sempre. O vosso trabalho é este: ajudar a semear a esperança da reinserção, e isto fará bem a todos nós. Sempre! Cada pena deve estar aberta ao horizonte da esperança. Por isso, a pena de morte não é humana, nem cristã. Cada pena deve permanecer aberta à esperança, à reinserção, inclusive para testemunhar a experiência vivida pelo bem das outras pessoas.

Água de ressurreição, olhar renovado, esperança: é isto que vos desejo. Sei que vós, hóspedes, trabalhastes muito para preparar esta visita, até caiastes as paredes: obrigado! Para mim é um sinal de benevolência e de hospitalidade, e agradeço-vos deveras isto. Estou próximo de vós, rezo por vós, e vós rezai por mim, e não vos esqueçais: a água que renova o olhar, e a esperança.

ANEXO B - MENSAGEM URBI ET ORBI DO PAPA FRANCISCO***MENSAGEM URBI ET ORBI******DO PAPA FRANCISCO*****PÁSCOA 2018**

Sacada Central da Basílica Vaticana

Domingo, 1º de abril de 2018

Queridos irmãos e irmãs, feliz Páscoa!

Jesus ressuscitou dos mortos.

Ressoa na Igreja, por todo o mundo, este anúncio, juntamente com o cântico do Aleluia: Jesus é o Senhor, o Pai ressuscitou-O e Ele está vivo para sempre no meio de nós.

O próprio Jesus preanunciara a sua morte e ressurreição com a imagem do *grão de trigo*. Dizia: «Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto» (Jo 12, 24). Foi isto mesmo que aconteceu: Jesus, o grão de trigo semeado por Deus nos sulcos da terra, morreu vítima do pecado do mundo, permaneceu dois dias no sepulcro; mas, naquela sua morte, estava contida toda a força do amor de Deus, que se desencadeou e manifestou ao terceiro dia, aquele que celebramos hoje: a Páscoa de Cristo Senhor.

Nós, cristãos, acreditamos e sabemos que a ressurreição de Cristo é a verdadeira esperança do mundo, a esperança que não decepciona. É a força do grão de trigo, a do amor que se humilha e oferece até ao fim e que verdadeiramente renova o mundo. Esta força dá fruto também hoje nos sulcos da nossa história, marcada por tantas injustiças e violências. Dá frutos de esperança e dignidade onde há miséria e exclusão, onde há fome e falta trabalho, no meio dos deslocados e refugiados – frequentemente rejeitados pela cultura atual do descarte – das vítimas do narcotráfico, do tráfico de pessoas e da escravidão dos nossos tempos.

E nós, hoje, pedimos frutos de paz para o mundo inteiro, a começar pela amada e martirizada Síria, cuja população se encontra exausta por uma guerra sem um fim à vista. Nesta Páscoa, a luz de Cristo Ressuscitado ilumine as consciências de todos os responsáveis políticos e militares, para que se ponha imediatamente termo ao extermínio em curso, respeite o direito humanitário e proveja a facilitar o acesso às ajudas de que têm urgente necessidade

estes nossos irmãos e irmãs, assegurando ao mesmo tempo condições adequadas para o regresso de quantos foram desalojados.

Frutos de reconciliação, imploramos para a Terra Santa, ferida, também nestes dias, por conflitos abertos que não poupam os indefesos, para o Iémen e para todo o Médio Oriente, a fim de que o diálogo e o respeito mútuo prevaleçam sobre as divisões e a violência. Possam os nossos irmãos em Cristo, que muitas vezes sofrem abusos e perseguições, ser testemunhas luminosas do Ressuscitado e da vitória do bem sobre o mal.

Frutos de esperança, suplicamos neste dia para todos aqueles que anseiam por uma vida mais digna, especialmente nas regiões do continente africano atormentadas pela fome, por conflitos endémicos e pelo terrorismo. A paz do Ressuscitado cure as feridas no Sudão do Sul: abra os corações ao diálogo e à compreensão mútua. Não esqueçamos as vítimas daquele conflito, sobretudo as crianças! Não falte a solidariedade em prol das inúmeras pessoas forçadas a abandonar as suas terras e privadas do mínimo necessário para viver.

Frutos de diálogo, imploramos para a península coreana, para que os colóquios em curso promovam a harmonia e a pacificação da região. Aqueles que têm responsabilidades diretas ajam com sabedoria e discernimento para promover o bem do povo coreano e construir relações de confiança no âmbito da comunidade internacional.

Frutos de paz, pedimos para a Ucrânia, a fim de que se reforcem os passos a favor da concórdia e sejam facilitadas as iniciativas humanitárias de que necessita a população.

Frutos de consolação, suplicamos para o povo venezuelano, que vive – escreveram os seus Pastores – como que em «terra estrangeira» no seu próprio país. Possa, pela força da Ressurreição do Senhor Jesus, encontrar a via justa, pacífica e humana para sair, o mais rápido possível, da crise política e humanitária que o oprime e, àqueles dentre os seus filhos que são forçados a abandonar a sua pátria, não lhes falte hospedagem nem assistência.

Frutos de vida nova, Cristo Ressuscitado dê às crianças que, por causa das guerras e da fome, crescem sem esperança, privadas de educação e assistência sanitária; e também aos idosos descartados pela cultura egoísta que põe de lado aqueles que não são «produtivos».

Frutos de sabedoria, imploramos para aqueles que, em todo o mundo, têm responsabilidades políticas, a fim de que respeitem sempre a dignidade humana, trabalhem com dedicação ao serviço do bem comum e garantam progresso e segurança aos seus cidadãos.

Queridos irmãos e irmãs!

Também a nós, como às mulheres que acorreram ao sepulcro, é-nos dirigida esta palavra: «Porque buscais o Vivente entre os mortos? Não está aqui; ressuscitou!» (Lc 24, 5-6).

A morte, a solidão e o medo já não são a última palavra. Há uma palavra que vem depois e que só Deus pode pronunciar: é a palavra da Ressurreição (cf. João Paulo II, *Palavras no final da Via-Sacra*, 18/IV/2003). Com a força do amor de Deus, ela «afugenta os crimes, lava as culpas, restitui a inocência aos pecadores, dá alegria aos tristes, derruba os poderosos, dissipa os ódios, estabelece a concórdia e a paz» (*Precónio Pascal*).

Feliz Páscoa para todos!

Estimados irmãos e irmãs!

Renovo os meus bons votos de Feliz Páscoa a todos vós, provenientes da Itália e de vários países, assim como a quantos estão ligados mediante a televisão, a rádio e outros meios de comunicação. A alegria e a esperança de Jesus Ressuscitado infundam coragem nas famílias, especialmente nos idosos, que são a memória preciosa da sociedade, e nos jovens, que representam o futuro da Igreja e da humanidade.

Agradeço-vos a vossa presença neste dia de Páscoa, a festa mais importante da nossa fé, porque é a festividade da nossa salvação, a festa do amor de Deus por nós.

Dirijo um agradecimento particular pelo dom das flores, que também este ano provêm dos Países Baixos.

Nestes dias de Páscoa anunciai, com as palavras e com a vida, a boa notícia de que «Jesus ressuscitou!». E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço pascal e até à vista!

ANEXO C – HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

SANTA MISSA POR OCASIÃO DA ABERTURA
DA XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Praça de São Pedro

Quarta-feira, 3 de outubro de 2018

«O Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, Esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que vos disse» (*Jo 14, 26*).

Desta maneira tão simples, Jesus oferece aos seus discípulos a garantia de que acompanhará todo o trabalho missionário que lhes será confiado: o Espírito Santo será o primeiro a guardar e manter sempre viva e atual no coração dos discípulos a memória do Mestre. Ele faz com que a riqueza e beleza do Evangelho seja fonte de constante alegria e novidade.

No início deste momento de graça para toda a Igreja, em sintonia com a Palavra de Deus, peçamos insistentemente ao Paráclito que nos ajude a trazer à memória e a reavivar as palavras do Senhor que faziam arder o nosso coração (cf. *Lc 24, 32*). Ardor e paixão evangélica que geram o ardor e a paixão por Jesus. Memória que possa despertar e renovar em nós a *capacidade de sonhar e esperar*. Porque sabemos que os nossos jovens serão capazes de profecia e visão, na medida em que nós, adultos ou já idosos, formos capazes de sonhar e assim contagiar e partilhar os sonhos e as esperanças que trazemos no coração (cf. *Jl 3, 1*).

Que o Espírito nos dê a graça de ser Padres sinodais ungidos com o dom dos sonhos e da esperança, para podermos, por nossa vez, ungir os nossos jovens com o dom da profecia e da visão; que nos dê a graça de ser memória operosa, viva e eficaz, que, de geração em geração, não se deixa sufocar e esmagar pelos profetas de calamidades e desgraças, nem pelos nossos limites, erros e pecados, mas é capaz de encontrar espaços para inflamar o coração e discernir os caminhos do Espírito. É com esta disposição de dócil escuta da voz do Espírito que nos congregamos aqui de todas as partes do mundo. Hoje, pela primeira vez, estão connosco também dois irmãos Bispos da China continental, a quem damos as nossas calorosas boas-vindas. Graças à sua presença, é ainda mais visível a comunhão de todo o Episcopado com o Sucessor de Pedro.

Ungidos na esperança, começamos um novo encontro eclesial capaz de ampliar horizontes, dilatar o coração e transformar as estruturas que hoje nos paralisam, separam e

afastam dos jovens, deixando-os expostos às intempéries e órfãos numa comunidade de fé que os apoie, dum horizonte de sentido e de vida (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 49).

A esperança interpela-nos, move-nos e destroça o conformismo ditado pelo «sempre se fez assim» e pede que nos ergamos para fixar olhos nos olhos o rosto dos jovens e ver as situações em que se encontram. A mesma esperança pede que trabalhemos por derrubar as situações de precariedade, exclusão e violência, a que está exposta a nossa juventude.

Fruto de muitas das decisões tomadas no passado, os jovens chamam-nos a cuidar, com maior empenho e juntamente com eles, do presente e a lutar contra aquilo que de algum modo impede a sua vida de crescer com dignidade. Pedem-nos e exigem-nos uma dedicação criativa, uma dinâmica inteligente, entusiasta e cheia de esperança, e que *não os deixemos sozinhos* nas mãos de tantos traficantes de morte que oprimem a sua vida e obscurecem a sua visão.

Esta capacidade de sonhar juntos, que hoje o Senhor nos dá de presente a nós como Igreja, exige – conforme nos dizia São Paulo, na primeira Leitura – que desenvolvamos entre nós uma atitude muito concreta: «Cada um não tenha em vista os próprios interesses, mas todos e cada um exatamente os interesses dos outros» (*Flp* 2, 4). E, ao mesmo tempo, aponta para mais alto pedindo que, humildemente, consideremos os outros superiores a nós mesmos (cf. 2, 3). Com este espírito, procuraremos colocar-nos à escuta uns dos outros para discernirmos, juntos, aquilo que o Senhor está a pedir à sua Igreja. Isto exige de nós que estejamos atentos e nos precavamos bem para não prevalecer a lógica da auto-preservação e da autorreferência, que acaba por tornar importante o que é secundário, e secundário o que é importante. O amor ao Evangelho e ao povo que nos foi confiado pede-nos que alarguemos o olhar e não percamos de vista a missão a que nos chama a fim de apostar num bem maior que será de proveito para todos nós. Sem esta atitude, serão vãos todos os nossos esforços.

O dom da escuta sincera, orante e, o mais possível, livre de preconceitos e condições permitir-nos-á entrar em comunhão com as diferentes situações que vive o povo de Deus. Ouvir a Deus, para escutar com Ele o clamor do povo; ouvir o povo, para respirar com ele a vontade a que Deus nos chama (cf. *Discurso na Vigília de Oração preparatória para o Sínodo sobre a família*, 4 de outubro de 2014).

Esta atitude defende-nos da tentação de cair em posições moralistas ou elitistas, bem como da atração por ideologias abstratas que nunca correspondem à realidade do nosso povo (cf. J. M. Bergoglio, *Meditações para religiosos*, 45-46).

Irmãos, irmãs, coloquemos este tempo sob a proteção materna da Virgem Maria. Que Ela, mulher da escuta e da memória, nos acompanhe no reconhecimento dos vestígios do

Espírito, a fim de que solicitamente (cf. *Lc* 1, 39), entre os sonhos e esperanças, acompanhem e estimulemos os nossos jovens para que não cessem de profetizar.

Padres sinodais! Muitos de nós éramos jovens ou dávamos os primeiros passos na vida religiosa, quando terminou o Concílio Vaticano II. Aos jovens de então, foi dirigida a última mensagem dos Padres conciliares. O que ouvimos quando éramos jovens far-nos-á bem repassá-lo com o coração, lembrados das palavras do poeta: «O homem mantenha o que, em criança, prometeu» (F. Hölderlin).

Assim nos falaram os Padres conciliares: «A Igreja, durante quatro anos, tem estado a trabalhar para um rejuvenescimento do seu rosto, para melhor responder à intenção do seu fundador, o grande vivente, o Cristo eternamente jovem. E no termo desta importante “revisão de vida”, volta-se para vós. É para vós, os jovens, especialmente para vós, que ela acaba de acender, pelo seu Concílio, uma luz: luz que iluminará o futuro, o vosso futuro. A Igreja deseja que esta sociedade que vós ides construir respeite a dignidade, a liberdade, o direito das pessoas: e estas pessoas, sois vós. (...) Tem confiança que (...) vós sabereis afirmar a vossa fé na vida e no que dá um sentido à vida: a certeza da existência de um Deus justo e bom.

É em nome deste Deus e de seu Filho Jesus que vos exortamos a alargar os vossos corações a todo o mundo, a escutar o apelo dos vossos irmãos e a pôr corajosamente ao seu serviço as vossas energias juvenis. Lutai contra todo o egoísmo. Recusai dar livre curso aos instintos da violência e do ódio, que geram as guerras e o seu cortejo de misérias. Sede generosos, puros, respeitadores, sinceros. E construí com entusiasmo um mundo melhor que o dos vossos antepassados» (Conc. Ecum. Vat. II, *Mensagem aos jovens*, 8 de dezembro de 1965).

Padres sinodais, a Igreja olha-vos com confiança e amor.